



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**O MARQUÊS DE SADE NO BRASIL: TRADUÇÃO,
RECEPÇÃO E CRÍTICA DE *HISTORIETTES, CONTES ET
FABLIAUX***

Rodrigo D'Avila Braga Silva



Brasília – 2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**O MARQUÊS DE SADE NO BRASIL: TRADUÇÃO, RECEPÇÃO E
CRÍTICA DE *HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX***

Rodrigo D'Avila Braga Silva

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

**BRASÍLIA – DF
JUNHO – 2016**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**O MARQUÊS DE SADE NO BRASIL: TRADUÇÃO, RECEPÇÃO E
CRÍTICA DE *HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX***

RODRIGO D'AVILA BRAGA SILVA

ORIENTADORA:

PROFA. DRA. GERMANA HENRIQUES PEREIRA DE SOUSA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

**BRASÍLIA - DF
JUNHO – 2016**

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

D'AVILA, Rodrigo. **O Marquês de Sade no Brasil**: tradução, recepção e crítica de *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2016, 296f.

Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução. Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

D'Avila, Rodrigo

DD999m O Marquês de Sade no Brasil: tradução, recepção e crítica de
Historiettes, Contes et Fabliaux / Rodrigo D'Avila;
orientador Germana Henriques Pereira. -- Brasília, 2016.

296 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos de Tradução)
-- Universidade de Brasília, 2016.

1. Marquês de Sade. 2. Tradução Literária. 3. Historiettes,
Contes et Fabliaux. 4. Estudos da Tradução. 5. História da
tradução. I. Henriques Pereira, Germana, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**O MARQUÊS DE SADE NO BRASIL: TRADUÇÃO, RECEPÇÃO E CRÍTICA DE
*HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX***

RODRIGO D'AVILA BRAGA SILVA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA
AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DA TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS
REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Germana Henriques Pereira de Sousa (POSTRAD/UnB)
(Orientadora)

Professora Doutora Alice Maria de Araújo Ferreira (POSTRAD/UnB)
(Examinadora interna)

Professora Doutora Maria da Glória Magalhães dos Reis (POSLIT/UnB)
(Examinadora Externa)

Professor Doutor Eclair Antônio Almeida Filho (POSTRAD/UnB)
(Suplente)

Brasília - DF, 24 de junho de 2016

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Luiza e Ricardo, meu porto seguro, que sempre me apoiaram em tudo o que me propus a fazer, que sempre me aconselharam e que sempre tiveram a palavra de apoio certa para me oferecer.

Às minhas irmãs Heloisa e Camila, minhas cúmplices e parceiras em todas as situações.

Obrigado!

AGRADECIMENTOS

A grande lição que aprendi nesses últimos anos foi a de que não fazemos nada sós, desenvolvemos relacionamentos e amizades e deles construímos famílias não só de sangue, mas de afeto. Só tenho a agradecer aos grandes mestres que tive e aos grandes amigos que fiz durante esta jornada.

Agradeço, mais uma vez, aos meus pais, pelo apoio constante, por terem lutado por mim durante todos esses anos.

Agradeço ao meu grande amigo Silvio Roberto Rodrigues Junior, muito mais que um irmão durante esses mais de 20 anos de amizade e as infinitas horas de ombro amigo quando precisei.

Agradeço à Professora Doutora Germana Henriques Pereira, que, além de orientadora, foi mentora e tornou-se uma grande amiga para toda a vida. *Obrigado* por acreditar em mim mesmo nos momentos em que duvidei de minhas capacidades.

Agradeço a Patrícia Rodrigues Costa, pelo enorme apoio em todos os momentos, que, além de amiga e parceira de trabalho constante, tornou-se quase uma irmã e companheira para todas as situações; *obrigado* por todas as nossas aventuras em terras congeladas ou tropicais; *muito obrigado* pelo seu apoio incondicional, e saiba que ele sempre será recíproco.

Agradeço aos amigos de graduação, que se tornaram grandes amigos no mestrado, pelas nossas aventuras e desventuras e horas de terapia coletiva em todos os cantos da Asa Norte.

Agradeço também ao imprescindível apoio institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

Lecteur, joie, salut et santé, disaient autrefois nos bons aïeux après avoir fini leur conte. Pourquoi craindre d'imiter leur politesse et leur franchise? Je dirai donc comme eux: lecteur, salut, richesse et plaisir; si mes bavardages t'en ont donné, place-moi dans un joli coin de ton cabinet; si je t'ai ennuyé, reçois mes excuses et jette-moi au feu.

(D.A.F Sade, in *Historiettes, Contes et Fabliaux*, 1927)

RESUMO

Donatien Alphonse François de Sade, mais conhecido por Marquês de Sade, foi um escritor francês do século XVIII que teve diversas de suas obras censuradas devido à sua escrita considerada por muitos como sendo “depravada”. Muitas dessas obras apresentam descrições eróticas que põem em cena a excitação e o prazer através do sofrimento alheio. Essa parafilia ficou conhecida na história como “sadismo”, termo derivado do nome do Marquês e cunhado pelo psiquiatra austro-húngaro Richard von Krafft-Ebing em 1886. Todavia, vale salientar que as obras do escritor francês não se limitam apenas ao erotismo sádico, elas também criticam a sociedade francesa do final do século XVIII e início do XIX, constituindo uma das modalidades do romance filosófico. Em razão do banimento imposto à publicação de suas obras no período napoleônico (1799-1815), muitas delas foram esquecidas e, por vezes, perdidas. O processo de redescoberta e reapropriação das obras do Marquês na França teve como responsáveis: Guillaume Apollinaire, Maurice Heine, Gilbert Lely e Jean-Jacques Pauvert, já no início do século XX. E como consequência dessa redescoberta, surgem as primeiras traduções da obra sadiana no Brasil na década de 1960. O objetivo principal desta dissertação é estudar a coletânea de pequenos relatos intitulada *Historiettes, Contes et Fabliaux*, publicada pela primeira vez em 1926 na França por Maurice Heine e publicada no Brasil por diversas editoras. Tendo em vista o longo processo que vai da redescoberta de Sade até a divulgação e estudo das obras no século XX, esta pesquisa busca estudar (1) a presença e inserção das obras do Marquês de Sade no Brasil, por meio do levantamento de suas traduções publicadas, (2) sua recepção por meio da análise dos paratextos do *corpus* desta dissertação (*Historiettes, Contes et Fabliaux – HCF*), e (3) propor uma tradução comentada de *Dorci, ou la Bizarrerie du sort*, texto inédito nas edições brasileiras de *HCF*.

Palavras-chave: Marquês de Sade. Tradução Literária. *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Estudos da Tradução. História da tradução.

RÉSUMÉ

Donatien Alphonse François de Sade, plus connu comme le marquis de Sade, était un écrivain français du XVIII^e siècle qui a eu plusieurs de ses œuvres censurées à cause de son écriture considérée par beaucoup de gens comme «dépravé». Plusieurs de ses œuvres ont des descriptions érotiques qui mettent en scène l'excitation et le plaisir à travers la souffrance des autres. Cette paraphilie a été connue dans l'histoire comme «sadisme», un terme dérivé du nom du Marquis et inventé par le psychiatre austro-hongrois Richard Von Krafft-Ebing en 1886. Cependant, on peut noter que les travaux de cet écrivain français ne se limitent pas à l'érotisme sadique, ils critiquent aussi la société française de la fin du XVIII^e et du début du XIX^e siècle, constituant l'un des modes du roman philosophique. En raison de l'interdiction imposée à la publication de ses œuvres dans la période napoléonienne (1799-1815), beaucoup d'entre eux ont été oubliés et parfois perdus. Le processus de redécouverte et de réappropriation des œuvres du marquis au début du XX^e siècle en France avait comme responsables Guillaume Apollinaire, Maurice Heine, Gilbert Lely et Jean-Jacques Pauvert. À la suite de cette redécouverte, les premières traductions de l'œuvre de Sade ont été publiées au Brésil dans les années 1960. L'objectif principal de ce mémoire est d'étudier la collection de récits brefs intitulée *Historiettes, Contes et Fabliaux*, d'abord publiée en 1926 en France par Maurice Heine et publiée au Brésil par plusieurs maisons d'édition. Compte tenu du long processus de la redécouverte de Sade à la diffusion et à l'étude des œuvres dans le XX^e siècle, cette recherche vise à (1) étudier la présence et l'insertion des œuvres traduites du marquis de Sade au Brésil (2) étudier la réception de l'œuvre par l'analyse des paratextes du corpus de ce mémoire (*Historiettes, Contes et Fabliaux - HCF*), et (3) proposer une traduction commentée de *Dorci, ou la Bizarrerie du sort*, texte inédit dans les éditions brésiliennes de HCF.

Mots-clés : Marquis de Sade. Traduction littéraire. *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Traductologie. Histoire de la traduction.

ABSTRACT

Donatien Alphonse François de Sade, better known as the Marquis de Sade, was an eighteenth century French writer who had several works banned because his “depraved” writing. Many of these works have erotic descriptions that put on scene both excitation and pleasure through someone else’s suffering. This paraphilia is known as “sadism”, a term derived from the Marquis’ name and coined by the Austro-Hungarian psychiatrist Richard von Krafft-Ebing in 1886. However, it is important to point out that this French writer’s works are not limited to sadistic eroticism, but they do also criticize the late eighteenth and early nineteenth centuries French society, which characterizes one of the philosophical novel categories. Due to the censorship imposed on Sade’s works during the Napoleonic period (1799-1815), many of them have been forgotten and, sometimes, lost. Guillaume Apollinaire, Maurice Heine, Gilbert Lely and Jean-Jacques Pauvert were responsible for the rediscovery and reappropriation process of the Marquis’ works in France in the beginning of the nineteenth century. And, as a result of this rediscovery, the first translations of Sade’s works were published in Brazil on 1960s. The main purpose of this Master’s thesis is to study the collection of small stories entitled *Historiettes, Contes et Fabliaux*, published, for the first time in France, in 1926 by Maurice Heine, which was translated and published in Brazil by some publishing houses. Given Sade’s long rediscovery process until diffusion and study of the works on the twentieth century, this research seeks (1) to study the presence and insertion of the Marquis de Sade’s works in Brazil, through the list of his published Brazilian translations; (2) to study its reception through the analysis of the paratexts of the corpus of this research (*Historiettes, Contes et Fabliaux – HCF*), and (3) to propose a commented translation *Dorci, ou la Bizarrerie du sort*, the unpublished text on *HCF* in Brazilian editions.

Key-words: Marquis de Sade. Literary Translation. *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Translation Studies. Translation history.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Folha de rosto de L'œuvre du Marquis de Sade, Bibliothèque des curieux, 1909...	35
Figura 2 - Nota bibliográfica de Novelas do Marquês de Sade e um Estudo de Simone de Beauvoir, 1961, p. 285	48
Figura 3 - Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir, Difusão Européia do Livro, 1961	49
Figura 4 - Justine ou os infortúnios da virtude, Saga, 1967	50
Figura 5 - Justine ou os infortúnios da virtude, 2ª Edição, Saga, 1967	51
Figura 6 - A Filosofia na alcova, JCM, 1968.	52
Figura 7 - A filosofia na alcova, Coordenada Editora de Brasília, 1968.....	53
Figura 8 - Aviso que acompanha a edição de 1968 de A filosofia na alcova, Coordenada Editôra de Brasília, 1968	53
Figura 9 - A filosofia na alcova, editora Thesaurus, 1990~1995	54
Figura 10 - Zoloé e seus dois amantes, Editora Record, 1968	55
Figura 11 - O livro negro do amor, Editora Hemus, 1969.....	56
Figura 12 - Aline e Valcour, José Álvaro Editor, 1969	57
Figura 13 - Os 120 dias de Sodoma, 1ª Edição, Hemus, 1969	58
Figura 14 - Os 120 dias de Sodoma, 2ª Edição, Hemus, 1969	58
Figura 15 - 120 dias de Sodoma, Coordenada Editora de Brasília, 1969.....	59
Figura 16 - Os crimes do amor, Coordenada Editôra de Brasília, 1970.....	60
Figura 17 - A divina marquesa, Editora Golfinho, 1975	61
Figura 18 - A filosofia na alcova, Editora Gama, 1980.....	61
Figura 19 - Escola de libertinagem, Editora Esquina, 1980	62
Figura 20 - Os 120 dias de Sodoma, Aquarius, 1980	63
Figura 21 - O Marido Complacente, LP&M Editores, 1985	63
Figura 22 - O Marido Complacente, LP&M, 2002	64
Figura 23 - O Marido Complacente, LP&M, 2008	64
Figura 24 - O corno de si mesmo & outras historietas, LP&M, 2012.....	65
Figura 25 - A filosofia na alcova, Editora Círculo do Livro, 1988	65
Figura 26 - Ciranda dos libertinos. Editora Max Limonad, 1988	66
Figura 27 - Ciranda dos libertinos. Editora Círculo do Livro, 1991	67
Figura 28 - Horas de prazer, Clube do Livro, 1988.....	67
Figura 29 - Justine: os sofrimentos da virtude, Círculo do Livro, 1989.....	68
Figura 30 - Os crimes do amor e A arte de escrever ao gosto do público, LP&M, 1991.....	69
Figura 31 - Os crimes do amor, LP&M, 2000.....	69
Figura 32 - Os crimes do amor, LP&M, 2001	70
Figura 33 - Os crimes do amor, LP&M, 2007	70
Figura 34 - Marquês de Sade: um libertino no salão dos filósofos, EDUC, 1992	71
Figura 35 - Contos libertinos, Imaginário e Polis, 1992.....	72
Figura 36 - Contos libertinos, Editora Imaginário, 1997.....	72
Figura 37 - O corno de si próprio e outros contos e outros contos, Editora Hedra, 2009	73
Figura 38 - Alça de A filosofia na alcova - Editora Ágalma, 1995.....	74
Figura 39 - Capa de A filosofia na alcova, Editora Ágalma, 1995.....	74
Figura 40 - Discursos ímpios, Editora Imaginário, 1998	75

Figura 41 - Discursos ímpios, Hedra, 2007	76
Figura 42 - A filosofia na alcova, Iluminuras, 1999	77
Figura 43 - A filosofia na alcova, Iluminuras, 2003.....	77
Figura 44 - A filosofia na alcova, Iluminuras, 2012.....	78
Figura 45 - O presidente ludibriado, Scrinium, 1999	78
Figura 46 - Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias, Iluminuras, 2001	79
Figura 47 - Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias, Iluminuras, 2013	79
Figura 48 – Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem, Iluminuras, 2006.....	80
Figura 49 – Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem, Iluminuras, 2013.....	81
Figura 50 - Os infortúnios da virtude, Iluminuras, 2009	81
Figura 51 - A crueldade fraternal, Editora Universidade Falada, 2008.....	82
Figura 52 - Cartas de Vincennes: um libertino na prisão, Eduel, 2009	83
Figura 53 - Franceses, mais um esforço se quiserdes ser republicados, Atelier Editorial, 2010	84
Figura 54 - A filosofia na alcova, edição privado e fora do comércio, SD	85
Figura 55 - Folha de rosto com a etiqueta da livraria – A filosofia na alcova – Edição privado e fora do comércio	86
Figura 56 - Justine ou As desgraças da virtude, Entrelivros, 19--.....	89
Figura 57 - Orelhas da primeira edição de A filosofia na Alcova, Coordenada Editora de Brasília, 1968.....	91
Figura 58 - Orelhas da primeira edição de A filosofia na Alcova, Coordenada Editora de Brasília, 1969.....	92
Figura 59 - Notícia do jornal Folha de São Paulo de 3 de junho de 1969	93
Figura 60 - Índice da edição de 1927 de <i>Historiettes, Contes et Fabliaux</i>	105
Figura 61 - Índice da edição de 1971 de <i>Historiettes, Contes et Fabliaux</i>	106
Figura 62 - Capa - O Marido Complacente, L&PM editores, 1985	116
Figura 63 - Contracapa de O marido complacente - 1985.....	118
Figura 64 - Terceira capa de O marido complacente, 1985.....	119
Figura 65 - Folha de rosto da edição de 1985 de <i>O Marido complacente</i> , L&PM Editores ..	120
Figura 66 - Colofão – O Marido complacente, L&PM, 1985	122
Figura 67 - Sumário - O Marido Complacente - L&PM, 1985	123
Figura 68 - OrelhaS - O Marido Complacente, L&PM Editores, 1985 – Primeira orelha (esquerda), segunda orelha (direita)	125
Figura 69 - Capa de O marido complacente, 2002	132
Figura 70 - Capa de <i>O marido complacente</i> , 2008.....	132
Figura 71 - Folhas de rosto de O Marido Complacente, 2002 (esquerda) e 2008(direita).....	134
Figura 72 - Contracapa – O Marido complacente – 2002 (esquerda), 2008 (direita).....	136
Figura 73 - Ficha catalográfica – O Marido complacente - 2002(esquerda), 2008(direita) ...	138
Figura 74 - Sumário - O Marido complacente - 2002	139
Figura 75 - Sumário – O Marido complacente - 2008.....	140
Figura 76 - Capa de O corno de si mesmo & outras historietas, publicado em 2012	142
Figura 77 - Contracapa de O corno de si mesmo & outras historietas, publicado em 2012 ..	144
Figura 78 - Folha de rosto - O corno de si mesmo, L&PM, 2012.....	145
Figura 79 - Ficha catalográfica - O corno de si mesmo & outras historietas, L&PM, 2012..	146
Figura 80 - Sumário - O Corno de si mesmo & outras historietas, L&PM, 2012.....	147

Figura 81 - Capa - Contos libertinos, Imaginário, 1992.....	148
Figura 82 - Verso da capa - Contos libertinos, Imaginário, 1992	149
Figura 83 - Contracapa - Contos libertinos, Imaginário, 1992.....	151
Figura 84 - Folha de rosto - Contos libertinos, Imaginário, 1992	152
Figura 85 - Contraguarda - Contos Libertinos, Imaginário, 1992.....	154
Figura 86 - Colofão - Contos libertinos, Imaginário, 1992	155
Figura 87 - Sumário - Contos libertinos, Imaginário, 1992.....	156
Figura 88 - Primeira orelha - Contos libertinos, Imaginário, 1992	157
Figura 89 - Capa - <i>Contos libertinos</i> , Imaginário, 1997.....	158
Figura 90 - Contracapa - Contos libertinos, Imaginário, 1997	160
Figura 91 - Colofão - Contos libertinos, Imaginário, 1997	162
Figura 92 - Sumário - Contos libertinos, Imaginário, 1997.....	163
Figura 93 - Capa - <i>O Corno de si próprio e outros contos</i> , Hedra, 2009.....	164
Figura 94 - Contracapa - O corno de si próprio e outros contos, Hedra, 2009.....	167
Figura 95 - Folha de rosto - O corno de si próprio e outros contos, Hedra, 2009.....	168
Figura 96 - Ficha catalográfica - O corno de si próprio e outros contos, Hedra, 2009	169
Figura 97 - Página 5 e 6 (Verso da folha de rosto e página seguinte) - O corno de si próprio e outros contos, Hedra, 2009	170
Figura 98 - Sumário - O corno de si próprio e outros contos, Hedra, 2009	171
Figura 99 - Capa de O presidente Ludibriado, Scrinium, 1999.....	172
Figura 100 - Contracapa - O presidente ludibriado, Scrinium, 1999	174
Figura 101 - Folha de rosto - O presidente ludibriado, Scrinium, 1999.....	175
Figura 102 - Colofão - O presidente ludibriado, Scrinium, 1999.....	176
Figura 103 - Capa - A crueldade fraternal, Universidade Falada, 2008.....	178
Figura 104 - Contracapa - A crueldade fraternal, Universidade Falada, 2008.....	179

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Traduções de Historiettes, Contes e Fabliaux publicadas no Brasil em forma de coletânea.....	110
Quadro 2 - Comparativo dos sumários das coletâneas brasileiras e o original	111
Quadro 3 - Traduções de excertos de Historiettes, Contes e Fabliaux publicadas no Brasil.	114
Quadro 4 - Análise da capa da edição de 1985.....	118
Quadro 5 - Análise da contracapa da edição de 1985.....	120
Quadro 6 - Análise da folha de rosto da edição de 1985	121
Quadro 7 - Análise das orelhas da edição de 1985.....	126
Quadro 8 - Análise do prefácio da edição de 1985.....	129
Quadro 9 - Análise da capa das edições de 2002 e 2008.....	134
Quadro 10 - Análise da folha de rosto das edições de 2002 e 2008	135
Quadro 11 - Análise da contracapa da edição de 1985.....	137
Quadro 12 - Análise do prefácio das edições de 2002 e 2008.....	141
Quadro 13 - Análise da capa da edição intitulada O corno de si mesmo & outras historietas, L&PM, 2012.....	144
Quadro 14 - Análise de Contos Libertinos edição de 1992.....	151
Quadro 15 - Análise da contracapa de Contos Libertinos, Imaginário, 1992	152
Quadro 16 - Análise da folha de rosto de Contos Libertinos, Imaginário, 1992.....	153
Quadro 17 - Análise do colofão da de Contos Libertinos, Imaginário, 1992.....	156
Quadro 18 - Análise da capa de Contos Libertinos, Imaginário, 1997	159
Quadro 19 - Análise da contracapa de Contos Libertinos, Imaginário, 1997	161
Quadro 20 - Análise da folha de rosto de Contos Libertinos, Imaginário, 1997.....	161
Quadro 21 - Êxodo 34:29 em hebraico e em latim.....	165
Quadro 22 - Análise da capa de O corno de si próprio e outros contos, Hedra, 2009.	167
Quadro 23 - Análise da contracapa de O corno de si próprio e outros contos, Hedra, 2009..	168
Quadro 24 - Análise de O Presidente Ludibriado, Scrinium, 1999.....	173
Quadro 25 - Análise de O Presidente Ludibriado, Scrinium, 1999.....	175
Quadro 26 - Análise da folha de rosto de O Presidente Ludibriado, Scrinium, 1999	176
Quadro 27 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	193
Quadro 28 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	194
Quadro 29 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	195
Quadro 30 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	196
Quadro 31 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	197
Quadro 32 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	197
Quadro 33 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	198
Quadro 34 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	198
Quadro 35 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	198
Quadro 36 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	199
Quadro 37 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	200
Quadro 38 - Excerto da tradução de Dorci, ou la Bizarrerie du sort	200

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 - Obras de Sade publicadas em vida (até dezembro de 1814) – Versão simplificada do Répertoire des éditions originales du marquis de Sade apresentado por Gilbert Lely (2004), p. 672-681; a reprodução da versão completa está no Anexo 01.36
- Tabela 2 - Obras de Sade publicadas postumamente (após 2 de dezembro de 1814) - Versão simplificada do Répertoire des éditions originales du marquis de Sade apresentado por Gilbert Lely (2004), p. 672-681; a reprodução da versão completa está no Anexo 01.37
- Tabela 3 - Manuscritos escritos por Sade ainda inéditos, não encontrados ou destruídos – Versão simplificada do Répertoire des éditions originales du marquis de Sade apresentado por Gilbert Lely (2004), p. 672-681; a reprodução da versão completa está no Anexo 01.38
- Tabela 4 - Tabela comparativa do período de publicação das obras no Brasil e na França47
- Tabela 5 - Relação sintética de todas as obras de Sade traduzidas e publicadas no Brasil95

LISTA DE FLUXOGRAMAS

Fluxograma 1 - O Marido Complacente e suas reedições	130
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	24
CAPÍTULO 1	29
DONATIEN ALPHONSE FRANÇOIS DE SADE – O MARQUÊS DE SADE.....	29
1. DO CASTELO À PRISÃO: VIDA E OBRA DE SADE.....	30
1.1. OS ARAUTOS DE SADE.....	42
1.1.1. Guillaume Apollinaire (1880-1918).....	42
1.1.2. Maurice Heine (1884-1940).....	43
1.1.3. Gilbert Lely (1904-1985).....	44
1.1.4. Jean-Jacques Pauvert (1926-2014).....	45
1.2. SADE NO BRASIL – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	46
1.2.1. <i>Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir</i>	48
1.2.2. <i>Justine ou os infortúnios da virtude</i>	50
1.2.3. <i>A filosofia na alcova – publicações na década de 1960</i>	51
1.2.4. <i>Zoloé e seus dois amantes</i>	54
1.2.5. <i>O livro negro do amor ou a sensualidade ao alcance de todos</i>	55
1.2.6. <i>Aline e Valcour</i>	56
1.2.7. <i>Os 120 dias de Sodoma</i>	57
1.2.8. <i>Os crimes do amor</i>	59
1.2.9. <i>A divina Marquesa</i>	60
1.2.10. <i>A filosofia na alcova – década de 1980</i>	61
1.2.11. <i>Escola de libertinagem</i>	62
1.2.12. <i>Os 120 dias de Sodoma – 1980</i>	62
1.2.13. <i>O marido complacente</i>	63
1.2.14. <i>A filosofia na alcova – final da década de 1980</i>	65
1.2.15. <i>Ciranda dos libertinos</i>	66
1.2.16. <i>Os 120 dias de Sodoma</i>	67
1.2.17. <i>Justine: os sofrimentos da virtude</i>	68
1.2.18. <i>Os crimes do amor</i>	68
1.2.19. <i>Eugénie de Franval</i>	70
1.2.20. <i>Contos libertinos</i>	71
1.2.21. <i>Filosofia na alcova – década de 1990</i>	73
1.2.22. <i>Discursos ímpios</i>	75

1.2.23. <i>A filosofia na alcova</i>	76
1.2.24. <i>O Presidente Ludibriado</i>	78
1.2.25. <i>Diálogo entre um padre e um moribundo</i>	79
1.2.26. <i>Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem</i>	80
1.2.27. <i>Os infortúnios da virtude</i>	81
1.2.28. <i>A crueldade fraternal</i>	82
1.2.29. <i>Cartas de Vincennes: um libertino na prisão</i>	82
1.2.30. <i>Franceses, mais um esforço se quiserdes ser republicanos</i>	83
1.2.31. <i>Os crimes do amor</i>	84
1.3. AS EDIÇÕES NÃO DATADAS.....	85
1.3.1. <i>A filosofia na alcova</i> – edição privado e fora do Comércio.....	85
1.3.2. <i>Justine ou as desgraças da virtude</i>	89
1.3.3. A edição perdida?.....	90
1.4. SADE NO BRASIL, POR QUÊ?.....	94
CAPÍTULO 2.....	97
O CASO DE HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX.....	97
2.1. EM BUSCA DE UM MÉTODO DE ANÁLISE DAS OBRAS TRADUZIDAS: OS ELEMENTOS PARATEXTUAIS.....	99
2.2. FRANÇA: DO QUE SE TRATA HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX?.....	101
2.3. HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX NO BRASIL.....	106
2.3.1. O levantamento das traduções no Brasil de <i>Historiettes, Contes et Fabliaux</i> do Marquês de Sade.....	106
2.3.1.1. As coletâneas brasileiras com textos de <i>Historiettes, Contes et Fabliaux</i>	108
2.3.1.1.1. A primeira coletânea de textos traduzidos do <i>HCF</i> e suas reedições.....	108
2.3.1.1.2. A segunda coletânea de textos traduzidos do <i>HCF</i> e suas reedições.....	109
2.3.1.2. As publicações de textos individuais traduzidos do <i>Historiettes, Contes et Fabliaux</i> (<i>HCF</i>).....	113
2.4. ANÁLISE PARATEXTUAL DAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS.....	115
2.4.1. A primeira coletânea: <i>O Marido Complacente</i> publicada em 1985 e suas reedições.....	115
2.4.1.1. Edição de 1985.....	115
2.4.1.1.1. ÍNDICES MORFOLÓGICOS.....	115
2.4.1.1.1.1. CAPA.....	116
2.4.1.1.1.1.1. Ilustração.....	116
2.4.1.1.1.1.2. O nome do autor.....	117
2.4.1.1.1.1.3. Título da obra.....	117

2.4.1.1.1.1.4. Editora/Coleção	117
2.4.1.1.1.2. CONTRACAPA.....	118
2.3.1.1.1.3. FOLHA DE ROSTO	120
2.3.1.1.1.4. Ficha catalográfica ou colofão	121
2.3.1.1.1.5. Sumário	123
2.4.1.1.2. TEXTOS DE ACOMPANHAMENTO – EDIÇÃO DE 1985	124
2.4.1.1.2.1. ORELHAS	124
2.4.1.1.2.2. PREFÁCIO	126
2.4.1.2. As reedições de O marido complacente de 1985.....	129
2.4.1.2.1.1. ÍNDICES MORFOLÓGICOS.....	131
2.4.1.2.1.1.1. CAPA	132
2.4.1.2.1.1.1.1. Ilustração	132
2.4.1.2.1.1.1.2. Nome do autor	133
2.4.1.2.1.1.1.3. Título da obra	133
2.4.1.2.1.1.1.4. Editora/Coleção	133
2.4.1.2.1.2. FOLHA DE ROSTO	134
2.4.1.2.1.3. CONTRACAPA.....	136
2.4.1.2.1.4. Ficha catalográfica ou colofão	138
2.4.1.2.1.5. Sumário	139
2.4.1.2.1. TEXTOS DE ACOMPANHAMENTO	140
2.4.1.2.1.1. PREFÁCIO	140
2.4.1.2.2. O CORNO DE SI MESMO & OUTRAS HISTORIETAS (2012)	142
2.4.1.2.2.1. Índices morfológicos	142
2.4.1.2.2.1.1. CAPA	142
2.4.1.2.2.1.1.1. Ilustração.....	143
2.4.1.2.2.1.1.2. Nome do autor.....	143
2.4.1.2.2.1.1.3. Título da obra.....	143
2.4.1.2.2.1.1.4. Editora/Coleção	144
2.4.1.2.2.1.2. CONTRACAPA	144
2.4.1.2.2.1.3. FOLHA DE ROSTO	145
2.4.1.2.2.1.4. Ficha catalográfica ou colofão.....	146
2.4.1.2.2.1.5. Sumário.....	147
2.4.1.2.2.2. Textos de acompanhamento	148
2.4.2. A segunda coletânea: <i>CONTOS LIBERTINOS</i> , publicado em 1992 e suas reedições	148

2.4.2.1. CONTOS LIBERTINOS EDIÇÃO DE (1992).....	148
2.4.2.1.1. Índices morfológicos.....	148
2.4.2.1.1.1. CAPA	149
2.4.2.1.1.1.1. Ilustração	149
2.4.2.1.1.1.2. Nome do autor	150
2.4.2.1.1.1.3. Título da obra	150
2.4.2.1.1.1.4. Editora/coleção	150
2.4.2.1.1.2. CONTRACAPA.....	151
2.4.2.1.1.3. FOLHA DE ROSTO	152
2.4.2.1.1.4. CONTRAGUARDA	154
2.4.2.1.1.5. Ficha catalográfica ou colofão	155
2.4.2.1.1.6. Sumário	156
2.4.2.1.2. Textos de acompanhamento.....	157
2.4.2.1.2.1. ORELHAS	157
2.4.2.2. CONTOS LIBERTINOS (1997)	158
2.4.2.2.1. Índices morfológicos.....	158
2.4.2.2.1.1. CAPA	158
2.4.2.2.1.1.1. Ilustração	158
2.4.2.2.1.1.2. Nome do autor	159
2.4.2.2.1.1.3. Título da obra	159
2.4.2.2.1.1.4. Editora/Coleção	159
2.4.2.2.1.2. CONTRACAPA.....	160
2.4.2.2.1.3. FOLHA DE ROSTO	161
2.4.2.2.1.4. Ficha catalográfica ou colofão	162
2.4.2.2.1.5. Sumário	163
2.4.2.2.2. Textos de acompanhamento.....	163
2.4.2.3. O CORNO DE SI PRÓPRIO E OUTROS CONTOS – Edição de 2009	164
2.4.2.3.1. Índices morfológicos.....	164
2.4.2.3.1.1. CAPA	164
2.4.2.3.1.1.1. Ilustração	165
2.4.2.3.1.1.2. Nome do autor	166
2.4.2.3.1.1.3. Título da obra	166
2.4.2.3.1.1.4. Editora/Coleção	166
2.4.2.3.1.1.5. Nome do tradutor.....	166
2.4.2.3.1.2. CONTRACAPA.....	167

2.4.2.3.1.3. FOLHA DE ROSTO	168
2.4.2.3.1.4. Ficha catalográfica ou colofão	169
2.4.2.3.1.4. Página 5 e 6 (verso da folha de rosto e página seguinte)	170
2.4.2.3.1.6. Sumário	171
2.4.2.3.2. Textos de acompanhamento.....	171
2.4.2.3.2.1. Prefácio.....	171
2.4.3. Textos traduzidos publicados individualmente	172
2.4.3.1 O PRESIDENTE LUDIBRIADO (1999).....	172
2.4.3.1.1. Índices morfológicos.....	172
2.4.3.1.1.1. CAPA	172
2.4.3.1.1.1.1. Ilustração	173
2.4.3.1.1.1.2. Nome do autor	173
2.4.3.1.1.1.3. Título da obra	173
2.4.3.1.1.1.4. Editora/coleção	173
2.4.3.1.1.2. CONTRACAPA.....	174
2.4.3.1.1.3. FOLHA DE ROSTO	175
2.4.3.1.1.4. Ficha catalográfica ou colofão	176
2.4.3.1.1.5. Sumário	177
2.4.3.1.2. Textos de acompanhamento.....	177
2.4.3.1.2.1. APRESENTAÇÃO	177
2.4.3.2. A CRUELDADE FRATERNAL (2008).....	177
2.4.3.2.1. Índices morfológicos.....	178
2.4.3.2.1.1. Capa.....	178
2.4.3.2.1.1.1. Ilustração	178
2.4.3.2.1.1.2. Nome do autor	179
2.4.3.2.1.1.3. Título da obra	179
2.4.3.2.1.1.4. Editora/Coleção	179
2.4.3.2.1.2. Contracapa.....	179
2.5. OS TRADUTORES DOS TEXTOS DE <i>HISTORIETTES</i> , <i>CONTES ET FABLIAUX</i> NO BRASIL	180
2.5.1. PAULO HECKER FILHO (1926-2005).....	180
2.5.2. PLÍNIO AUGUSTO COELHO	181
2.5.3. ALÍPIO CORREIA DE FRANCA NETO	182
2.5.4. SÉRGIO COELHO	183
CAPÍTULO 3	185

TRÊS CONTOS PRESENTES EM <i>HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX</i> NÃO TRADUZIDOS NO BRASIL.....	185
3.1. QUAIS SÃO OS CONTOS DE <i>HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX</i> NÃO TRADUZIDOS NO BRASIL?	186
3.1.1. <i>SÉIDE – CONTE MORAL ET PHILOSOPHIQUE (PROJET)</i>	187
3.1.2. <i>LA MARQUISE DE TELÊME, OU LES EFFETS DU LIBERTINAGE</i>	188
3.1.3. <i>DORCI, OU LA BIZARRERIE DU SORT</i>	189
3.2. COMENTÁRIOS ACERCA DA TRADUÇÃO DE <i>DORCI, OU LA BIZARRERIE DU SORT</i>	191
3.2.1. EXEMPLOS.....	193
3.2.1.1. TRADUÇÃO DO LÉXICO DE <i>DORCI, OU LA BIZARRERIE DU SORT</i>	193
3.2.1.1.1. Léxico	193
3.2.1.1.2. Topônimos	197
3.2.1.1.3. Expressões idiomáticas e interjeições.....	198
3.2.1.1.4. Pontuação.....	199
3.3. <i>DORCI, OU LA BIZARRERIE DU SORT – TRADUÇÃO ALINHADA</i>	202
3.3.1. <i>DORCI, OU LA BIZARRERIE DU SORT – TRADUÇÃO SEM ALINHAMENTO</i>	229
CONSIDERAÇÕES FINAIS	240
BIBLIOGRAFIA	244
BIBLIOGRAFIA TEÓRICA.....	245
CORPUS LITERÁRIO DAS OBRAS DE SADE NO BRASIL.....	248
APÊNDICE 01	251
CATÁLOGO SINTÉTICO DAS OBRAS DE SADE PUBLICADAS NO BRASIL ENTRE 1900 E 2016.....	251
ANEXO 01	258
REPERTÓRIO DE EDIÇÕES ORIGINAIS DE SADE – (LELY, 2004, p.672-681)	258
ANEXO 02	264
TEXTO ORIGINAL DE <i>DORCI, OU LA BIZARRERIE DU SORT</i> – (SADE, 1971, p. 316-340).....	264
ANEXO 03	280
TEXTO ORIGINAL DE <i>SÉIDE</i> – (SADE, 1971, p. 341-352).....	280
ANEXO 04	288
TEXTO ORIGINAL DE <i>LA MARQUISE DE TELÊME, OU LES EFFETS DU LIBERTINAGE</i> – (SADE, 1971, p. 233-246).....	288

INTRODUÇÃO

Donatien Alphonse François de Sade (1740-1814), o famoso Marquês de Sade, produziu intensamente durante pouco mais de suas sete décadas de vida. Sua obra ficou conhecida na literatura e na história, de modo geral, pelo caráter erótico, libertino e filosófico. As características sexuais nela presentes resultaram no surgimento do termo *sadismo*, originalmente cunhado pelo psiquiatra austro-húngaro Richard Freiherr von Krafft-Ebing (1840-1902), em 1886, no livro *Neue Forschungen auf dem Gebiet der Psychopathia sexualis*, e que se tornou sinônimo de *perversão* e *devassidão*. Para além dessas características presentes na obra, os romances e contos também expõem, de modo engenhoso e astuto, as mazelas da sociedade francesa do século XVIII. Conforme afirma Carlos Reis (2013), “[...] não raro, as obras literárias revestem-se de um certo significado histórico-cultural, em conexão direta com a sua capacidade para dialogarem com a História, com a Sociedade e com a Cultura que as envolvem e que enviesadamente as motivam [...]” (REIS, 2013, p. 20). Sade criticava os valores morais, políticos e sociais franceses de sua época por meio de histórias mais ou menos realistas. Essas particularidades da obra sadiana resultaram na censura da sua publicação de seus textos, como veremos adiante.

Eram chamados de “libertinos” pensadores e escritores que rejeitavam os valores religiosos e morais, principalmente aqueles relacionados à sexualidade, elementos estes que eram temas constantes em sua escrita. A libertinagem é tida como uma forma extrema de hedonismo, pano de fundo de grande parte dos romances libertinos e utilizada por autores para criticar os valores morais da sociedade da época.

A crítica à sociedade francesa, por meio de enredos baseados em cenários libertinos, gera reflexões filosóficas, motivo pelo qual seus romances podem, por vezes, ser identificados como *romances filosóficos*. Conforme afirma Franklin de Matos (2001), “um dos traços mais fascinantes do pensamento do século XVIII é, sem dúvida, a inexistência de fronteiras precisas entre filosofia e literatura e, conseqüentemente, a multiplicidade de gêneros [...]” (MATOS, 2001, p. 97). O romance filosófico é um gênero em que parte significativa de uma obra é utilizada para discutir questões filosóficas entremeadas no texto e funciona como uma materialização do raciocínio filosófico, trazendo a discussão filosófica para mais perto do leitor.

Essa união entre a literatura e a filosofia não era uma peculiaridade em Sade, mas também de escritores franceses do século XVIII, como Voltaire, Diderot, Rousseau e Montesquieu (ESCARPIT, 1956, p. 69); porém, ao introduzir na literatura temas que

incomodam tanto a sociedade daquela época quanto a atual, Sade demonstra que “não é um romancista típico do século XVIII, tampouco é um filósofo que frequenta salões. Conseqüentemente, estudar sua obra é uma tarefa nada trivial” (CASTRO, 2012, p. 47). Sade se insere como uma terceira via filosófica à sua época, indo contra a moral dos pensadores iluministas e dos filósofos cristãos (SÁ, 2008, p. 374), colocando um contra o outro como forma de contestar tanto a existência de Deus como a moral iluminista, expondo as limitações de cada um desses sistemas.

Este estudo só foi possível em razão da recuperação das obras de Sade a partir da década de 1920, o que permitiu a (re)introdução dos textos sadianos no sistema literário francês (CASANOVA, 2002). A partir dessa recuperação, a autonomia e a universalidade do sistema literário francês (CASANOVA, 2002) permitiram a circulação das obras de Sade, tanto no original quanto em tradução em outros sistemas literários, por exemplo, o brasileiro.

A introdução das obras do Marquês no sistema literário brasileiro, a partir da década de 1960, pode ser considerada uma influência direta da França no Brasil e, por conseguinte, de seu capital literário. Conforme afirma Pascale Casanova (2002), até a década de 1960, Paris era a capital da literatura, ou seja, as obras que por lá passavam eram exportadas para o restante do mundo, principalmene por meio de traduções, o que, provavelmente, auxiliou a entrada das obras sadianas no Brasil:

Assim, Paris consegue combinar elementos estruturais que a tornam, pelo menos até a década de 1960, a viga-mestra do sistema temporal da literatura. A lei temporal do universo literário pode ser enunciada da seguinte forma: *é preciso ser antigo para ter alguma chance de ser moderno ou de decretar a modernidade*. É necessário ter um longo passado nacional para almejar a existência literária plenamente reconhecida no presente (CASANOVA, 2002, p. 118, grifo do autor).

Essa mobilidade de obras no polissistema literário (EVEN-ZOHAR, 2013), entre os sistemas literários francês e brasileiro, respectivamente entre o centro para a periferia (CASANOVA, 2002), tem por propulsor principal o ato tradutório:

Sucintamente: para a teoria dos polissistemas, é um objetivo principal, e uma possibilidade a seu alcance, enfrentar as particulares condições nas quais uma literatura pode interferir em outra, como resultado do qual certas propriedades se transferem de um polissistema ao outro. [...] é por meio da estrutura polissêmica das literaturas envolvidas como podemos dar conta dos vários e intrincados processos de interferência. [...] Quando se ignora esse processo, simplesmente não há explicação para a aparição e o funcionamento de novos elementos no repertório. [...] (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 18).

Essa transferência entre o sistema literário francês e o sistema literário brasileiro tem por agente ativo o tradutor, sendo um dos principais responsáveis pela divulgação, reconhecimento e recepção da obra em território brasileiro. Conforme Casanova (2002), o tradutor se torna um intermediário imperativo na travessia da fronteira do universo literário, tornando-o um agente ativo da história do texto. Segundo afirma Danielle Risterucci-Roudnicky (2008),

o conhecimento que temos de uma obra literária traduzida “transita” pela leitura que o tradutor faz, em que as raízes culturais, a trajetória pessoal e a concepção da tradução têm papel fundamental. Do tradutor depende a referência do autor estrangeiro para além de sua língua e de seu país¹ (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008, p. 56).

A introdução oficial de Sade no Brasil se deu em 1961 com a publicação da obra traduzida *Novelas do marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir*.² Essa introdução por vias da tradução demonstra a validação de Sade no sistema literário brasileiro, bem como um modo de agrupar recursos literários nesse sistema, como afirma Casanova (2002):

A tradução é a grande instância de consagração específica do universo literário. Desdenhada como tal por sua aparente neutralidade, ela é, contudo, a via de acesso principal ao universo literário para todos os escritores “excêntricos”: é uma forma de reconhecimento literário e não uma simples mudança de língua, puro intercâmbio horizontal que se poderia (deveria) quantificar para tomar conhecimento do volume das transações editoriais no mundo (CASANOVA, 2002, p. 169).

Vê-se que sua obra é introduzida no Brasil acompanhada de um texto de Simone de Beauvoir, que nos anos de 1960 já era bastante conhecida no Brasil, funcionando como uma insersora de Sade no Brasil já com um viés crítico. Todavia, somente em 1968, a obra de Sade volta a ser traduzida e publicada no Brasil com *Justine ou os infortúnios da virtude*,³ *Zoloé e seus dois amantes*⁴ e *A filosofia na alcova*.⁵ Esta última tornou-se best-seller pela editora Contorno, no mesmo ano (REIMÃO, 2014, p. 76), o que gerou diversas edições e retraduições, tornando-se a obra sadiana mais publicada e traduzida no Brasil.

¹La connaissance que nous avons d'une œuvre littéraire traduite “transite” par la lecture qu'en fait un traducteur dont l'ancrage culturel, le parcours personnel et la conception de la traduction jouent un rôle fondamental. Du traducteur dépend la référence de l'auteur étranger dans l'ailleurs de sa langue et de son pays (nossa tradução).

² BEAUVOIR; SADE (1961).

³ SADE, *Justine ou os infortúnios da virtude*. Tradução de D. Accioly. Rio de Janeiro: Saga, 1967.

⁴ SADE, *Zoloé e suas duas amantes*. Tradução de Maria José Fialho Londres. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editôra, 1968.

⁵SADE, *A filosofia na alcova ou escola de libertinagem*. 3. ed. Tradução de Aloísio Costa. Brasília: Coordenada Editora de Brasília, 1969.

A introdução das obras do Marquês de Sade no Brasil coincide com o início da Ditadura Militar (1964-1985), período no qual a censura era constante. A não censura das obras de Sade durante a ditadura militar brasileira pode se explicar por não haver qualquer regulamentação censória relacionada a livros nos primeiros anos do regime, segundo afirma Sandra Reimão (2014):

No Brasil, durante a ditadura militar (1964-1985), e destacadamente a partir da Constituição outorgada de 1967, a censura oficial do Estado em relação a filmes, peças teatrais, discos, apresentações de grupos musicais, cartazes e espetáculos públicos em geral era exercida pelo Ministério da Justiça (MJ) por meio do Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), setor do Departamento de Censura de Diversões Públicas (DCDP). A partir de 1970, livros e revistas também passaram a ser examinados pelo SCDP-DCDP (REIMÃO, 2014, p. 75).

Além do papel dos tradutores na divulgação da obra sadiana no Brasil, também se deve destacar as escolhas editoriais com relação aos paratextos (GENETTE, 2009), texto acompanhamento (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008), ou ainda índices morfológicos e textos ou discursos de acompanhamento (TORRES, 2011). Assim, se apresentará nesta pesquisa as capas das edições brasileiras e se analisará os índices morfológicos e os discursos das traduções brasileiras com base na coletânea francesa *Historiettes, Contes et Fabliaux* (1927/1971).

Conforme Gérard Genette (2009), o paratexto é composto por peritexto (a capa, a página de rosto e seus anexos, a segunda e a quarta capa, a lombada, as orelhas ou desdobros, sobrecapa ou cinta, etc.) e epitexto (entrevistas, conversas, debates, correspondências, diários, etc), termos também usados por Risterucci-Roudnicky (2008). E o “peritexto editorial [é] toda zona do peritexto que se encontra sob responsabilidade direta e principal (mas não exclusiva) do editor [...]” (GENETTE, 2009, p. 21). Já a pesquisadora Marie-Hélène Catherine Torres (2011) divide as marcas paratextuais em aspectos ou índices de acompanhamento – capas, contracapas, página de rosto dos romances traduzidos, que “trazem detalhes sobre o estatuto das traduções, ou seja, a maneira pela qual elas são percebidas conforme os elementos informativos que apresentam” (TORRES, 2011, p. 17) – e em discursos de acompanhamento – as introduções, advertências, os prefácios e posfácios ou “lugar onde frequentemente a ideologia aparece de forma mais clara” (TORRES, 2011, p. 17).

Historiettes, Contes et Fabliaux é uma coletânea francesa de textos escrita por Sade entre os anos de 1787 e 1788 durante a sua prisão na Bastilha, que durou até 1790, mas somente foi publicada na segunda metade da década de 1920, após o processo de reapropriação por Maurice Heine. Nessa coletânea, Heine reúne inicialmente 26 textos de Sade com os mais

diversos temas, desde contos anedóticos e morais, até textos com uma carga mais trágica, nos quais seus conceitos filosóficos são discutidos com mais pungência. Em *Historiettes, Contes et Fabliaux*, podemos ver as mais diversas facetas do texto sadiano.

A escolha de *Historiettes, Contes et Fabliaux* como foco de análise desta dissertação se faz por quatro razões: (1) foi a primeira obra publicada no processo de reapropriação de Sade na França em 1926 por Maurice Heine; (2) no Brasil as traduções dessa coletânea encontram-se entre as obras mais publicadas de Sade com um total de nove edições, dentre elas quatro traduções, sendo uma delas um audiolivro; (3) a obra teve seu título manipulado em todas as edições, não apresentando o título original em suas capas, o que dificultou o processo de localização e de seu reconhecimento; e (4) em nenhuma dessas edições traduzidas temos a compilação integral dos textos originais.

A metodologia seguida para que fosse possível recuperar o conteúdo da obra original seguiu um processo de comparação de sumários de três edições distintas de *Historiettes, Contes et Fabliaux*: (1) a edição publicada em 1927 organizada por Maurice Heine, disponível na Biblioteca digital *Gallica*; (2) a edição datada de 1971 organizada por Jean-Jacques Pauvert e publicada pela editora Pauvert; e (3) a edição eletrônica distribuída também pela *Gallica* sem identificação do(s) responsável(is) por sua organização. Após a comparação dos sumários das edições francesas, foi realizada a análise e comparação com o repertório de obras originais do Marquês de Sade (LELY, 2004). A partir dos dados obtidos após a análise dos sumários dessas três edições em francês e dos setes sumários das traduções para o português do Brasil, foi possível localizar três textos até o momento inéditos e nunca traduzidos em território brasileiro, a saber: *Dorci, ou la Bizarrerie du sort, La Marquise de Thélème, ou les Effets du libertinage e Séide, Conte moral et philosophique (Projet)*.

Após a leitura e análise dos três textos, decidimos traduzir somente um deles, devido ao alto grau de dificuldade linguística e estilística. O processo de tradução de *Dorci* compreendeu primeiramente em: (1) uma leitura atenta dos textos e dos paratextos, quando disponíveis; (2) uma pesquisa do léxico em dicionários, tais como *Littré, Nouveau Littré, Le Trésor de la langue française*, a base de dados do *Centre nationale de ressources textuelles et lexicales*, o dicionário *Sensageant*, a base do dicionário eletrônico *Le Dictionnaire vivant de la langue française*, o *Le Grand Robert* e o Dicionário bilíngue da Porto Editora e, por último, (3) o levantamento das dificuldades de compreensão e das estratégias de tradução.

CAPÍTULO 1

**DONATIEN ALPHONSE FRANÇOIS DE SADE – O
MARQUÊS DE SADE**

Este capítulo tem como objetivo geral apresentar o Marquês de Sade e sua obra, e para tal será dividido em três partes: (1) biografia de Donatien Alphonse François de Sade, o Marquês de Sade; (2) resumo de sua obra em língua francesa através do levantamento bibliográfico feito e estabelecido pelos trabalhos de Maurice Heine (1884-1940), Gilbert Lely (1904-1985) e Jean-Jacques Pauvert (1926-2014); (3) por meio do levantamento de todas as suas obras traduzidas para o mercado brasileiro nos séculos XX e XXI, discutir acerca da inserção da obra sadiana no sistema literário brasileiro.

1. DO CASTELO À PRISÃO: VIDA E OBRA DE SADE⁶

Conhecido no mundo inteiro por seu modo de vida incomum e pelas práticas sexuais perversas, o Marquês de Sade descobriu sua vocação para a escrita e para experiências sexuais durante sua vida. A casa de Sade pertence à nobreza francesa da região da Provence. No século XV, graças aos bons serviços prestados ao Santo Império Romano-Germânico, a família Sade obteve de Sigmund de Luxembourg (1368-1473) o direito a seu brasão. De família nobre, esse parisiense tinha entre seus antepassados Laure de Noves, esposa de Hugues de Sade e, por isso, conhecida por Laure de Sade, musa inspiradora de Petrarca (BEUCHOT; PAUVERT, 1999, p. 88). Segundo Élise Lépine (*in Le Monde Hors-Série*, 2014, p. 9), foi a partir da união de Laure com Hugues que a família começou a ter maior prestígio e reconhecimento. No século XVIII, Jacques-François-Paul-Aldonce de Sade (1705-1778), o Abade de Sade, descobre nos arquivos familiares o testamento e o contrato de casamento de Laure de Noves, tornando-a o símbolo da nobreza da família Sade. Jean-Baptiste-Joseph-François (1702-1767), o conde de Sade, senhor de Saumane e de Lacoste, coronel da cavalaria no condado de Venaissin, casa-se, em 1733, com Marie-Éleonore de Maillé de Carman, dama de honra da princesa de Condé e prima da neta do cardeal Richelieu.

Donatien Alphonse François de Sade, mais conhecido sob a alcunha de Marquês de Sade, nasceu em 02 de junho de 1740. Seu pai era o Conde de Sade, diplomata e militar de carreira constantemente enviado a missões como representante do rei Luís XV; e sua mãe, Maillé de Carman, era *dame d'honneur* da Duquesa de Bourbon, que a partir de 1745 passa a acompanhar o marido em suas missões. Filho único, e devido às constantes viagens dos pais, Donatien foi educado na Provença francesa, pela família Avignon, mais exatamente por sua avó paterna. Posteriormente, Sade ficou sob tutela de seu tio paterno, o Abade Sade d'Ébreuil,

⁶ Para a composição desta seção foram usadas as obras de referência de Peixoto (1978), Lely (2004), Pauvert (2013), Castro (2015) e as revistas *Le Magazine Littéraire*, n. 549, *Le Monde Hors-Série Sade* e *Le Point*, n. 17.

amigo de Voltaire, vivendo entre as residências de Saint-Léger d'Ébreuil e Saumane-de-Vaucluse. Religioso erudito e libertino, o Abade foi um dos grandes responsáveis pela formação de Donatien até os seus 10 anos de idade.

Em 1750, o Conde de Sade inscreve seu filho no liceu jesuíta Louis-le-Grand, uma das principais instituições de sua época. Donatien tem por preceptor particular o Abade Amblet. Naquele liceu, Donatien desenvolve sua paixão pelo teatro. Quatro anos mais tarde, em 1754, aos 14 anos, ingressa na carreira militar por meio da *École des cheveau-légers*⁷ de la Garde du Roi, terceiro corpo da Casa Militar do rei, reservada unicamente às famílias nobres tradicionais, graças a um certificado de nobreza emitido pelo famoso genealogista Clairambault.

Em 1756, com o início da Guerra dos Sete Anos (1756-1763), Sade é enviado ao combate, sendo condecorado pela vitória do cerco de Port-Mahon. Em 1760, a mãe de Sade divorcia-se do marido e se recolhe no convento das Carmelitas até a sua morte. Em 1763, o tratado de Paris põe fim à Guerra. Sade é reformado como Capitão da Cavalaria. A partir desse momento, torna-se um problema para seu pai, assumindo uma vida de jogatina e de relacionamentos com prostitutas e atrizes, estabelecendo, assim, uma péssima reputação, o que preocupa seu pai, que já se encontra em idade avançada e com a saúde bastante debilitada.

Nesse período, seu pai negocia seu casamento com Renée Pélagie Cordier de Montreuil (1741-1810), filha de uma família de rica e de nobreza recente. A união de Sade com Renée resolveria os problemas de ambas as famílias: Sade teria fortuna e o futuro assegurado, já a família de Montreuil teria um título de nobreza realmente válido. Contudo, em março de 1763, Sade estava noivo de Laurie Victoire Adeline de Lauris, moça de família nobre de Avignon, e que futuramente se tornaria sua amante. O Conde de Sade logo se ocupa de terminar essa relação, pois o contrato com os Montreuil já estava firmado. Já com casamento marcado, Sade descobre Anne Prospère, irmã mais nova e mais bonita de Renée de Pélagie, sua noiva. Sade ainda tenta negociar com Madame de Montreuil a troca das noivas, porém o negócio não seria vantajoso para os Montreuil. Anos mais tarde, Anne Prospère se torna amante de Sade.

O casamento é, então, celebrado em Paris em 17 de maio de 1763. Nesse momento, Sade, além de se casar, adquire uma de suas melhores cúmplices, mas também a sua pior inimiga: sua sogra, a Madame de Montreuil, conhecida como *la Présidente*. A família fecha os olhos para seu estilo de vida libertino. Madame de Montreuil envia sua filha mais nova para o

⁷ “Cheval, léger. L’orthographe devrait être chevaux-légers; l’usage du temps où cette troupe existait a supprimé l’x.” [*Cheval, léger*. A ortografia deveria ser *chevaux-légers*, o uso durante o tempo onde essa tropa existia suprimiu o x.] (tradução nossa). Disponível em: <<http://www.littre.org/definition/cheveau-1%C3%A9gers>>. Acesso em: 05 de maio de 2016.

convento, com o intuito de evitar qualquer situação entre Anne e Sade. Madame de Montreuil ainda é a responsável por encobrir os gastos desenfreados e os escândalos causados pelo genro.

Em 18 de outubro de 1763, Sade enfrenta sua primeira prisão em razão de denúncia feita por Jeanne Testard. Segundo ela, Sade teria dela abusado, obrigada a se masturbar com um crucifixo e a proferir blasfêmias durante o ato sexual. Em 29 de outubro de 1763, Sade é preso novamente e enviado a Vincennes, considerada uma prisão de luxo para onde eram enviados os nobres que as famílias queriam esconder da sociedade. Após 15 dias, Sade é liberto devido ao pedido de perdão feito por seu pai ao rei Luís XV.

Em 1764, Sade sucede seu pai, o Conde de Sade, como *lieutenant général* das províncias de Bresse, Bugey, Valromey e Gex, no departamento de Ain, região de Auvergne-Rhône-Alpes. A família Sade-Montreuil inicia um processo de aproximação da Corte para obter favores reais, porém, ao mesmo tempo, Sade continua a difamar o nome da família. Em 30 de janeiro de 1767, o Conde de Sade morre, e Donatien se torna o Senhor de Lacoste. Em 27 de agosto do mesmo ano, nasce Louis-Marie, seu primeiro filho.

Em 03 de abril de 1768, Sade tem o seu primeiro grande escândalo. Após conhecer Rose Keller, Sade a leva para sua casa em Arcueil, prende-a à força e a flagela. Rose o denuncia e o processa. Devido ao escândalo público, Sade é mantido preso até 16 de novembro. Em 27 de junho de 1769, nasce o segundo filho de Sade, Donatien Claude Armand. Em 1770, Madame de Montreuil faz com que Sade seja reintegrado ao Exército, motivo pelo qual é enviado para a Inglaterra no mesmo ano. Em 17 de abril de 1771, nasce sua filha, Madeleine Laure, em homenagem a Laure de Noves.

Em 27 de junho de 1772, durante a organização da apresentação de uma de suas peças de teatro, ocorre seu segundo grande escândalo: Sade organiza uma orgia em Marselha com quatro prostitutas e seu empregado. Ele os obriga a ingerir altas doses de afrodisíacos, os chicoteia, os obriga a se chicotearem e a manterem relações entre si. Uma das prostitutas envolvidas sofre envenenamento em razão dos afrodisíacos utilizados na orgia, e Sade é acusado de tentativa de homicídio e sodomia. Sade foge com seu empregado e a cunhada para a Itália. Devido ao escândalo, Madame de Montreuil fica furiosa e caça Sade por todos os lugares, utiliza-se de sua influência para que o Rei da Sardenha, Carlos-Emanuel III, prenda Sade e seu empregado. Sade é mantido preso até abril de 1773, quando recebe o direito de sair para se alimentar, devido às condições da prisão em que estava. Aproveita-se da situação para fugir e retorna para Lacoste, onde continua promovendo orgias com os seus empregados.

Em janeiro de 1777, morre a mãe de Sade, mas este é informado somente após três semanas do ocorrido. Madame de Montreuil consegue, em fevereiro de 1777, a emissão de uma

Lettre de cachet contra Sade – carta contendo uma ordem de prisão emitida diretamente pelo Rei, geralmente utilizada pelas famílias nobres para manter reclusos seus parentes mais problemáticos. Em 13 de fevereiro, é enviado para Vincennes novamente, permanecendo preso até 1790. Durante os 13 anos de prisão em Vincennes, sua saúde se degrada e ele começa a se dedicar à escrita. Em 1784, é transferido para a Bastilha, onde continua a escrever incessantemente, produzindo nessa primeira estadia obras como *Aline et Valcour* e *Les Cent Vingt Journées de Sodome*. Em 1788, Sade começa a escrever o *Catalogue Raisonné*, uma relação de todas as suas obras escritas até aquele momento e sem nenhuma publicação até os dias de hoje.

Em 1789, é transferido para o hospício de Charenton. E, em 1790, antes da Queda da Bastilha (1789), ocorre a revogação da *Lettre de cachet*. Sade é libertado em 02 de julho de 1790, porém sua esposa se recusa a recebê-lo de volta e pede o divórcio. Sade conhece Marie-Constance Quesnet, atriz sem grande sucesso que se torna sua companheira até o final da vida. Nesse mesmo ano, Sade se inscreve na *Section de la Place Vendôme*, seção revolucionária parisiense que se tornará a *Section des Piques*. É nessa época que Sade escreve a maior parte de seus textos políticos e tenta viver somente de seu trabalho como homem das letras.

Em 1792, Sade torna-se secretário, comissário para os hospitais e vice-presidente da *Section des Piques*. Em 08 de dezembro de 1793, Sade é removido de todos os seus cargos e preso por ateísmo e moderantismo,⁸ sendo liberado somente em 15 de outubro de 1794 devido à queda e morte de Maximilien de Robespierre e o fim do Terror (1792-1794). Em 1795, a França encontra-se em crise, Sade vive na pobreza e se dedica à encenação de suas peças e à publicação de seus textos. É durante esse período de pobreza que Sade publica oficialmente *Aline et Valcour* e, clandestinamente, *La Philosophie dans le boudoir*, onde se lê na folha de rosto “*Ouvrage posthume de l’Auteur de Justine*”. Sade vende nessa mesma época o castelo de Lacoste para poder se manter.

Em 1800, já com a França sob o comando de Napoleão Bonaparte, é publicado o panfleto-novela *Zoloé et ses deux acolythes*, que acusava diretamente Bonaparte e Josefina, sua esposa, além de criticar a corrupção e a depravação do governo. Sade é intimado a depor em 06 de março de 1801 no escritório de seu editor, Nicolas Massé, a mando de Napoleão, em nome da defesa da moral por uma obra que os estudiosos de Sade não reconhecem como sendo de autoria dele. Durante os interrogatórios, Nicolas Massé, sob promessa de liberdade, delata Sade para a polícia. Sade então é enviado para a prisão de Saint-Pélagie, em abril de 1801, sendo

⁸ Posição política dos moderados; pessoas que combatiam posições ou opiniões extremas, principalmente durante a Revolução Francesa.

posteriormente enviado à prisão-asilo de Bicêtre, e por último, para o hospício de Charenton. Sade continua a escrever no hospício, mas a polícia apreende seus manuscritos. Sade acaba por ganhar a simpatia do diretor do hospício, que lhe permite encenar para a sociedade parisiense suas peças de teatro usando os pacientes como atores. Sade permanece preso em Charenton até o fim da vida. Morre em 02 de dezembro de 1814, em decorrência de problemas respiratórios, provavelmente causados por um edema agudo do pulmão e congestão pulmonar, segundo Gilbert Lely.⁹ Em testamento, a única exigência de Sade estava relacionada à não realização de enterro religioso, porém sua vontade foi desconsiderada, e o Marquês de Sade teve um enterro com todas as pompas religiosas.

Em meio aos constantes escândalos e às idas e vindas à prisão, Sade produziu intensamente durante seus 74 anos de vida. Escreveu peças de teatro, romances e manifestos políticos. Após notar a necessidade de organizá-los, o próprio Sade começa a escrever o seu *Catalogue Raisonné*. Infelizmente, muitos de seus textos foram perdidos ou destruídos, devido às diversas passagens atribuladas na vida do Marquês, como suas várias prisões e transferências entre cárceres.

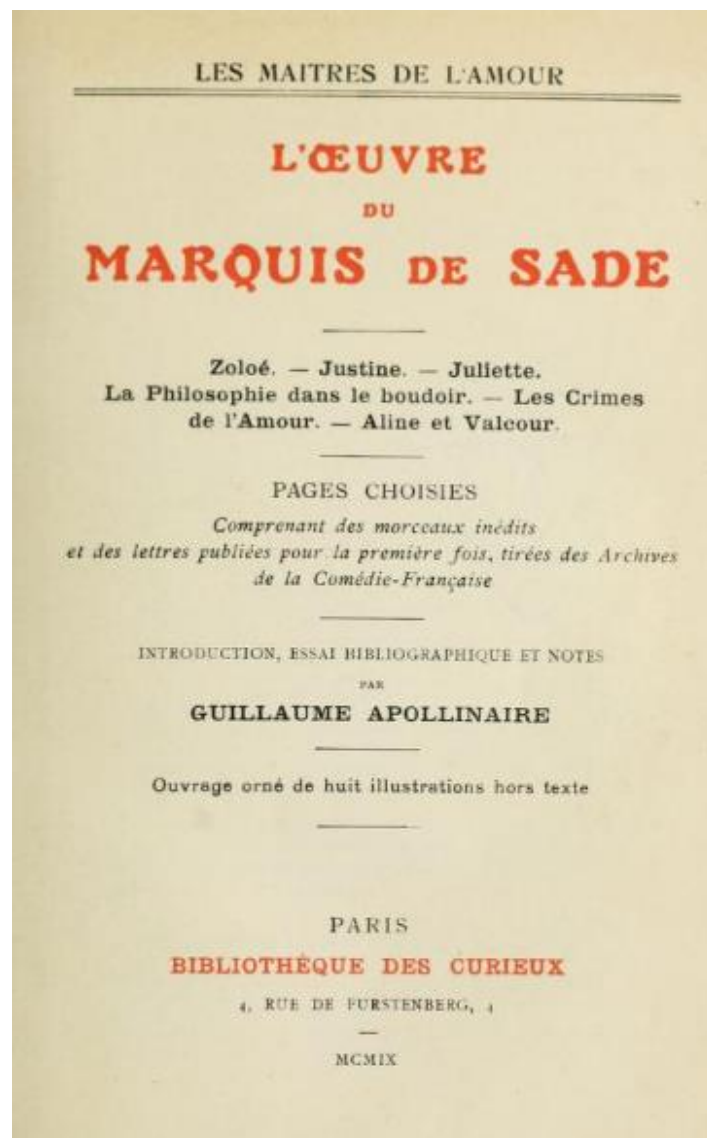
Devido também às diversas proibições em relação à publicação de sua obra, muitos de seus textos só vieram à luz por meio de publicações clandestinas no século XIX. Em razão disso, somente no século XX começamos a ter uma real noção do tamanho da obra sadiana por meio do trabalho inicial de Guillaume Apollinaire¹⁰ (1880-1918). Em 1909, Apollinaire publica o livro *L'Œuvre du Marquis de Sade* pela Edições Briffaut, na coleção *Les Maîtres de l'amour*, e sob o selo *Bibliothèque des curieux*. Nessa obra, Apollinaire apresenta Sade para o público francês do início do século XX, visto que até aquele momento o Marquês era um autor quase desconhecido. Apollinaire (re)apresenta Sade ao público por meio de uma seleção de textos de alto teor erótico, mas ao mesmo tempo ricos em reflexões morais e políticas. Nos papéis de editor e de crítico de Sade, Apollinaire publica nessa obra os seguintes textos: *Zoloé*; *Justine*; *Juliette*; *La Philosophie dans le boudoir*; *Les Crimes de l'Amour* e *Aline et Valcour*. Todos esses textos citados foram publicados em vida pelo Marquês de Sade, e até aquele momento eram as suas obras mais famosas e teoricamente de autoria confirmada, uma vez que somente a partir dos estudos de Lely (2004) a obra *Zoloé* foi reconhecida como de não autoria de Sade, fato discutido desde as pesquisas de Maurice Heine. Além dos excertos selecionados por Apollinaire das obras citadas acima, a coletânea também contém algumas cartas de Sade

⁹ Cf. LELY (2004, p. 663, nota de rodapé nº 2).

¹⁰ Falaremos sobre o papel desse escritor para a divulgação da obra de Sade no item 1.1.1. Guillaume Apollinaire (1880-1918).

publicadas pela primeira vez e recuperadas dos arquivos da *Comédie-Française*,¹¹ além de conter oito ilustrações recuperadas das edições originais dos textos de Sade escolhidos para essa seleção.

Figura 1 - Folha de rosto de *L'œuvre du Marquis de Sade*, Bibliothèque des curieux, 1909



É somente a partir do trabalho de Maurice Heine¹² (1884-1940) que se inicia o processo de recuperação da obra de Sade, com sua busca pelos manuscritos e pelos documentos

¹¹ A *Comédie-Française* é um teatro estatal hoje sob tutela do Ministério da Cultura da França; foi fundada em 1680 por um decreto de Luís XIV, com o intuito de unir e organizar as trupes de teatro parisienses da época; desde a sua criação a *Comédie-Française* acumula em seu acervo documentos, manuscritos e obras de arte que fazem parte da *Bibliothèque-musée de la Comédie-Française*, atualmente em processo de digitalização. Disponível em: <<http://www.comedie-francaise.fr/>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

¹² Falaremos sobre o papel Heine e Lely para a divulgação da obra de Sade mais adiante.

relacionados à Sade nos arquivos da Bibliothèque Nationale de France e da Bibliothèque de l’Arsenal. Em complemento, a pesquisa biográfica e bibliográfica de Gilbert Lely (1904-1985) proporciona ao público francês e internacional uma visão mais completa da obra de Sade. A listagem das obras do Marquês segue o levantamento e a categorização estabelecidos por Lely em *Vie du Marquis de Sade* (2004). A categorização da obra sadiana por Lely é dividida em três seções, a saber: (1) originais publicados em vida (Quadro 1); (2) edições originais póstumas (Quadro 2); e (3) manuscritos inéditos não encontrados ou destruídos (Quadro 3).

Tabela 1 - Obras de Sade publicadas em vida (até dezembro de 1814) – Versão simplificada do *Répertoire des éditions originales du marquis de Sade* apresentado por Gilbert Lely (2004), p. 672-681; a reprodução da versão completa está no Anexo 01.

Originais publicados em vida

	Ano	Obras literárias		Ano	Textos políticos
1	1791	Justine, ou les Malheurs de la vertu	10	1791	Adresse d’un citoyen de Paris, au roi des Français
2	1791	Oxtiern, ou les Malheurs du libertinage	11	1792	Section des Piques. Observations présentées à l’Assemblée administrative des hôpitaux. 28 octobre
3	1793	Aline et Valcour, ou le Roman philosophique.	12	1792	Section des Piques. Idée sur le mode de la sanction des Loix ; par un citoyen de cette Section. 2 novembre
4	1795	La Philosophie dans le boudoir.	13	1793	Pétition des Sections de Paris à la Convention nationale. Juin
5	1797	La Nouvelle Justine, ou les Malheurs de la vertu	14	1793	Section des Piques. Extrait des Registrés des délibérations de l’Assemblée générale et permanente de la Section des Piques. Du 12 juillet
6	1797	La Nouvelle Justine, ou les Malheurs de la vertu. Suivie de l’Histoire de Juliette, sa sœur [ou les Prospérités du vice]	15	1793	La Section des Piques à ses Frères et Amis de la Société de la Liberté et de l’Egalité, à Saintes, département de la Charente-Inférieure. Paris, le 19 juillet
7	1800	Les Crimes de l’amour, Nouvelles héroïques et tragiques	16	1793	Section des Piques. Discours prononcé à la Fête décernée par la Section des Piques, aux mânes de Marat et de Le Pelletier, 29 septembre
8	1801	L’Auteur des « Crimes de l’amour » à Villeterque, folliculaire. Paris, Massé, an IX. In-12 de 20 pp	17	1793	Pétition de la Section des Piques, aux représentans du peuple français. 15 novembre
9	1813	La Marquise de Gange			

Tabela 2 - Obras de Sade publicadas postumamente (após 2 de dezembro de 1814) - Versão simplificada do *Répertoire des éditions originales du marquis de Sade* apresentado por Gilbert Lely (2004), p. 672-681; a reprodução da versão completa está no Anexo 01.

Edições originais póstumas

<i>Publicadas por diferentes editoras</i>		
	Ano	Títulos
18	1881	Dorci ou la Bizarrerie du sort, conte inédit par le marquis de Sade
19	1904	Les 120 Journées de Sodome ou l'Ecole du libertinage
20	1929	Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers
21	1956	Marquis de Sade. Cent onze Notes pour la Nouvelle Justine
22	1970	D.A.F. de Sade, œuvres complètes
23	1972	D.A.F. de Sade. Lettre au citoyen Gaufridy
<i>Publicadas por Maurice Heine</i>		
24	1926	Historiettes, Contes et Fabliaux
25	1926	Dialogue entre un prêtre et un moribond
26	1930	Les Infortunes de la vertu
27	1931-1935	Les 120 Journées de Sodome, ou l'Ecole du libertinage
<i>Publicado por Gilbert Lely</i>		
28	1949	L'Aigle, Mademoiselle...,
29	1950	La Vanille et la Manille, lettre inédite à Madame de Sade écrite au donjon de Vincennes en 1783 (en réalité, fin 1784)
30	1953	Histoire secrète d'Isabelle de Bavière, reine de France
31	1953	Le Carillon de Vincennes
32	1953	Cahiers personnels (1803-1804).
33	1959	Mon arrestation du 26 août
34(a)	1961	La Vérité
34(b)	1964	Projet tendant à changer le nom des rues de l'arrondissement de la Section des Piques. 7 novembre 1793. In Œuvres complètes du marquis de Sade
35	1964	[Notes pour les Journées de Florbelle ou la Nature dévoilée.] In Œuvres complètes du marquis de Sade.

36	1964	Adélaïde de Brunswick, princesse de Saxe. Evénement du XIe siècle. In Œuvres complètes du marquis de Sade
Publicado por Georges Daumas		
37	1970	Journal inédit. Deux cahiers retrouvés du Journal inédit du marquis de Sade (1807,1808,1814), suivis en appendice d'une Notice sur l'hospice de Charenton, par Hippolyte de Colins (1812).
Georges Daumas e Gilbert Lely		
38	1954	Monsieur le 6. Lettres inédites (1778-1784)
39	1967	Voyage d'Italie, précédé des Premières œuvres, suivi de : Opuscules sur le théâtre.
40	1980	Trois vol. in-8
		a) Lettres et Mélanges littéraires écrits à Vincennes et à la Bastille.
		b) Lettres inédites à M ^{me} de Sade (1779-1785).

Tabela 3 - Manuscritos escritos por Sade ainda inéditos, não encontrados ou destruídos – Versão simplificada do *Répertoire des éditions originales du marquis de Sade* apresentado por Gilbert Lely (2004), p. 672-681; a reprodução da versão completa está no Anexo 01.

Manuscritos inéditos, não encontrados ou destruídos

Manuscritos mencionados no Catalogue raisonné de 1788

41	La Fille malheureuse, comédie en un acte et en prose.
42	La Fine Mouche, conte.
43	L'Heureux Echange, conte.
44	La Force du Sang, conte.
45	Les Inconvénients de la pitié, conte (première version).
46	Les Reliques, conte.
47	Le Curé de Prato, conte.
48	La Marquise de Thélème, conte (première version).
49	Le Portefeuille d'un homme de lettres, formant la matière de quatre volumes
50	La Liste du Suisse, historiette.
51	La Messe trop chère, historiette.
52	L'Honnête Ivrogne, historiette.
53	N'y allez jamais sans lumière, historiette.
54	La Justice vénitienne, historiette.
55	Adélaïde de Miramas ou le Fanatisme protestant, historiette.

Manuscritos mencionados no Cahiers personnels (n° 29)

56	Conrad ou le Jaloux en délire, roman.
57	Marcel ou le Cordelier, roman.
58	Mes Confessions.
59	Réfutation de Fénelon.

Novelas em que Sade deu somente os argumentos e ignoramos se ele os escreveu

60	Madame de Thélème (seconde version).
61	La Cruauté fraternelle (id.).
62	Les Inconvénients de la pitié (id.).
63	Aveuglement vaut mieux que lumière.
64	L’Ane sacristain ou le nouveau Salomon.

Manuscritos apreendidos na editora Massé, le 15 ventôse an IX. (6 de março de 1801)

65	Les Délassements du libertin ou la Neuvaine de Cythère (détruit en juin 1832).
66	Les Caprices ou un peu de tout, ouvrage politique.
67	Les Conversations du château de Chamelle.

Manuscritos mencionados na Biographie universelle de Michaud

68	Devis raisonné sur le projet d’un spectacle de gladiateurs.
69	Projet de création de lieux de prostitution, organisés, entretenus et dirigés par l’Etat.
70	Cahiers de notes, pensées extraites, chansons et mélanges de vers et de prose, autrement dits : Notes littéraires, au nombre de cinq
71	Journal (détenção de l’auteur à Vincennes, à la Bastille et à Charenton, 1777-1790).
72	Cléontine ou la Fille malheureuse, drame en trois actes

Manuscritos queimados na Préfecture de Police

73	Les Journées de Florbelle, ou la Nature dévoilée, suivies des Mémoires de l’abbé de Modose et des Aventures d’Emilie de Volnange
----	--

É a partir da pesquisa desenvolvida por Gilbert Lely que Jean-Jacques Pauvert¹³ (1926-2014) começa o processo de edição e publicação em 1947 das *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, também editada por Lely e publicada inicialmente em edições individuais, seguida de uma versão completa pelo *Le Cercle du Livre Précieux*, criado por Claude Tchou, em 1961, e posteriormente pela *Éditions Tête de Feuilles*, em 1973.¹⁴ A partir de 1986, essa obra é

¹³ Falaremos sobre o papel desse escritor para a divulgação da obra de Sade mais adiante.

¹⁴ Informação disponível em: <<http://marquis-de-sade.com/la-bibliotheque/livres-autour-de-sade/oeuvres-oeuvres-complètes/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

publicada e reeditada continuamente pela Éditions Pauvert numa coleção formada por 15 volumes.¹⁵

O trabalho de redescoberta e de (re)apropriação de Sade no século XX foi fortemente incitado por artistas do movimento surrealista francês do início do século. Inicialmente Guillaume Apollinaire, ao mesmo tempo editor e crítico de Sade, publica uma primeira seleção de textos, com grandes pensadores, poetas e artistas, como Robert Desnos (1900-1945), André Breton (1896-1966), Paul Éluard (1895-1952), Louis Aragon (1897-1982), Maurice Blanchot (1907-2003), Georges Bataille (1897-1962), Pierre Klossowski (1905-2001), Man Ray (1890-1976) e muitos outros que atuaram nesse processo de reconhecimento e enaltecimento da obra de Sade, dando a ele o seu devido lugar na literatura (HÉNAFF, 1979, p. 15-17). De certa maneira, Sade tornou-se um símbolo dos artistas surrealistas. Os surrealistas veem em Sade a materialização de seu desejo de ruptura e de provocação inerente ao movimento:

Tudo nele parecia feito para exaltar a sensibilidade surrealista: sua vida aventureira de perseguido, a teimosia em suas posições, seu status de prisioneiro de exceção, a sua participação na Revolução de 89, seu fim no Hospício de Charenton, sua rebelião contra os valores religiosos e morais de seu tempo; e, claro, toda a sua obra libertina. Além disso, mais de que um objeto de estudos, Sade será para os Surrealistas o objeto de um culto, ou pelo menos o seu nome funcionará entre eles como um sinal de reconhecimento e de cumplicidade. Mesmo que o interesse por Sade tenha sido o mais variável possível de um escritor surrealista para outro (em alguns, é quase nulo) isso tem pouca importância; o que conta é confessar uma forte relação a este símbolo pelo

¹⁵**Volume d'introduction:** *Soudain un bloc d'abîme, Sadepar Annie Le Brun*

Tome 1: *Les Cent Vingt Journées de Sodome; Cinq Ecrits de jeunesse; Quatrième Cahier de notes ou réflexions; Lettre d'Étrennes à Mademoiselle de Rousset; Dialogues entre un prêtre et un moribond; Pensée; Fragments du portefeuille d'un homme de lettres; La Vérité.*

Tome 2: *Historiettes, contes et fabliaux; Projets et plans; Les Infortunes de la vertu; Eugénie de Franval.*

Tome 3: *Justine, ou les Malheurs de la vertu; Opuscules politiques; La Philosophie dans le boudoir; Cent onze notes pour la Nouvelle Justine.*

Tome 4: *Aline et Valcour, ou le Roman philosophique (Lettres I à XXXV).*

Tome 5: *Aline et Valcour, ou le Roman philosophique (Lettres XXXVI à LXXII et documents annexes).*

Tome 6: *La Nouvelle Justine, ou les Malheurs de la vertu (Chapitres I à XI).*

Tome 7: *La Nouvelle Justine, ou les Malheurs de la vertu (Chapitres XI à XX).*

Tome 8: *Histoire de Juliette, ou les Prospérités du vice (Parties I à III).*

Tome 9: *Histoire de Juliette, ou les Prospérités du vice (Parties IV à VI).*

Tome 10: *Préface à Pauline et Belval; Lettres à des journaux; Les Crimes de l'amour; Projet d'avertissement; L'Auteur des Crimes de l'amour à Villeterque, folliculaire.*

Tome 11: *Notes littéraires; Couplets et Pièces de circonstances; Notes pour les Journées de Florbelle; Journal de Charenton; Lettres de Charenton et Testament; La Marquise de Gange.*

Tome 12: *Histoire secrète d'Isabelle de Bavière, reine de France; Adélaïde de Brunswick, Princesse de Saxe.*

Tome 13: *Le Philosophe soi-disant; Le Mariage du siècle; Jeanne Laisné, ou le Siège de Beauvais (Les Héroïnes de Beauvais); Le Boudoir (L'École des Jaloux, Le Mari crêdule, La Folle Épreuve, Le Jaloux corrigé, L'École des coquettes...); Les Jumelles, ou le Choix difficile (Les Deux Jumelles); Tancrède (La Mort de Clorinde); Le Capricieux (Le Métamiste, L'Homme inégal, L'Homme changeant, L'Inconstant); L'Egarement de l'infortune (Le Criminel par vertu).*

Tome 14: *Les Antiquaires; L'Union des arts (Euphémie de Melun, Le Suborneur, Azélis, La Tour mystérieuse); Fanni; Sujet de Zélonide; Henriette et Saint-Clair.*

Tome 15: *Ernestine, nouvelle suédoise; Oxtiern, ou les Malheurs du libertinage; Le Prévaricateur; Franchise et Trahison; La Fête de l'amitié; Dossier chronologique; Appendice.*

qual se indica a autenticidade de uma vontade de ruptura e firmeza na adesão aos valores do grupo¹⁶ (HÉNAFF, 1979, p. 19).

Após essa primeira reivindicação da herança de Sade, nos termos de símbolo, pensador e objeto de culto como analisa Hénaff (1979), começa-se também o processo de recuperação da totalidade de sua obra. Esse trabalho foi iniciado por Maurice Heine, Gilbert Lely e Jean-Jacques Pauvert, que atuaram não somente como biógrafos, mas também como editores e pesquisadores de Sade. Por essa razão, podemos considerar que os principais responsáveis por esse processo de introdução de Sade no sistema literário francês do século XX são Guillaume Apollinaire, Maurice Heine, Gilbert Lely e Jean-Jacques Pauvert.

Enquanto os pensadores, os artistas e os escritores do movimento surrealista francês se preocupavam em exaltar a figura de Sade, criando assim o personagem do “divino marquês”, Apollinaire, Heine, Lely e Pauvert, que atuaram durante suas vidas como os fiéis escudeiros de Sade, foram realmente em busca de recuperar todo e qualquer documento relacionado a esse importante e peculiar autor do século XVIII. Tinham por intuito reescrever sua memória e restaurar a completude de sua obra, que até então era praticamente desconhecida na França. Na verdade, a obra de Sade sobreviveu até o século XX graças às publicações clandestinas realizadas durante o século XIX e aos trabalhos de críticos da época, como Jules Janin e Sainte-Beuve (HÉNAFF, 1979, p. 12-13). Em razão disso, acreditamos ser relevante ressaltar, por meio de uma breve apresentação, a importância da contribuição de cada um desses quatro intelectuais que desempenharam um papel histórico e fundamental para o renascimento da obra de Sade no século XX.

¹⁶*Tout chez lui semblait fait pour exalter la sensibilité surréaliste : sa vie aventureuse de persécuté, son entêtement dans ses positions, son statut de prisonnier d'exception, sa participation à la Révolution de 89, sa fin à l'Hospice des aliénés de Charenton, bref sa rébellion jamais démentie contre les valeurs religieuses et morales de son époque; et bien entendu toute son œuvre libertine.*

Aussi, plus qu'un objet' d'études Sade sera pour les Surréalistes l'objet d'un culte ou du moins son nom fonctionnera entre eux comme un signe de reconnaissance et de complicité. Même si l'intérêt pour Sade a pu être très variable d'un écrivain surréaliste à l'autre (chez certains il est quasi nul) cela a assez peu d'importance ; ce qui compte c'est d'avouer un rapport fervent à ce signe par quoi s'indique l'authenticité d'une volonté de rupture et la fermeté dans l'adhésion aux valeurs du groupe (HÉNAFF, 1979, p. 19, tradução nossa).

1.1. OS ARAUTOS DE SADE

1.1.1. Guillaume Apollinaire (1880-1918)

Albert Włodzimierz Apolinary de Wąż-Kostrowicki (26 de agosto de 1880 - 9 de novembro de 1918), mais conhecido como Guillaume Apollinaire, foi escritor e crítico de arte francês de origem polonesa. Participou dos principais movimentos de vanguarda na França do início do século XX, como o Cubismo e o Surrealismo. Em 1907, publica *Les Onze Mille Verges ou les Amours d'un hospodar*, sem assumir sua autoria. Em 1909, publica oficialmente seu primeiro livro, *L'Enchanteur pourrissant*, e nesse mesmo ano começa sua relação com a obra de Sade com a publicação de *L'Œuvre du Marquis de Sade*, obra que inaugura o reaparecimento de Sade no século XX.

Em *L'Enchanteur pourrissant*, Apollinaire atua como editor e crítico de Sade, deixando claro sua fascinação pela figura do Marquês. Nessa primeira recolha de textos, apresenta um marquês menos sádico, reforçando os seus valores morais e políticos, bem como a estética da escrita sadiana (LYNCH, 1987, p. 17)¹⁷, como forma de apresentá-lo à sociedade francesa da época. Hénaff (1979, p. 17) comenta que Sade foi um autor desconhecido para o público do século XIX e que poderia dominar o século XX. Nessa obra, Apollinaire apresenta um ensaio biográfico sobre Sade e um ensaio crítico apresentando os textos componentes da edição, que são: *Zoloé*; *Justine*; *Juliette*; *La Philosophie dans le boudoir*; *Les Crimes de l'Amour* e *Aline et Valcour*. Nesse momento, ao apresentar cada texto e cada personagem para o seu leitor, Apollinaire assume seu papel de crítico literário de Sade.

Graças a esse primeiro trabalho de Apollinaire, o século XX teve contato com a obra sadiana e pôde interpretá-la em um outro contexto, o do surrealismo francês. As consequências desse primeiro gesto de Apollinaire vão se consolidar, no sentido do afloramento da obra de Sade no sistema literário francês, na segunda metade do século XX com os trabalhos de artistas e autores como René Magritte (1898-1967), com o quadro *La Philosophie dans le Boudoir* de (1947), Simone de Beauvoir (1908-1986), com o ensaio *Faut-il brûler Sade?* (1935), e Pier Paolo Pasolini (1922-1975), com o filme *Salò o le 120 giornate di Sodoma* (1975). Contudo, segundo Laurence Campa (1995), não se pode considerar Apollinaire o descobridor de Sade, visto que este utilizou trabalhos de outros autores do século XIX como Saint-Beuve, que começaram esse processo de retirar Sade das sombras:

¹⁷ Disponível em <http://www.wiu.edu/Apollinaire/Archives_Que_Vlo_Ve/2_24_16-20_Apollinaire_editeur_et_critique_de_Sade_LYNCH.doc> . (Acesso em 10 de janeiro de 2016)

Como crítico consciente, Apollinaire usa o trabalho de seus antecessores. Ele não é um descobridor de Sade. Foi gradualmente, mas não sem ambiguidade, retirando o Marquês das sombras no decorrer do século XIX (6). Na virada do século, os mais diversos estudos se multiplicam. Além disso, o estudo do dossiê das reportagens sobre a *L'Œuvre du Marquis de Sade* mostra que em 1909 já estávamos prontos para receber a publicação de Apollinaire: as resenhas são, em sua maioria, positivas tanto para a antologia como para Sade em si (7). Qualquer um que percorrer a introdução de Apollinaire nota imediatamente a quantidade e o tamanho das citações, alguns originais abertamente reivindicados, outros de segunda mão, e não destacados como tais¹⁸ (CAMPA, 1995, p. 392).

Realmente, o trabalho de Apollinaire não é totalmente inédito, por utilizar majoritariamente fontes de segunda mão, como artigos de outros autores do século XIX. Sua pesquisa em si é uma compilação desses outros trabalhos, mas isso não tira sua importância como obra inaugural sobre Sade no século XX, e também como meio para uma releitura da obra de Sade à luz da sociedade francesa de então.

1.1.2. Maurice Heine (1884-1940)

Maurice Heine foi um editor e escritor francês e um dos principais responsáveis pelo reaparecimento da obra de Sade na França. Formou-se médico por questões familiares, mas exerceu a profissão por pouco tempo. Logo após abandonar a carreira, parte para a Argélia e começa a trabalhar como correspondente para alguns jornais franceses, retornando à França somente em 1916. Após seu retorno, continua na carreira jornalística e inicia seus trabalhos como editor, atuando principalmente em revistas literárias e científicas. É a partir desse momento que entra em contato com Apollinaire e começa sua pesquisa a respeito da vida e obra de Sade (LELY, 2004, p. 684-685). Após a morte de Apollinaire, em 1918, Heine leva adiante seu projeto e se dedica a recuperar a vida e a obra de Sade. Funda, em 1924, a *Société du Roman philosophique*, organização idealizada por Apollinaire e por ele próprio, e que tinha a função de publicar somente obras raras e inéditas do Marquês de Sade. A Sociedade não visava lucro, e as publicações eram de luxo e fora de comércio, reservadas exclusivamente aos seus duzentos sócios (LELY, 2004, p. 683).

¹⁸ “*En critique consciencieux, Apollinaire utilise le travail de ses prédécesseurs. Il n'est pas un découvreur de Sade. On a progressivement, mais non sans ambiguïté, sorti le marquis de l'ombre au cours du XIXème siècle (6). Au tournant du siècle, les études les plus diverses se multiplient. D'ailleurs, l'étude du dossier de presse de L'Œuvre du Marquis de Sade montre qu'on était prêt en 1909 à accueillir l'édition d'Apollinaire : les comptes rendus sont, en grande majorité, positifs tant pour l'anthologie que pour Sade lui-même (7). Quiconque parcourt l'introduction d'Apollinaire remarque d'emblée le nombre et la longueur des citations, certaines originales et ouvertement revendiquées, d'autres de seconde main, et non soulignées comme telles*” (tradução nossa).

Em 1926, Heine publica as duas primeiras obras com o selo da Sociedade, *Dialogue entre un prêtre et un moribond* e *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Esse segundo livro passa por uma atualização ortográfica e de pontuação, além da adição de um prefácio, sendo republicada em 1927. Em 1930, Heine publica *Les infortunes de la vertu*. De 1931 a 1935, publica, em três volumes, *Les cent vingt journées de Sodome*, edição em que foi possível corrigir os diversos erros de transcrição e publicação feitos na edição publicada por Eugène Dühren em 1904 (HÉNAFF, 1979, p. 22).

Heine foi o primeiro pesquisador a realmente trabalhar na recuperação da obra completa de Sade e assim restabelecer toda a sua história de vida e suas obras. Realizou intensa pesquisa para reunir todos e quaisquer documentos que tivessem alguma relação com o Marquês, que estivessem depositados nos arquivos da *Bibliothèque de l’Arsenal* ou na *Bibliothèque nationale*. Heine morre em 1940 não tendo concluído seu objetivo de vida, o de recuperar e publicar a obra completa de Sade, mas deixou uma extensa pesquisa para seus sucessores. Após sua morte, Gilbert Lely, amigo e pupilo, reúne as notas e artigos de Heine em um livro publicado em 1950, intitulado *Le Marquis de Sade*. Foi graças às edições preparadas por Heine que uma geração de intelectuais pôde ler com mais propriedade a obra de Sade, e em razão disso, o papel de Heine na difusão da obra de Sade no século XX é de fundamental importância (TRAHAN, 2011, p. 64).

1.1.3. Gilbert Lely (1904-1985)

Pierre-Raphaël-Gilbert Lévy, mais conhecido como Gilbert Lely, foi poeta, crítico literário e tradutor francês. Lely é um dos maiores representantes da poesia surrealista do século XX, tendo grande circulação no meio dos poetas surrealistas franceses. A partir de 1933, torna-se colaborador de Heine, auxiliando-o no processo de pesquisa e publicação das obras de Sade na *Société du Roman philosophique*, sendo considerado o sucessor de Maurice Heine na pesquisa sobre a vida e a obra de Sade nos anos de 1930.

Dessa parceria, continua a pesquisar dados sobre Sade de modo a levantar importantes informações sobre o Marquês não contidas na biografia escrita por Heine lançada em 1950. Lança em 1952 a primeira versão de *Vie du Marquis de Sade*, na qual produz um levantamento cronológico de extrema riqueza documental sobre a vida do Marquês, como também um levantamento completo de suas obras. Essa biografia é considerada uma das mais completas e exatas sobre a vida e obra de Sade. Lely a manteve constantemente atualizada, e chega a uma versão definitiva em 1989. Outro grande feito de Lely foi a edição das *Œuvres complètes du*

Marquis de Sade, coleção em 15 volumes contendo toda as obras de Sade recuperadas por Heine e Lely e lançada primeiramente, em 1962, pelo *Cercle du Livre Précieux*, e posteriormente passada para a tutela de Jean-Jacques Pauvert, nas Edições Pauvert.

1.1.4. Jean-Jacques Pauvert (1926-2014)

Jean-Albert Pauvert (1926-2014), mais conhecido como Jean-Jacques Pauvert, foi um editor e escritor francês fundador da editora Pauvert. Pauvert começou sua carreira como vendedor na Livraria Gallimard, em 1942, onde conheceu vários autores da N.R.F (*Nouvelle Revue Française*) e grandes nomes do movimento surrealista. É nesse período que entra em contato com a obra de Georges Bataille (1897-1962) e com a primeira edição de *Les 120 Journées de Sodome*, publicada pela *Société du roman philosophique*. Em 1945, funda a *Éditions du Palimugre* e, em 1947, publica sua primeira obra de Sade, *Histoire de Juliette*. Pauvert foi o primeiro editor a publicar uma obra de Sade com o seu nome na posição de editor, uma vez que até mesmo Maurice Heine e Gilbert Lely, que publicaram obras de Sade antes dele, indicavam que estas eram publicadas sob a responsabilidade da *Société du roman philosophique*. Em 1947, Pauvert dá início ao projeto ambicioso de edição das obras completas de Sade, projeto que seria concretizado com o auxílio de Gilbert Lely.

Em 1956, Pauvert respondeu a um processo na Justiça francesa por atentado contra a moral devido às publicações das obras de Sade, consideradas imorais para a sociedade da época. Segundo Eliane Robert Moraes (2006), o ponto de partida dessa acusação foi um parecer da *Commission du Livre*, emitido em 1955, qualificando as obras publicadas por Pauvert como sendo “perigosas”, e como tal, um risco para a sociedade por descreverem, como citado no processo, “cenas de orgia, crueldades as mais repugnantes e perversões as mais diversas, contendo intrinsecamente um fermento detestável e condenável aos bons costumes” (MORAES, 2011, p. 149). Pauvert foi condenado em Primeira Instância, multado e obrigado a destruir os livros referidos no processo. Maurice Garçon comenta, em *L’Affaire Sade* (1963, p. 9), que as obras mencionadas nesse processo foram: *La Philosophie dans le Boudoir*, *La Nouvelle Justine*, *Juliette* e *Les 120 Journées de Sodome*. Por sorte, a promotoria responsável pelo processo considerou que a obra de Sade seria recomendada unicamente para “fins intelectuais e por indivíduos com preparo suficiente”. Pauvert é beneficiado por um recurso. Como parte de sua defesa no processo, convoca para depor em seu favor os renomados escritores franceses André Breton, Jean Cocteau, Jean Paulhan e Georges Bataille, que

confirmam a importância da obra sadiana para o conhecimento mais profundo da condição humana, como mencionado por Moraes (2011, p. 150).

A última grande contribuição de Pauvert para a sobrevivência da obra de Sade foi a publicação de *Sade vivant* (1986-1990), biografia de sua autoria, publicada originalmente em três volumes e que se tornou uma das grandes referências sobre a vida do controverso escritor francês.

1.2. SADE NO BRASIL – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO¹⁹

Analisando a partir da perspectiva de que as publicações de Sade no Brasil em relação ao período em que o autor viveu, e ao período em que suas obras foram publicadas em vida no século XVIII e XIX, sim, podemos considerar que o surgimento das obras de Sade no Brasil começou tardiamente, mas devemos nos atentar ao movimento editorial no Brasil nesse mesmo período, como comentado por Paes (1990):

A impressão de jornais e livros só se tornaria possível após a vinda de D. João VI para cá, quando o Brasil finalmente se abre para o mundo, inclusive o mundo das ideias. Em 1808 fundou-se no Rio a Imprensa Régia, a nossa primeira tipografia, já que as tentativas anteriores de aqui instalar prelos haviam sido severamente coibidas pelo governo colonial. Dois anos depois de sua fundação, a Imprensa Régia imprimia um livro traduzido pelo conde de Aguiar, o Ensaio sobre a crítica, do poeta inglês Alexander Pope; aliás, em 1809 criara-se na Academia Militar do Rio uma cadeira de inglês, iniciativa decididamente pioneira, porquanto o ensino de línguas modernas não constava no currículo dos colégios jesuítas: neles, em matéria de idiomas estrangeiros, só se ministravam o latim e o grego (PAES, 1990, p. 13).

Como assegurado por Paes (1990), as publicações e as traduções de textos europeus no Brasil ficaram impossibilitadas por muitos anos, tornando-se possíveis somente a partir do século XIX, período no qual até mesmo as obras de Sade não circulavam com tanta pungência na França, por meio de edições clandestinas devido a censura imposta por Napoleão I²⁰ e também pela inclusão de Sade e de duas obras suas, *Justine ou les Malheurs de la vertu* (1791)²²

¹⁹ O levantamento bibliográfico das obras de Sade no Brasil apresentado aqui foi iniciado e apresentado pela primeira vez em *As traduções do Marquês de Sade no Brasil e o caso de Historiettes, Contes et Fabliaux*. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11585/1/2015_RodrigoD'AvilaBragaSilva.pdf>.

²⁰ Consultar: <<http://www.magazine-litteraire.com/mensuel/536/disparition-editeur-jean-jacques-pauvert-02-10-2014-86466>>. Acesso em: 15 maio 2016.

²¹ HARRISON (2015).

²² Consultar < http://search.beaconforfreedom.org/search/censored_publications/publication.html?id=9800661 > Acesso em: 20 de maio de 2016

e *Juliette* (1798)²³ a partir de 1791 até 1962 no *Index Librorum Prohibitorum*²⁴, obra editada pela Santa Sé a partir de 1559 até 1966, onde se incluíam todos os livros e autores que iam contra as ideias pregadas pelo Vaticano.

As primeiras obras de Sade traduzidas e publicadas oficialmente no Brasil datam dos anos de 1960, com a publicação da obra compósita *Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir* (1961), lançada pela Difusão Européia do Livro, Difel, de São Paulo. Dessa forma, podemos perceber que o movimento de tradução e de publicação de Sade no Brasil coincide com o período de recuperação e republicação de Sade na França pelas mãos de Maurice Heine, Gilbert Lely e Jean-Jacques Pauvert, como se pode verificar na Tabela 4:

Tabela 4 - Tabela comparativa do período de publicação das obras no Brasil e na França

Novelas do Marquês de Sade e um Estudo de Simone de Beauvoir (Editora difusão Europeia do Livro, 1961)			
Título	Edição	Data da publicação do original na França	Data da primeira publicação no século XX na França
<i>Dialogue entre un prêtre et un moribond</i>	<i>Société du roman philosophique</i>	1926	1926
<i>Augustine de Villeblanche, ou le stratagème de l'Amour</i>	<i>Société du roman philosophique in Historiettes, Contes et Fabliaux</i>	1926	1926
<i>Eugénie de Franval</i>	Editor Massé in <i>Les Crimes de l'amour, Nouvelles héroïques et tragiques</i>	1800	1935 (Data da edição utilizada para tradução no livro <i>Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir</i> , 1961, p. 285)
<i>Miss Henriette Stralson, ou les Effets du désespoir</i>	Bibliothèque des Curieux in <i>Œuvre du Marquis de Sade</i>	1909	
<i>Florville et Courval, ou le Fatalisme</i>	Editor Massé in <i>Les Crimes de l'amour, Nouvelles héroïques et tragiques</i>	1800	
<i>Ernestine, nouvelle suédoise</i>	Editor Massé in <i>Les Crimes de l'amour, Nouvelles héroïques et tragiques</i>	1800	

Como demonstrado acima, o período entre a publicação das obras de Sade na França e a tradução e publicação no Brasil durante o século XX não são tão distantes, e como citado em

²³ Consultar < http://search.beaconforfreedom.org/search/censored_publications/publication.html?id=9800662 > Acesso em: 20 de maio de 2016

²⁴ Consultar <<http://legacy.fordham.edu/halsall/mod/indexlibrorum.asp>>. Acesso em: 14 de maio de 2016

nota bibliográfica na edição de *Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir* (1961, p. 285), as edições consultadas para a tradução são datadas de 1935²⁵ e 1956.

Figura 2 - Nota bibliográfica de *Novelas do Marquês de Sade e um Estudo de Simone de Beauvoir*, 1961, p. 285

NOTA BIBLIOGRÁFICA

- * *Dialogue entre un prêtre et un moribond* é, de todas as obras literárias de Sade, a mais antigamente datada (12 de julho de 1782). Em 1935, o editor J. J. Pauvert lançou em Paris uma "plaquette" do texto.
- * As novelas *Eugénie de Franval*, *Miss Henriette Stralson*, *Florville et Courval* e *Ernestina*, foram extraídas e traduzidas da obra *Les crimes de l'amour*, cuja primeira edição foi lançada em Paris pelo editor Massé no ano VIII da Revolução (1800-01), e a última, na mesma cidade, em 1935, pelo editor J. J. Pauvert.
- * *Augustine de Villeblanche* foi traduzida da antologia *Les vingt meilleures nouvelles françaises*, lançada em Paris em 1956 pelo editor Pierre Seghers.
- * O ensaio de Simone de Beauvoir, *Faut-il brûler Sade?*, foi extraído e traduzido da 12.^a edição de seu livro de ensaios *Privilèges*, lançado em Paris pela Gallimard em 1935.

Nesse levantamento bibliográfico das traduções das obras de Sade no Brasil, consideraremos somente as obras em língua portuguesa publicadas no Brasil e nas quais o nome de Sade aparece na capa como autor, recuperando, assim, o trabalho dos tradutores brasileiros em expandir as fronteiras do sistema literário. Levaremos em conta, também, as alterações dessas obras em suas reedições e os tradutores envolvidos em seu processo. Apresentaremos nos subtópicos a seguir, em ordem cronológica, as obras de Sade traduzidas no Brasil. Buscaremos expor as reedições publicadas à mesma época conjuntamente, motivo pelo qual poderão ser apresentados dados referentes às obras traduzidas de Sade em diferentes momentos do levantamento.

1.2.1. *Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir*

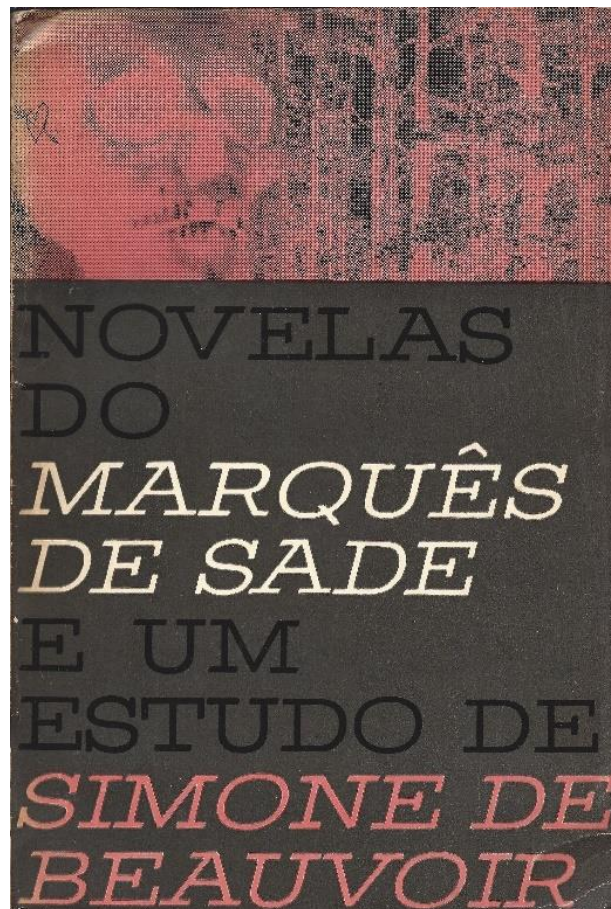
Como mencionado anteriormente, a edição que inaugura a publicação de Sade no Brasil em português do Brasil é a edição de *Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir* (1961), publicada pela editora Difusão Européia do Livro, Difel, de São Paulo. Nessa edição, Sade é apresentado ao público brasileiro por meio de textos críticos que apresentam a

²⁵ Creio que houve um erro tipográfico na redação das datas das edições utilizadas para essa tradução, pois o texto de Beauvoir data de 1955, e as edições de *Les Crimes de l'Amour* e *Dialogue entre un prêtre et un moribond* são na verdade de 1955.

complexidade de sua obra. Há nas orelhas dessa edição uma análise crítica da vida e da obra de Sade escritas por Lívio Xavier, e na introdução, Jamil Almansur Haddad (1914-1988), importante crítico literário, escritor e tradutor brasileiro, contextualiza Sade no sistema literário brasileiro e o compara a alguns autores nacionais. A obra segue com o famoso ensaio de Simone de Beauvoir, *Deve-se queimar Sade?*, que, além de ser uma autora bastante conhecida no cenário brasileiro da época, também trazia em seu ensaio uma leitura contemporânea e crítica do texto de Sade, mostrando, assim, o lado filosófico de sua obra, reabilitando-o, assim, dentro do século XX.

A editora reúne nessa obra uma seleção de seis textos de Sade, e as traduções, tanto do ensaio de Beauvoir como dos textos de Sade, ficam a cargo de Augusto de Sousa, exceto pelo texto de *Dialogue entre un prêtre et un moribond*, que é traduzido por Fernando Correia da Silva. Trata-se de uma edição visualmente simples, mas bastante rica em textos de acompanhamento introduzindo Sade ao público brasileiro (Figura 2).

Figura 3 - *Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir*, Difusão Européia do Livro, 1961



1.2.2. *Justine ou os infortúnios da virtude*

Após seis anos sem novas traduções de Sade, surge a tradução de *Justine ou os infortúnios da virtude*, publicada em 1967 pela editora Saga, do Rio de Janeiro, com tradução de D. Accioly, e com grande destaque na capa para o prefácio assinado pelo crítico literário Otto Maria Carpeaux. Nesse prefácio, Carpeaux comenta a imagem que as pessoas comuns têm de Sade e de sua obra, e como esta foi sendo comercializada clandestinamente devido à censura. Carpeaux também apresenta uma breve biografia do autor com algumas das suas principais obras, mas deixa bem claro que sua admiração e simpatia pela obra de Sade são bem limitadas, mas reconhece, porém, a sua importância histórica, seu posicionamento religioso e filosófico, bem como também o fato de seu nome ter gerado o termo *sadismo*. Carpeaux reforça ainda o fato de Sade ser fruto de uma família de aristocratas, e que isso colaborou para a sua relação de desprezo com o próximo e como o seu ideário é tão próximo da sociedade moderna.

A segunda edição de 1968 conta ainda com uma “Nota à segunda edição”, na qual se comenta a existência das três versões de *Justine* escritas por Sade (*Os infortúnios da virtude*; *Justine ou as infelicidades da virtude*; *A nova Justine*) e se esclarece qual obra está sendo apresentada nessa edição, que no caso, o texto de partida para essa tradução foi o de *Os Infortúnios da virtude*, nessa nota também é comentada a escolha do título final da obra traduzida.

Figura 4 - *Justine ou os infortúnios da virtude*, Saga, 1967

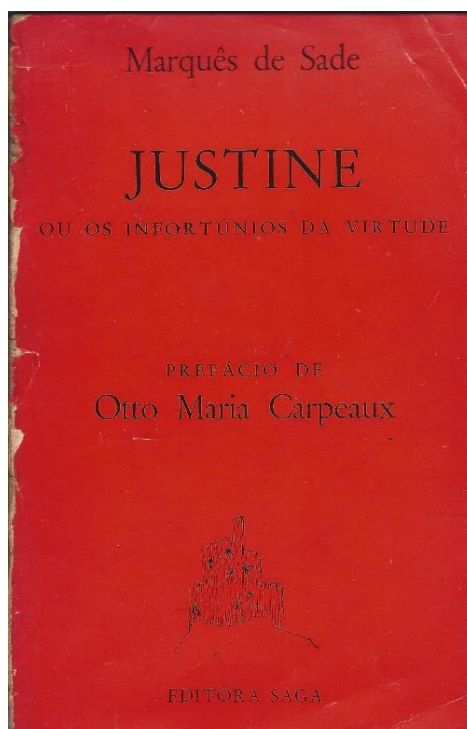
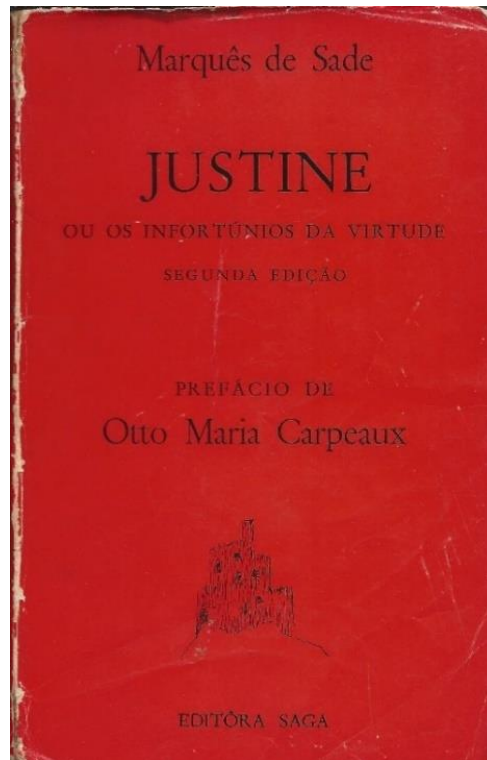


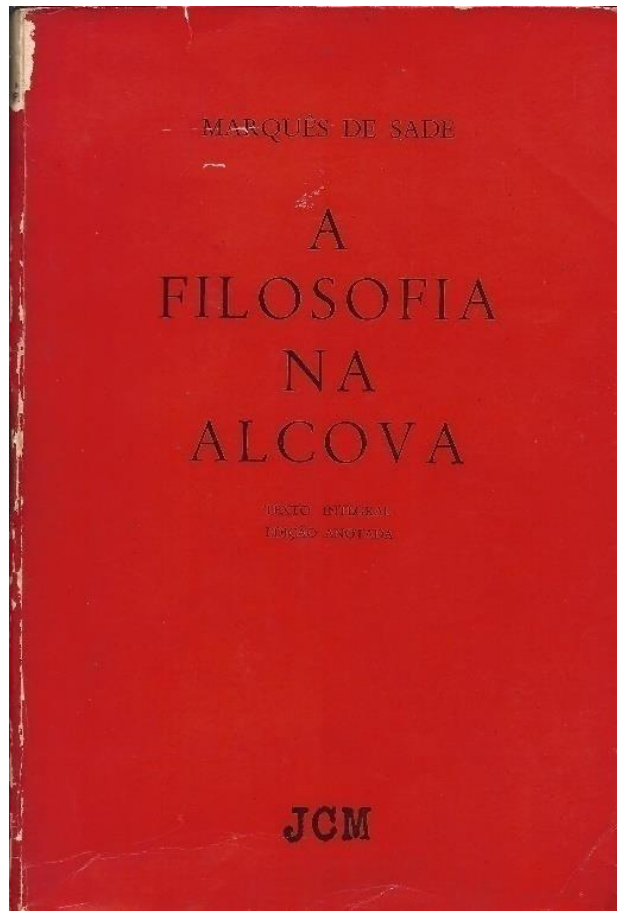
Figura 5 - *Justine ou os infortúnios da virtude*, 2ª Edição, Saga, 1967



1.2.3. *A filosofia na alcova* – publicações na década de 1960

Em 1968, a JCM Editôres, do Rio de Janeiro, lança a primeira tradução de *A filosofia na alcova*, com tradução de Martha A. Haecker. Na capa dessa edição, podemos ler os dizeres “Texto integral” e “Edição anotada”; nas orelhas temos uma breve biografia de Sade, com ênfase nas suas diversas prisões. Essa edição conta com uma “Nota dos editores”, em que se faz um levantamento de textos de vários comentadores da obra de Sade. A apresentação inicial do texto é feita por uma citação de André Pieyre de Mandiargues (1909-1991), escritor surrealista francês, de seu prefácio de *Histoire de Juliette* (1967), em que enaltece *A filosofia na Alcova* como sendo uma das melhores obras de Sade. Em seguida, há uma breve apresentação da obra e de seus personagens citando as pesquisas feitas por Apollinaire (*L'œuvre du Marquis de Sade*, 1909) e Simone de Beauvoir (*Faut-il brûler Sade?*, 1955) e a contribuição de Sade para o campo da Psicanálise com o termo *sadismo*. A nota encerra-se citando o nome de todos os intelectuais à época envolvidos com esse trabalho de enaltecimento da figura de Sade para o público do século XX.

Figura 6 - *A Filosofia na alcova*, JCM, 1968.



Também em 1968, surge mais uma publicação de *A filosofia na alcova*, desta vez publicada pela Coordenada Editora de Brasília (normalmente encontramos referências a essa editora somente como editora *Coordenada* ou como editora *Brasília*). Essa edição conta com uma introdução de Aguinaldo Silva, dramaturgo, escritor, jornalista e telenovelistas brasileiro, intitulada “Sade: a solidão pública”. Nas orelhas dessa edição, a editora comenta seu percurso, e diz que *A filosofia na alcova* é sua obra inaugural no mercado editorial brasileiro. Na edição consultada tivemos ainda a sorte de encontrar o aviso original que era inserido avulsamente na obra, que instruía os livreiros a advertirem seus compradores do fato de a obra não ser indicada para menores. Ao lado dessa advertência a editora inclui o aviso do seu próximo lançamento, *A vênus castigada*, de Leopold Von Sacher Masoch (Figura 8).

Figura 7 - *A filosofia na alcova*, Coordenada Editora de Brasília, 1968

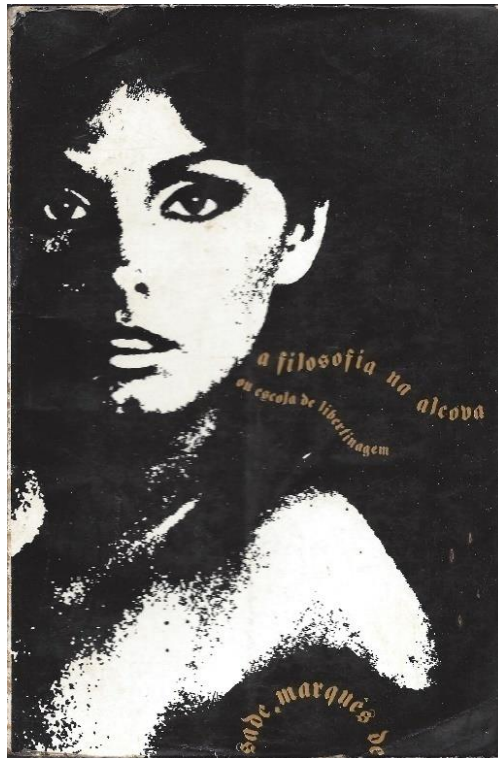
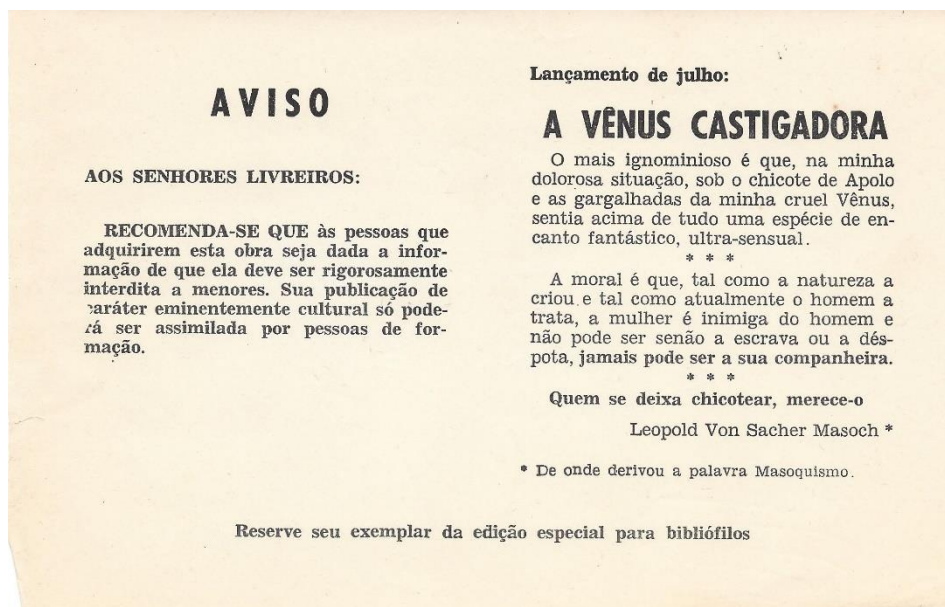


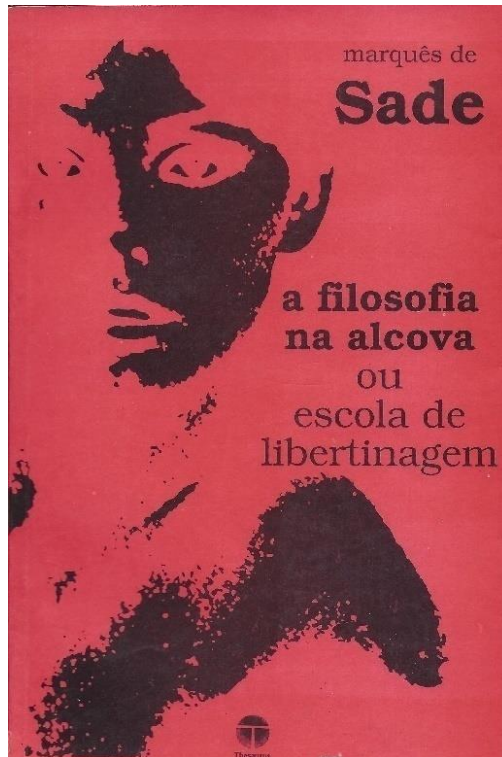
Figura 8 - Aviso que acompanha a edição de 1968 de *A filosofia na alcova*, Coordenada Editôra de Brasília, 1968



Essa tradução de Aloísio Costa de 1968 é reeditada pela editora Thesaurus, de Brasília, não tendo a data informada, agora com revisão de Aguinaldo Silva. Nela consta a mesma introdução da edição de 1968, cuja diferença fica por conta das orelhas e da contracapa, que, em vez de apresentarem a editora e a obra em questão, incluem um excerto da Introdução de

Aguinaldo Silva. Por meio de troca de e-mails com o editor da editora Thesaurus, na tentativa de descobrir a data de publicação da edição d'*A filosofia na alcova*, nos foi informado que a antiga Editora Coordenada de Brasília é a atual Thesaurus Editora e que se acredita que a edição é de 1991²⁶.

Figura 9 - *A filosofia na alcova*, editora Thesaurus, 1990~1995



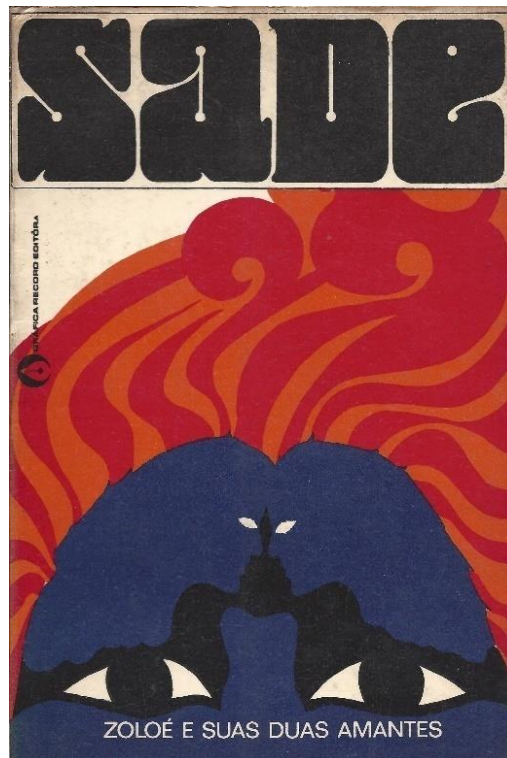
1.2.4. *Zoloé e seus dois amantes*

Em 1968, *Zoloé e seus dois amantes* foi publicada pela Gráfica Record Editora, do Rio de Janeiro, com tradução de Maria José Fialho Londres e Introdução intitulada o “Monumento de Estocolmo”, de Nataniel Dantas, pseudônimo do escritor brasileiro Osmar Marcelino Fortes (OLIVEIRA, 2014, p. 54). Logo após a Introdução, a obra traz um texto não assinado intitulado *O livrete*. O processo de escrita desse texto de Sade é comentado nas orelhas e na contracapa. Sade é apresentado ao público pela imagem do aristocrata libertino, mas também ressalta-se a importância de estudá-lo melhor e de conceder seu lugar de direito na Literatura, lugar este que lhe foi negado durante anos devido à censura de suas obras.

²⁶ Data aproximada informada pela editora.

De qualquer forma, mesmo que os paratextos a declarem uma obra sadiana, *Zoloé* não é uma obra de autoria de Sade, como afirma Lely (2004, p. 590-592). Inicialmente, até o próprio Lely acreditava na possibilidade dessa obra ser de autoria de Sade, mas após análises e estudos sobre esse texto, Lely pôde afirmar que ela não é de autoria do Marquês, devido, principalmente, ao seu estilo de escrita.

Figura 10 - *Zoloé e seus dois amantes*, Editora Record, 1968

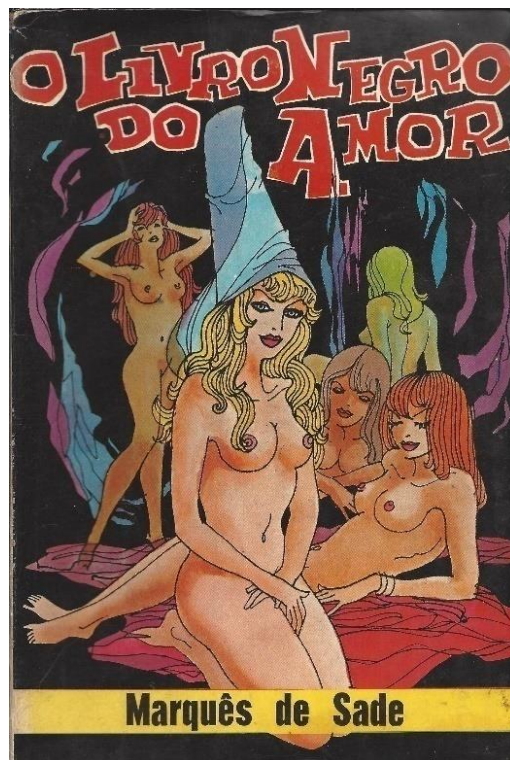


1.2.5. *O livro negro do amor ou a sensualidade ao alcance de todos*

Em 1969, a editora Hemus, de São Paulo, publica *O livro negro do amor ou a sensualidade ao alcance de todos*. Em sua ficha catalográfica, há a indicação do título do texto de partida em francês, *Le livre noir de l'amour*, porém não é informado o tradutor da obra traduzida para o português do Brasil. O livro é composto por um total de 43 textos, dos quais não conseguimos achar quaisquer referências às obras citadas no *Répertoire des éditions originales du Marquis de Sade* em Lely (2004). Não existe sequer qualquer referência a essa obra, a não ser a edição da editora Hemus. Peixoto (1979) comenta a respeito da obra *Zoloé* e de *O livro negro do amor*:

Cumpra ainda mencionar dois casos *estranhos* [,] existe no Brasil uma edição de *Zoloé* e *Suas duas amantes*, do Marquês de Sade (Gráfica Record Editora, Rio, 1968) e hoje está aceito quase que unanimemente que esta novela, durante algum tempo atribuída ao Marquês, não foi realmente escrita por ele. Mas muitos caíram nesta, inclusive Lely, que depois de algum tempo, e depois de um estudo profundo da obra, esclareceu a questão, ao que tudo indica, de forma decisiva. É imperdoável que a editora, mesmo que defenda, quase que sozinha, a tese de autoria de Sade, não tenha ao menos mencionado o debate em torno do problema, nas inúmeras e confusas páginas que formam a introdução, cronologia, bibliografia, etc., que ocupam metade do volume. Mais grave é o misterioso *O livro negro do amor*, do Marquês de Sade (Hemus – Livraria e Editora, S. Paulo, 1969 – segundo a editora o título original é *Le Livre Noir de L'amour* e não há nome de nenhum tradutor no livro), coletânea de mais de quarenta estórias e contos que não constam de nenhuma lista de obras completas de Sade, nem publicadas, nem queimadas ou destruídas, nem mencionadas pelo autor em seus catálogos e papéis pessoais, nem nas listas de manuscritos em posse de bibliotecas oficiais ou coleções particulares... (PEIXOTO, 1979, p. 268).

Figura 11 - *O livro negro do amor*, Editora Hemus, 1969

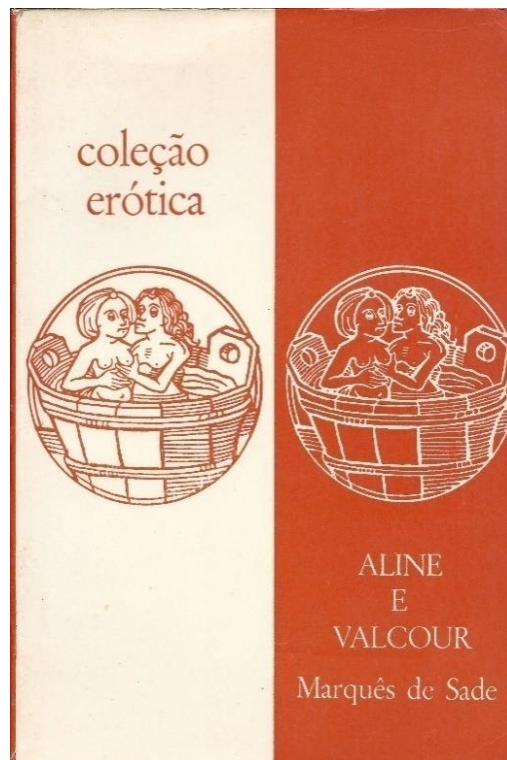


1.2.6. *Aline e Valcour*

Em 1969, a editora José Álvaro, do Rio de Janeiro, publica *Aline e Valcour*, com destaque na capa para a inserção da obra na coleção “Erótica”. A tradução ficou a cargo de Rubem Rocha Filho. Essa edição contém uma apresentação de Aldomar Conrado, em que apresenta a obra em seu contexto histórico, as opiniões de alguns grandes autores e críticos e um curto resumo da obra. Ao ler a primeira orelha e a folha de rosto dessa edição de *Aline e*

Valcour, o leitor compreende que se trata da primeira parte da obra e que a editora havia planejado lançar esse romance em três partes. Os outros dois volumes de *Aline e Valcour* nunca chegaram a ser lançados. A segunda orelha apresenta as outras obras já publicadas nessa coleção.

Figura 12 - *Aline e Valcour*, José Álvaro Editor, 1969



1.2.7. *Os 120 dias de Sodoma*

A editora Hemus de São Paulo publica, em 1969, *Os 120 dias de Sodoma*, com tradução de João M. P. de Albuquerque. Na capa pode-se ler um anúncio com uma frase de Simone de Beauvoir: “Uma obra interrogativa sobre os atrativos sexuais da fealdade”; essa frase é repetida como epígrafe em uma folha logo após a folha de rosto. A edição possui uma apresentação, provavelmente de autoria do editor, onde é relatada a história da escrita de *Os 120 dias de Sodoma* e os percalços de seu manuscrito até sua chegada às mãos de Maurice Heine, exaltando, no final, os comentários de Lely e Heine ao considerarem *Les 120 journées de Sodome* como sendo a obra-prima de Sade. As orelhas do livro são de Max Behar, nas quais faz um curto levantamento sobre literatura erótica e apresenta *Os 120 dias de Sodoma* totalmente fora de seu contexto filosófico. Na contracapa, temos três citações, uma de Simone de Beauvoir,

uma do artista, escritor e tradutor francês Pierre Klossowski e uma do Marquês de Sade. As três citações descontextualizadas com as suas versões completas apresentam um Sade quase que exclusivamente sexual. No mesmo ano a editora lança uma segunda edição da obra, alterando somente a cor da capa.

Figura 13 - *Os 120 dias de Sodoma*, 1ª Edição, Hemus, 1969

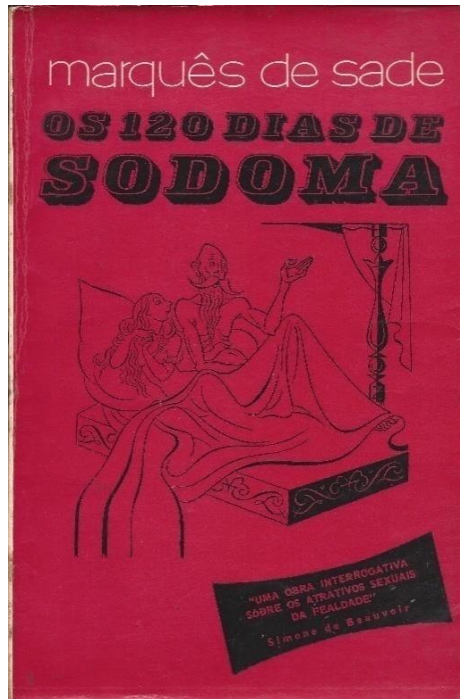
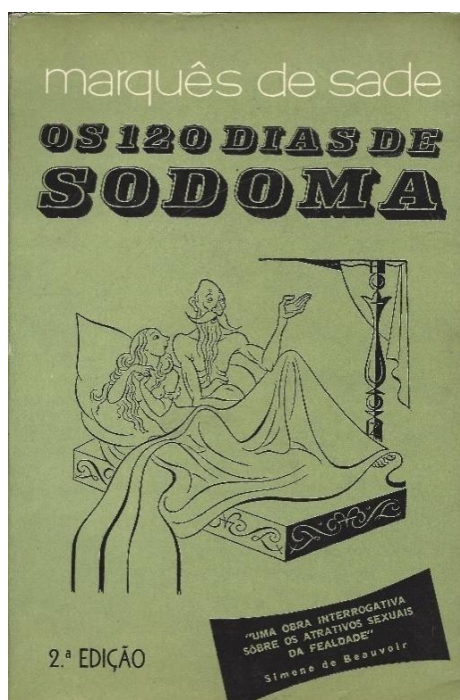
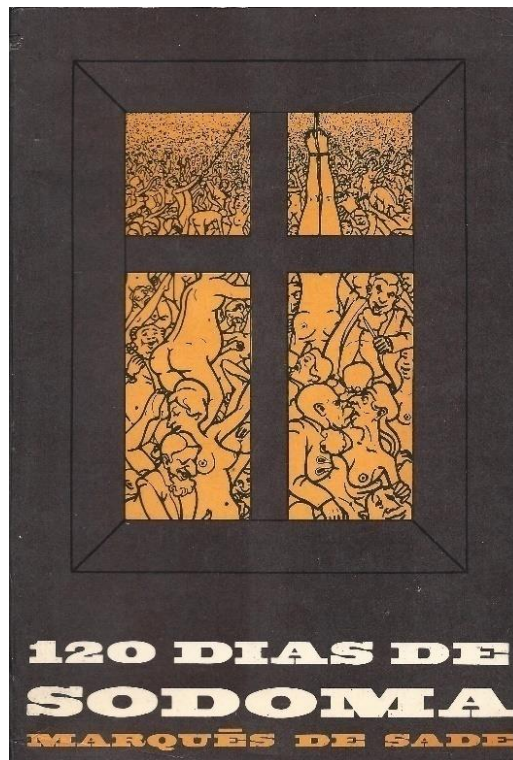


Figura 14 - *Os 120 dias de Sodoma*, 2ª Edição, Hemus, 1969



Ainda em 1969, aparece outra tradução de *Os 120 dias de Sodoma*, publicada pela Coordenada Editora de Brasília, com tradução de Regis Ricardo. A edição conta com uma nota do tradutor e quatro prefácios. O primeiro prefácio é de Aguinaldo Silva, intitulado “Sade: à mão direita de Deus-Pai”; o segundo é de autoria do Dr. A. Hesnard, intitulado “Reflexões sexológicas sobre os *120 dias de Sodoma*”; o terceiro, “Do sado-masiquismo às filosofias da ambivalência”, de Henri Pastoreau; e o último prefácio, de autoria de Maurice Heine, sob o título “Prefácio da edição de 1931”. As orelhas dessa edição apresentam uma minibiografia cronológica de Sade, passando por seu processo de redescoberta e de sua obra no início do século XX.

Figura 15 - *120 dias de Sodoma*, Coordenada Editora de Brasília, 1969

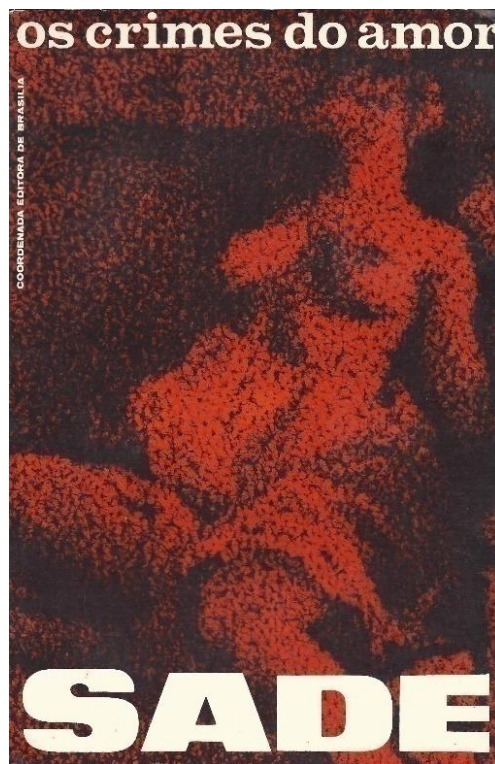


1.2.8. *Os crimes do amor*

No início da década de 1970, a editora Coordenada publica mais uma obra de Sade, *Os crimes do amor*. Com tradução de Regina Richard e Lino Tavares, essa obra ainda conta com uma introdução de Gilbert Lely. Essa tradução apresenta somente três textos da complicação original de *Les Crimes de l'amour*. O colofão da obra deixa claro que a tradução da Introdução e dos contos *Faxelange* e *Florville* ficaram a cargo de Regina Richard, que também escreve

uma apresentação de suas traduções, e que Lino Tavares foi o responsável pela tradução de *Eugénie de Franval*. Nas orelhas, a editora comenta a história da obra e apresenta alguns comentários de Lely, além de um curto resumo dos contos presentes na obra; ao final da segunda orelha, a editora ainda comenta sobre seu projeto da coleção “Obras Seleccionadas”, sendo *Os crimes do amor* seu número três. Ao final do livro, em sua última página, encontramos uma lista das obras eróticas publicadas pela editora Coordenada. Na contracapa, há um comentário de Lely a respeito dos textos presentes na coletânea *Os crimes do amor*.

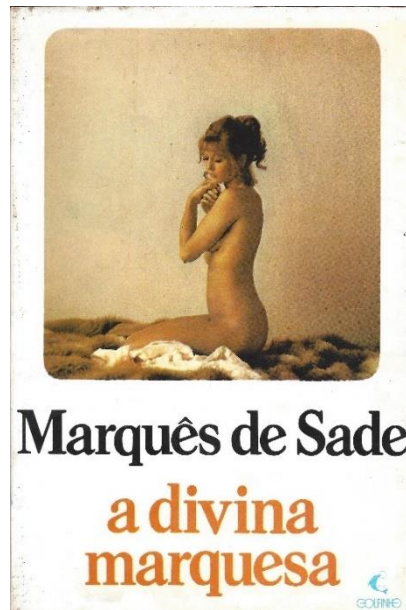
Figura 16 - *Os crimes do amor*, Coordenada Editôra de Brasília, 1970



1.2.9. *A divina Marquesa*

Em 1975, a editora Golfinho de São Paulo publica *A divina Marquesa*, com tradução de Aluísio F. Ciano. Na folha de rosto dessa edição é informado o título do original grafado de forma errada, “LA MARQUES DE GANGE”, sendo que o título correto é *La marquise de Gange*. A contracapa apresenta um trecho do texto, e as orelhas contêm uma curta apresentação da obra.

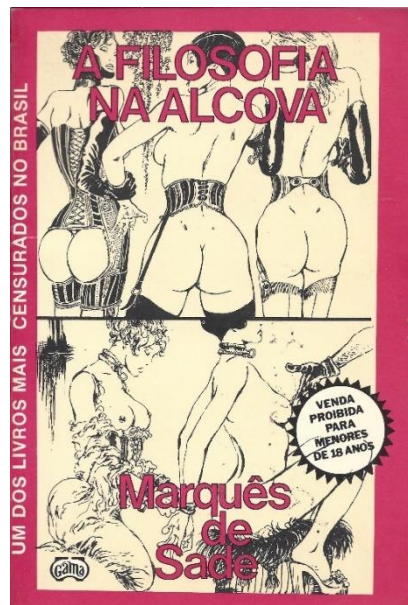
Figura 17 - *A divina marquesa*, Editora Golfinho, 1975



1.2.10. *A filosofia na alcova* – década de 1980

Já nos anos de 1980, a editora Gama (uma divisão da Global Editora e Distribuidora) publica *A filosofia na alcova*; a tradução dessa edição é conferida a R.G. A capa, com ilustrações de Carlos Clémen, reforça o conteúdo erótico da obra e ainda cria uma advertência ao “consumo” da obra. Pode-se perceber, logo na capa, a incitação à curiosidade do leitor ao informar ser este um dos livros mais censurados no Brasil. A contracapa da edição é utilizada somente para publicidade das outras publicações da editora.

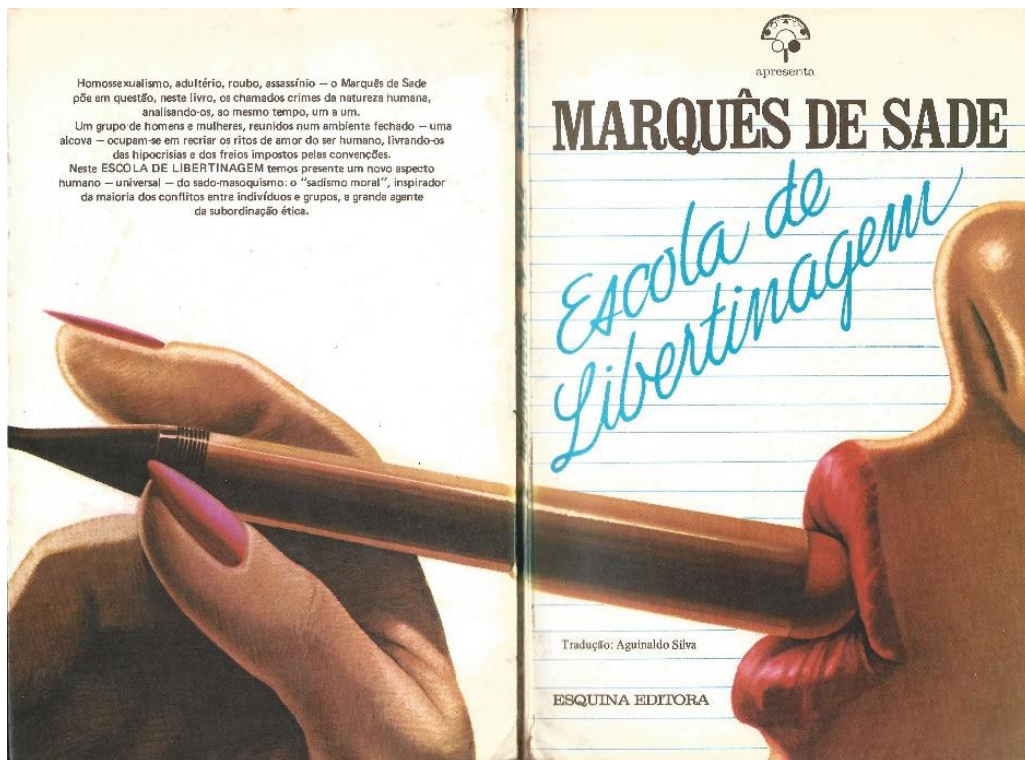
Figura 18 - *A filosofia na alcova*, Editora Gama, 1980



1.2.11. *Escola de libertinagem*

Em 1980, a Esquina Editora, do Rio de Janeiro, publica a *Escola de libertinagem*, com tradução de Aguinaldo Silva. O conteúdo da obra em questão é o texto de *A filosofia na alcova* (*La Philosophie dans le boudoir ou Les instituteurs immoraux*), mas a editora optou por publicar o livro com o subtítulo de outra obra de Sade, *Les Cent Vingt Journées de Sodome, ou l'École du libertinage*. As orelhas dessa edição trazem uma apresentação do texto de *Escola de libertinagem*, exaltando seu forte conteúdo sexual e filosófico por meio de citações de Aguinaldo Silva, Antoine Hesnard, Maurice Heine e Henri Pastoreau.

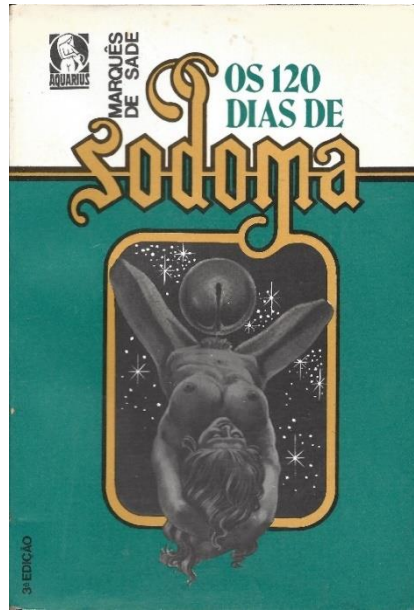
Figura 19 - *Escola de libertinagem*, Editora Esquina, 1980



1.2.12. *Os 120 dias de Sodoma* – 1980

A editora Aquarius de São Paulo publica, em 1980, *Os 120 dias de Sodoma*, com tradução de João M. P. de Albuquerque, trata-se na verdade de uma reedição da tradução publicada em 1969 pela editora Hemus. Na capa pode-se ver no canto inferior esquerdo a indicação “3ª edição”. Esta edição apresenta o mesmo conteúdo da edição da Hemus. As orelhas dessa reedição não contêm nenhum texto e na quarta capa temos os mesmos textos da edição de 1969, exceto pela retirada do texto de Pierre Klossowski.

Figura 20 - *Os 120 dias de Sodoma*, Aquarius, 1980



1.2.13. *O marido complacente*

Em 1985, a editora LP&M de Porto Alegre lança, em sua coleção “Rebeldes & Malditos”, o livro *O marido complacente*, com tradução de Paulo Hecker Filho. Essa obra foi reeditada diversas vezes pela editora com alterações de forma e capa. Em 2012, a editora LP&M publica *O corno de si mesmo e outras historietas*, que trata de uma seleção feita sobre a obra *O marido complacente*, de 1985, revisada e inserida na coleção “64 páginas”. Comentaremos mais a respeito dessas edições no Capítulo 2.

Figura 21 - *O Marido Complacente*, LP&M Editores, 1985



Figura 22 - *O Marido Complacente*, LP&M, 2002



Figura 23 - *O Marido Complacente*, LP&M, 2008

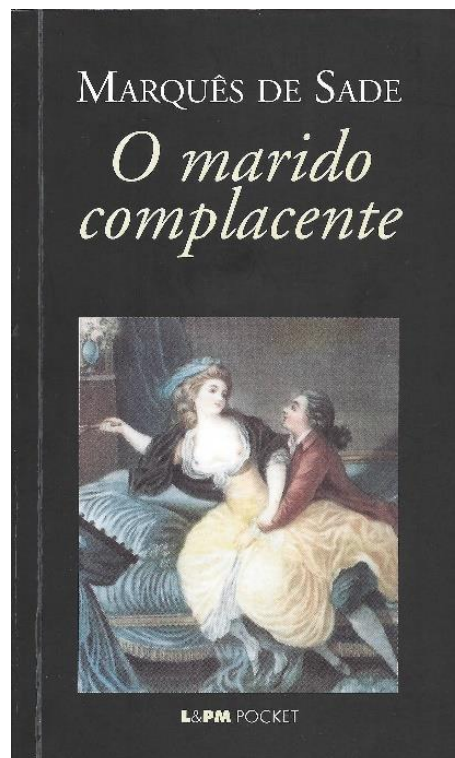
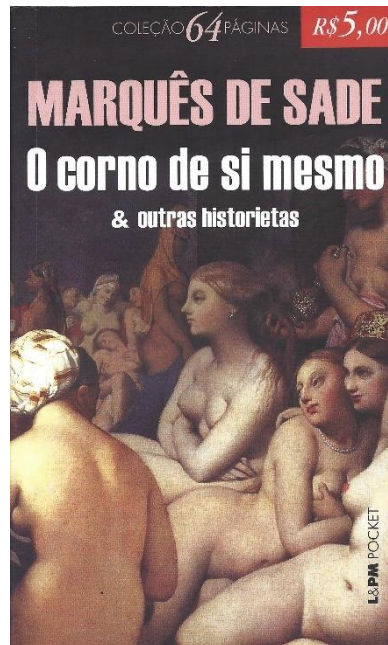


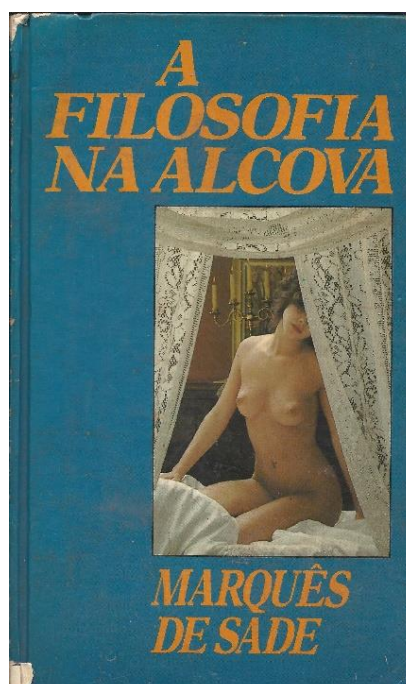
Figura 24 - *O corno de si mesmo & outras historietas*, LP&M, 2012



1.2.14. *A filosofia na alcova* – final da década de 1980

Em 1988, a editora Círculo do Livro, de São Paulo, publica uma nova tradução de *A filosofia na alcova*, realizada por Mary Amazonas Leite de Barros. A edição de capa dura conta somente com um posfácio intitulado “O AUTOR E SUA OBRA”, em que é apresentada uma breve biografia de Sade com a citação de algumas de suas principais obras.

Figura 25 - *A filosofia na alcova*, Editora Círculo do Livro, 1988



1.2.15. *Ciranda dos libertinos*

A editora Max Limonad, de São Paulo, publica, em 1988, *Ciranda dos libertinos*, com organização, tradução e posfácio de Luís Augusto Contador Borges. Nesse livro, Contador Borges elege textos de várias obras de Sade de modo a construir uma seleção sobre o pensamento filosófico sadiano apoiado em seus principais personagens. A edição traz uma nota introdutória de Contador Borges, na qual esclarece o processo de construção dessa coletânea de textos traduzidos para que o leitor desavisado saiba que não se trata de um único livro. As orelhas contêm informações sobre os lançamentos da editora, e a contracapa apresenta um pequeno trecho de um dos textos que compõe a coleção.

A obra é reeditada em 1991 pela editora Círculo do Livro com a mesma compilação de textos da edição de 1988 e acrescenta um posfácio intitulado “O AUTOR E SUA OBRA”, mesmo texto da edição de *A filosofia na alcova*, editada pela Círculo do Livro em 1988 (Figura 25).

Figura 26 - *Ciranda dos libertinos*. Editora Max Limonad, 1988

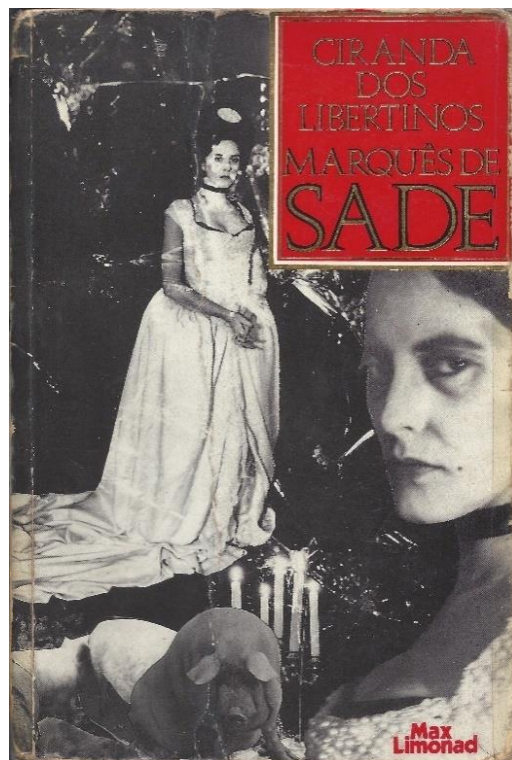
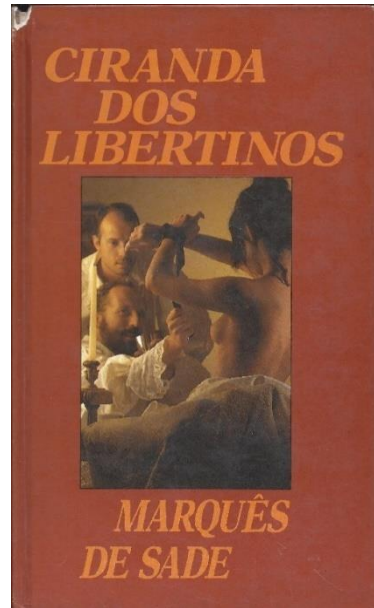


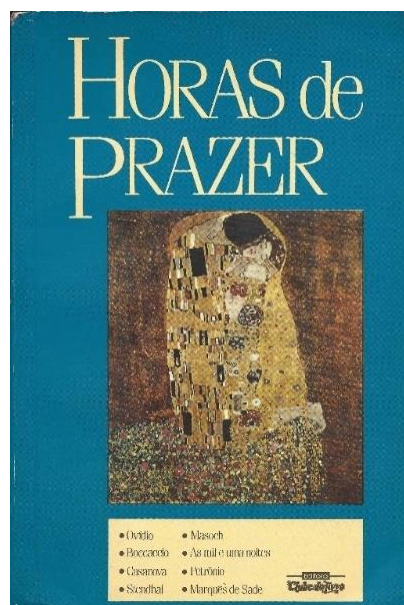
Figura 27 - *Ciranda dos libertinos*. Editora Círculo do Livro, 1991



1.2.16. *Os 120 dias de Sodoma*

Ainda em 1988, a editora Clube do Livro publica a primeira parte de *Os 120 dias de Sodoma*, na coletânea de textos *Horas do prazer*, com vários autores de temática “erótica”, como Ovídio, Boccaccio, Casanova, Stendhal, Masoch, Petronônio, Sade e um trecho das *Mil e uma noites*. Na contracapa temos uma pequena apresentação dos textos, deixando claro que se trata de uma coletânea de textos em que a sexualidade e o erotismo estão mais aflorados.

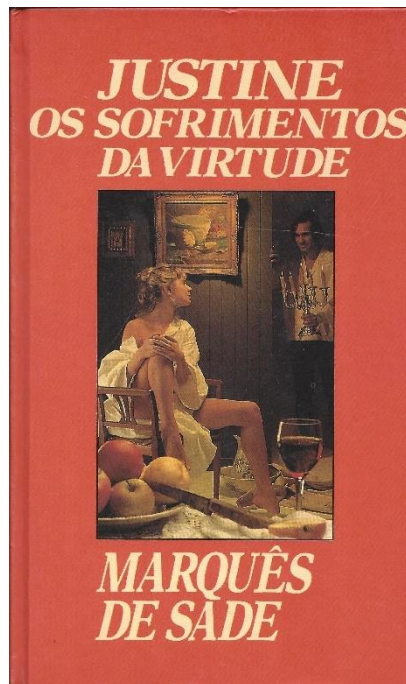
Figura 28 - *Horas de prazer*, Clube do Livro, 1988



1.2.17. *Justine: os sofrimentos da virtude*

Em 1989, a editora Círculo do Livro publica uma nova tradução para *Justine*, com o título de *Justine: os sofrimentos da virtude*, traduzido por Gilda Stuart. A edição contém um posfácio intitulado “O AUTOR E SUA OBRA”, mesmo texto da edição de *A filosofia na alcova*, editada pela Círculo do Livro, de 1988 (Figura 25).

Figura 29 - *Justine: os sofrimentos da virtude*, Círculo do Livro, 1989



1.2.18. *Os crimes do amor*

No ano de 1991, a LP&M publica uma nova tradução de *Os crimes do amor*, com tradução de Magnólia Costa Santos. A edição contém um prefácio de Eliane Robert Moraes intitulado “Um outro Sade”, em que apresenta o autor por meio de uma curta biografia e comenta cada um dos textos da coletânea de *Os crimes do amor*. A prefaciadora ainda cita que a versão completa dessa obra é composta por 11 textos, mas que a coletânea da editora L&PM contemplará apenas cinco deles (SADE, 1991, p. 11). Após os textos traduzidos, a obra traz uma curta cronologia dos principais fatos da vida de Sade.

A primeira orelha dessa edição, de autoria dos editores, contém uma breve apresentação de Sade, ressaltando a questão de suas posições filosóficas e seu posicionamento crítico em relação à sociedade. A segunda orelha é usada para fins publicitários, contendo outros

lançamentos da editora. Na contracapa, é apresentado somente um trecho do texto *A condessa de Sancerre ou a rival da filha* e um excerto do prefácio de Eliane Robert Moraes (Figura 30).

Essa obra é reeditada pela L&PM em versão bolso com três variações de capas e sem orelhas. O texto da orelha da edição de 1991 passa a ser uma apresentação de autoria de Marília Pacheco Fiorillo, editora da L&PM em todas as reedições dessa obra, seguido pelo prefácio de Eliane Robert Moraes.

Figura 30 - *Os crimes do amor e A arte de escrever ao gosto do público*, LP&M, 1991

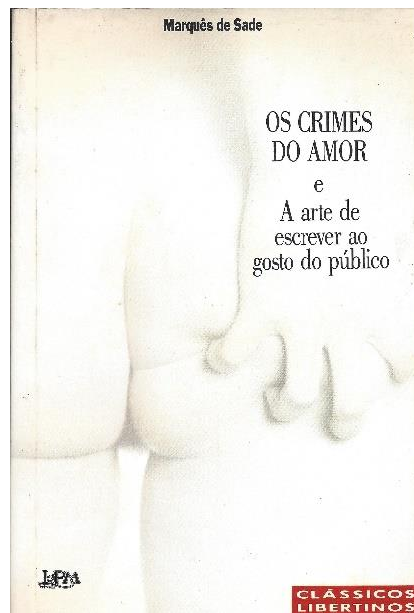


Figura 31 - *Os crimes do amor*, LP&M, 2000

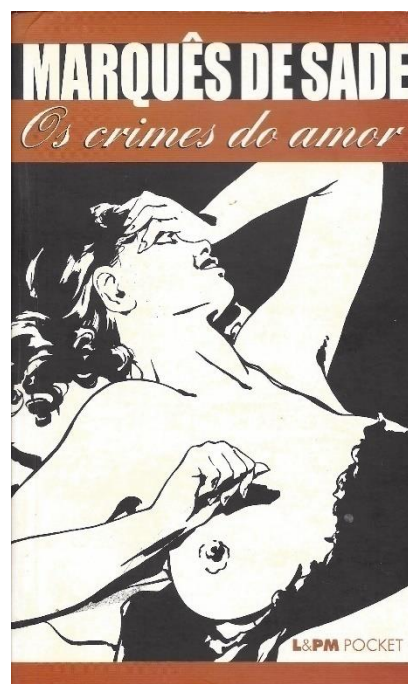
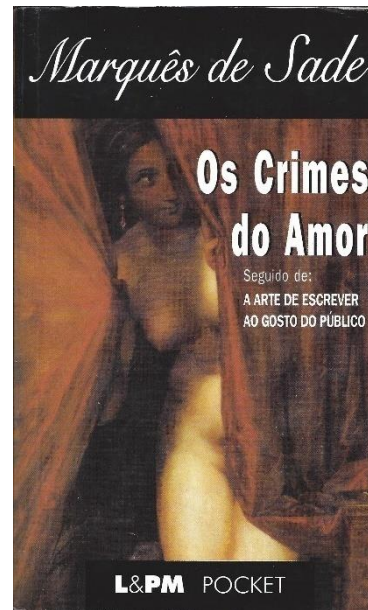
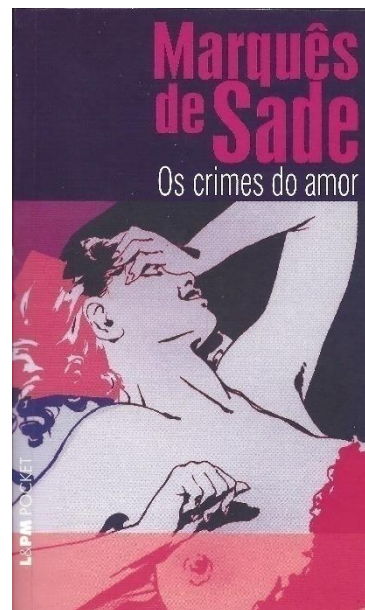


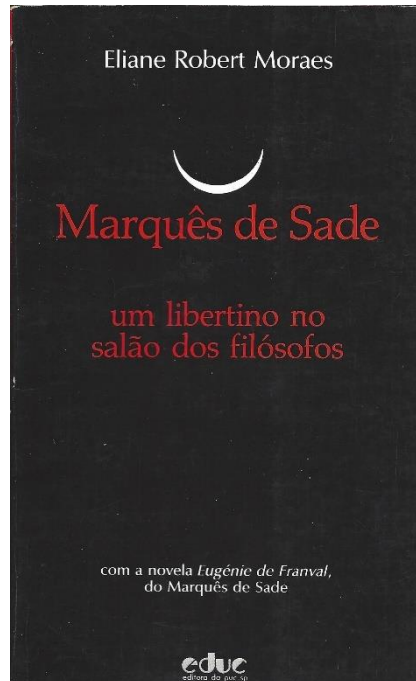
Figura 32 - *Os crimes do amor*, LP&M, 2001Figura 33 - *Os crimes do amor*, LP&M, 2007

1.2.19. *Eugénie de Franval*

Em 1992, a professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo, Eliane Robert Moraes, publica o livro *Marquês de Sade: um libertino no salão dos filósofos*, pela editora EDUC, no qual apresenta um panorama da libertinagem e sua evolução através do tempo e como Sade se encaixa nesse cenário. Nessa edição, Moraes acrescenta, após o ensaio, a tradução de *Eugénie de Franval*. O texto é precedido de uma nota informando que a tradução em questão

é uma cessão da editora Bertrand Brasil S.A., e que a edição original não consta o nome do tradutor. As orelhas dessa edição são de autoria de Luis R. Monzanique, que apresenta o texto traduzido e também o trabalho de Eliane Robert Moraes.

Figura 34 - *Marquês de Sade: um libertino no salão dos filósofos*, EDUC, 1992



1.2.20. *Contos libertinos*

Em 1992, as editoras Imaginário e Polis, ambas de São Paulo, publicam *Contos libertinos*, uma seleção de textos do livro *Historiettes, Contes et Fables*. A tradução dessa coletânea fica sob responsabilidade de Plínio Augusto Coêlho e Alípio Correia de Franca Neto. Essa obra foi reeditada em 1997, agora somente pela editora Imaginário, passando por uma alteração de formato e a retirada de um texto. Essa segunda edição de *Contos libertinos* é reeditada numa versão atualizada pela editora Hedra, em 2009, sob o título *O corno de si próprio e outros contos*. Comentaremos mais a respeito dessas duas edições no Capítulo 2, quando faremos uma análise mais detalhada dessa obra, que constitui o *corpus* desta pesquisa.

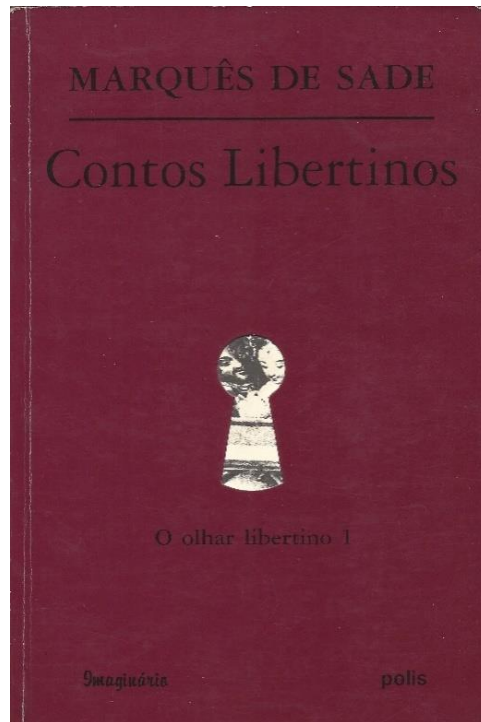
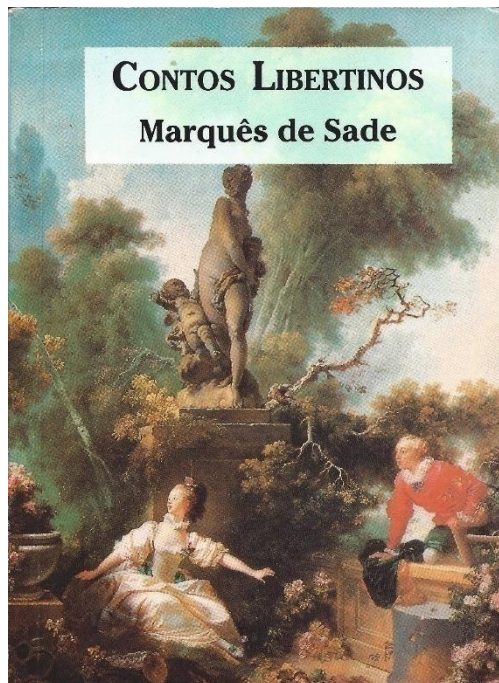
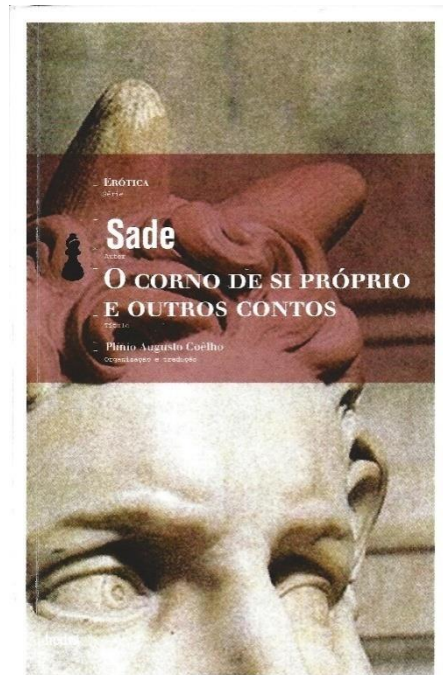
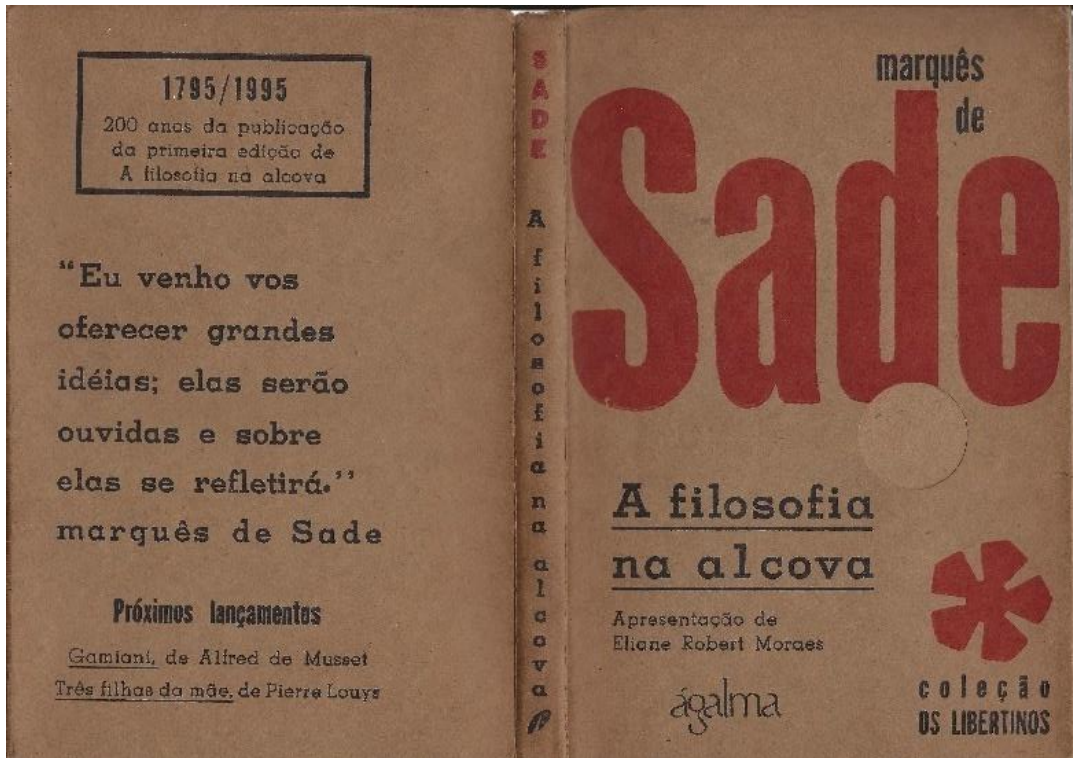
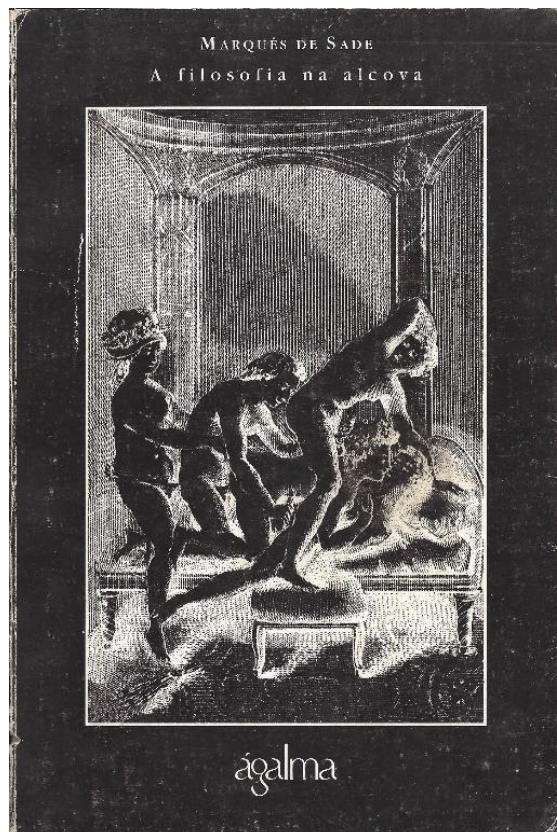
Figura 35 - *Contos libertinos*, Imaginário e Polis, 1992Figura 36 - *Contos libertinos*, Editora Imaginário, 1997

Figura 37 - *O corno de si próprio e outros contos e outros contos*, Editora Hedra, 2009



1.2.21. *Filosofia na alcova* – década de 1990

Em 1995, a editora Ágalma, de Salvador, lança, para o bicentenário de aparecimento de *La Philosophie dans le boudoir*, uma nova edição de *A filosofia na alcova* com revisão da tradução realizada por Eliana Robert Moraes. Essa obra foi concebida a partir da *edição fora de comércio* de *A filosofia na alcova*, que não possui qualquer identificação de ano, editora ou tradutor (conferir o subtópico 1.3: As edições não datadas). Nessa edição da Ágalma, Eliane Robert Moraes escreve uma introdução na qual apresenta Sade, sua obra e sua presença no século XX por meio dos surrealistas franceses; e dos trabalhos de seus pesquisadores, na sua nota de tradução a pesquisadora conta um pouco da história da edição utilizada para essa tradução e comenta as possíveis influências sofridas por esse tradutor no decorrer do processo tradutório. Nas orelhas e na contracapa dessa edição temos a reprodução das ilustrações da primeira edição de *La Philosophie dans le boudoir*, de 1795.

Figura 38 - Alça de *A filosofia na alcova* - Editora Ágalma, 1995Figura 39 - Capa de *A filosofia na alcova*, Editora Ágalma, 1995

1.2.22. *Discursos ímpios*

A editora Imaginário, de São Paulo, lança, em 1998, a obra *Discursos ímpios*, com tradução de Plínio Augusto Coêlho. Trata-se de uma coletânea de excertos de seis obras distintas de Sade, *Cadernos pessoais*, *A filosofia na alcova*, *Diálogo entre um padre e um moribundo*, dois excertos de *A nova Justine* e um excerto de *História de Julieta*.

A apresentação da coletânea, a cargo de Eduardo Valladares, apresenta Sade em uma breve biografia e comenta elementos-chave do pensamento sadiano. A primeira orelha apresenta um trecho do texto de Valladares e a segunda orelha, as obras já publicadas pela editora e as que serão lançadas. Na contracapa, temos um trecho de um texto de Sade.

Plínio Augusto Coêlho reedita essa obra em 2007 pela editora Hedra, de São Paulo, em formato de bolso. Nessa nova edição inclui-se uma breve apresentação do autor, do livro, do tradutor e do autor do texto da introdução. Essa edição mantém os textos da edição anterior, exceto pelo excerto de *A nova Justine*, que é unificado.

Figura 40 - *Discursos ímpios*, Editora Imaginário, 1998

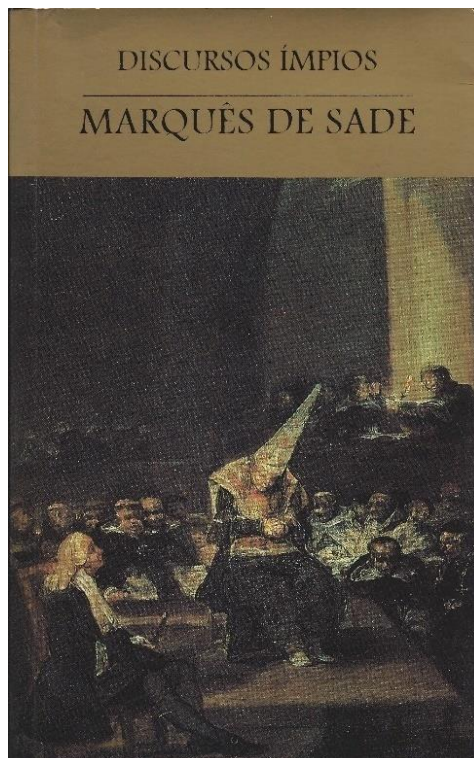
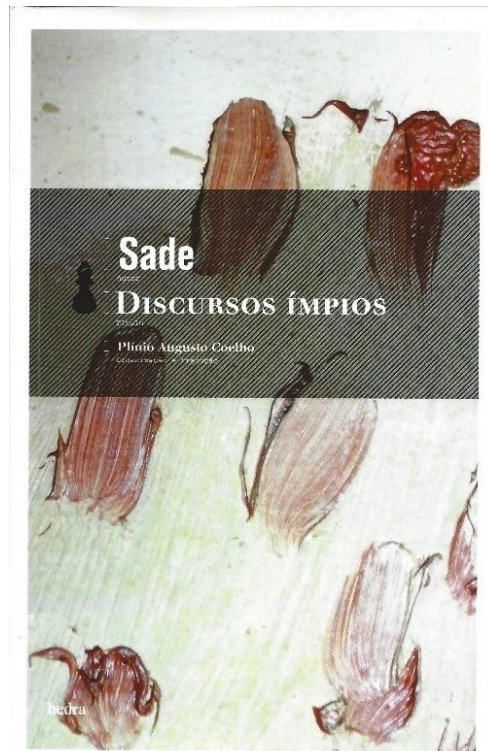


Figura 41 - *Discursos ímpios*, Hedra, 2007

1.2.23. *A filosofia na alcova*

Luiz Augusto Contador Borges traduz *La philosophie dans le boudoir* (*A filosofia na alcova*) como parte da obtenção de grau de Mestre pela Universidade de São Paulo com dissertação defendida em 1998. Em sua tradução, Contador Borges tece um trabalho minucioso e de veras reflexivo a respeito da tradução desse texto. Esse trabalho é publicado em 1999 pela editora Iluminuras, que mais adiante irá criar a coleção “Pérolas Furiosas”, para contemplar todas as traduções das obras de Sade por ela publicada. Essa obra possui algumas reedições pela mesma editora, e em todas elas mantém-se o formato do texto, tendo como única diferença entre elas as capas.

Figura 42 - *A filosofia na alcova*, Iluminuras, 1999

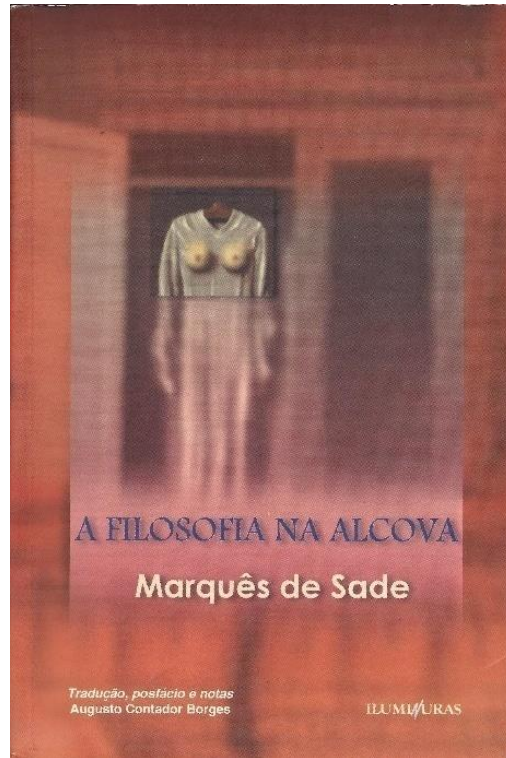


Figura 43 - *A filosofia na alcova*, Iluminuras, 2003

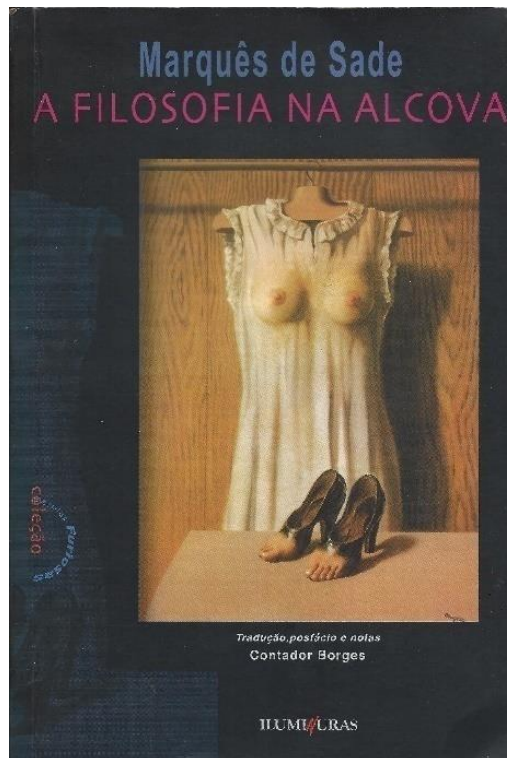
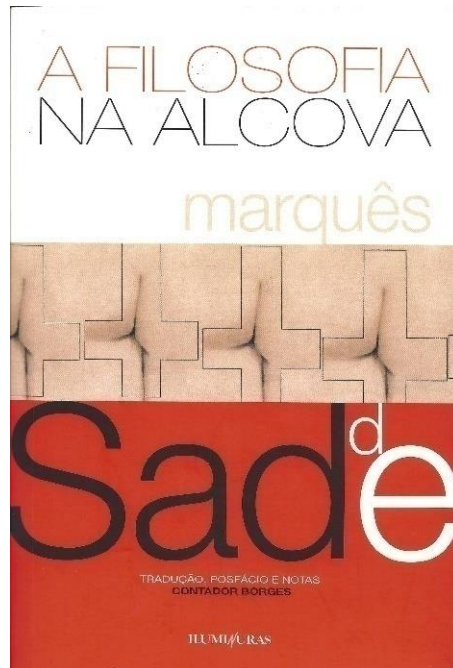


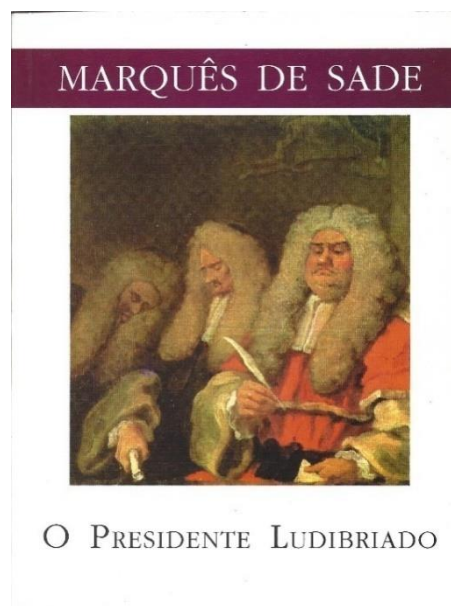
Figura 44 - *A filosofia na alcova*, Iluminuras, 2012



1.2.24. *O Presidente Ludibriado*

Em 1999, as editoras Scrinium, Contracapa e Primeira Linha publicam *O presidente ludibriado*, texto traduzido por Sérgio Coelho. Trata-se do conto *Le président mystifié*, que compõe a coletânea *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Falaremos mais a respeito dessa edição no Capítulo 2.

Figura 45 - *O presidente ludibriado*, Scrinium, 1999



1.2.25. *Diálogo entre um padre e um moribundo*

Em 2001, a editora Iluminuras publica *Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias*, mais uma obra de Sade na coleção “Pérolas Furiosas”, sob a direção de Luiz Augusto Contador Borges e tradução de Alain François e Luiz Augusto Contador Borges. Um fato interessante nessa tradução é a recuperação das ilustrações das edições originais de algumas outras obras de Sade. Essa edição possui também uma reedição pela mesma editora, mantendo o seu conteúdo original, tendo somente a alteração da sua capa (Figura 47).

Figura 46 - *Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias*, Iluminuras, 2001

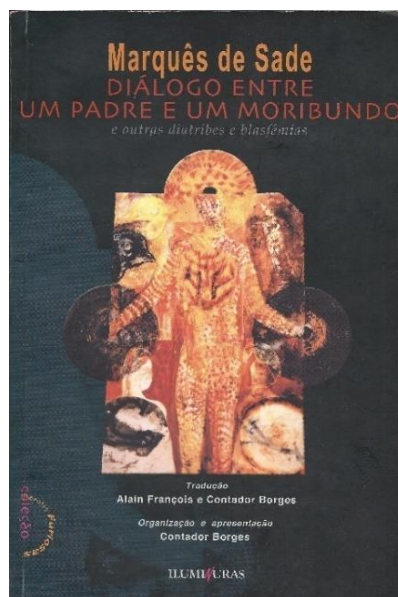
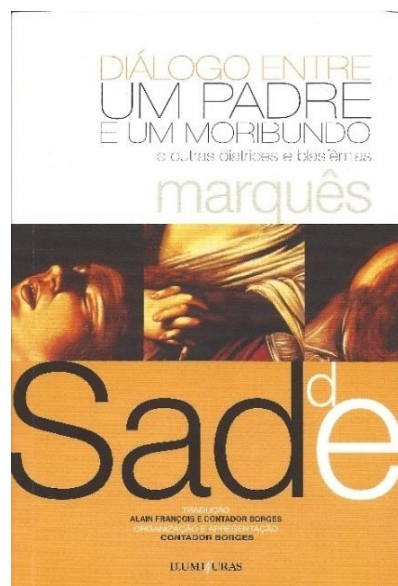


Figura 47 - *Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias*, Iluminuras, 2013



1.2.26. *Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem*

Alain François torna-se um dos grandes colaboradores desse ressurgimento da obra de Sade no Brasil, ao publicar, em 2006, pela editora Iluminuras, uma nova tradução de *120 dias de Sodoma ou A escola da libertinagem*. A obra conta com uma introdução de Eliane Robert Moraes, intitulada “O inventário do abismo”, a capa é de autoria de Marcelo Girard, na contracapa temos um texto de apresentação do livro, sem marca de autoria, onde é contada brevemente a história do pergaminho original de *Les Cent Vingt Journées de Sodome* e uma breve apresentação da obra em si. As orelhas dessa edição são de autoria de Luiz Augusto Contador Borges, onde ele apresenta Sade pelo seu viés filosófico.

A obra possui uma reedição em 2013 pela mesma editora, na qual alterou-se a capa, para que ficasse no mesmo padrão das outras obras da coleção “Pérolas Furiosas”. Observa-se nas capas das edições de 2006 e de 2013 o nome de Alain François como tradutor, permitindo maior visibilidade ao tradutor. Na contracapa temos um trecho do prefácio de Eliane Robert Moraes, as orelhas também são de autoria de Luiz Augusto Contador Borges, mas nessa edição com um texto muito mais amplo a respeito de Sade.

Figura 48 – *Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem*, Iluminuras, 2006

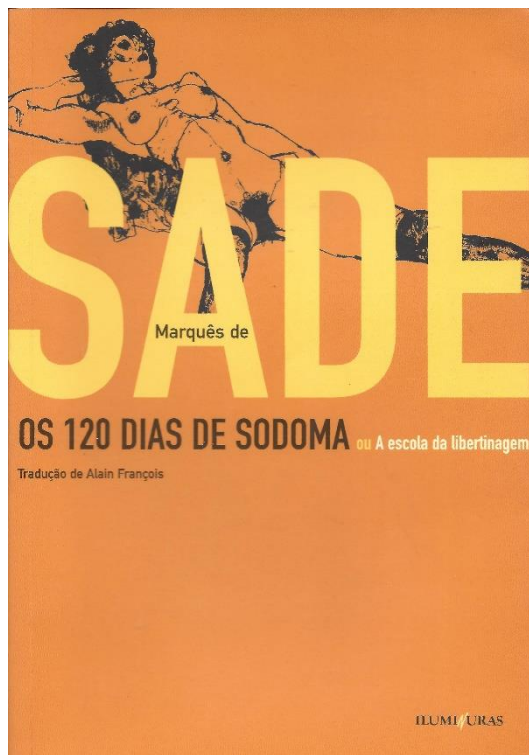
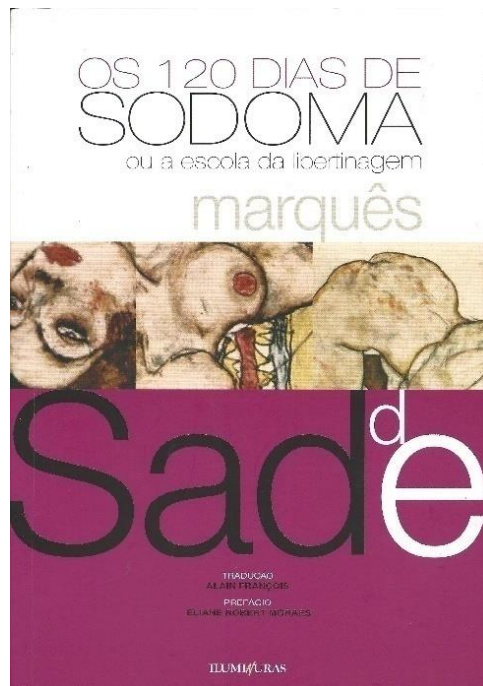


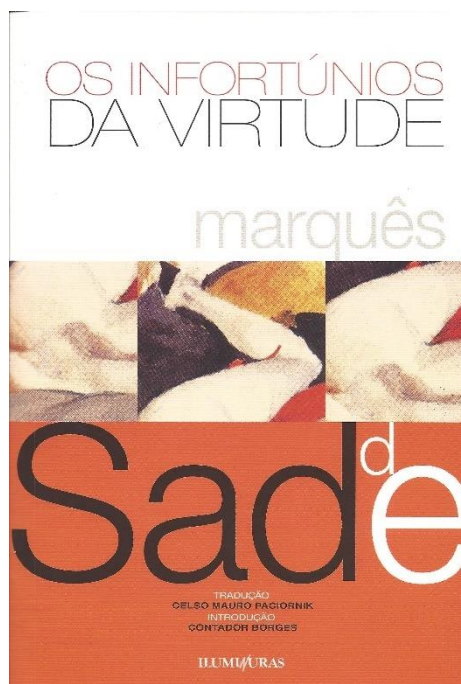
Figura 49 – *Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem*, Iluminuras, 2013



1.2.27. *Os infortúnios da virtude*

Em 2008, a editora Iluminuras publica uma nova tradução de *Os infortúnios da virtude*, traduzida por Celso Mauro Paciornik, informação contida na capa. A edição conta com uma introdução de Contador Borges, intitulada “As mortes de Justine”.

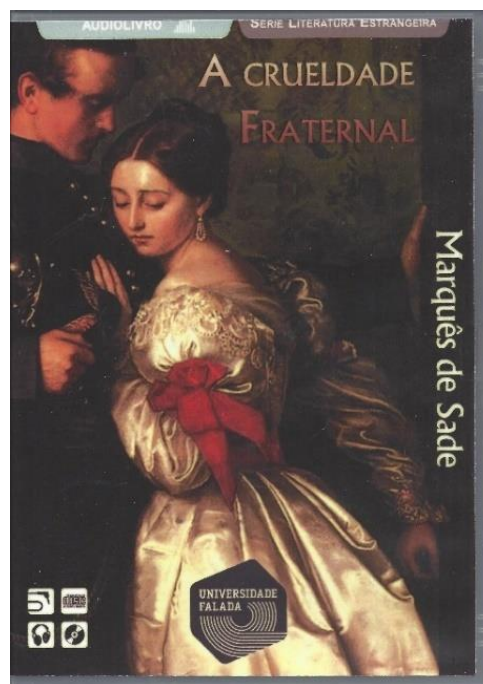
Figura 50 - *Os infortúnios da virtude*, Iluminuras, 2009



1.2.28. *A crueldade fraternal*

Em 2008, surge uma edição inédita, no que tange ao formato da mídia. A editora Universidade Falada lança o audiolivro de *A crueldade fraternal* na série “Clássicos da Literatura”. De acordo com informações da editora, via e-mail, a tradução utilizada para esse audiolivro é uma tradução de domínio público, porém não informa a fonte. O texto de referência em francês para essa obra é o conto *Émilie de Tourville, ou la cruauté fraternelle*, texto que faz parte da obra *Historiettes, Contes et Fabliaux*.

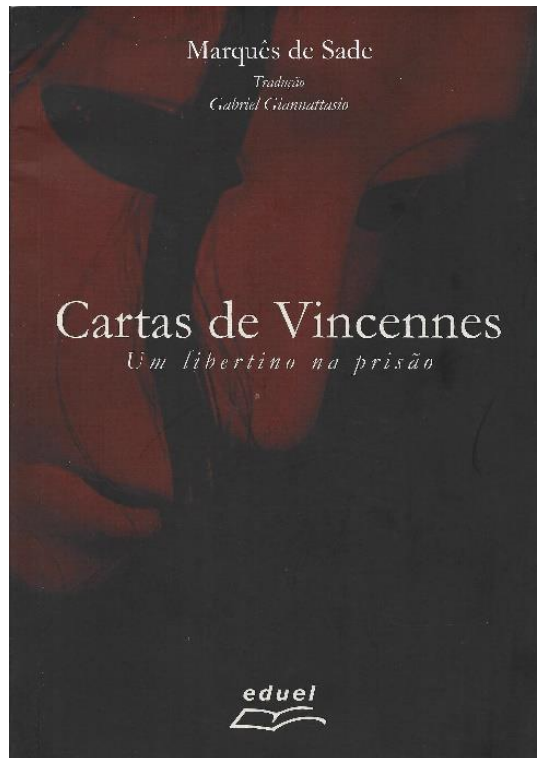
Figura 51 - *A crueldade fraternal*, Editora Universidade Falada, 2008



1.2.29. *Cartas de Vincennes: um libertino na prisão*

Em 2009, é publicada a obra *Cartas de Vincennes: um libertino na prisão*, pela editora Eduel, com tradução do professor e pesquisador Gabriel Giannattasio. Trata-se de uma seleção de cartas de Sade do período em que ficou preso em Vincennes (1777-1784). A obra é composta não somente pelas traduções das cartas de Sade, mas também por textos acadêmicos de autoria de Giannattasio que nos ajudam a compreender o pensamento de Sade.

Figura 52 - *Cartas de Vincennes: um libertino na prisão*, Eduel, 2009

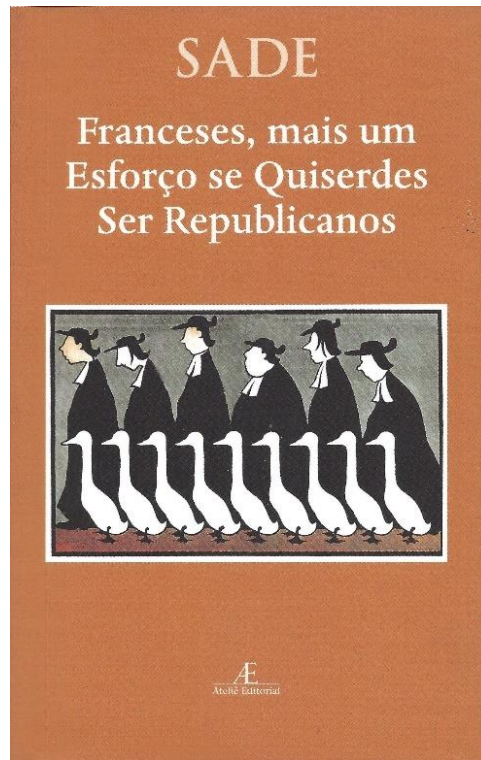


1.2.30. *Franceses, mais um esforço se quiserdes ser republicanos*

Em 2010, a Ateliê Editorial, de São Paulo, juntamente com a editora Imaginário, publicam a obra *Franceses, mais um esforço se quiserdes ser republicanos*, com tradução de Plínio Augusto Coêlho. A edição conta com uma “Nota da edição”, em que se tece comentário sobre os textos que compõem essa seleção, a saber, *Ideia sobre o modo da sanção das leis e franceses, mais um esforço se quiserdes ser republicanos*.

A primeira orelha dessa edição apresenta uma biografia sintética de Sade, e a segunda orelha cita as outras obras que compõem a coleção “Pensamento”. Na contracapa, é apresentado um trecho de um texto político de Sade.

Figura 53 - *Franceses, mais um esforço se quiserdes ser republicados*, Atelier Editorial, 2010



1.2.31. *Os crimes do amor*

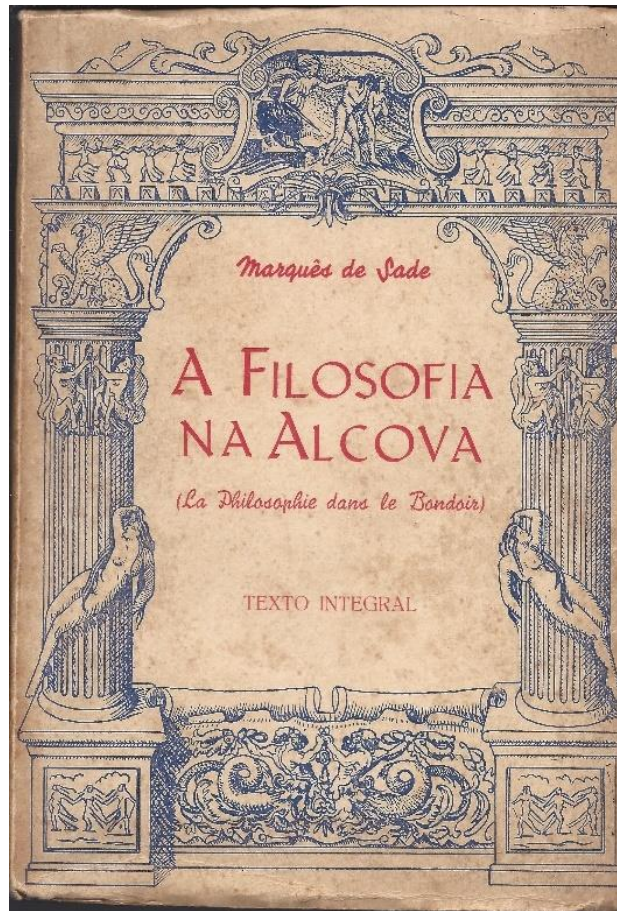
Em D'Avila (2015), citamos a existência de uma tradução datada de 2013 intitulada *Os crimes do amor* realizada pelo professor e pesquisador André Luiz Barros Silva, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), pela editora Barcarolla. Após contato com o professor via e-mail, nos foi informado que essa edição não chegou a ser publicada devido a questões editoriais.

1.3. AS EDIÇÕES NÃO DATADAS

Existem ainda duas edições não datadas de obras de Sade no Brasil, que preferimos citar em separado, devido à dificuldade de datá-las ou localizá-las temporalmente.

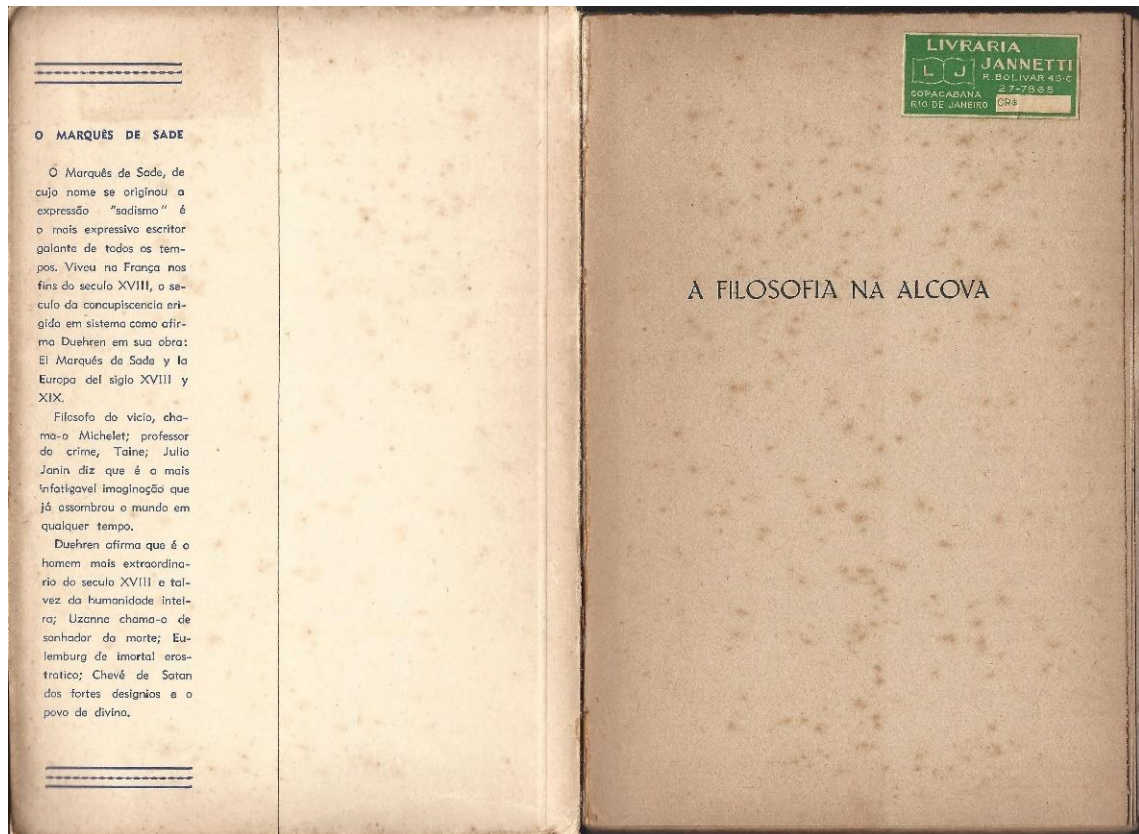
1.3.1. *A filosofia na alcova* – edição privado e fora do Comércio

Figura 54 - *A filosofia na alcova*, edição privado e fora do comércio, SD



A primeira edição a ter problema de datação é uma edição de *A filosofia na alcova*. A edição contém em sua folha de rosto as informações “TEXTO INTEGRAL” e “EDIÇÃO PRIVADO E FORA DO COMÉRCIO”. A história em torno dessa tradução é um mistério, pois não possui qualquer colofão, com data de publicação, informação de editora ou de tradutor. Essa edição foi a tradução revisada por Eliane Robert Moraes e publicada pela editora Ágalma em 1995.

Figura 55 - Folha de rosto com a etiqueta da livraria – *A filosofia na alcova* – Edição privado e fora do comércio



O exemplar utilizado para esta pesquisa contém, para nossa sorte, a etiqueta da livraria que comercializou inicialmente esse exemplar colada na folha de guarda. Nela podemos ler o nome da livraria “LIVRARIA JANNETTI”, o endereço, “R BOLIVAR 45-C – COPACABANA – RIO DE JANEIRO”, o telefone “27-7865” e o espaço para marcação do valor do livro “CR\$”. Com base nesses dados (nome da livraria; telefone; moeda), acreditamos poder chegar a uma data aproximada da publicação dessa edição.

Ao pesquisarmos a respeito da Livraria Jannetti na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, encontramos 113 ocorrências em jornais como *Correio da Manhã*, *Jornal de Notícias*, *Jornal do Brasil* e *Tribuna Popular*, datando da década de 1940 e de 1950, sendo a mais antiga a de 18 de agosto de 1945 publicada no *Correio da Manhã*,²⁷ e a mais recente de 15 de janeiro de 1951, publicada no *Jornal do Brasil*.²⁸

²⁷Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&PagFis=27334>. Acesso em: 15 maio 2016.

²⁸ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&PagFis=8275>. Acesso em: 15 maio 2016.

Ao pesquisarmos pelo número de telefone no acervo da Biblioteca Nacional (BN), pudemos notar que no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, os telefones possuíam seis dígitos de 1935²⁹ até meados dos anos 1968,³⁰ passando, a partir desse momento, para sete dígitos.

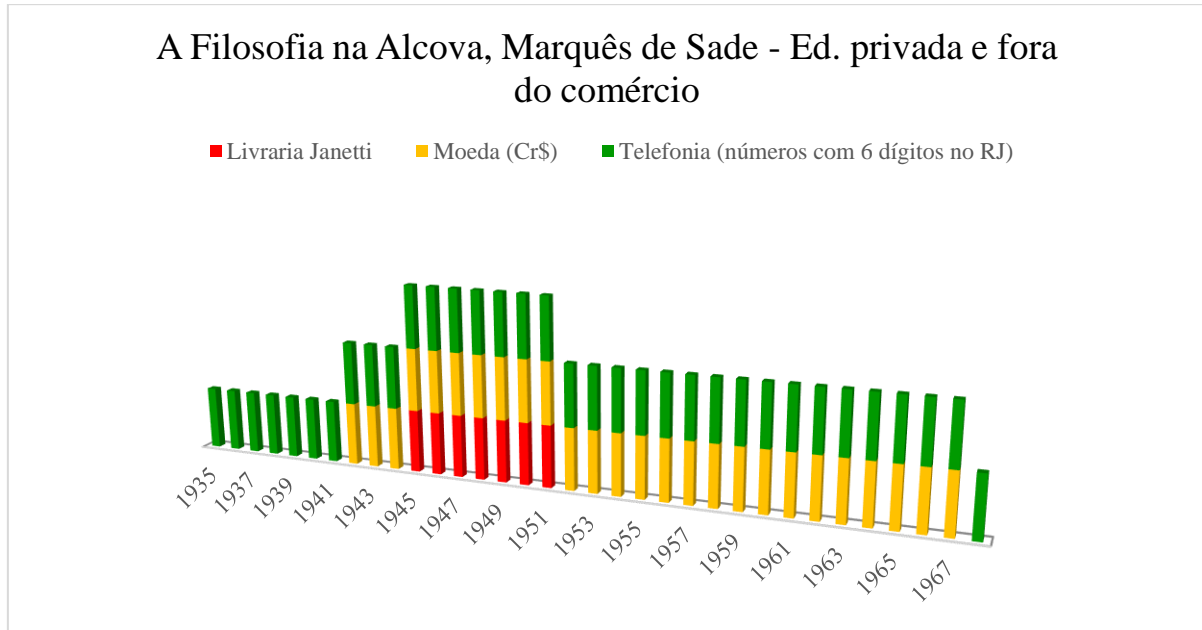
Por fim, ao pesquisarmos a respeito da moeda identificada na etiqueta da livraria, o Cruzeiro (CR\$), encontramos três períodos de circulação dessa moeda no Brasil: 1) de 05 de outubro de 1942 a 12 de fevereiro de 1967; 2) de 15 de maio de 1970 a 27 de fevereiro de 1986; e 3) de 16 de março de 1990 a 31 de julho de 1993.

Em relação aos dados referentes à moeda, optamos por utilizar o primeiro período de circulação: de 1942 a 1967. Essa escolha não foi realizada ao acaso, uma vez que, conforme estudo do mercado editorial brasileiro entre as décadas de 1960 e 1990, realizado por Reimão (2014), a obra de Sade, *A filosofia na alcova*, figurou como best-seller no ano de 1968 pela editora Contorno. Assim, acreditamos, devido às características da edição e da mudança do sistema telefônico à época e ao provável período de existência da Livraria Jannetti, conforme consta em jornais da época, que essa edição de *A filosofia na alcova* seja anterior a 1968, pois não haveria, a princípio, justificativa para editar e publicar um livro clandestinamente, após este ser considerado best-seller; além disso, Sade não havia sido um autor alvo constante da censura da ditadura militar brasileira, o que pode ser comprovado pela quantidade de obras traduzidas nessa época.

A partir da triangulação desses dados (Gráfico 1), podemos conjecturar, ao considerarmos a troca de moedas no Brasil, o período de provável existência da Livraria Jannetti, de acordo com publicações de jornais à época e a quantidade de dígitos dos telefones à época, que essa edição possa datar do interstício entre o início da década de 1940 e início da década de 1950, melhor dizendo, entre os anos de 1945 e 1951, período de ocorrência de dados publicitários da Livraria Jannetti em jornais da época, como se pode observar no Gráfico 1, área em vermelho.

²⁹Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_03&PagFis=21269>. Acesso: 16 de maio 2016.

³⁰Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_08&PagFis=109544>. Acesso: 15 maio de 2016.

Gráfico 1 - *Filosofia da Alcova* – Edição privada e fora do comércio - data provável de publicação

Segundo Eliane Robert Moraes, em sua “Nota sobre a Tradução” para a edição de *A filosofia na alcova* (1995), em relação a essa edição privada e fora de comércio,

pela ortografia de algumas palavras e pelo uso de certas expressões, pode-se supor que o livro tenha sido traduzido e publicado entre os anos 40 e 50. As mesmas razões concorrem para a suposição de que [a] tradução seja efetivamente brasileira e não portuguesa. As informações contidas no prefácio – uma breve apresentação do autor de *A filosofia na alcova* – sugerem que o prefaciador deve ter tido acesso a alguma biografia de Sade, provavelmente a de autoria de Maurice Heine.

Assim como Eliane Robert Moraes, acreditamos que o prefaciador tenha tido acesso a dados sobre Sade (documentos ou obras a seu respeito), porém, não por meio da obra de Heine, rica em detalhes. O prefaciador/tradutor pode ter tido acesso a outros documentos, por exemplo, pela obra *L’Œuvre du Marquis de Sade*, de autoria de Guillaume Apollinaire, datada de 1909, e das obras por ele citadas em seu texto ou até mesmo ao trabalho de Iwan Bloch, também conhecido pelo pseudônimo “Eugène Dühren”, *Der Marquis de Sade und seine Zeit*³¹, lançado em 1899.

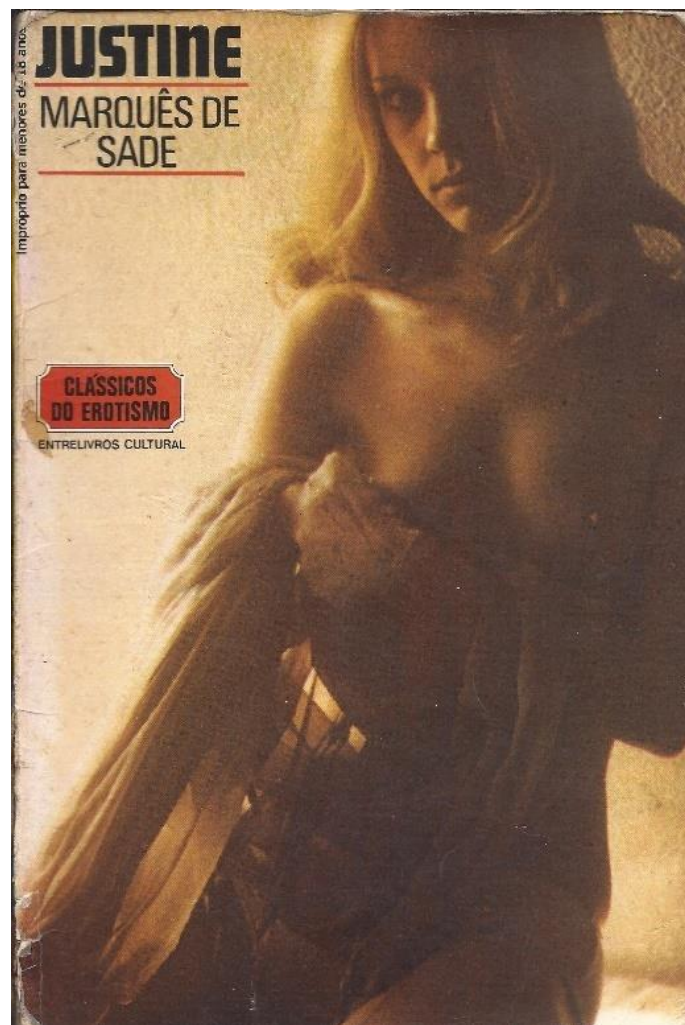
³¹ Disponível em: <<https://archive.org/details/dermarquisesad00bloccoog>> Acesso em: 15 de abril de 2016

1.3.2. *Justine ou as desgraças da virtude*

Existe outra edição de *Justine* que também não possui uma datação exata. Essa edição publicada pela Entrelivros Cultural do Rio de Janeiro foi traduzida por Edmond Jorge, que traduz o título completo da obra por *Justine ou as desgraças da virtude*. Essa edição possui uma apresentação do tradutor em que traça uma biografia de Sade bem completa. A capa apresenta um aviso, no qual se lê “Impróprio para menores de 18 anos”, e o selo da coleção “Clássicos do Erotismo”. A contracapa da edição apresenta os outros livros da dessa mesma coleção.

Acreditamos que essa edição seja da década de 1970, uma vez que a maioria das traduções de Edmond Jorge encontradas são desse período, como podemos verificar no Catálogo de lançamento de 1970 da BN.³²

Figura 56 - *Justine ou As desgraças da virtude*, Entrelivros, 19--



³²Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or1292575/or1292575.pdf>. Acesso: 15 maio 2016.

1.3.3. A edição perdida?

Temos também notícia de uma edição de *Filosofia na alcova* datada do final dos anos de 1960 publicada pela editora Contorno. Porém não conseguimos, até o momento do fechamento dessa pesquisa, quaisquer informações a respeito dessa edição e da própria editora. Oliveira (2014, p. 103-104) cita essa edição ao remeter a uma reportagem da revista *Veja*, edição 1 a 11 de setembro de 1968 (p. 128)³³ com a lista dos livros mais vendidos, estando a edição da Contorno na quinta posição. Após nova pesquisa no acervo da revista *Veja* encontramos, mais uma vez, a menção a essa edição da Contorno, na lista dos mais vendidos, agora em sexto lugar³⁴ na edição 2 a 18 de setembro de 1968 e décimo lugar³⁵ na edição 3 a 25 de setembro de 1968.

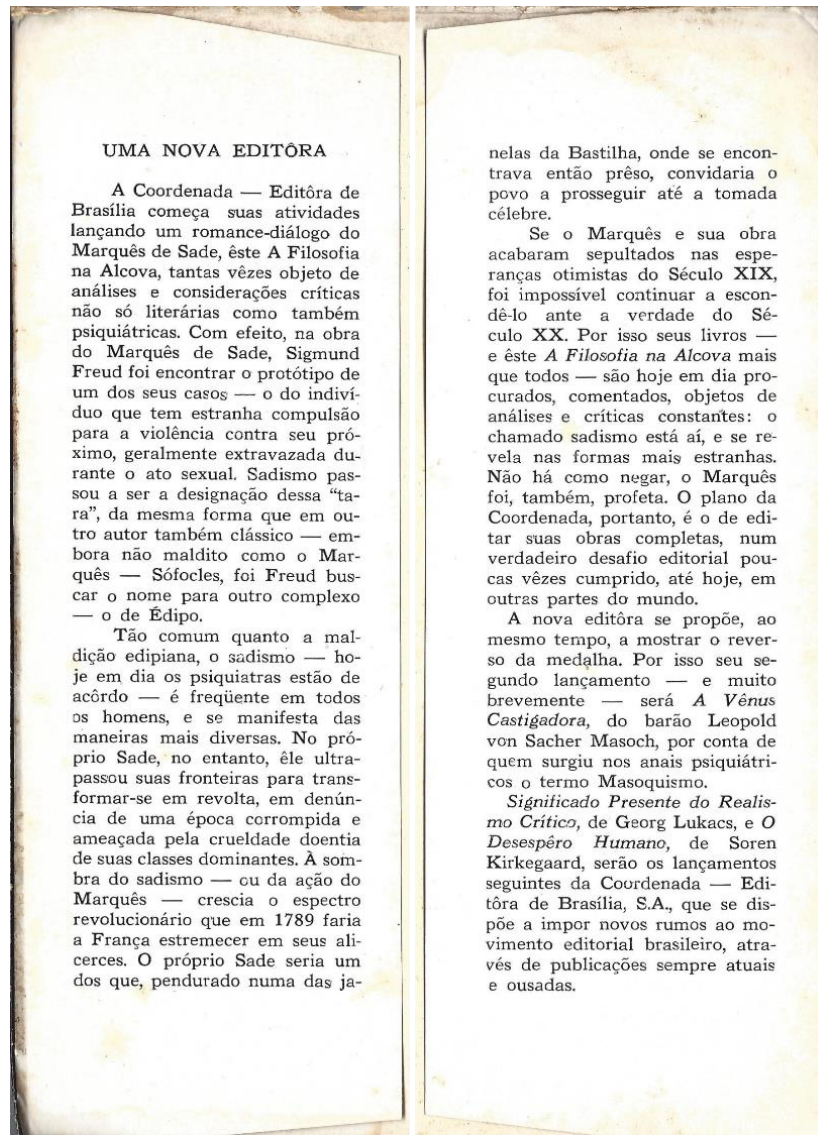
Entretanto, uma série de fatores nos leva a crer que a editora Contorno possa não ter realmente existido. Acreditamos que talvez possa ter havido uma confusão editorial por parte da revista *Veja* ou até mesmo uma estratégia para resguardar a editora devido à censura exercida pelo governo da Ditadura Militar, que em 1968 se tornou mais repressiva. Lembrando que “a censura a livros no Brasil foi marcada por uma atuação confusa e multifacetada, pela ausência de critérios mesclando batidas policiais, apreensões, confiscos e coerção física” (REIMÃO, 2014, p. 75).

É incoerente existirem duas edições de *A filosofia na alcova* publicadas no mesmo período por editoras diferentes e ambas consideradas best-sellers. A edição da Coordenada - Editora de Brasília marca seu lançamento no mercado editorial brasileiro com o “romance-diálogo do Marquês de Sade, este A filosofia na alcova” no ano de 1968, como pode ser lido nas orelhas da edição (Figura 57). Ainda na segunda orelha é informado que “O plano da Coordenada, [...] é o de editar suas obras completas, num verdadeiro desafio editorial poucas vezes cumprido, até hoje, em outras partes do mundo”.

³³Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/34555?page=128§ion=1>>. Acesso: 15 maio 2016.

³⁴Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/34554?page=14§ion=1>>. Acesso: 16 maio 2016.

³⁵Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/34553?page=80§ion=1>>. Acesso: 16 maio 2016.

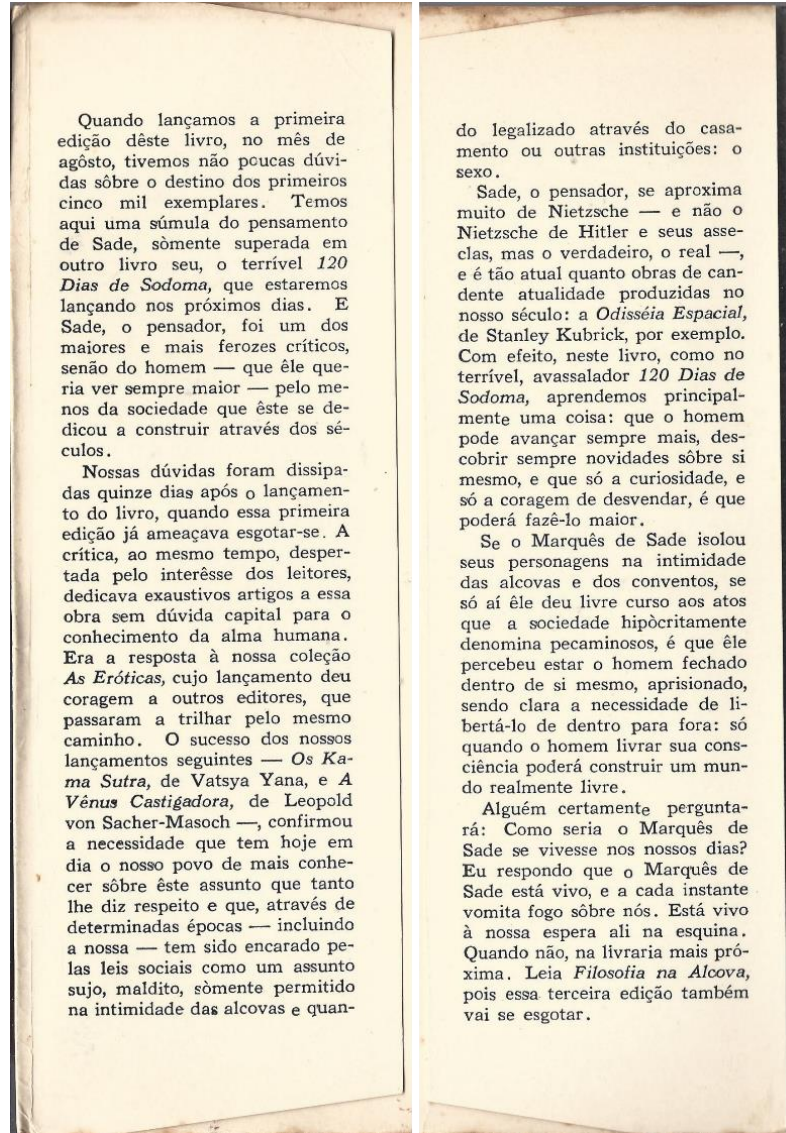
Figura 57 - Orelhas da primeira edição de *A filosofia na Alcova*, Coordenada Editora de Brasília, 1968

Já em 1969 temos a terceira edição de *A filosofia na Alcova*, pela Coordenada – Editora de Brasília. A grande diferença desta edição é o texto presente em suas orelhas, nele temos um relato do sucesso de vendas do livro em um período muito curto de tempo e que esse sucesso surpreendeu até mesmo os editores, levando-os a produzir três edições em tão pouco tempo, como pode ser observado no trecho abaixo retirado das orelhas da terceira edição d’ *A Filosofia na alcova* da Coordenada Editora de Brasília (Figura 56).

Quando lançamos a primeira edição deste livro, no mês de agosto, tivemos não poucas dúvidas sobre o destino dos primeiros cinco mil exemplares. [...] Nossas dúvidas foram dissipadas quinze dias após o lançamento do livro, quando essa primeira edição já ameaçava esgotar-se. A crítica, ao mesmo tempo, despertada pelo interesse dos leitores, dedicava exaustivos artigos a essa obra sem dúvida capital para o

conhecimento da alma humana. [...] Leia *Filosofia na Alcova*, pois essa terceira edição também vai se esgotar.

Figura 58 - Orelhas da primeira edição de *A filosofia na Alcova*, Coordenada Editora de Brasília, 1969



Outro elemento que colabora com nossa teoria de que na verdade a edição citada na lista de best-sellers da revista *Veja* em 1968 seja da Coordenada - Editora de Brasília e não da editora Contorno, ganha ainda mais força com a notícia do jornal *Folha de S. Paulo*, de 3 de junho de 1969, em que se noticia a apreensão de livros pela Polícia Federal. Nessa reportagem podemos ver, claramente, na foto que ilustra a reportagem, que se trata da capa da edição de *A filosofia na alcova* da Coordenada - Editora de Brasília (Figura 59).

Figura 59 - Notícia do jornal Folha de São Paulo de 3 de junho de 1969³⁶



A partir dessas informações nos ocorreu exatamente isso, pois como se justificaria uma edição de tão grande sucesso na lista dos mais vendidos da revista *Veja* por três semanas seguidas de uma editora desconhecida e de uma edição também desconhecida, ambas jamais vistas? A partir dos dados das orelhas das edições de 1968 e 1969 da Coordenada Editora de Brasília e da informação da *Folha de S. Paulo* conjecturamos que a editora Contorno seja, na verdade, a Coordenada Editora de Brasília, única editora com publicação conhecida de *A filosofia na alcova* nesse período (1968-1969). Essa edição da Coordenada Editora de Brasília é, inclusive, uma das mais acessíveis nos mercados de livros usados Brasil afora.

³⁶ Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1969/06/03/2/4466604>>. Acesso em: 16 maio 2016.

1.4. SADE NO BRASIL, POR QUÊ?

Como se pode verificar, por meio do repertório de obras de Sade traduzidas no Brasil, as edições são as mais diversas possíveis. As razões para o interesse pela obra de Sade e de sua tradução parecem óbvias, de imediato – o interesse pelo autor é justificado pela curiosidade e pela mistificação em torno da sua obra, e de uma vida no mínimo atribulada. Porém, acreditamos que há diversas outras razões para esse interesse, quais sejam:

1. Há um interesse multifacetado na obra desse escritor francês indicado pela grande variação de editoras, edições, tradutores, títulos alterados, emprestados, além de subtítulos no lugar de títulos;
2. Há uma multidisciplinaridade de abordagens:
 - a. Publicações motivadas por agentes comerciais, principalmente nas edições dos anos de 1970 e 1980, como vimos, que possuem capas apelativas, desenhos eróticos, paratextos caricaturais do Marquês de Sade, ressaltando somente o aspecto erótico-perverso de sua obra;
 - b. Publicações motivadas por interesse histórico, filosófico, literário, político, entre outras razões mais intelectuais, a partir dos anos de 1990 e 2000. Nesse caso, as edições são mais cuidadosas, ou seja, os tradutores são especializados na própria obra de Sade ou em questões filosóficas e políticas. Essas traduções são as mais recentes, conforme mostramos no panorama acima, na tabela a seguir (Tabela 5) e conforme mostraremos no Capítulo 2, quando falaremos dos tradutores da obra estudada nesta pesquisa.
 - c. Por meio das capas dessas edições podemos verificar a evolução editorial da imagem de Sade, que durante a década de 1960 possuía um perfil mais acadêmico, com edições visualmente mais discretas e paratextos que possibilitavam a visão de um Sade mais filosófico e político. A partir das décadas de 1970 e 1980, as edições assumem um perfil mais popular e comercial, com capas mais exageradas; nessas edições, notamos uma maior preocupação em enaltecer o caráter erótico de suas obras. É somente a partir da década de 1990 que se começa a ter edições mais voltadas para o público especializado, de estudiosos, com edições direcionadas muito mais com o texto, com seu valor histórico e seu conteúdo textual e filosófico do que com o exagero comercial comumente empregado nas obras de Sade.

Tabela 5 - Relação sintética de todas as obras de Sade traduzidas e publicadas no Brasil

X	ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA TRADUÇÃO	TRADUTOR	EDITORA
1	1961	<i>Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir</i>	Augusto de Sousa	DIFEL - Difusão Européia do Livro
2	1967	<i>Justine ou Os Infortúnios da Virtude</i>	D. Accioly	Editôra Saga
3	1968	<i>Zoloé e suas duas amantes</i>	Maria José Fialho Londres	Gráfica Record Editôra
4	1968	<i>A filosofia na alcova</i>	Aloísio Costa	Coordenada Editôra de Brasília
5	1968	<i>A filosofia na alcova</i>	Martha A. Haecker	JCM Editôres
6	1969	<i>120 dias de Sodoma</i>	Regis Ricardo	Coordenada Editôra de Brasília
7	1969	<i>O livro negro do amor</i>	Não identificado	Hemus
8	1969	<i>Aline e Valcour</i>	Rubem Rocha Filho	José Alvaro Editor
9	1969	<i>Os 120 Dias de Sodoma</i>	João M. P. de Albuquerque	Hemus
10	1970	<i>Os crimes do amor</i>	Regina Richards, Lino Tavares	Coordenada Editôra de Brasília
11	1975	<i>A divina marquesa</i>	Aluísio F. Ciano	Golfinho
12	1980	<i>A filosofia na alcova</i>	R.G.	Gama - Global Editora
13	1980	<i>Escola de Libertinagem</i>	Aguinaldo Silva	Esquina Editora
14	1980	<i>Os 120 dias de Sodoma</i>	João M. P. de Albuquerque	Aquarius
15	1985	<i>O Marido Complacente</i>	Paulo Hecker Filho	L&PM
16	1988	<i>Os 120 dias de Sodoma in Horas do prazer</i>	Márcio Suzuki, Thei de Almeida V. Bertorello, Marina Appenzeller, Osmar Portugal Filho, Roberto Cacuro	Clube do Livro
17	1988	<i>A filosofia na alcova</i>	Mary Amazonas Leite de Barros	Círculo do Livro
18	1988	<i>Ciranda dos Libertinos</i>	Luiz Augusto Contador Borges	Max Limonad
19	1989	<i>Justine - Os sofrimentos da virtude</i>	Gilda Stuart	Círculo do Livro
20	1991	<i>Os crimes do amor</i>	Magnólia Costa Santos	L&PM
21	1991	<i>Ciranda dos Libertinos</i>	Luiz Augusto Contador Borges	Círculo do Livro
22	1992	<i>Eugénie de Franval in Marquês de Sade um libertino no salão dos filósofos</i>	Não identificado	EDUC
23	1992	<i>Contos Libertinos</i>	Plínio Augusto Coelho, Alípio Correia de Franca Neto	Imaginário / polis
24	1995	<i>A filosofia na alcova</i>	Tradução anônima - revisão de Eliane Robert Moraes	Ágalma

25	1998	<i>Discursos ímpios</i>	Plínio Augusto Coêlho	Imaginário
26	1999	<i>O presidente Ludibriado</i>	Sérgio Coelho	Scrinium / Primeira Linha / Contracapa
27	1999	<i>A filosofia na alcova</i>	Luiz Augusto Contador Borges	Illuminuras
28	2001	<i>Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias</i>	Alain François e Luiz Augusto Contador Borges	Illuminuras
29	2006	<i>Os 120 dias de Sodoma ou a escola de libertinagem</i>	Alain François	Illuminuras
30	2007	<i>Discursos ímpios</i>	Plínio Augusto Coêlho	Hedra
31	2008	<i>A crueldade Fraternal</i>	Não identificado	Universidade Falada
32	2009	<i>Cartas de Vincennes - Um libertino na prisão</i>	Gabriel Giannattasio	EDUEL
33	2009	<i>O corno de si próprio e outros contos</i>	Plínio Augusto Coêlho	Hedra
34	2010	<i>Franceses, mais um Esforço se Quiserdes Ser Republicano</i>	Plínio Augusto Coêlho	Ateliê Editorial / Imaginário
35	2012	<i>O corno de si mesmo & outras historietas</i>	Paulo Hecker Filho	L&PM
36	2013	<i>Os infortúnios da virtude</i>	Celso Mauro Paciornik	Illuminuras
37	1970~1979	<i>Justine ou As Desgraças da Virtude</i>	Edmond Jorge	Entrelivros Cultural
38	1990~1995	<i>A filosofia na alcova</i>	Aloísio Costa	Thesaurus
39	19XX	<i>A filosofia na alcova</i>	Tradução anônima - Edição privada e fora do comércio	Não identificada

CAPÍTULO 2

O CASO DE HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX

O objetivo deste capítulo é mostrar e analisar as diversas edições de *Historiettes, Contes et Fabliaux* nas editoras brasileiras, *corpus* desta dissertação.

Risterucci-Roudnicky (2008) destaca a importância, na análise da obra traduzida, do estudo da edição em que esta é veiculada, o que implica estudar os agentes envolvidos desde a edição, publicação, até a divulgação da obra: editores e tradutores, e o suporte no qual as obras foram publicadas, mídias, livros, folhetos, revistas, suplementos, entre outros. Destaca, por exemplo, que o lugar da literatura estrangeira no catálogo de uma editora “revela” os princípios de sua política editorial (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008, p. 18).

Nas editoras estudadas, ou seja, as que publicaram *Historiettes, Contes et Fabliaux* no Brasil, todas dedicam um imenso espaço às obras estrangeiras. Se pensarmos na L&PM, por exemplo, ela tem praticamente mais da metade de seu catálogo composto por obras estrangeiras traduzidas.

Risterucci-Roudnicky (2008) lembra ainda que:

Toda obra em tradução se situa, portanto, na paisagem editorial no cruzamento de dois eixos em torno dos quais se organizam as oposições fundamentais que determinam o lugar simbólico da obra importada: o eixo horizontal da distanciação estrangeira (*versus* a naturalização) e o eixo vertical da canonização (*versus* a novidade, a descoberta). Essas escolhas, que sustentam uma concepção implícita e explícita (nos catálogos sobretudo) da literatura – nacional e estrangeira – influenciam a leitura³⁷ (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008, p. 18).

Podemos lançar a hipótese de que no mercado hesitante, conforme ficou claro na leitura do Capítulo 1, por meio de toda a “confusão” editorial em torno da obra sadiana, fica evidente o processo de (re)canonização de Sade no Brasil. De modo a melhor compreender e/ou explicitar tal confusão, discutiremos e analisaremos elementos paratextuais presentes nas obras brasileiras traduzidas e baseadas na coletânea francesa *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Para tal, discutiremos, no tópico a seguir, conceitos relativos ao paratexto nas perspectivas de Gérard Genette (2009), Daniele Risterucci-Roudnicky (2008) e Marie-Hélène Catherine Torres (2011).

³⁷ “Toute œuvre en traduction se situe donc, dans le paysage éditorial, au croisement de deux axes autour desquels s’organisent les oppositions fondamentales qui déterminent la place symbolique de l’œuvre importée: l’axe horizontal de la distanciation étrangère (*versus* la naturalisation) et l’axe vertical de la canonisation (*versus* la nouveauté, la découverte). Ces choix, que sous-tend une conception implicite et explicite (dans les catalogues notamment) de la littérature – nationale et étrangère – influent sur la lecture ” (tradução nossa).

2.1. EM BUSCA DE UM MÉTODO DE ANÁLISE DAS OBRAS TRADUZIDAS: OS ELEMENTOS PARATEXTUAIS

Com vistas a melhor avaliar e analisar as diferentes obras brasileiras traduzidas e suas reedições, relacionadas à coletânea *Historiettes, Contes et Fables*, optamos por analisar os elementos paratextuais, pois segundo Genette (2009),

[...] [O] texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para *torná-lo presente*, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. Este acompanhamento, de extensão e conduta variáveis, constitui o que em outro lugar batizei de *paratexto* da obra [...] (GENETTE, 2009, p. 9, grifos do autor).

Entre os autores que dissertam sobre elementos paratextuais, além de Genette (2009), pode-se citar: Risterucci-Roudnicky (2008) e Torres (2011). Em razão disso, apresentaremos as definições relativas aos elementos paratextuais propostas por esses três autores, tendo por fim melhor compreender a presença desses elementos e suas influências no processo de recepção de obras traduzidas.

Para Genette (2009), o *paratexto* é composto por *peritextos* e por *epitextos*. Pode-se então analisar desde capas, contracapas, orelhas, introduções, apresentações, prefácios e posfácios a campanhas e informes relacionados à publicidade da obra, bem como entrevistas e conferências acerca do tema. Conforme Genette (2009),

um elemento de paratexto, se pelo menos consiste numa mensagem materializada, tem necessariamente um *lugar*, que se pode situar em relação àquela do próprio texto: em torno do texto, no espalho do mesmo volume, como o título ou o prefácio, e, às vezes, inserido nos interstícios do texto, como os títulos de capítulos ou certas notas; chamarei de *peritextos* essa primeira categoria espacial, com certeza a mais típica [...] Ainda em torno do texto, mas a uma distância mais respeitosa (ou mais prudente), todas as mensagens que se situam, pelo menos na origem, na parte externa do livro: em geral num suporte midiático (conversas, entrevistas), ou sob a forma de uma comunicação privada (correspondências, diários íntimos e outros). A essa segunda categoria eu batizo, na falta de um termo melhor, de *epitexto* [...] para os amantes de fórmulas, *paratexto* = *peritextos* + *epitexto* (GENETTE, 2009, p. 12, grifos do autor).

Genette (2009) classifica por *peritexto editorial* todo e qualquer peritexto sob responsabilidade do editor, quer seja diretamente, quer seja indiretamente, por exemplo, a capa, a página de rosto, a contracapa e os anexos, mas também o formato e o papel do livro e as

escolhas tipográficas. Ainda de acordo com Genette (2009), o epitexto referente à obra circularia, por exemplo, em jornais, revistas, propagandas de rádio e TV, eventos (colóquios, seminários, conferências, etc.), entrevistas, atas de colóquios, entre outros, uma vez que “é epitexto todo elemento paratextual que não se encontra anexado materialmente ao texto no mesmo volume, que circula de algum modo ao ar livre, num espaço físico e social virtualmente ilimitado” (GENETTE, 2009, p. 303). Genette (2009) define ainda *epitexto editorial*, o qual, segundo ele, teria a função publicitária e promocional, não sendo de responsabilidade do autor, mas de escolhas editoriais que visam atingir necessidades comerciais, por exemplo: cartazes, anúncios publicitários, dossiês promocionais, entre outros.

Para análise paratextual das obras de Sade traduzidas no Brasil, tendo por referência a coletânea *Historiettes, Contes et Fabliaux*, fundamentar-nos-emos nos métodos desenvolvidos por Risterucci-Roudnicky (2008) e Torres (2011).

Risterucci-Roudnicky (2008) ressalta, em seu “método de leitura” de obras traduzidas, que as obras traduzidas são na verdade textos híbridos que podem ser identificados por sinais dispostos no exterior e no interior da obra e que podem ser classificados por *hibridez peritextual* (*hybridité péritextuelle*) e *hibridez textual* (*hybridité textuelle*). Assim, a hibridez peritextual circunda o texto em si, está diretamente ligada a ele e tem por função auxiliar na leitura, tanto com aspectos no plano editorial (o editor, a coleção, as ilustrações, a contracapa) quanto no metatextual (títulos, prefácios, posfácios, notas e glossários), sendo importante para compreender as influências na recepção da obra devido ao meio escolhido para publicação (volume, antologia ou revista) (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008). Já a hibridez textual está diretamente relacionada aos sinais da presença do autor e do tradutor na obra traduzida, quais sejam: 1) tipográficos (uso de itálicos); 2) linguísticos (palavras estrangeiras); 3) cultural (os *realia*); e 4) intertextualidade (citações, alusões a outras línguas, culturas, literaturas e obras do autor) (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008). Identificar tais aspectos dessas obras híbridas permite ao leitor, ao crítico, ao pesquisador, entre outros, realizar uma leitura mais crítica ao compreender o lugar simbólico da obra traduzida: a distanciação do estrangeiro em direção à naturalização (eixo horizontal) e à canonização da obra de partida em razão da descoberta da obra traduzida em um novo contexto que não o de partida (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008, p. 18).

Já segundo Torres (2011), os elementos paratextuais legitimam a obra traduzida na cultura de chegada e, por vezes, dão visibilidade ao tradutor. Torres (2011) utiliza termos diferentes dos propostos por Genette (2009) e Risterucci-Roudnicky (2008) para conceituar os

elementos paratextuais, a saber: *índices morfológicos e discursos de acompanhamento*. Segundo essa pesquisadora,

entendemos por índices morfológicos todas as indicações que figuram nas capas externas – frente e verso – e nas capas internas dos livros (página de rosto, páginas de falso título etc.) e pela qual elas são percebidas conforme os elementos informativos que apresentam. E por “discurso de acompanhamento” entendemos que seja qualquer marca paratextual (prefácio, pareceres, etc.), *o lugar onde frequentemente a ideologia aparece de forma mais clara* (TORRES, 2011, p. 17, grifos do autor).

Com base nas pesquisas de Genette (2009), Risterucci-Roudnicky (2008) e Torres (2011), analisaremos os elementos paratextuais das obras traduzidas no Brasil fundamentadas na coletânea do Marquês de Sade *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Contudo, e optamos por utilizar o método proposto por Torres (2011), qual seja, analisar, separadamente, 1) os aspectos ou índices morfológicos (capa, contracapa, páginas de rosto, sumário) e 2) os discursos de acompanhamento (apresentações, advertências, introduções, notas, orelhas, prefácios, posfácios). Não realizaremos nesta pesquisa a análise de metatextos, que de acordo com Torres (2011, p. 19) nada mais são que “os intertítulos, notas de pé de página ou ainda os glossários inseridos no corpo do texto [...] o(s) texto(s) dentro do texto”.

No tópico seguinte veremos os caminhos que foram percorridos pela obra *Historiettes, Contes et Fabliaux* na França.

2.2. FRANÇA: DO QUE SE TRATA HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX?

Historiettes, Contes et Fabliaux é uma coletânea de textos escrita por Sade entre os anos de 1787 e 1788 durante o longo tempo em que esteve preso na Bastilha, período esse em que Sade também escrevera os textos que formarão *Les crimes de l'amour*. Gilbert Lely (2004, p. 425) comenta que essas obras devem ser analisadas conjuntamente, pois ambas faziam parte de um conjunto de 50 textos separados em categorias. Os 16 textos mais breves e anedóticos foram classificados como *Historiettes*, fazendo parte de uma seleção intitulada *Portefeuille d'un homme de lettres*; 30 textos foram destinados a compor quatro volumes de *Contes et fabliaux du XVIIIe siècle, par un troubadour provençal*; e dos quatro últimos textos, um seria um suplemento, outro um romance e os outros dois foram suprimidos. Em 1800, Sade muda seu projeto e separa as histórias mais trágicas e as publica como *Les Crimes de l'amour* (LELY, 2004, p. 574-578).

É somente em 1926, após ter acesso ao manuscrito 4010 da *BNF*, que a coletânea *Historiettes, Contes et Fabliaux* é publicada por Maurice Heine (1884-1940) (LELY, 2004, p. 579-581). Inicialmente, a coletânea continha 26 textos, separados em duas categorias: *Historiettes*, de um lado, e *Contes et Fabliaux*, de outro. Na categoria *Historiettes*³⁸ estão inseridos os textos: (1) *Le Serpent*; (2) *La Saillie Gasconne*; (3) *L'Heureuse Feinte*; (4) *Le M... puni*; (5) *L'Évêque embourbé*; (6) *Le Revenant*; (7) *Les Harangueurs Provençaux*; (8) *Attrapez-moi toujours de même*; (9) *L'Époux complaisant*; (10) *Aventure incompréhensible*; e (11) *La Fleur de châtaignier*. Na categoria *Contes*³⁹ e *Fabliaux*⁴⁰ inserem-se: (1) *L'Instituteur philosophe*; (2) *La Prude, ou la Rencontre imprévue*; (3) *Émilie de Tourville, ou la Cruauté fraternelle*; (4) *Augustine de Villeblanche, ou le Stratagème de l'amour*; (5) *Soit fait ainsi qu'il est requis*; (6) *Le Président mystifié*; (7) *La Marquise de Thélème, ou les Effets du libertinage*; (8) *Le Talion*; (9) *Le Cocu de lui-même, ou le Raccommodement imprévu*; (10) *Il y a place pour deux*; (11) *L'Époux corrigé*; (12) *Le Mari prêtre*; (13) *La Châtelaine de Longeville, ou la*

³⁸ Definição do termo *HISTORIETTE*, conforme o *Dictionnaire de français "Littré"*.

HISTORIETTE [i-sto-ri-è-t'] s. f.: Récit d'une aventure plaisante, ou d'un fait de peu d'importance. *Les Historiettes*, titre du livre de Tallemant des Réaux. [Narrativa de uma aventura agradável, ou de um fato de pouca importância. *Les Historiettes*, título do livro de Tallemant des Réaux.] (tradução nossa).

Disponível em: <<http://littrereverso.net/dictionnaire-francais/definition/HISTORIETTE>>. Acesso: maio 2016.

Definição do termo *HISTORIETTE*, conforme o *Le Petit Robert de la langue française 2014*.

Historiette[istɔʁjet]**nom féminin**. 1. Récit d'une petite aventure, d'évènements de peu d'importance. → anecdote, conte, nouvelle. *Historiette amusante, comique*. [Narrativa de uma pequena aventura, de eventos de pouca importância. → anedota, conto de fadas, conto.] (Nossa tradução)

Definição do termo *HISTORIETTE*, conforme o *Antidote*.

Historiette, **nom féminin**. Petit récit d'une aventure de peu d'importance. [Historieta, substantivo feminino. Pequena narrativa de uma aventura de pouca importância.] (Nossa tradução)

³⁹ Definição do termo *CONTE*, conforme o *Dictionnaire de français "Littré"*.

CONTE [kon-t'] s. m.: 1. Récit, rapport, et, particulièrement, récit de quelque anecdote, de quelque aventure. [...] 2. Récit d'aventures merveilleuses ou autres, fait en vue d'amuser. [...] Récit où une aventure plus ou moins libre est racontée. [...] 3. *Par extension*, discours ou récit mensonger, peu vraisemblable et auquel on ne croit pas. [Narrativa, relato, e, particularmente, relato de alguma anedota, de alguma aventura.] (tradução nossa).

Disponível em: <<http://littrereverso.net/dictionnaire-francais/definition/conte>>. Acesso: maio 2016.

Definição do termo *CONTE*, conforme o *Le Petit Robert de la langue française 2014*.

Conte[kõt]**nom masculin**. 1. VIEUX Récit de faits réels. Histoire. [...] 2. (v. 1200) Court récit de faits, d'aventures imaginaires, destiné à distraire. [...] 3. (1538) VIEUX ou LITTÉR. Histoire invraisemblable et mensongère. [2. Narrativa curta de fatos, aventuras imaginárias destinadas a distração.] (tradução nossa).

Definição do termo *CONTE*, conforme o *Antidote*.

Conte, nom masculin. 1. Récit de faits, d'aventures imaginaires. Contes pour enfants. Un vieux conte populaire germanique. [Narrativa de fatos, aventuras imaginárias. Histórias para crianças. Uma antiga história popular alemã] (tradução nossa).

⁴⁰ Definição do termo *FABLIAU*, conforme o *Dictionnaire de français "Littré"*.

FABLIAU [fa-bli-ô] s. m. : Conte en vers, à la mode dans les premiers âges de la poésie française. [Conto em verso, em voga nas primeiras eras da poesia francesa.] (tradução nossa).

Disponível em: <<http://littrereverso.net/dictionnaire-francais/definition/FABLIAUX>>. Acesso: maio 2016.

Definição do termo *FABLIAU*, conforme o *Le Petit Robert de la langue française 2014*.

Petit récit en vers octosyllabes, plaisant ou édifiant, propre à la littérature des XIII^e et XIV^es. [Pequena narrativa em octossílabos, agradável e edificante, própria da literatura dos séculos XIII e XVI.] (tradução nossa).

Definição do termo *FABLIAU*, conforme o *Antidote*.

Petit récit en vers de la fin du Moyen Âge. [Narrativa curta em verso do fim da Idade Média] (tradução nossa).

Femme vengée; (14) *Les Filous*; e (15) *Les Dangers de la bienfaisance* [Dorci] aparece como anexo na listagem estabelecida por Lely (LELY, 2004, p. 676).

Os textos que compõem *Historiettes, Contes et Fabliaux* são bem distintos entre si, que vão desde contos anedóticos a comédias leves, todas contendo críticas aos costumes da sociedade francesa da época. De acordo com Beatrice Didier⁴¹, em texto intitulado “*Sade dramaturge de ses carceri*”, apresentado como prefácio da edição francesa de 1971 de *Historiettes, Contes et Fablieaux*,

em muitos aspectos – e, pelo menos, se nos ativermos a uma análise um pouco superficial –, estes textos estão fortemente ligados ao Antigo Regime e mesmo a uma tradição mais remota, a toda uma herança medieval e provençal. [...] Uma velha rivalidade entre a *langue d’oc* e a *langue d’oil* – bem anterior à geração de Sade. Há um aspecto arcaizante nestas *Historiettes* – e que tem o seu charme. O autor oscila entre o tom do *lai* e aquele do *fabliau*⁴² (DIDIER, C.f SADE 1971, p. XVII-XVIII).

Ainda segundo Didier⁴³, a brevidade e a variedade dos textos permitiram estilos bem diferentes à escrita sadiana, alguns possuindo um tom medieval e outros claramente pertencentes ao registro libertino, característico do século XVIII:

Pela brevidade e sua variedade, estes contos permitem estilos muito diferentes. Se alguns são de inspiração medieval, outros pertencem ao registro da libertinagem elegante que podemos considerar como característica de um determinado século XVIII⁴⁴ (DIDIER, C.f SADE 1971, p. XVIII-XIX).

A escrita sadiana é permeada do trágico, do humor complexo, da ironia romântica, da vontade de convencer e de seduzir o leitor mais do que chocá-lo (DIDIER, C.f. SADE,1971). Juntamente com essas características sadiana, o tom medieval e o registro libertino presentes em *Historiettes, Contes et Fabliaux* podem ser justificados pelo gênero literário escolhido por Sade: o *récit bref* [narrativa curta] (DIDIER, C.f. SADE,1971, p. XXII). Caracterizado pela estrutura, pelo tamanho, pela economia narrativa, pela concisão, pela celeridade da narração,

⁴¹ C.f. SADE (1971)

⁴² “Par bien des aspects – et du moins si l’on s’en tient à une analyse un peu superficielle –, ces textes se rattachent fortement à l’Ancien régime et même à une tradition plus reculée, à tout un héritage médiéval et provençal. [...] Vieille rivalité de langue d’oc et de langue d’oil – qui date un peu à la génération de Sade. Il y a un aspect archaïsant dans ces *Historiettes* – et qui n’est pas sans charme. L’auteur oscille entre le ton du *lai* et celui du *fabliau*” (tradução nossa).

⁴³ C.f. SADE (1971)

⁴⁴ “Par la brièveté et leur variété, ces contes autorisent des styles très différents. Si certains sont d’inspiration médiévale, d’autres appartiennent au registre du libertinage élégant que l’on a pu considérer comme caractéristique d’un certain XVIII^e siècle” (tradução nossa).

pela densidade e pela unidade, os temas tratados no gênero *récit bref* são carregados de tensões dramáticas (EICHEL-LOJKINE, 2012).

Esses diversos temas, esses diferentes tons, Sade os mescla, os organiza no gênero literário do *récit bref*: gênero ele próprio complexo e multifacetado, em que a variedade é expressa apenas pelas denominações de *Historiettes*, *Contes et Fabliaux*. [...] Além do tamanho, mudam a estrutura e o ritmo: episódio único ou aventuras com reviravoltas. Em última análise, a narração é reduzida a uma anedota e o que a precede é apenas para prepará-la: em geral, esse é o caso dos textos mais curtos. Por vezes a anedota é acompanhada de uma imagem erótica, que é, assim como ele, o ponto culminante e de atração [...]”⁴⁵ (DIDIER, C.f. SADE 1971, p. XXII-XXIII).

As edições em francês *Historiettes*, *Contes et Fabliaux* consultadas para esta pesquisa foram publicadas em 1927, editada por Maurice Heine e publicada pela *Société du roman philosophique*, em 1971, editada e publicada por Jean-Jacques Pauvert, e em 2003, na edição eletrônica disponibilizada gratuitamente pela loja eletrônica da Amazon.

Para efeito da pesquisa, utilizaremos somente as edições de 1927 e 1971. Essa seleção é justificada por suas características, a saber: 1) ambas as edições de 1927 possuem paratextos (prefácios e notas bibliográficas) que contextualizam a obra; 2) a edição de 1971, editada por Jean-Jacques Pauvert, tem um texto a mais que a edição de 1927, a saber, *Dorci e Séide*; 3) são edições icônicas, resultado dos trabalhos de Maurice Heine (1927) e Jean-Jacques Pauvert (1971), dois dos principais especialistas em Sade; e 4) são edições físicas publicadas.

A análise de paratextos também será feita a partir dessas edições. A edição de 1971 terá maior atenção por ser a única dentre as versões consultadas a conter, além dos 25 textos da compilação original, os textos *Séide e Dorci* e também as notas bibliográficas dos editores. Somente os textos *Séide e Dorci* possuem notas bibliográficas chamadas *Notices*.⁴⁶ Nessas

⁴⁵ “Ces divers thèmes, ces différents tons, Sade les entremêle, les organise dans le genre littéraire du récit bref: genre lui-même complexe et multiforme, dont la variété est bien exprimée par les seules dénominations d’historiettes, contes, fabliaux. [...] Avec la longueur, ce sont en fait, la structure et le rythme qui changent: épisode unique ou aventures à rebondissement. A la limite, la narration se ramène à un bon mot et ce qui précède ne fait que le préparer: tel est, en général, les cas des textes plus bref. Parfois le mot s’accompagne d’une image érotique qui est, comme lui, le point d’aboutissement et d’attraction [...]” (tradução nossa).

⁴⁶ Definição do termo *NOTICES*, conforme o *Dictionnaire de français “Littré”*.

Notice nf (*no-ti-s'*). [...] 3. Morceau écrit sur la vie de quelque homme célèbre. Notice académique. Notice historique. Notice biographique. Notice nécrologique, celle qui a pour sujet un personnage mort depuis peu de temps. Disponível em: <<http://littré.reverso.net/dictionnaire-francais/definition/notices>>. Acesso: maio 2016.

Definição do termo *NOTICE*, conforme o *Le Petit Robert de la langue française 2014*.

notice[nótis] nom féminin. 1. (1721) Préface d’un livre dans laquelle l’éditeur présente succinctement l’auteur et l’œuvre. *Notice de l’éditeur*. 2. Bref exposé écrit, ensemble d’indications sommaires. → abrégé, note. *Notice biographique, bibliographique, nécrologique. Notice explicative. Notice de mode d’emploi*. 3. FIN. Publication d’informations par une société qui émet des actions dans le public.

Definição do termo *NOTICE*, conforme o *Antidote*.

notas bibliográficas encontram-se informações relevantes sobre as publicações de *Séide* e *Dorci*, objeto desta pesquisa que serão detalhadas no Capítulo 3.

Figura 60 - Índice da edição de 1927 de *Historiettes, Contes et Fabliaux*

TABLE DES MATIÈRES	
AVANT-PROPOS	1
HISTORIETTES	
Le Serpent	3
La Saillie gasconne	5
L'heureuse Feinte	8
Le M... puni	12
L'Évêque embourbé	18
Le Revenant	20
Les Harangueurs provençaux	24
Attrapez-moi toujours de même	29
L'Époux complaisant	32
Aventure incompréhensible	34
La Fleur de Châtaignier	41
CONTES ET FABLIAUX	
L'Instituteur philosophe	45
La Prude, ou la rencontre imprévue	49
Émilie de Tourville, ou la cruauté fraternelle	60
Augustine de Villeblanche, ou le stratagème de l'Amour	100

304 TABLE DES MATIÈRES	
Soit fait ainsi qu'il est requis	119
Le Président mystifié	123
La Marquise de Telème, ou les effets du libertinage	223
Le Talion	237
Le Cocu de lui-même, ou le raccommodement imprévu	243
Il y a place pour deux	258
L'Époux corrigé	263
Le Mari prêtre, conte provençal	272
La Châtelaine de Longeville, ou la femme vengée	282
Les Filous	293

Notice, nom féminin. 1. Préface d'un livre dans laquelle l'auteur et l'œuvre font l'objet d'une brève description. 2. Bref exposé écrit. Notice bibliographique, nécrologique, explicative, biographique. 3. Publication d'informations par une société émettant des actions dans le public.

Figura 61 - Índice da edição de 1971 de *Historiettes, Contes et Fabliaux*

<i>Préface</i>	7	Émilie de Tourville ou la cruauté fraternelle	73
HISTORIETTES		Augustine de Villeblanche ou le stratagème de l'Amour	111
Le Serpent	11	Soit fait ainsi qu'il est requis	131
La Saillie gasconne	15	Le Président mystifié	135
L'Heureuse feinte	17	La Marquise de Telème ou les effets du libertinage	233
Le M... puni	21	Le Talion	247
L'Évêque embourbé	27	Le Cocu de lui-même ou le raccommodement imprévu	253
Le Revenant	29	Il y a place pour deux	267
Les Harangueurs provençaux	33	L'Époux corrigé	271
Attrapez-moi toujours de même	39	Le Mari prêtre, conte provençal	281
L'Époux complaisant	43	La Chatelaine de Longeville ou la femme vengée	291
Aventure incompréhensible	45	Les Filous	303
La Fleur de Chataignier	53	DORCI	
CONTES ET FABLIAUX		<i>Notice</i>	313
L'Instituteur philosophe	57	Dorci	317
La Prude ou la rencontre imprévue	61	SÉIDE	
		<i>Notice</i>	341
		Projet de Séide	343

2.3. HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX NO BRASIL

Durante o levantamento bibliográfico das obras de Sade traduzidas no Brasil, foi possível localizar um total de nove edições relacionadas a *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Essa etapa da pesquisa somente foi possível após termos em mãos as edições físicas das referidas obras para a devida comparação de seus conteúdos. No tópico a seguir, detalharemos o processo de levantamento das traduções no Brasil dos textos contidos em *Historiettes, Contes et Fabliaux* (HFC) do Marquês de Sade publicados em coletâneas com vários dos 27 textos da obra de partida editada por Jean-Jacques Pauvert, em 1971, ou mesmo traduções de um único texto da obra.

2.3.1. O levantamento das traduções no Brasil de *Historiettes, Contes et Fabliaux* do Marquês de Sade

No início do levantamento bibliográfico desenvolvido para este estudo, acreditava-se que o texto de *Historiettes, Contes et Fabliaux* era inédito no Brasil. Durante a pesquisa do

levantamento das obras de Sade não encontramos nenhuma obra cujo título se referisse ao título da obra original, *Historiettes, Contes et Fabliaux*.

Inicialmente, nosso levantamento bibliográfico contemplava somente os títulos das obras traduzidas no Brasil. No entanto, no início de 2015, nos deparamos com a reportagem da *Folha de S. Paulo* intitulada “Editora reedita ‘O Marido Complacente’, do marquês de Sade”,⁴⁷ que traz uma breve biografia do Marquês e o trecho do livro *O marido complacente*. Esse trecho contido na reportagem se referia ao texto *A serpente*, primeiro texto da coletânea *Historiettes, Contes et Fabliaux, Le Serpent*, que estávamos traduzindo para ser utilizado em outra pesquisa. A partir desse ponto, vimos a necessidade de fazer uma análise mais ampla das obras traduzidas, contemplando: 1) as fichas catalográficas, no intuito de verificar a origem do texto de partida utilizado pelos tradutores; 2) os sumários das obras traduzidas do Marquês de Sade no Brasil, comparando-os ao sumário das edições francesas de *Historiettes, Contes et Fabliaux* publicadas em 1927 e 1971.

Num segundo momento, percebemos a necessidade de comparar também as diferentes edições das obras traduzidas no Brasil relacionadas à coletânea *Historiettes, Contes et Fabliaux*, que pode se justificar devido às alterações nos formatos das edições, a saber: mudança de capa e de formato de publicação. Num terceiro momento, foram cotejados elementos das nove edições relacionadas à coletânea *Historiettes, Contes et Fabliaux*, sendo comparados: 1) título da obra traduzida; 2) datas das publicações; 3) editora; 4) tradutores; 5) coleções em que a coletânea se insere; e 6) sumários das edições brasileiras em relação ao sumário da obra de partida. O cotejamento dos sumários se fez necessário para que as mudanças ocorridas desde a primeira publicação de coletâneas de traduções brasileiras extraídas da obra francesa *Historiettes, Contes et Fabliaux* fossem identificadas e analisadas. Num quarto momento, analisamos: 1) os títulos dos textos da coletânea; e 2) os elementos paratextuais da obra (capas, contracapas, orelhas, folhas de rosto, prefácios, introduções, as apresentações), caso houvesse.

Todas as traduções publicadas manipularam não somente o título, mas também alteraram a composição original da coletânea *HCF* suprimindo textos. Em momento algum as obras traduzidas apresentaram informações relativas ao texto de partida em francês, exceto a edição de 1992 de *Contos libertinos* da editora Imaginário/Polis, com a menção **Contos extraídos da obra “Historiettes, contes et fabliaux”**. A manipulação na obra traduzida também se faz presente nas edições da obra *O marido complacente* (1985, 1998, 2002 e 2008),

⁴⁷ LIVRARIA DA FOLHA. Editora reedita “O Marido Complacente”, do marquês de Sade

em que a folha rosto apresenta abaixo do título da obra traduzida o subtítulo *Historietas, contos e exemplos*, e na edição da obra *O corno de si mesmo e outras historietas*, de 2012.

Apresentaremos no próximo tópico as coletâneas brasileiras compostas por textos traduzidos para o português do Brasil e oriundos da coletânea francesa *Historiettes, Contes et Fabliaux* com base na pesquisa e no levantamento realizado por Jean-Jacques Pauvert (1971).

2.3.1.1. As coletâneas brasileiras com textos de *Historiettes, Contes et Fabliaux*

Existem três traduções distintas para as edições brasileiras formadas por coletâneas de textos traduzidos da coletânea francesa *Historiettes, Contes et Fabliaux*, sendo a primeira tradução de 1985, a segunda de 1992 e a terceira de 1999, a partir das quais temos reedições.

2.3.1.1.1. A primeira coletânea de textos traduzidos do *HCF* e suas reedições

A primeira coletânea de textos traduzidos de *O marido complacente*, publicada em 1985, tem três reedições, sendo que as edições de 1997/1998[2002] e 2008 conservam o título, mas retiram, por exemplo, as orelhas da edição de 1985, realizando modificações na capa e contracapa e a ligação com à coleção em que a obra se insere. Já a edição de 2012 retira 12 dos 24 textos publicados em 1985, reeditados em anos posteriores, modifica o título da obra (*O corno de si mesmo & outras historietas*), a capa, a contracapa e a coleção em que a obra se insere.

A tradução de Paulo Hecker Filho, intitulada *O marido complacente*, e com revisão de Amanda Lacerda Costa, Manfredo Rotermund e Márcia Camargo, foi publicada em 1985 na coleção “Rebeldes & Malditos” pela L&PM Editores. Essa tradução foi reeditada e incluída na coleção “L&PM Pocket” em 1998 com o mesmo título de 1985, sendo reeditadas em 2002 e 2008. Além da mudança de formato do livro, a edição de 1998 e suas reedições passam a contar com revisão de Flávio Dotti Cesa e Delza Menin. É importante ressaltar que a edição de 1985 e suas reedições contêm 24 dos 25 textos originários de *Historiettes, Contes et Fabliaux* publicado em 1927 por Maurice Heine.

Reeditada novamente em 2012, a tradução de Hecker Filho foi publicada na coleção “64 Páginas” sob o título *O corno de si mesmo & outras historietas* e revisada pela L&PM Editores. Essa edição apresenta somente 12 textos originários de *Historiettes, Contes et Fabliaux* não divididos nas categorias “Historietas” e “Contos e Exemplos”, como apresenta a edição de 1985 e suas reedições.

2.3.1.1.2. A segunda coletânea de textos traduzidos do *HCF* e suas reedições

A segunda coletânea de textos traduzidos, intitulada *Contos libertinos*, publicada em 1992, tem duas reedições de 1997 e 2009. Da edição de 1992 para a de 1997, mudou-se a capa e contracapa e foram retiradas as orelhas, por exemplo, mas o título permaneceu o mesmo. Já a edição de 2009, além da mudança de editora e, conseqüentemente, de coleção, teve o título alterado para *O corno de si próprio e outros contos*, além de inserção de uma introdução e de minibiografias do autor, do tradutor, do prefaciador e da apresentação da série dessa coletânea.

Em 1992, a editora Imaginário publica a tradução de 11 dos 27 textos da obra *Historiettes, Contes et Fabliaux* sob o título *Contos libertinos*. Esses textos, como informado na folha de rosto, foram traduzidos por Plínio Augusto Coêlho e Alípio Correia de Franca Neto, porém na ficha catalográfica somente é informado que a organização da obra traduzida ficou sob responsabilidade de Plínio Augusto Coêlho e a revisão, de Alípio Correia de Franca Neto. Não há informação acerca do(s) tradutor(es).

Cinco anos depois, em 1997, a editora Imaginário reedita a obra *Contos libertinos* em formato de bolso com 10 textos, tendo sido excluída a historieta *A flor do castanheiro (La Fleur de châtaignier)*. Os textos dessas edições da Imaginário não são categorizados em *Historiettes, Contes et Fabliaux*, conforme apresentado nas edições em francês.

Em 2009, a tradução publicada em 1997 pela editora Imaginário foi reeditada pela editora Hedra, na série “Erótica”, sob o título de *O corno de si próprio e outros contos* com os mesmos 10 textos da edição da Imaginário. Nessa edição da editora Hedra, a tradução é de autoria de Plínio Augusto Coêlho, não sendo citado em nenhum momento o nome do tradutor Alípio Correia de Franca Neto, também responsável pela tradução de 1992 e reeditada em 1997 pela editora Imaginário. É nessa edição que temos uma introdução importante, de 22 páginas, de autoria do escritor francês Guillaume Apollinaire, segundo informa o sumário do livro e o cabeçalho das páginas pares dessa introdução, não havendo informações acerca da origem do texto. O texto de Apollinaire apresenta uma minibiografia de Sade e cita outros escritores do século XIX que comentam a respeito do Marquês. Contudo, acreditamos que essa introdução seja, na verdade, uma tradução da introdução da obra autoral de Apollinaire intitulada “L’Œuvre du Marquis de Sade”, publicada em 1909, obra citada no Capítulo 1 desta dissertação.

Apresentamos no Quadro 1, em ordem crescente do ano de publicação, as obras traduzidas no Brasil publicadas em formato de coletâneas de textos contidos originalmente em

Historiettes, Contes et Fables, dispostas nas seguintes categorias: 1) Título da obra traduzida; 2) Editora; 3) Ano; 4) Coleção; 5) Tradutor; e 6) Citação da coletânea *HCF*.

Quadro 1 - Traduções de *Historiettes, Contes e Fables* publicadas no Brasil em forma de coletânea.

Título da obra traduzida	Editora	Ano	Coleção	Tradutor	Menção ao original
O marido complacente	L&PM Editores	1985	Rebeldes Malditos	Paulo Hecker Filho	-
Contos libertinos	Imaginário / Polis	1992	O olhar libertino 1	Plínio Augusto Coêlho; Alípio Correia de Franca Neto	X
	Imaginário	1997	Sátiros e Bacantes	Plínio Augusto Coêlho; Alípio Correia de Franca Neto	-
O marido complacente	L&PM	1997/1998 (Reeditada em 2002 e 2008)	L&PM Pocket	Paulo Hecker Filho	-
O corno de si próprio e outros contos	Hedra	2009	Série Erótica	Plínio Augusto Coêlho	-
O corno de si mesmo & outras historietas	L&PM	2012	Coleção 64 páginas	Paulo Hecker Filho	-

No Quadro 2 apresentamos a lista detalhada dos textos publicados nas coletâneas relacionadas à obra francesa *Historiettes, Contes et Fables*. Assim, apresentamos na segunda coluna desse quadro os títulos dos 27 textos que compõem a edição de 1971 da coletânea francesa *Historiettes, Contes et Fables* editada por Jean-Jacques Pauvert. Da terceira à sexta coluna, apresentamos as informações das obras de Sade traduzidas para o português do Brasil que foram publicadas em formato de coleções com o mais variados número de textos traduzidos. Ressaltamos que as informações relativas às edições da obra *O marido complacente*

(1985, 1998, 2002 e 2008) serão apresentadas em uma única coluna, por não apresentarem alterações na seleção de textos traduzidos; essas edições se diferem somente em relação aos paratextos. Optamos por não criar duas colunas para a obra *Contos libertinos* editada em 1992 e em 1997, visto que o conteúdo das edições se difere somente em um texto: *A flor do castanheiro* (*La Fleur de Châtaignier*), não publicado na edição de 1997 – informação contida na célula referente a esse texto e a essa obra (Quadro 2).

Quadro 2 - Comparativo dos sumários das coletâneas brasileiras e o original

	<i>Historiettes, Contes et Fabliaux, Jean-Jacques Pauvert, 1971</i>	O Marido Complacente	Contos Libertinos	O corno de si próprio e outros contos	O corno de si mesmo e outras historietas
		LP&M	Imaginário	Hedra	LP&M
		1985, 1998, 2002, 2008	1992, 1997	2009	2012
1.	<i>Le Serpent</i>	A serpente	X	X	X
2.	<i>La Saillie Gasconne</i>	A gasconada	X	X	X
3.	<i>L'heureuse Feinte</i>	Abençoada simulação	X	X	Abençoada simulação
4.	<i>Le M... puni</i>	O rufião punido	X	X	O rufião punido
5.	<i>L'évêque Embourbé</i>	O bispo atolado	X	X	X
6.	<i>Le Revenant</i>	O fantasma	X	X	X
7.	<i>Les Harangueurs Provençaux</i>	Os oradores provençais	X	X	X
8.	<i>Attrapez-Moi Toujours De Même</i>	Vai assim mesmo	Enganai-me sempre assim	Enganai-me sempre assim	Vai assim mesmo
9.	<i>L'époux Complaisant</i>	O marido complacente	O esposo complacente	O esposo complacente	X
10.	<i>Aventure Incompréhensi ble Et Attestée Par Toute Une Province</i>	Aventura incompreensível atestada por toda uma província	X	X	Aventura incompreensível atestada por toda uma província

11.	<i>La Fleur De Châtaignier</i>	A flor do castanheiro	A flor do castanheiro <u>(Texto retirado na edição de 1997)</u>	X	A flor do castanheiro
12.	<i>L'instituteur Philosophe</i>	O preceptor filósofo	O professor filósofo	O Professor Filósofo	X
13.	<i>La Prude Ou La Rencontre Imprévue</i>	A pudica ou o encontro imprevisto	A pudica, ou o encontro imprevisto	A pudica, ou o encontro imprevisto	A pudica ou o encontro imprevisto
14.	<i>Emilie De Tourville Ou La Cruauté Fraternelle</i>	Emília de Tourville ou a crueldade fraterna	X	X	X
15.	<i>Augustine De Villeblanche Ou Le Stratagème De L'amour</i>	Augustina de Villeblanche ou o estratagema do amor	Augustine de Villeblanche, ou o estratagema do amor	Augustine de Villeblanche, ou o estratagema do amor	X
16.	<i>Soit Fait Ainsi Qu'il Est Requis</i>	Faça-se como requerido	X	X	Faça-se como requerido
17.	<i>Le Président Mystifié</i>	O presidente Ludibriado	X	X	X
18.	<i>La Marquise de Telême ou Les Effets du Libertinage</i>	X	X	X	X
19.	<i>Le Talion</i>	Talião	O talião	O Talião	Talião
20.	<i>Le Cocu De Lui-Même Ou Le Raccommodement Imprévu</i>	O corno de si mesmo ou a conciliação inesperada	O corno de si próprio ou a reconciliação o Imprevista	O corno de si próprio ou a reconciliação Imprevista	O corno de si mesmo ou a conciliação inesperada
21.	<i>Il Y A Place Pour Deux</i>	Há lugar para dois	Há lugar para dois	Há lugar para dois	X

22.	<i>L'époux Corrigé</i>	O marido castigado	O marido que recebeu uma lição	O marido que recebeu uma lição	O marido castigado
23.	<i>Le Mari Prêtre Conte Provençal</i>	O marido padre, conto provençal	O marido padre - conto provençal	O marido padre: conto provençal	O marido padre
24.	<i>La Châtelaine De Longeville Ou La Femme Vengée</i>	A castelã de Longeville ou a mulher vingada	X	X	A castelã de Longeville ou a mulher vingada
25.	<i>Les Filous</i>	Os gatunos	X	X	Os gatunos
26.	<i>Dorci Ou La Bizarrerie Du Sort</i>	X	X	X	X
27.	<i>SÉIDE Conte moral et philosophique</i>	X	X	X	X
	TOTAL DE TEXTOS TRADUZIDOS	24	10 (edição de 1992) 9 (edição de 1997)	10	13

2.3.1.2. As publicações de textos individuais traduzidos do *Historiettes, Contes et Fabliaux* (HCF)

Em 1999, a editora Scrinium, juntamente com a editora Contracapa, publicam o conto *O presidente ludibriado (Le Président Mystifié)*, presente na coletânea francesa *Historiettes, Contes et Fabliaux*, de tradução de Sérgio Coelho. Essa edição conta com Apresentação de Gabriel Giannattasio,⁴⁸ historiador e professor associado da Universidade Estadual de Londrina.

Em 2008, a editora Universidade Falada lança o audiolivro do conto *A crueldade fraternal (Emilie de Tourville ou La Cruauté Fraternelle)* na série “Literatura Estrangeira”. Segundo informações presentes na capa, o audiolivro tem duração de 1 hora e 5 minutos com

⁴⁸ Lattes Gabriel Giannattasio. (Última atualização do currículo em 14/09/2015). Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9364438762152350>>. Acesso: maio 2016.

o “texto na íntegra”, além de uma biografia e comentário sobre as obras de Sade. Em relação a esse “texto na íntegra”, não é informado o nome do tradutor ou o título da obra traduzida que foi narrada.

No Quadro 3 apresentamos as obras traduzidas no Brasil, que contém somente um texto da coletânea *Historiettes, Contes et Fabliaux*, conforme as seguintes categorias: 1) Título da obra traduzida; 2) Editora; 3) Ano; 4) Coleção; 5) Tradutor; e 6) Citação da coletânea *HCF*.

Quadro 3 - Traduções de excertos de Historiettes, Contes e Fabliaux publicadas no Brasil.

TÍTULO DA OBRA TRADUZIDA	EDITORA	COLEÇÃO	TRADUTOR	ANO	CITAÇÃO DA COLETÂNEA HCF
O presidente ludibriado	Scrinium / Contracapa	Canto Literário	Sérgio Coelho	1999	-
A crueldade Fraternal	Universidade Falada	Série Literatura Estrangeira (Audiolivro)	—	2008	-

Analisaremos no próximo tópico os elementos paratextuais presentes nas traduções publicadas no Brasil que se fundamentam nos textos da coletânea *Historiettes, Contes et Fabliaux*, do Marquês de Sade.

2.4. ANÁLISE PARATEXTUAL DAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS

Neste tópico, analisaremos elementos paratextuais das traduções publicadas no Brasil de *Historiettes, Contes et Fabliaux*, de autoria do Marquês de Sade. Para tal, optamos por utilizar o método proposto por Torres (2011), qual seja, analisar, separadamente, 1) os aspectos ou índices morfológicos (capa, contracapa, páginas de rosto, sumário); e 2) os discursos de acompanhamento (apresentações, advertências, introduções, notas, orelhas, prefácios, posfácios). Não realizaremos nesta pesquisa a análise de metatextos, que de acordo com Torres (2011) nada mais são que “os intertítulos, notas de pé de página ou ainda os glossários inseridos no corpo do texto [...] o(s) texto(s) dentro do texto” (TORRES, 2011, p. 19).

Analisaremos primeiramente as coletâneas *O marido complacente e Contos libertinos* e suas reedições, e, por fim, dois textos traduzidos publicados individualmente em formato de livro (*O presidente ludibriado*) e de audiolivro (*A crueldade fraternal*).

2.4.1. A primeira coletânea: *O Marido Complacente* publicada em 1985 e suas reedições

Analisaremos neste subtópico, primeiramente, a edição de 1985 e, em seguida, suas reedições. Analisaremos, num primeiro momento, os índices morfológicos e num segundo momento, os discursos de acompanhamento.

2.4.1.1. Edição de 1985

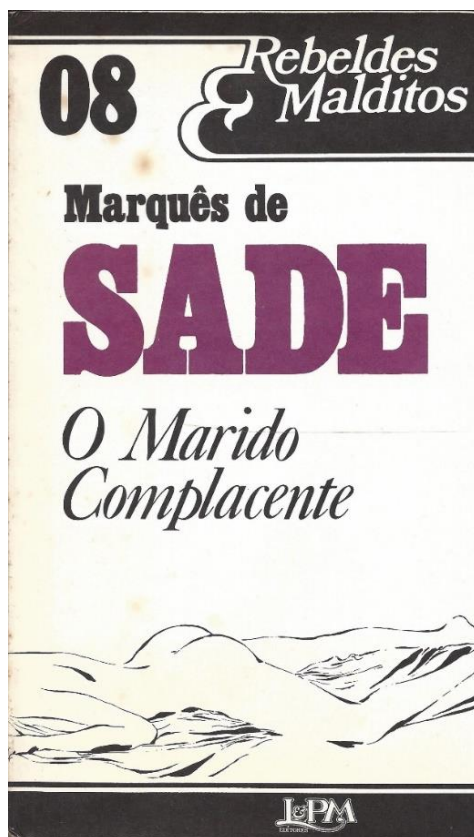
Em 1985, onze anos após a fundação da L&PM Editores por Ivan Pinheiro Machado e Paulo de Almeida Lima em 24 de agosto de 1974, é publicada a primeira coletânea com textos contidos na coletânea francesa *Historiettes, Contes et Fabliaux* do Marquês de Sade e traduzidos por Paulo Hecker Filho. Discorreremos, nos subtópicos a seguir, acerca de itens indispensáveis à análise das obras traduzidas: seus índices morfológicos e discursos de acompanhamento (TORRES, 2011). Analisaremos primeiramente os índices morfológicos (capas externas – frente e verso; capas internas – folhas de rosto, entre outros).

2.4.1.1.1. ÍNDICES MORFOLÓGICOS

Analisaremos neste subtópico a capa, a contracapa e a folha de rosto da edição de 1985.

2.4.1.1.1.1. CAPA

Figura 62 - Capa - *O Marido Complacente*, L&PM editores, 1985



2.4.1.1.1.1.1. Ilustração

A capa é ilustrada com uma gravura de autoria de Ivan Pinheiro Machado, um dos fundadores da editora L&PM. Essa ilustração lembra os trabalhos do arquiteto, quadrinista e escritor italiano Guido Crepax⁴⁹ (1933-2003), autor de *Valentina*, publicado originalmente em 1965, e das adaptações para quadrinhos da obra *Justine*, do Marquês de Sade, em 1979, e de *A história de "O"*, de autoria de Pauline Réage, traduzida e publicada 1988 também pela L&PM e reeditada em 2013⁵⁰. Mestre dos quadrinhos eróticos italianos, Crepax utiliza-se de um traçado caracteristicamente sinuoso, como pode ser observado em suas obras e que podemos ver a referência na ilustração da capa da edição de *O marido complacente*, de 1985. A associação do nome de Sade com a ilustração da capa acaba por reforçar o estereótipo erótico da obra de Sade.

⁴⁹ Guido Crepax. Disponível em: <<http://www.guidocrepax.it/>>. Acesso: maio 2016.

⁵⁰ Crepax (2013).

2.4.1.1.1.2. O nome do autor

Na capa da edição de 1985 (Figura 62), encontra-se impresso o nome de SADE: em caixa alta em cor roxa. Podemos observar na capa o realce e a atenção dada ao nome do autor, posicionado logo abaixo do selo da coleção “Rebeldes & Malditos”, numa fonte diferente e muito maior que o título da obra.

Ainda com relação ao nome do autor e à fonte utilizada, chama atenção o fato de que o “SADE” está em caixa alta em cor roxa e localizado na parte superior central da página, enquanto o seu título, “Marquês de”, está posicionado logo acima em fonte um pouco menor e em cor preta. A escolha por esse destaque ao nome SADE pode se justificar possivelmente como uma escolha editorial de fundo publicitário, visto que Sade já era um autor conhecido no território brasileiro e até então com 17 traduções publicadas desde a publicação de sua primeira obra traduzida no Brasil em 1961, *Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir* pela editora Difusão Europeia do Livro.

2.4.1.1.1.3. Título da obra

O título da obra, *O marido complacente*, é posicionado logo abaixo do nome do autor, em fonte bem menor e em itálico, ficando claro que o foco dessa edição é o nome do autor “SADE”, e não o título da obra em si.

2.4.1.1.1.4. Editora/Coleção

Observamos na capa a presença do selo editorial da L&PM EDITORES na parte inferior da capa em uma faixa negra. Na parte superior, à direita, também em uma faixa negra, observamos o selo da coleção “Rebeldes & Malditos”, em uma fonte grande, que segundo Genette, nada mais seria do que “[...] uma duplicação do selo editorial, que indica imediatamente ao potencial leitor que tipo ou que gênero de obra tem em sua frente [...]” (GENETTE, 2009, p. 26).

Quadro 4 - Análise da capa da edição de 1985

Título	Autor	Menção do Tradutor	Língua/Cultura de origem	Editores	Coleção	Data de publicação
O Marido Complacente	Marquês de Sade	Φ	Φ	L&PM Editores	Rebeldes & Malditos	Outono de 1985 (informação no verso da folha de rosto)

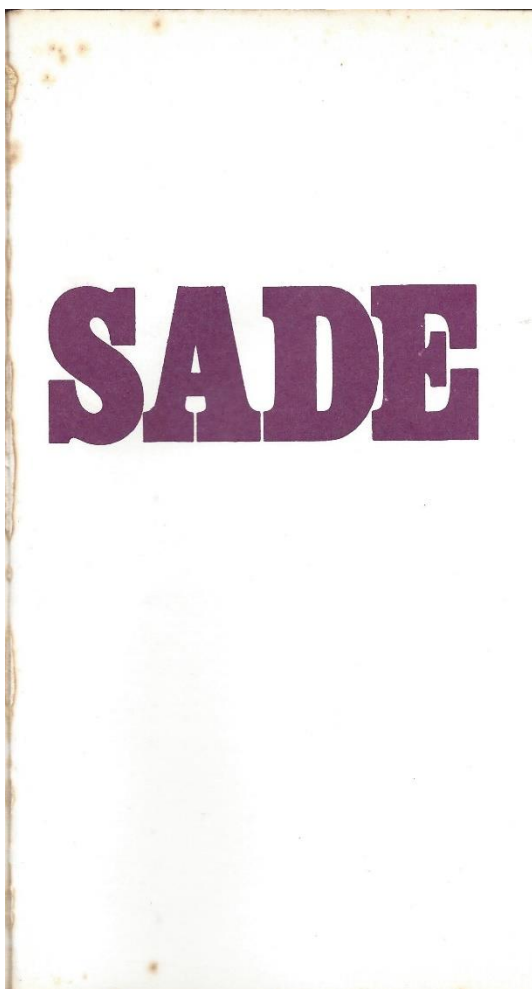
2.4.1.1.1.2. CONTRACAPA

Figura 63 - Contracapa de *O marido complacente* - 1985

A contracapa (Figura 63), ou quarta capa, devido ao seu lugar estratégico, traz, no alto da página, o título da obra traduzida, *O marido complacente*, em fonte maior e em itálico. Logo abaixo do título, em uma posição mais centralizada da página, um trecho da terceira historieta presente nessa obra, intitulada “Abençoada simulação”, com o objetivo, de certa forma, de incitar o leitor curioso a comprá-la. Logo abaixo desse trecho, é informado, em fonte menor ao trecho da historieta, a fonte do trecho apresentado, uma ferramenta de publicidade que chama a atenção do leitor. Por fim, ao final da página, é apresentado o selo editorial da L&PM EDITORES.

Destacamos ainda que na terceira capa, verso da contracapa (Figura 64), encontra-se impresso o nome de SADE, assim como na capa dessa edição: em caixa alta em cor roxa e tamanho grande.

Figura 64 - Terceira capa de *O marido complacente*, 1985



Quadro 5 - Análise da contracapa da edição de 1985

Título	Informações	Editora	Verso da contracapa
<i>O Marido Complacente</i>	Trecho da obra e referência a este trecho	L&PM Editores	Menção ao nome do autor

2.3.1.1.1.3. FOLHA DE ROSTO

Figura 65 - Folha de rosto da edição de 1985 de *O Marido complacente*, L&PM Editores

Chama atenção a folha de rosto (Figura 65) dessa edição, que contém o subtítulo da obra traduzida, *Historietas, contos e exemplos*. Esse subtítulo remete claramente ao título da obra de partida, *Historiettes, Contes et Fabliaux*, contudo não há quaisquer referências ao original francês na ficha catalográfica da obra traduzida. Além disso, nos é informado, com fonte em negrito, que Paulo Hecker Filho é o tradutor da obra e autor das notas presentes no livro.

Quadro 6 - Análise da folha de rosto da edição de 1985

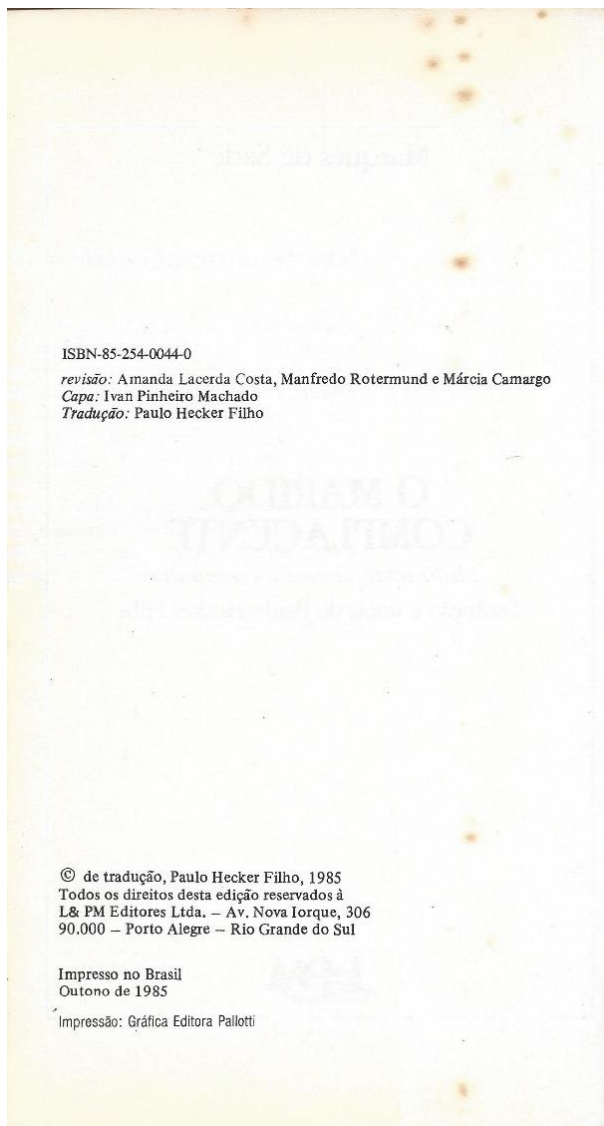
Título	Autor	Menção do Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editores	Coleção	Data de publicação
O Marido Complacente – Historietas, contos e exemplos	Marquês de Sade	Tradução e notas de Paulo Hecker Filho	Φ	L&PM Editores	Φ	Φ

2.3.1.1.1.4. Ficha catalográfica ou colofão

Este subtópico visa apresentar a ficha catalográfica ou o colofão das obras analisadas, por serem imprescindíveis à análise de todo o livro. Para tal, é importante compreender o porquê do “*OU*” no título deste subtópico.

O *colofão*, ou ficha técnica, nada mais é do que a página que apresenta informações acerca do autor, do editor, do impressor, ISBN, entre outros, como se pode verificar na NBR 6029⁵¹; pode estar localizado tanto no início quanto no final do livro. A *ficha catalográfica* passou a substituir o colofão, sendo o local onde se encontra os dados de catalogação e para a identificação de uma obra: autor, título, local e ano de publicação, editor, tradutor, ISSN, entre outros; além disso, se localiza no verso da folha de rosto, onde os “[...] dados internacionais de catalogação-na-publicação (ficha catalográfica) devem ser impressos no terço inferior e elaborados conforme a NBR12899 e o Código de Catalogação Anglo-Americano vigente” (NBR 6029).

⁵¹**NBR 6029.** Informação e documentação - Livros e folhetos – Apresentação. Rio de Janeiro, RJ: Associação Brasileira de Normas Técnicas. Disponível em: <http://www.cct.udesc.br/arquivos/id_submenu/203/nbr_6029.pdf>. Acesso: maio 2016.

Figura 66 - Colofão – *O Marido complacente*, L&PM, 1985

Essa edição de 1985 apresenta colofão no verso da folha de rosto em sua parte central com as seguintes informações: ISBN, revisão, capa, tradução. Na parte inferior, estão as informações sobre a tradução e a editora, com a informação de que foi impresso no Brasil no outono de 1985 e impresso pela Gráfica Editora Pallotti.

2.3.1.1.1.5. Sumário

Figura 67 - Sumário - *O Marido Complacente* - L&PM, 1985

Índice	
Convite ao prazer – prefácio	5
Historietas	
A serpente	15
A gasconada	16
Abençoada simulação	17
O rufião punido	19
O bispo atolado	21
O fantasma	22
Os oradores provençais	24
Vai assim mesmo	25
O marido complacente	26
Aventura incompreensível atestada por toda uma província	27
A flor do castanheiro	30
Contos e Exemplos	
O preceptor filósofo	35
A pudica ou o encontro imprevisto	36
3	
Emília de Tourville ou a crueldade fraterna	41
Augustina de Villeblanche ou o stratagem do amor	58
Faça-se como requerido	67
O presidente ludibriado	68
Talião	115
O corno de si mesmo ou a conciliação inesperada	118
Há lugar para dois	125
O marido castigado	127
O marido padre, conto provençal	131
A castelã de Longeville ou a mulher vingada	135
Os gatunos	140
4	

O sumário da edição de *O marido complacente* de 1985 é dividido em três partes: 1) prefácio intitulado “Convite ao prazer”, de autoria de Paulo Hecker Filho, como se pode verificar na folha de rosto; 2) *Historietas* com 11 textos; e 3) *Contos e exemplos* com 13 textos.

2.4.1.1.2. TEXTOS DE ACOMPANHAMENTO – EDIÇÃO DE 1985

Analisaremos neste subtópico os discursos ou textos de acompanhamento, que segundo Torres (2011) são quaisquer marcas paratextuais que apresentam a ideologia mais claramente, por exemplo, prefácios, posfácios, introduções e orelhas. Por esse motivo, analisaremos as seguintes marcas paratextuais: orelhas e prefácio.

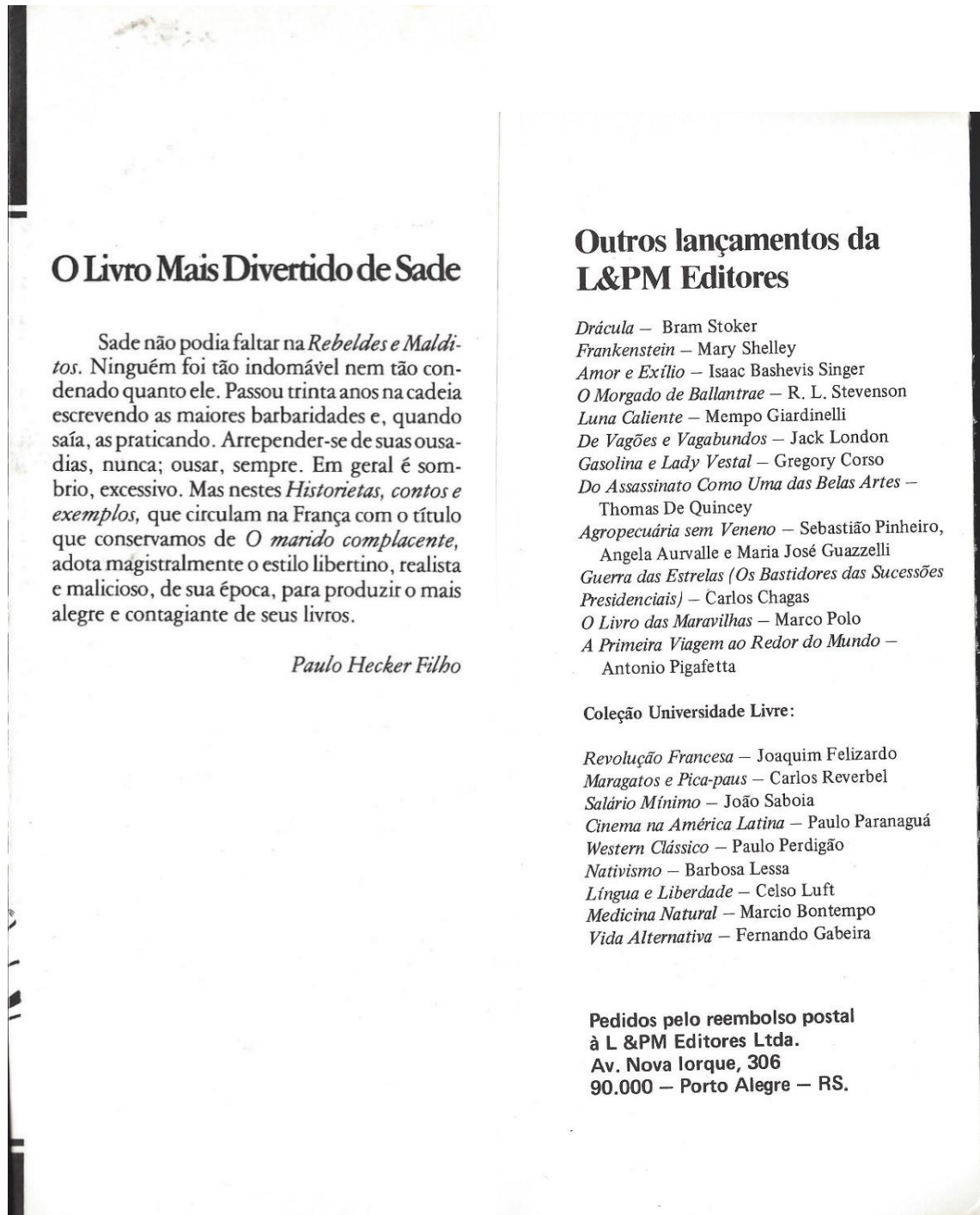
2.4.1.1.2.1. ORELHAS

Em relação às orelhas do livro, Genette afirma que

[...] a capa pode ter orelhas ou desdobros, restos atrofiados de uma antiga encadernação, que podem hoje abrigar algumas das indicações já listadas, ou sua chamada, e especialmente o *release*, o manifesto de coleção, as listas de obras do mesmo autor ou da mesma coleção. Aqui também, uma orelha muda. Como todo ato de desperdício, é uma marca de prestígio (GENETTE, 2009, p. 30).

A publicação traz, na primeira orelha (Figura 68), uma nota introdutória do livro intitulada “O livro mais divertido de Sade”, de autoria de Paulo Hecker Filho, possui uma função publicitária e promocional dessa primeira obra formada por textos traduzidos originalmente contidos na coletânea francesa *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Chama atenção, porém, o seguinte trecho da nota: “[...] Mas nestes *Historietas, contos e exemplos*, que circulam na França com o título que conservamos de *O marido complacente* [...].” A atenção é devido ao subtítulo da obra, *Historietas, contos e exemplos*, apresentado somente na folha de rosto, que remete, a princípio, ao título original, mesmo tendo Hecker Filho dado a entender que a obra em circulação na França teria o título original mais próximo ao título em português, *O marido complacente*, e não ao seu subtítulo.

Figura 68 - OrelhaS - *O Marido Complacente*, L&PM Editores, 1985 – Primeira orelha (esquerda), segunda orelha (direita)



A segunda orelha é usada somente como espaço publicitário para outras publicações da editora – 12 lançamentos da editora, seguidos de nove obras publicadas na coleção “Universidade Livre” –, e ao final da orelha o endereço da editora para a realização de pedidos à época da publicação dessa edição.

Quadro 7 - Análise das orelhas da edição de 1985

Orelha	Título da orelha	Autor da orelha	Título da obra	Autor da obra traduzida	Coleção	Informações adicionais
Primeira orelha	<i>O Livro Mais Divertido de Sade</i>	Paulo Hecker Filho	<i>O Marido Complacente</i>	Sade	Rebeldes & Malditos	Minibiografia de Sade
Segunda orelha	Outros lançamentos da L&PM Editores	Φ	Φ	Φ	Φ	1. Títulos e autores publicados recentemente; 2. Lista de livros que compõe a <i>Coleção Universidade Livre</i> ; 3. Endereço da L&M Editores

2.4.1.1.2.2. PREFÁCIO

Em um texto intitulado “Convite ao prazer”, Paulo Hecker Filho apresenta, em sete páginas, não somente a coleção “Rebeldes & Malditos”, mas principalmente o autor francês do século XVIII, mais conhecido como Marquês de Sade. Consideramos o texto de autoria de Hecker Filho, mesmo não tendo sido assinado, devido à informação contida na folha de rosto dessa obra: “Tradução e notas de Paulo Hecker Filho”; o texto, que a princípio poderia ser considerado de autoria inserta, só fica evidente na reedição de 2008 com a presença do nome do tradutor logo abaixo do título do prefácio.

Nessa edição, a obra traduzida fez parte da coleção “Rebeldes & Malditos”; coleção “criada por Ivan Pinheiro Machado e que, em 1984, já publicava, entre outros, *Cartas a Théo*, de Van Gogh, *De profundis*, de Oscar Wilde, *Paraísos artificiais*, de Charles Baudelaire, e *A correspondência de Arthur Rimbaud*” (MACHADO, 2011), além de autores como William Blake, Gregório de Matos e Guillaume Apollinaire.

“Convite ao prazer” faz uma boa introdução sobre quem seria o Marquês de Sade, e ao mesmo tempo ressalta o “eu” alegórico do autor, sua autoafirmação como ateu, empírico e

lógico. Contudo, esse texto ressalta, única e exclusivamente, o Sade escritor de livros pornográficos. Hecker Filho destaca o estilo direto de Sade e a reapropriação da obra sadiana por Guillaume Apollinaire, pois “pôde hibernar cem anos, vilipendiado, até que o poeta Apollinaire, neste século, o redescobrisse [...]” (SADE, 1985, p. 5).

Hecker Filho destaca os temas escolhidos por Sade, que por vezes levaram-no à prisão e à beira da morte. Como exemplo das consequências de sua escrita, ressalta a publicação do romance *Zoloé*, que seria uma crítica a Napoleão e Josefina, sua esposa. Esse romance foi por anos considerado erroneamente de autoria de Sade, fato analisado e reconsiderado por Gilbert Lely (2004) e Fernando Peixoto (1979).

Além da eterna pornografia sádica, publicava ressentidas calúnias, como a novela *Zoloé* contra Josefina. Era um caso de polícia, e essa não se omitiu. Chegou inclusive a ser condenado à morte à revelia e, já no Novo Regime, ia ser guilhotinado, mas deu sorte, não o acharam nas prisões em que podia estar... (SADE, 1985, p. 6)

As diversas prisões e sua transformação em escritor nas celas são relatadas em “Convite ao prazer”. O desaparecimento de manuscritos e, por vezes, a destruição de manuscritos e obras completas pela polícia e pelos descendentes de Sade, também são ressaltados. Critica o Sade romancista e pornográfico e destaca seu fracasso em ambos papéis, mas enfatiza a qualidade do Sade ficcionista presente em romances e contos.

Ao escritor atrapalha menos a própria pessoa nos relatos curtos, e menos ainda nos curtíssimos, que não dão margem a divagações. Contos de relativa extensão, como a primeira *Justina, ou os infortúnios da virtude* e alguns dos *Crimes do amor*, com destaque para *Eugênia de Franval*, e mais ainda os breves ou brevíssimos deste volume, se desligam melhor das obsessões do autor para serem mais contos e interessar amplamente (SADE, 1985, p. 7).

Cita novamente, já no final do prefácio, o Sade escritor de contos breves:

Mas o destaque neste livro são os contos breves, onde irrompe o contista nato, a desvelar o tema com a expressão mais simples e insubstituível, como na linha dos velhos contos tradicionais e dos autores mais duradouros, de Boccaccio a Maupassant. Sade, sempre tão preso a si, se defendendo, se esquece aqui bastante para ser empolgado por um gênero, por seu talento para ele. Não falta nem sobra nada [...] (SADE, 1985, p. 11)

Hecker Filho destaca, citando o subtítulo da obra, a justificativa para a escolha do título dessa obra: “[...] mantivemos o título emprestado a um dos contos, *O marido complacente* [...]”

(p. 7). Além disso, informa que os textos foram escritos em 1787-1788 na Bastilha, e que, à época, eram populares nas edições de bolso na França.

Após o breve relato acerca da obra traduzida, Hecker Filho escreve uma breve biografia de Sade, citando suas prisões por libertinagem, blasfêmias e profanações à imagem de Cristo. Destaca o fato de que em 1768, aos 28 anos, foi condenado por ter flagelado e encarcerado em um quarto na casa que mantinha para encontros em Paris a pedinte Rose Keller. Relata ainda os fatos que o condenaram, em 1792, após ter sido acusado de envenenamento e sodomia, caso que ficou conhecido como o “Caso de Marselha”. Suas prisões, fugas e atuações como escritor encarcerado, são relatadas, bem como sua prisão, em 1801, a pedido de Napoleão, em razão das obras *Justina* e *Julieta*; preso no hospício de Charenton, morre em 1814, não tendo sua identificação gravada em sua lápide.

Hecker Filho, em sua escrita um tanto informal, cita obras relacionadas a Sade, *Satan's Saint*, de Guy Endore, publicada em 1965, e a tradução *É preciso acabar com Sade?*, de Simone de Beauvoir, publicada em 1955, assim como os trabalhos dos pesquisadores Maurice Heine e Gilbert Lely.

Hecker Filho informa que os contos apresentados nessa edição apareceram inicialmente em 1926 e foram organizados por Maurice Heine. Prefácio de tom irônico, com escrita por vezes ambígua e prolixa, e com dados incorretos quanto a Sade, tem um dos pontos mais importantes, se não o mais importante, para os pesquisadores em Estudos da Tradução já ao final do texto: Hecker Filho relata seu processo tradutório.

De fato, não fui servil, aliviei o peso de certas convenções formais em desuso, dividi com pontos períodos de longos parágrafos, podendo dificultar o acompanhamento, apesar da costumeira clareza do autor, evitei um pouco a constante repetição de expressões e termos. Verti estes contos por ter gostado deles, de sua graça maliciosa. Era importante e busquei ser ágil para não perdê-la. Mas me mantenho sempre fiel. Não inventei, compreendi (SADE, 1985, p. 10).

Quadro 8 - Análise do prefácio da edição de 1985

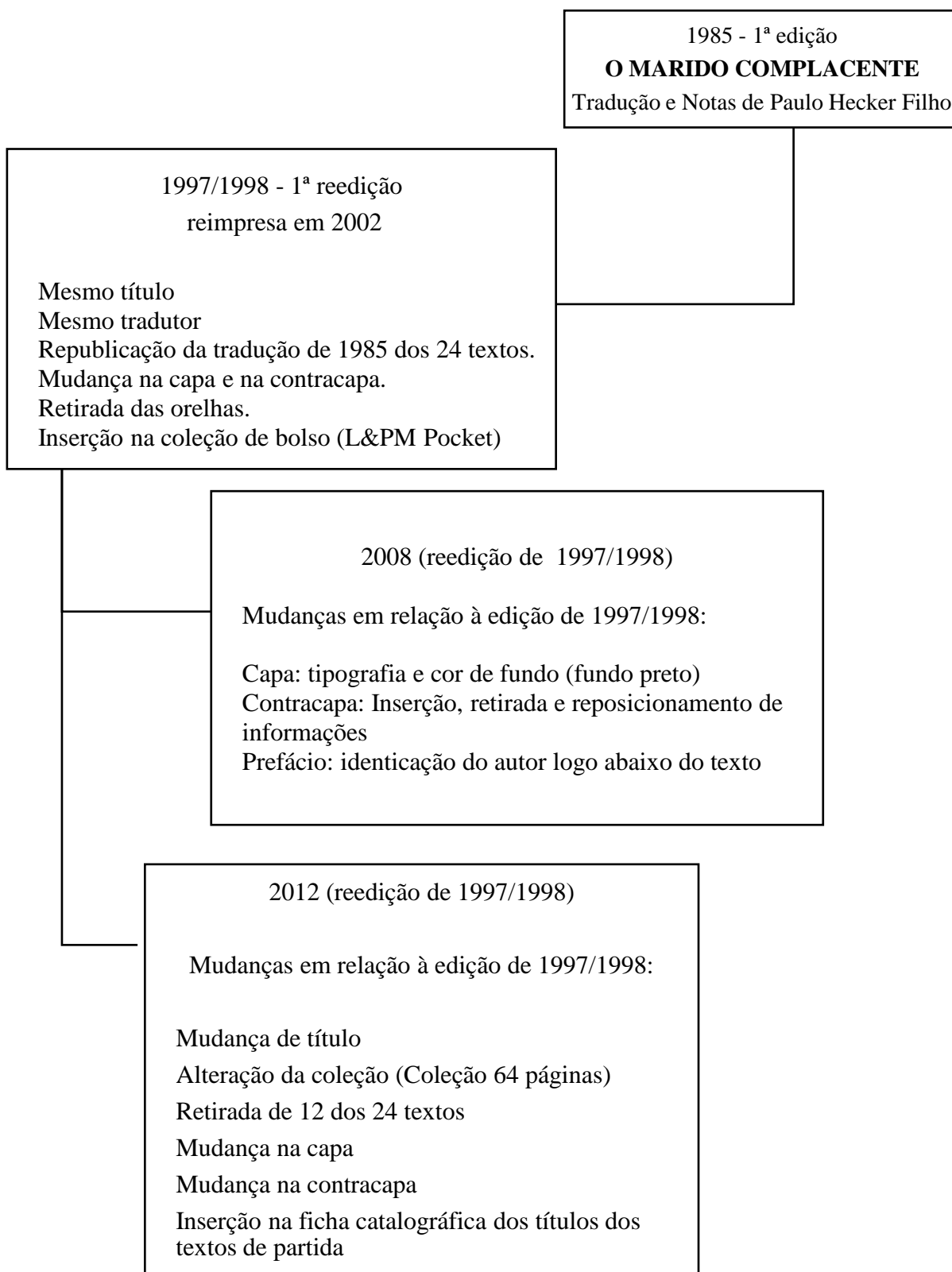
Título do Prefácio	Autor do Prefácio	Tamanho	Menção à obra	Menção à Coleção	Menção ao autor da obra traduzida	Informações importantes presentes no Prefácio
Convite ao Prazer	Paulo Hecker Filho (Informado na folha de rosto e subentendo no texto; o texto não é assinado)	7 páginas	<i>O marido complacente</i>	Rebeldes & Malditos	Sade	1. Minibiografia do autor da obra; 2. Menção a importantes estudiosos do Marquês 3. Relato do processo tradutório de Paulo Hecker Filho

2.4.1.2. As reedições de *O marido complacente* de 1985

Apresentaremos neste subtópico as análises paratextuais das reedições da edição de 1985 de *O marido complacente*, de autoria de Marquês de Sade, publicado pela L&PM Editores. Este subtópico apresentará as reedições da edição datada de 1997/1998 [1985] e será dividido em duas partes: 1) análise das edições de 2002 e 2008; e 2) análise da edição de 2012.

Nossa escolha pode ser justificada pelo Fluxograma 1. A edição publicada em 1998 utiliza-se da mesma tradução de Paulo Hecker Filho publicada em 1985, contudo altera a capa e a contracapa, retira as orelhas e é retirada da coleção “Rebeldes & Malditos”, sendo inserida na coleção “L&PM Pocket”. Essa edição de 1998 foi reeditada em 2002 com modificações na capa, contracapa e prefácio.

Já o texto publicado em 2012 tem alterações drásticas que vão, por exemplo, desde a mudança de título da obra e alteração de coleção à retirada de 12 dos 24 textos publicados na obra traduzida *O marido complacente*. Além disso, ocorrem mudanças na capa, na contracapa e na ficha catalográfica, sendo a primeira vez que os títulos dos textos de partida são informados em francês.

Fluxograma 1 - *O Marido Complacente* e suas reedições

2.4.1.2.1. *O Marido Complacente* – 2002 e 2008 [1997/1998; 1985]

A obra *O marido complacente*, publicada em 1985 pela L&PM Editores, foi reeditada em 1998 utilizando-se da mesma tradução, porém modificando ou retirando alguns elementos paratextuais, por exemplo, a retirada das orelhas. Essa edição de 1998 foi utilizada para as edições de 2002 e 2008.

A partir de 1998, a editora faz alterações visuais na obra e a insere em sua coleção de bolso, a “L&PM Pocket”. Essa alteração certamente não foi ao acaso, não seria somente uma reedição de baixo custo de uma obra já com sucesso comercial para o público universitário, pois segundo Genette (2009),

hoje, o “formato de bolso” já não é, portanto, essencialmente um formato, mas um vasto conjunto ou uma nebulosa de coleções – porque quem diz “bolso” diz sempre “coleção” –, das mais populares às mais “elegantes”, ou mesmo às mais esnobes, cujo selo, muito mais do que a dimensão, veicula duas significações essenciais. Uma é puramente econômica, é a garantia (variável e por vezes ilusórias) de um preço mais vantajoso: a outra é “cultural” e, no que nos diz respeito, paratextual: é a garantia de uma seleção baseada na *reprise*, isto é, na reedição. As especulações erráticas sobre a possibilidade de inversão dos fluxos (editar primeiro em formato de bolso, depois reeditar em edição mais onerosa títulos que tivessem passado com sucesso pelo primeiro teste) parecem contrárias a todos os dados técnicos, midiáticos e comerciais, mesmo que determinados livros tenham feito de forma excepcional esse trajeto paradoxal, e que certas coleções de bolso acolham, a título experimental, alguns inéditos consagrados logo de saída. Isso porque a edição de bolso será, sem qualquer dúvida, por muito tempo, sinônimo de consagração. Somente por isso, é em si mesma uma formidável (embora ambígua, ou porque ambígua) mensagem paratextual (GENETTE, 2009, p. 25).

Em razão disso, destacamos a importância da obra traduzida *O marido complacente* para a L&PM.

Apresentaremos a seguir os elementos paratextuais relativos às edições de 2002 e 2008 de *O marido complacente*.

2.4.1.2.1.1. ÍNDICES MORFOLÓGICOS

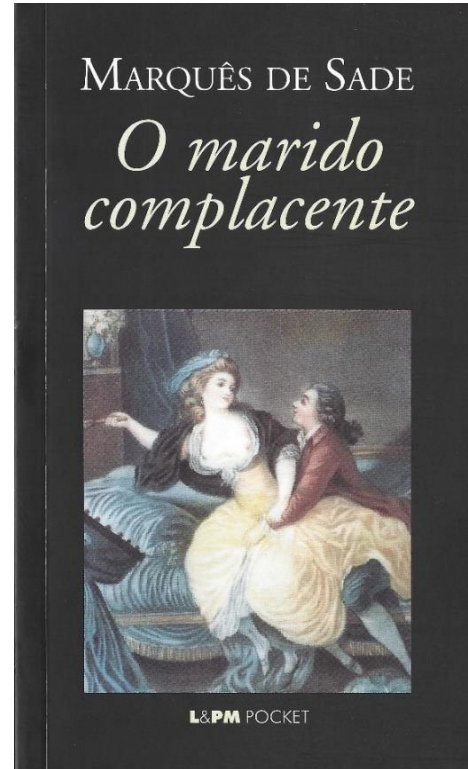
Analisaremos neste subtópico a capa, a contracapa e a folha de rosto das edições de 2002 e 2008.

2.4.1.2.1.1. CAPA

Figura 69 - Capa de *O marido complacente*, 2002



Figura 70 - Capa de *O marido complacente*, 2008



2.4.1.2.1.1.1. Ilustração

Conforme informações contidas no verso da folha de rosto das edições de 2002 e de 2008, Ivan Pinheiro Machado foi o responsável pela capa da edição de 2002 (Figura 70) e, possivelmente, pela de 2008 [1997/1998] (Figura 71). A ilustração presente na capa da edição de 1985, de autoria de Ivan Pinheiro Machado, deu lugar à controversa gravura de Jean-Baptiste Marie Huet (1745-1811), intitulada *L'Eventail Brisé*, pois diversos são os possíveis autores, títulos e versões dessa obra, por exemplo: 1) *L'Eventail Cassé*, de Louis-Marin Bonnet; e 2) *L'Eventail Cassé*, de Augustin-Claude-Simon Legrand. Além disso, a gravura da edição de 2008 está num tamanho menor do que a de 2002.

2.4.1.2.1.1.2. Nome do autor

Na edição de 2002, com fundo branco, observamos o destaque ao nome do autor, na parte superior central da capa, em uma caixa de fundo preto, com fonte branca, diferente das demais inscrições contidas na capa; principalmente no que diz respeito ao nome “Sade”, que está em fonte maior que “Marquês de”. Esse destaque ao nome do autor é uma escolha editorial com fins publicitários.

Na edição de 2008, com fundo preto, o nome do autor é localizado também na parte superior central da capa, contudo não está contido em uma caixa que a destacaria do restante da capa. A fonte escolhida é colocada em versalete, que dá um tom mais clássico ao nome do autor; porém, diferentemente da capa de 2002, a cor escolhida é a mesma do título da obra.

2.4.1.2.1.1.3. Título da obra

Na edição de 2002, o título da obra **O MARIDO COMPLACENTE**, localizado entre o nome do autor e a gravura de Huet, é apresentado em caixa alta, em negrito e em fonte menor que o nome do autor.

Na edição de 2008, o título da obra *O marido complacente*, localizado entre o nome do autor e a gravura de Huet, é apresentado em fonte maior e em itálico que o nome do autor.

2.4.1.2.1.1.4. Editora/Coleção

Nesse novo formato, o livro não faz mais parte da coleção “Rebeldes & Malditos”, passa a fazer parte em 2002 da coleção “Clássicos Libertinos” (informação inserida no canto esquerdo da capa em um quadro de fundo vermelho e com escrita na vertical em fonte branca, seu selo da coleção) pela L&PM Pocket, o selo editorial que está em destaque em fonte branca na parte inferior central da capa em um quadro de fundo negro, que se sobrepõe na parte inferior da ilustração.

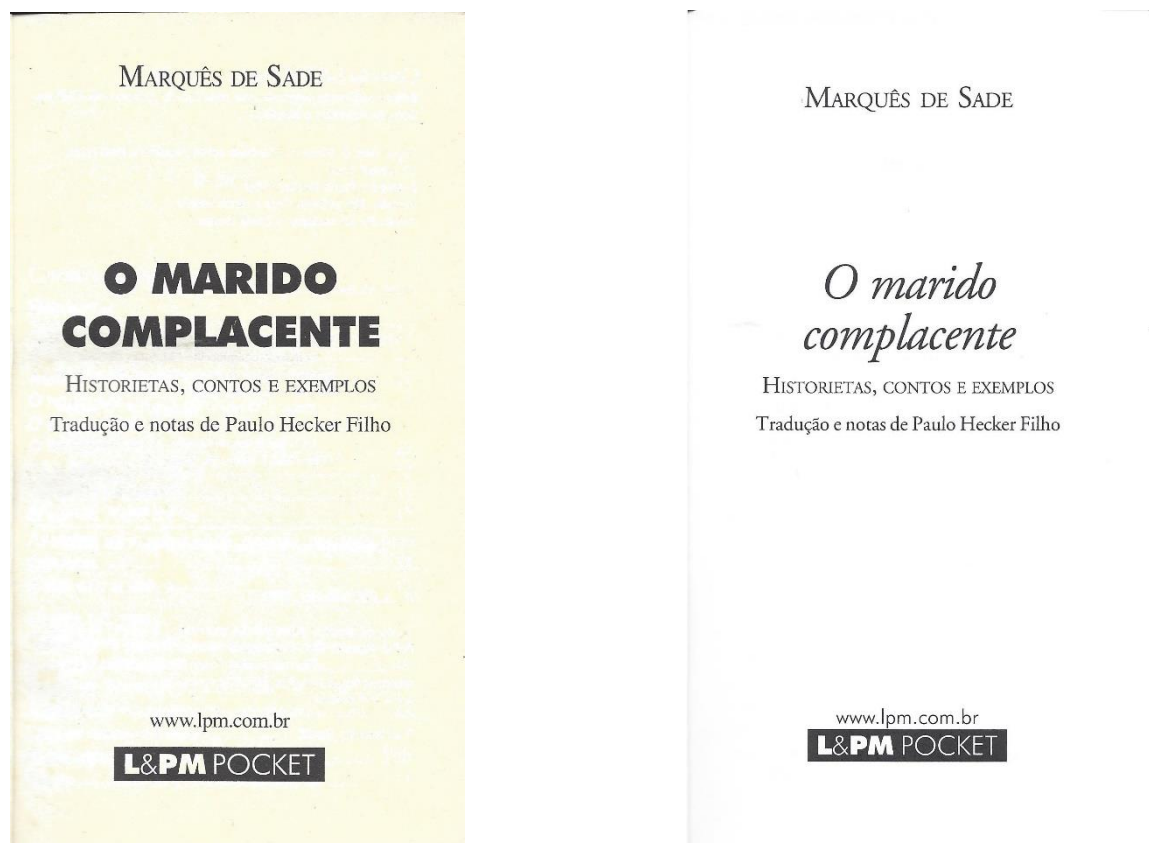
Já a edição de 2008 não contempla a informação sobre a coleção “Clássicos Libertinos”, por isso temos somente o selo editorial em fonte pequena localizada na parte inferior central da capa, logo abaixo da ilustração.

Quadro 9 - Análise da capa das edições de 2002 e 2008

Data de publicação	Título	Autor	Menção ao Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editora	Coleção
2002	O marido complacente	Marquês de Sade	Φ	Φ	L&PM Pocket	Clássicos libertinos
2008	O marido complacente	Marquês de Sade	Φ	Φ	L&PM Pocket	Φ

Podemos concluir, portanto, que da edição de 2002 para a edição de 2008, houve um refinamento da edição em relação à parte visual devido à diferença de fundo de capa, do tratamento da ilustração e da escolha das fontes.

2.4.1.2.1.2. FOLHA DE ROSTO

Figura 71 - Folhas de rosto de *O Marido Complacente*, 2002 (esquerda) e 2008(direita)

A folha de rosto das edições de 2002 e 2008 são praticamente idênticas. O nome do autor é disposto na parte superior central da página em versalete em ambas as edições.

A única diferença entre as edições é a fonte do título das obras, a de 2002, em caixa alta e fonte em negrito (**O MARIDO COMPLACENTE**), enquanto a de 2008 tem somente o artigo definido em caixa alta e itálico (*O marido complacente*). Assim como na edição de 1985, o subtítulo da obra continua sendo HISTORIETAS, CONTOS E EXEMPLOS, disposto em versalete logo abaixo do título. E, logo abaixo do título e subtítulo tem-se a informação “Tradução e notas de Paulo Hecker Filho”. Essas três informações (título, subtítulo e informação do tradutor) estão localizadas na parte central da página.

Já na parte inferior central da página é disposto o *site* da editora (www.lpm.com.br), e, logo abaixo, o selo editorial L&PM Pocket em fonte maior que a informação do site, em fonte branca num quadro de fundo preto.

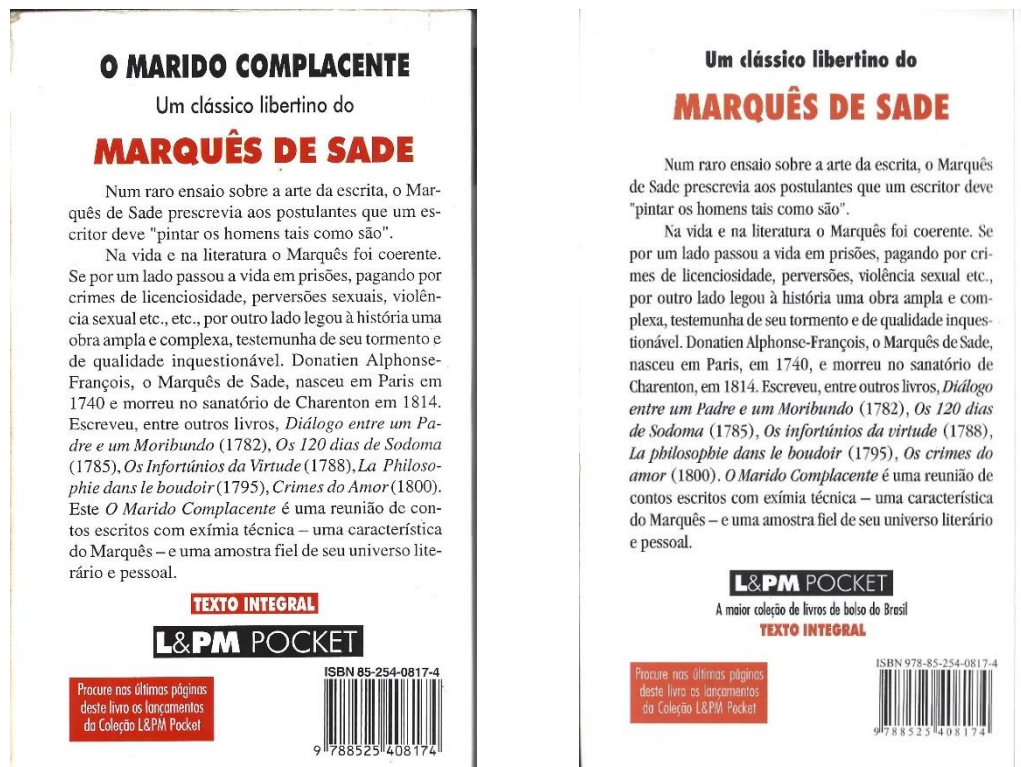
Em ambas as edições de *O marido complacente* (2002 e 2008), as fichas catalográficas, presentes nos versos das folhas de rosto, fazem referência às edições anteriores da obra, mas continua a não se referir ao texto original em francês, mesmo informando que se trata de uma ficção francesa. O prefácio da edição de 1985 é mantido, sendo informado como de autoria de Paulo Hecker Filho.

Quadro 10 - Análise da folha de rosto das edições de 2002 e 2008

	Título	Autor	Menção ao Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editora	Coleção	Data de publicação
2002	O marido complacente	Marquês de Sade	Tradução e Notas de Paulo Hecker Filho	Φ	L&PM Pocket	Φ	Φ
2008	O marido complacente	Marquês de Sade	Tradução e Notas de Paulo Hecker Filho	Φ	L&PM Pocket	Φ	Φ

2.4.1.2.1.3. CONTRACAPA

Figura 72 - Contracapa – *O Marido complacente* – 2002 (esquerda), 2008 (direita)



A contracapa dessa versão traz uma pequena biografia de Sade e cita o nome de suas obras mais conhecidas, de forma a chamar a atenção do leitor. Diferentemente da edição anterior, essa versão promove o dito “Livro mais divertido de Sade” a “Um clássico libertino do Marquês de Sade”, fato questionável, pois a obra *Historiettes, Contes et Fabliaux* só veio à luz no século XX, e mesmo não sendo o texto integral da obra original, pois conta com 24 de 27 textos de *HCF*, as edições de 2002 e de 2008 ostentam em letras garrafais os dizeres “Texto Integral”.

As contracapas das edições de 2002 e de 2008 são bastante semelhantes, porém podemos apontar diferenças importantes:

- 1) O título da obra traduzida aparece em caixa alta e fonte negrito, **O MARIDO COMPLACENTE**, na parte superior central da edição de 2002, sendo excluído da edição de 2008;
- 2) Na edição de 2008, em negrito, parte superior central da contracapa, tem-se os dizeres “**Um clássico libertino de**”, que também estão presentes na edição de 2002, mas logo abaixo do título e sem estar em negrito;

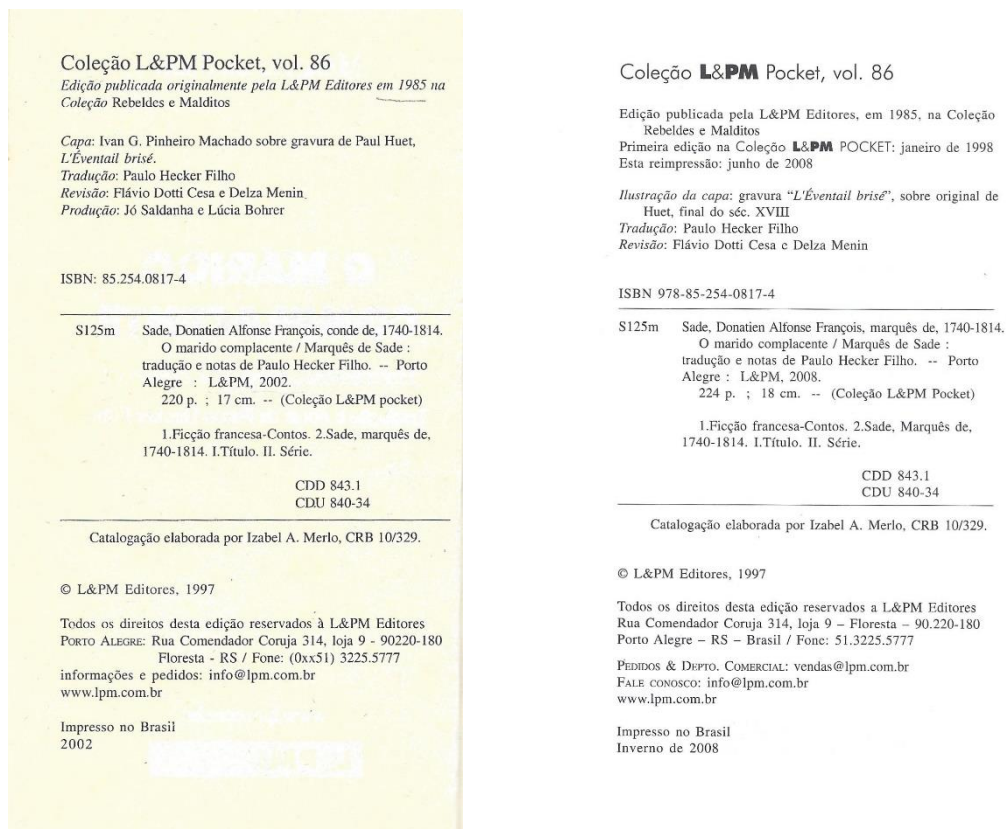
- 3) As fontes, tanto do nome do autor quanto de sua minibiografia, são diferentes nas duas edições;
- 4) Na edição de 2002, a informação TEXTO INTEGRAL localiza-se na parte inferior central da contracapa, entre a minibiografia e o selo editorial. Além disso, está em fonte branca em caixa alta em um fundo vermelho. Já na edição de 2008, a informação TEXTO INTEGRAL está em fonte vermelha em caixa alta e localiza-se na parte inferior central da contracapa, logo após da minibiografia, do selo editorial e da informação “A maior coleção de livros de bolso no Brasil”, sendo esta a última informação.

Quadro 11 - Análise da contracapa da edição de 1985

	Título da obra	Nome do autor	Selo editorial	Informações centrais	Informações importantes
2002	<i>O Marido Complacente</i>	Marquês de Sade	L&PM Pocket	Minibiobibliografia de Sade	Texto integral
2008	Φ	Marquês de Sade	L&PM Pocket	Minibiobibliografia de Sade	Texto integral

2.4.1.2.1.4. Ficha catalográfica ou colofão

Figura 73 - Ficha catalográfica – *O Marido complacente* - 2002(esquerda), 2008(direita)



As edições de 2002 e de 2008 de *O marido complacente* apresentam basicamente a mesma ficha catalográfica, na parte central do verso da folha de rosto, mudando somente o ano de publicação e as informações quanto ao número de página e ao seu tamanho. Acima da ficha catalográfica, parte superior da folha, pouco se muda da edição de 2002 para a de 2008. Na edição de 2008, é acrescentada a informação relacionada à primeira edição em formato de bolso (L&PM Pocket) em 1998, porém é retirada a informação de quem é o responsável pela capa e pela produção dessa edição. Na parte inferior da página, abaixo da ficha catalográfica, têm-se informações técnicas relacionadas à editora e as informações com relação às impressões: “Impresso no Brasil 2002” e “Impresso no Brasil Inverno de 2008”.

2.4.1.2.1.5. Sumário

Figura 74 - Sumário - *O Marido complacente* - 2002

ÍNDICE	
Convite ao prazer – prefácio / 5	
HISTORIETAS	
A serpente	19
A gasconada	20
Abençoada simulação	22
O rufião punido	24
O bispo atolado	28
O fantasma	29
Os oradores provençais	32
Vai assim mesmo	35
O marido complacente	37
Aventura incompreensível atestada por toda uma província	38
A flor do castanheiro	42
CONTOS E EXEMPLOS	
O preceptor filósofo	47
A pudica ou o encontro imprevisto	49
Emília de Tourville ou a crueldade fraterna	57
Augustina de Villeblanche ou o estratagema do amor ...	83
Faça-se como requerido	97
O presidente ludibriado	100
Telião	173
	O corno de si mesmo ou a conciliação inesperada . 178
	Há lugar para dois 183
	O marido castigado 191
	O marido padre – Conto provençal 198
	A castelã de Longeville ou a mulher vingada . 205
	Os gatunos 213

Figura 75 - Sumário – *O Marido complacente* - 2008

ÍNDICE	
PREFÁCIO – Convite ao prazer / 5	
HISTORIETAS	
A serpente	19
A gasconada	20
Abençoada simulação	22
O rufião punido	24
O bispo atolado	28
O fantasma	29
Os oradores provençais	32
Vai assim mesmo	35
O marido complacente	37
Aventura incompreensível atestada por toda uma província	38
A flor do castanheiro	42
CONTOS E EXEMPLOS	
O preceptor filósofo	47
A pudica ou o encontro imprevisto	49
Emília de Tourville ou a crueldade fraterna	57
Augustina de Villeblanche ou o estratagemas do amor	83
Faça-se como requerido	97
O presidente ludibriado	100
Talião	173
O corno de si mesmo ou a conciliação inesperada	178
Há lugar para dois	188
O marido castigado	191
O marido padre – Conto provençal	198
A castelã de Longeville ou a mulher vingada ...	205
Os gatunos	213

Os sumários da edição de 2002 e de 2008 possuem a mesma configuração da edição de 1985.

2.4.1.2.1. TEXTOS DE ACOMPANHAMENTO

2.4.1.2.1.1. PREFÁCIO

As edições de 2002 e de 2008 têm como prefácio basicamente o mesmo texto da edição de 1985, “Convite ao prazer”. O prefácio foi editado para retirar a menção à coleção “Rebeldes & Malditos”, como pode ser observado abaixo:

Numa coleção intitulada *Rebeldes & Malditos*, Sade não podia faltar, porque nenhum escritor foi tão indomável nem tão condenado quanto ele. (1985, p. 5)

Nenhum outro escritor foi tão indomável nem tão condenado quanto o Marquês de Sade. (2002, p. 5) → ~~Numa coleção intitulada *Rebeldes & Malditos*, Sade não podia faltar, porque.~~ Nenhum outro escritor foi tão indomável nem tão condenado quanto o Marquês de Sade.

Nenhum outro escritor foi tão indomável nem tão condenado quanto o Marquês de Sade. (2008, p. 5) → ~~Numa coleção intitulada *Rebeldes & Malditos*, Sade não podia faltar, porque.~~ Nenhum outro escritor foi tão indomável nem tão condenado quanto o Marquês de Sade.

Porém, a edição de 2008 deixa claro a autoria do prefácio, ao inserir o nome de Paulo Hecker Filho no canto direito logo abaixo do título.

Quadro 12 - Análise do prefácio das edições de 2002 e 2008

	Título do Prefácio	Autor do Prefácio	Tamanho	Menção à obra	Menção à Coleção	Menção ao autor da obra traduzida	Informações importantes presentes no Prefácio
2002	Convite ao Prazer	Paulo Hecker Filho (Informado na folha de rosto e subentendido no texto; o texto não é assinado)	11 páginas	<i>O Marido Complacente</i>	Φ	Marquês de Sade	1. Minibiografia do autor da obra; 2. Menção a importantes estudiosos do Marquês 3. Relato do processo tradutório de Paulo Hecker Filho
2008	Convite ao Prazer	Paulo Hecker Filho (informado logo abaixo do título do prefácio)		<i>O Marido Complacente</i>	Φ	Marquês de Sade	1. Minibiografia do autor da obra; 2. Menção a importantes estudiosos do Marquês 3. Relato do processo tradutório de

							Paulo Hecker Filho
--	--	--	--	--	--	--	-----------------------

2.4.1.2.2. O CORNO DE SI MESMO & OUTRAS HISTORIETAS (2012)

A última versão analisada para esta pesquisa no momento é a mais recente delas, *O corno de si mesmo & outras historietas*, publicada pela L&PM Pocket em 2012. Trata-se de uma compilação de 13 dos 24 textos traduzidos publicados pela L&PM nas edições de 1985, 1998, 2002 e 2008 de *O marido complacente*, fato informado no verso da página de rosto.

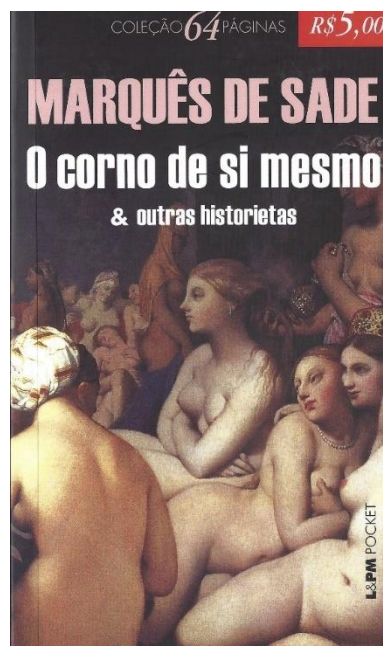
Nessa edição, a editora insere a obra na coleção “64 páginas”, coleção econômica de bolso.

2.4.1.2.2.1. Índices morfológicos

2.4.1.2.2.1.1. CAPA

Conforme informações presentes no verso da folha de rosto, o responsável pela capa dessa edição é Ivan Pinheiro Machado, sendo essa capa a única que informa o preço do livro, bem destacado em uma fonte branca em um fundo vermelho.

Figura 76 - Capa de *O corno de si mesmo & outras historietas*, publicado em 2012



2.4.1.2.2.1.1.1. Ilustração

Ainda conforme informações presentes no verso da folha de rosto, a ilustração presente na capa é um detalhe de uma pintura do francês Jean-Auguste-Dominique Ingres (1780-1867), intitulada *Le bain turc*,⁵² datada de 1862 e conservada no Museu do Louvre, em Paris. *Le bain turc* é uma de suas tantas obras que retratam o nu, nesse caso, mulheres nuas em um harém. A ilustração ocupa toda a capa, atuando como plano de fundo para que as informações da obra fossem a ela sobrepostas.

2.4.1.2.2.1.1.2. Nome do autor

Posicionado na parte superior da capa e ocupando quase toda sua largura, o nome do MARQUÊS DE SADE é disposto em caixa alta, em fonte pouco maior que título e em cor rosa-claro, logo abaixo do selo da coleção “64 páginas”, também em cor rosa-claro, mas em fonte bem menor que o nome do autor.

2.4.1.2.2.1.1.3. Título da obra

Localizado logo abaixo do nome do autor, o título da obra, *O corno de si mesmo & outras historietas*, tem a mesma fonte do nome do autor, porém em tamanho menor e em cor branca. Vale destacar ainda que a fonte se torna menor ainda em “& outras historietas”, que se posiciona logo abaixo de “*O corno de si mesmo*”.

Selo editorial, nome do autor e título da obra ocupam somente um terço da capa, ficando os dois terços restantes quase que todo livre para que melhor seja observada a ilustração. Provavelmente, a alteração do título de *O marido complacente* para *O corno de si mesmo & outras historietas* (2012) pode ser explicada pelas seguintes razões:

- 1) A edição de 2012 não contém a historieta *O marido complacente*;
- 2) A edição de 2012 tem no conto “O corno de si mesmo ou a conciliação inesperada” o seu texto mais marcante pela sua extensão;

⁵² INGRES, Jean-Auguste-Dominique. *Le bain turc*. Paris, França: Museu do Louvre. Disponível em: <<http://www.louvre.fr/oeuvre-notices/le-bain-turc>>. Acesso: maio 2016.

- 3) A L&PM Pocket, ao optar por um título bastante próximo da obra *O corno de si próprio e outros contos*, também com textos de Sade, e publicada pela editora Hedra publicada em 2009, confunde os leitores em relação à obra.
- O corno de si mesmo & outras historietas* (L&PM, 2012)
 - O corno de si próprio e outros contos* (Hedra, 2009)

2.4.1.2.2.1.1.4. Editora/Coleção

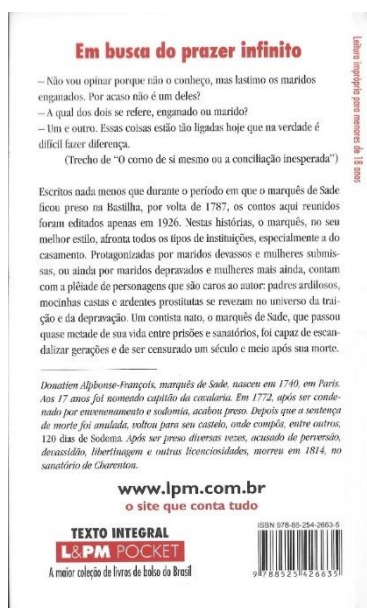
O selo editorial localiza-se no canto direito inferior da capa, disposto em orientação vertical, com a menor fonte presente na capa e de cor preta.

Quadro 13 - Análise da capa da edição intitulada *O corno de si mesmo & outras historietas*, L&PM, 2012

Data de publicação	Título	Autor	Menção ao Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editora	Coleção
2012	O corno de si mesmo & outras historietas	Marquês de Sade	Φ	Φ	L&PM Pocket	Coleção 64 páginas

2.4.1.2.2.1.2. CONTRACAPA

Figura 77 - Contracapa de *O corno de si mesmo & outras historietas*, publicado em 2012



Na parte superior central, localizam-se os dizeres “**Em busca do prazer infinito**”, em negrito e com a maior fonte presente em toda a contracapa. Logo abaixo, há um pequeno trecho do conto que empresta o nome à obra, em fonte pequena. Na parte central da contracapa e logo abaixo do trecho apresentado, uma breve apresentação da obra é feita, e as principais características dos personagens de suas histórias são relatadas, com a mesma fonte do trecho do conto. Ainda nessa breve apresentação da obra, há comentários sobre o autor, informações, como as prisões do Marquês de Sade, com destaque ao seu período na Bastilha, e sua capacidade como contista. Abaixo dessa apresentação, fonte em itálico e de mesmo tamanho do trecho e da apresentação, temos uma minibiografia do Marquês de Sade.

Na parte inferior central da contracapa, estão dispostas as referências à editora: o *site*, em negrito e em fonte maior – junto com os dizeres “o site que conta tudo”, em fonte pouco menor que o endereço do *site* e em vermelho. No canto direito da contracapa, está presente o código de barra, juntamente com o ISSN do livro. E no canto esquerdo, os dizeres “Texto integral”, em negrito e em fonte pouco menor que o endereço do *site*, assim como as edições de *O marido complacente* publicadas em 2002 e 2008. Segue, abaixo o selo editorial, L&PM POCKET, em fonte maior e branca em um fundo vermelho, e logo abaixo os dizeres “A maior coleção de livros de bolso do Brasil”.

Porém, o que chama a atenção nessa essa edição são os dizeres “**Leitura imprópria para menores de 18 anos**”, impresso no canto direito da contracapa em vermelho e escrito na vertical. Essa advertência aparece somente nessa edição.

2.4.1.2.2.1.3. FOLHA DE ROSTO

Figura 78 - Folha de rosto - *O corno de si mesmo*, L&PM, 2012

MARQUÊS DE SADE

O corno de si mesmo
 & outras historietas
 Tradução e notas de PAULO HECKER FILHO

A folha de rosto dessa edição apresenta o nome do autor na parte superior, central da página, fonte em negrito e caixa alta. Na parte central da página, tem-se o título do livro, sendo “**O corno de si mesmo**” apresentado em negrito e fonte maior, assim como o nome do autor, e “**& outras historietas**” apresentado em negrito e em fonte menor que a primeira parte do título. Logo abaixo do título, tem-se a informação “*Tradução e notas de* PAULO HECKER FILHO”, sendo primeira parte em itálico seguido do nome do autor em versalete. Na parte inferior central da folha de rosto, é informado o *site* da editora em fonte menor, seguida, logo abaixo, do selo editorial em fonte branca e maior que o do site em um fundo preto.

Destacamos o fato de que no verso da folha de rosto a ficha catalográfica dessa edição faz referência a todas as edições anteriores, mas não cita o título do original em francês, contendo somente o título dos 13 contos publicados nessa edição.

2.4.1.2.2.1.4. Ficha catalográfica ou colofão

Figura 79 - Ficha catalográfica - *O corno de si mesmo & outras historietas*, L&PM, 2012

COLEÇÃO **64** PÁGINAS

Coleção **L&PM** POCKET, vol. 1044

Texto de acordo com a nova ortografia.

Os contos deste volume foram publicados na Coleção **L&PM** POCKET no livro *O marujo complacente* (v. 86).

Esta edição na Coleção **L&PM** POCKET: maio de 2012

Tradução: Paulo Hecker Filho
 Capa: Ivan Pinheiro Machado. Ilustração: Detalhe da pintura de Ingres *O banho turco*, 1862
 Revisão: L&PM Editores

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
 Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S129c

Sade, Marquis de, 1740-1814.
 O corno de si mesmo e outras historietas / Marquês de Sade; tradução e notas de Paulo Hecker Filho. - Porto Alegre, RS : L&PM, 2012.
 64p. : 18 cm. (Coleção L&PM POCKET; v. 1044)

Conteúdo: *L'heureuse féiste; Le M... puis; Attrapez-moi toujours de même; Aventure incompréhensible et attestée par toute une province; La Prude, ou la Rencontre imprévue; Le Tailon; La Fleur de châtaignier; Le Cocu de lui-même, ou le Raccomodement imprévu; Éponx corrigé; Le Mari prêtre; Soit fait ainsi qu'il est requis; La Châtelaine de Longeville, ou la Femme vengée; Les Filous.*

ISBN 978-85-254-2663-5

1. Conto francês. I. Hecker Filho, Paulo, 1926-. II. Título. III. Série.

12-2460. CDD: 843
 CDU: 821.133.1-3

© da tradução, L&PM Editores, 1997

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
 Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 - Floresta - 90220-180
 Porto Alegre - RS - Brasil / Fone: 51.3225-5777 - Fax: 51.3221.5380

PREÇOS & DEPÓSITO COMERCIAL: vendas@lpm.com.br
 FALE CONOSCO: info@lpm.com.br
 www.lpm.com.br

Impresso na Gráfica e Editora Pallotti, Santa Maria, RS, Brasil
 Outubro de 2012

Em *O corno de si mesmo & outras historietas* (2012) tem-se, na parte central do verso da folha de rosto, a ficha catalográfica com informações técnicas da publicação. Chama atenção, porém, ser esta a única edição a citar os títulos dos textos em francês em sua ficha catalográfica, mesmo não citando o título da coletânea francesa *Historiettes, Contes et Fabliaux*.

Acima da ficha catalográfica, parte superior da página, tem-se a informação quanto à coleção em que a edição é inserida, além da informação de que o “texto [está] de acordo com a nova ortografia”. Informa ainda que “Os contos deste volume foram publicados na coleção “L&PM POCKET” no livro *O marido complacente* (v. 86)”. Observa-se ainda informações relacionadas ao tradutor, ao responsável pela capa, à ilustração presente na capa e à revisão. Na parte inferior dessa página constam informações técnicas relativas à editora e a informação sobre a edição “Impresso na Gráfica e Editora Pallotti, Santa Maria, RS, Brasil – Outono de 2012”.

2.4.1.2.2.1.5. Sumário

Figura 80 - Sumário - *O Corno de si mesmo & outras historietas*, L&PM, 2012

SUMÁRIO	
Abençoada simulação	5
O rufião punido	8
Vai assim mesmo	12
Aventura incompreensível atestada por toda uma província	14
A pudica ou o encontro imprevisto	18
Talião	24
A flor do castanheiro	28
O corno de si mesmo ou a conciliação inesperada	29
O marido castigado.....	38
O marido padre.....	44
Faça-se como requerido	50
A castelã de Longeville ou a mulher vingada.....	52
Os gatunos.....	58

Por estar essa edição inserida na coleção “64 folhas”, foram escolhidos somente 13 dos 26 textos presentes em *O marido complacente*. Das 11 historietas e 13 contos e exemplos, foram

escolhidos, respectivamente em cada categoria, cinco e oito textos, sendo “O corno de si mesmo ou a conciliação inesperada” o texto maior e o que empresta parte de seu nome à obra.

2.4.1.2.2. Textos de acompanhamento

Essa edição não apresenta textos de acompanhamento (orelhas, prefácios ou posfácios) para serem analisados.

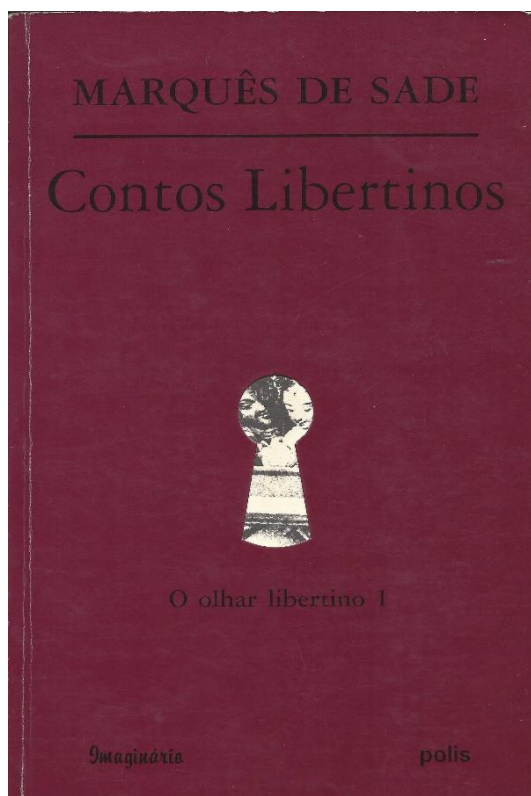
2.4.2. A segunda coletânea: *CONTOS LIBERTINOS*, publicado em 1992 e suas reedições

2.4.2.1. *CONTOS LIBERTINOS EDIÇÃO DE (1992)*

Publicada pelas editoras Imaginário e Polis em 1992, a obra *Contos libertinos* foi traduzida por Plínio Augusto Coêlho e Alípio Correia de Franca Neto na coleção “O Olhar Libertino 1”.

2.4.2.1.1. Índices morfológicos

Figura 81 - Capa - *Contos libertinos*, Imaginário, 1992

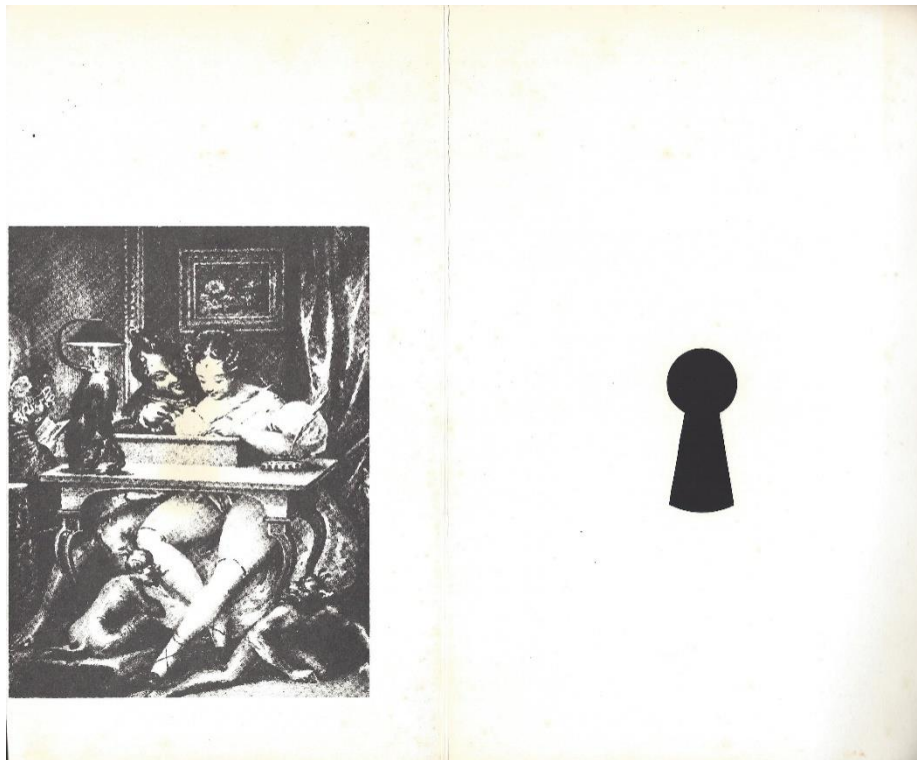


2.4.2.1.1.1. CAPA

Capa de fundo em cor vinho, com um corte em sua parte central em formato de fechadura que permite ver o detalhe da imagem presente no verso da primeira orelha. Consta na capa, parte superior central, o nome do autor, logo abaixo o título da obra, parte inferior central, o título da coletânea e na parte inferior o nome das editoras envolvidas em sua publicação.

2.4.2.1.1.1.1. Ilustração

Figura 82 - Verso da capa - *Contos libertinos*, Imaginário, 1992



A ilustração da edição de 1992, que figura no verso da primeira orelha e da qual se pode ver um detalhe por meio de um corte de fechadura na capa, intitula-se *Pensées coquines*, de autoria do pintor e ilustrador francês Achille Devéria (1800-1857).

Por meio do corte em formato de fechadura, vemos os rostos de um casal que observam o mesmo objeto sob uma mesa. Ao abrir a primeira orelha, vemos a imagem por completo: uma moça sentada por detrás de uma escrivaninha, com o vestido levantado, escrevendo com uma

pena. Sob seu ombro direito, um rapaz a observa, enquanto sua mão esquerda está posicionada entre as coxas da moça. Na gravura vemos a imagem de quatro demônios ao redor do casal: um por trás da cortina, dois aos seus pés – um sentado sobre uma almofada olhando entre as pernas da moça e o outro observando o casal enquanto se afasta, e outro sobre a mesa fingindo-se de abajur. O demônio em cima da mesa está fazendo uma flexão para frente, em pé, com os pés e as mãos sobre a mesa e a cabeça entre as pernas, com chamas sendo emitidas pelo ânus e com sua cauda sustentando a cúpula do abajur.

2.4.2.1.1.1.2. Nome do autor

O nome do autor, “MARQUÊS DE SADE”, é apresentado na parte superior central da capa, fonte um pouco menor que a do título da obra, mas em caixa alta.

2.4.2.1.1.1.3. Título da obra

O título “**O corno complacente**” localiza-se na parte superior central da capa, logo abaixo do nome do autor, sendo grafado em caixa baixa e fonte um pouco maior que o nome do autor.

2.4.2.1.1.1.4. Editora/coleção

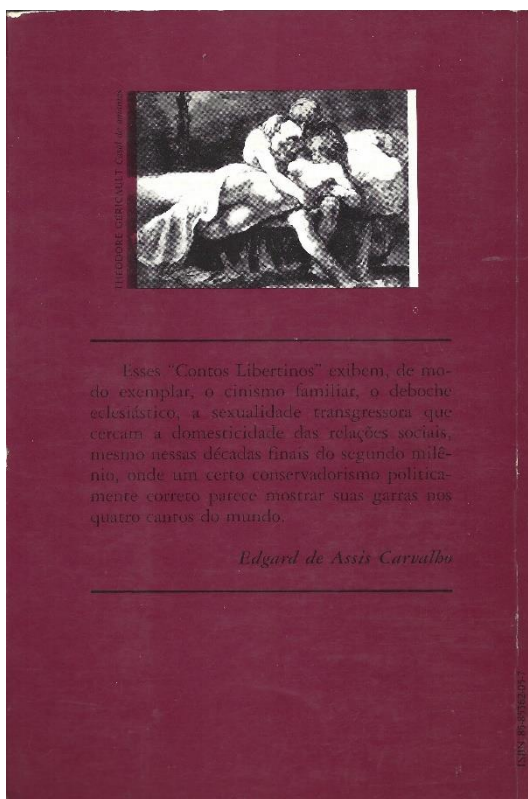
Logo abaixo da “fechadura com a ilustração em detalha”, parte central da capa, localiza-se o título da coleção a que essa edição faz parte, “O Olhar Libertino 1”, em fonte menor e em caixa baixa.

Na parte inferior localizam-se os nomes das editoras responsáveis por essa edição: “Imaginário”, lado esquerdo, e “Polis”, lado direito, ambas em fonte menor e negrito.

Quadro 14 - Análise de *Contos Libertinos* edição de 1992

Data de publicação	Título	Autor	Menção ao Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editora	Coleção
1992	Contos libertinos	Marquês de Sade	Φ	Φ	Imaginário / polis	O olhar libertino 1

2.4.2.1.1.2. CONTRACAPA

Figura 83 - Contracapa - *Contos libertinos*, Imaginário, 1992

Na contracapa, parte superior central, tem-se a ilustração de Théodore Géricault intitulada *Le baiser* (1822), atualmente exposta no Museu *Thyssen-Bornemisza*, Madrid, Espanha. Jean-Louis André Théodore Géricault (1791-1824) foi um pintor romântico francês.

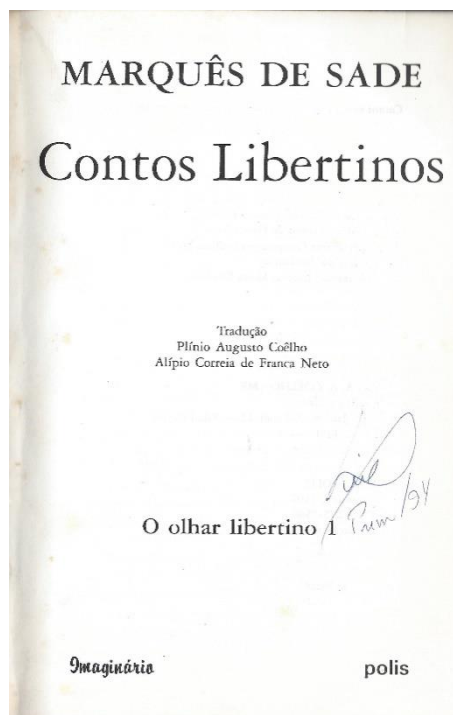
Na contracapa temos ainda, logo abaixo da ilustração e em sua parte central, uma pequena resenha do livro assinada por Edgard de Assis Carvalho,^{53,54} professor titular de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e representante da Cátedra itinerante da Unesco Edgard Morin. Carvalho exalta, contracapa de *Contos libertinos*, a crítica social feita por Sade em seus textos e o quanto os elementos sociais citados por ele na resenha ainda são tão atuais em qualquer sociedade.

Quadro 15 - Análise da contracapa de *Contos Libertinos*, Imaginário, 1992

	Título da obra	Nome do autor	Selo editorial	Informações centrais	Informações importantes
1992	<i>Contos Libertinos</i>	Φ	Φ	Resenha <i>Contos Libertinos</i>	Φ

2.4.2.1.1.3. FOLHA DE ROSTO

Figura 84 - Folha de rosto - *Contos libertinos*, Imaginário, 1992



⁵³ Na edição de 1992, o nome do professor Edgard de Assis Carvalho foi grafado de maneira errônea como “Edgar”. Ver p. 68 mesmo texto.

⁵⁴ Lattes Edgard de Assis Carvalho. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5615241034525485>>. Acesso: maio 2015. Ver p. 68 mesmo texto.

A folha de rosto da edição de 1992 de *Contos libertinos* apresenta, em sua parte superior central, o nome do autor em caixa alta, MARQUÊS DE SADE, com fonte pouco menor que o título, “Contos Libertinos”, apresentado logo abaixo, grafado com fonte de maior tamanho presente na página.

Na parte central da folha e em alinhamento centralizado estão dispostos os nomes dos tradutores: Plínio Augusto Coêlho e Alípio Correia de Franca Neto, o que confere a visibilidade desses profissionais. Na parte inferior central, tem-se o título do selo da coleção “O Olhar Libertino 1”, a terceira maior fonte da folha. Na parte inferior localizam-se o nome das editoras envolvidas na publicação: *Imaginário*, canto esquerdo, e *Polis*, canto direito.

Pode-se perceber que tanto o título da obra quanto o nome do autor têm o mesmo destaque, mesmo estando em fontes de tamanho ligeiramente distintos.

Quadro 16 - Análise da folha de rosto de *Contos Libertinos*, *Imaginário*, 1992

	Título	Autor	Menção ao Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editora	Coleção	Data de publicação
1992	<i>Contos Libertinos</i>	Marquês de Sade	Plínio Augusto Coêlho & Alípio Correia de Franca Neto	Φ	Imaginário / Polis	O olhar libertino 1	Φ

2.4.2.1.1.4. CONTRAGUARDA

Figura 85 - Contraguarda - *Contos Libertinos*, Imaginário, 1992.



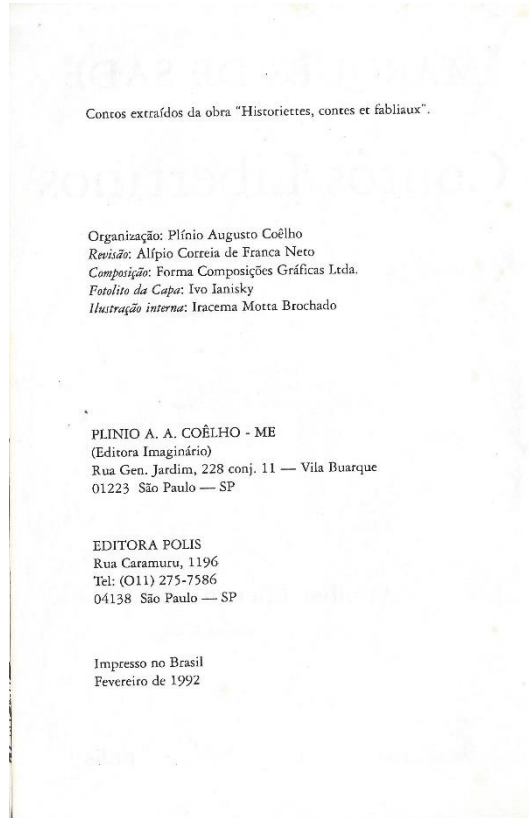
Nessa edição de *Contos libertinos* (1992), a contraguarda também é a folha de guarda. E tem em seu verso, de frente à folha de rosto, um desenho assinado por IRACEMA 92. No colofão dessa edição, localiza-se a informação “*Ilustração interna: Iracema Motta Brochado.*”⁵⁵ Brochado é bacharel em Jornalismo (1996) e Filosofia (2015) e especialista em Artes Visuais (2010) e .

Na ilustração de Brochado têm-se seis personagens: um religioso, canto esquerdo superior, entrando em uma porta e observando uma mulher deitada logo abaixo; três mulheres nuas em posições distintas – uma sentada, parte central direita, uma em pé, uma alegoria da *Vênus*, de *Botticelli*, posicionada na parte central da ilustração, e outra deitada posicionada na parte central esquerda; uma alegoria do Marquês de Sade no canto direito inferior, e um gato logo abaixo da mulher deitada na parte central esquerda da ilustração. A cena parece estar ambientada em um cenário religioso, como em uma igreja ou uma capela.

⁵⁵ Lattes Iracema Maria Motta Brochado. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0104097374171929>>. Acesso: maio 2016.

2.4.2.1.1.5. Ficha catalográfica ou colofão

Figura 86 - Colofão - *Contos libertinos*, Imaginário, 1992



Essa edição apresenta no verso da folha de rosto o colofão. Na parte superior central tem-se a seguinte informação: *Contos extraídos da obra* “Historiettes, contes e fabliaux”, única edição que menciona o título da obra original. Na parte central esquerda têm-se informações relativas à organização, à revisão, à composição, ao fotolito da capa e à ilustração interna. Na parte inferior esquerda **se tem** as informações relacionadas às duas editoras responsáveis por essa publicação: Imaginário e Polis. Por fim, na parte inferior esquerda, tem-se a informação do local de impressão e a data.

Quadro 17 - Análise do colofão da de *Contos Libertinos*, Imaginário, 1992

	Título	Autor	Menção ao Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editora	Coleção	Data de publicação
1992	Φ	Φ	Plínio Augusto Coêlho & Alípio Correia de Franca Neto	Contos extraídos da obra “Historiettes, contes et fabliaux”	Imaginário / Polis	Φ	Impresso no Brasil Fevereiro de 1992

2.4.2.1.1.6. Sumário

Figura 87 - Sumário - *Contos libertinos*, Imaginário, 1992

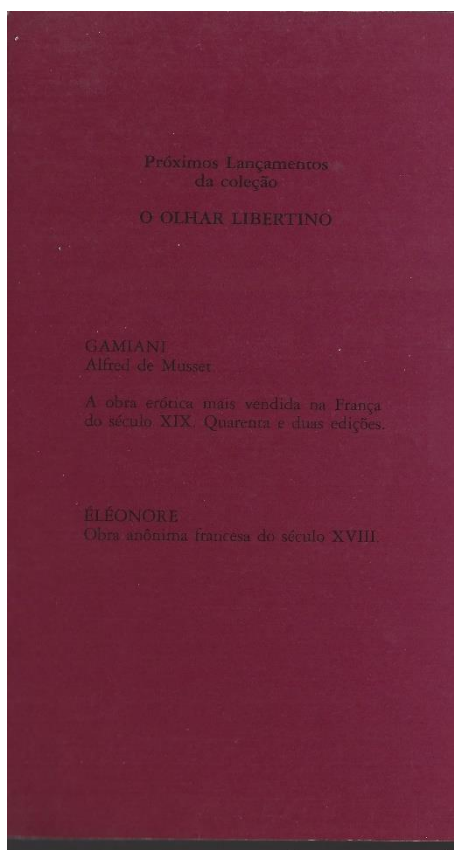
Sumário	
O marido padre — Conto provençal	7
O marido que recebeu uma lição	17
A pudica ou o encontro imprevisto	27
Há lugar para dois	39
A flor do castanheiro	43
Enganai-me sempre assim	45
O esposo complacente	49
O talião	51
O professor filósofo	57
O corno de si próprio, ou a reconciliação imprevista	61
Augustine de Villeblanche, ou o estratagema do amor	77

O sumário da edição de *Contos libertinos* (1992) é unificado, não possui separação entre historietas, contos ou fábulas. Contém três historietas e oito contos e fábulas, não seguindo a ordem do sumário da obra em francês, a saber *historiettes* primeiro, seguida por *contes e fabliaux*, mas sim quatro contos seguidos de três historietas e finalizando com mais quatro contos (4C-3H-4C).

2.4.2.1.2. Textos de acompanhamento

2.4.2.1.2.1. ORELHAS

Figura 88 - Primeira orelha - *Contos libertinos*, Imaginário, 1992



Contos libertinos (1992) traz em sua primeira orelha informações relacionadas às próximas publicações da coleção O OLHAR LIBERTINO, a saber: *Gamiani*, de Alfred de Musset, com ênfase ao sucesso dessa obra erótica na França no século XIX com 42 edições, e *Éléonore*, obra anônima francesa do século XVIII.

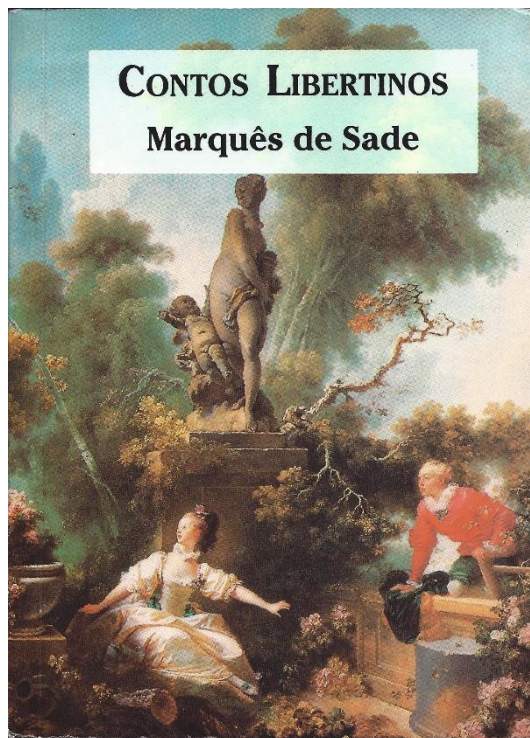
2.4.2.2. *CONTOS LIBERTINOS* (1997)

A edição de 1997 de *Contos Libertinos* é uma reedição da edição de 1992 com a retirada da historieta “A flor do castanheiro”, tradução de Plínio Augusto Coêlho e Alípio Correia de Franca Neto.

2.4.2.2.1. Índices morfológicos

2.4.2.2.1.1. CAPA

Figura 89 - Capa - *Contos libertinos*, Imaginário, 1997



A edição de 1997 de *Contos libertinos* traz à capa uma ilustração ao fundo com um quadro sobreposto na parte superior central com o título da obra seguida pelo nome do autor.

2.4.2.2.1.1.1. Ilustração

Nessa edição de 1997, reeditada desta vez somente pela editora Imaginário, o foco da capa é a pintura de Jean-Honoré Fragonard (1752-1806) intitulada *La Surprise ou la Rencontre*

(1773), que ilustra o encontro de dois amantes em um jardim. Essa pintura foi iniciada em 1771 a pedido de Madame du Barry, última amante de Luís XV.

2.4.2.2.1.1.2. Nome do autor

O nome do autor é inserido na parte superior central da capa, abaixo do título, em caixa baixa e em negrito; diferentemente da edição de 1992, que era a primeira informação da capa, acima do título e em caixa alta.

2.4.2.2.1.1.3. Título da obra

O título da obra, **CONTOS LIBERTINOS**, é inserido na parte superior central da capa acima do nome do autor, em versalete e em negrito, sendo a primeira das únicas duas informações contidas na capa.

2.4.2.2.1.1.4. Editora/Coleção

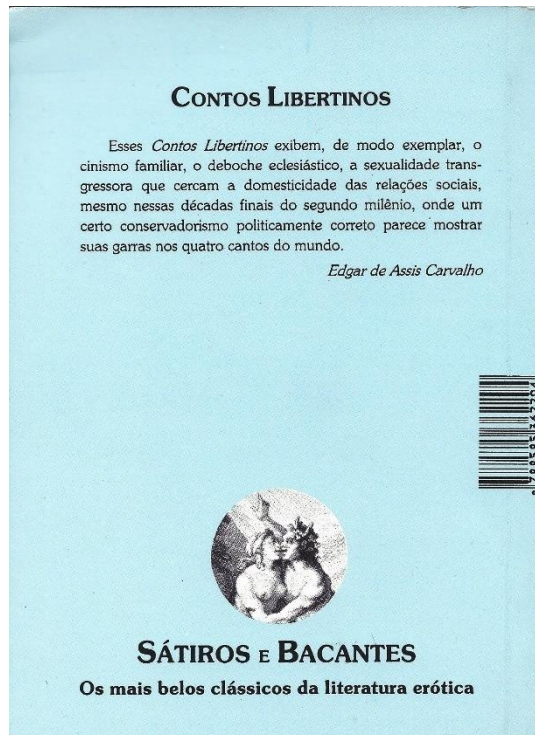
Essa edição não apresenta na capa informações relativas à editora ou à coleção.

Quadro 18 - Análise da capa de *Contos Libertinos*, Imaginário, 1997

Data de publicação	Título	Autor	Menção ao Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editora	Coleção
1997	Contos libertinos	Marquês de Sade	Φ	Φ	Φ	Φ

2.4.2.2.1.2. CONTRACAPA

Figura 90 - Contracapa - *Contos libertinos*, Imaginário, 1997



Na contracapa, parte superior central, temos como primeira informação o título do livro em negrito e versalete, **CONTOS LIBERTINOS**. Logo abaixo, encontra-se a mesma resenha da edição assinada por Edgard de Assis Carvalho,^{56,57} professor titular de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e representante da Cátedra itinerante da Unesco Edgard Morin, publicada na edição de 1992. Carvalho exalta, na quarta capa de *Contos libertinos*, a crítica social feita por Sade em seus textos e o quanto esses elementos sociais citados por ele ainda são tão atuais em qualquer sociedade. Resenha esta apresentada na menor fonte da contracapa na parte superior central, logo abaixo do título da obra, estando a assinatura de *Edgard de Assis Carvalho* em itálico, abaixo da resenha e alinhada à direita.

Na parte inferior central da contracapa está disposta uma imagem de um sátiro e uma bacante, que dá nome à coleção **SÁTIROS E BACANTES**; selo da coleção localizado logo abaixo da imagem, em fonte maior em negrito e versalete. A última informação da contracapa, em sua parte inferior central, **“Os mais belos clássicos da literatura erótica”**, encontra-se em fonte

⁵⁶ Na edição de 1992, o nome do professor Edgard de Assis Carvalho foi grafado de maneira errônea como Edgar.

⁵⁷ Lattes Edgard de Assis Carvalho. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5615241034525485>>. Acesso: maio 2015.

menor, maior que a da resenha, e em negrito. No canto direito central encontra-se o código de barras dessa edição.

Quadro 19 - Análise da contracapa de *Contos Libertinos*, Imaginário, 1997

	Título da obra	Nome do autor	Selo editorial	Selo da coleção	Informações centrais
1997	<i>Contos Libertinos</i>	Φ	Φ	Sátiros e Bacantes	Resenha <i>Contos Libertinos</i>

2.4.2.2.1.3. FOLHA DE ROSTO

Mais uma vez, não há na folha de rosto nem na ficha catalográfica dessa edição qualquer referência ao original da obra. Essa edição é uma das mais simples no que diz respeito aos textos de apoio, ou seja, não há qualquer texto de apresentação do autor.

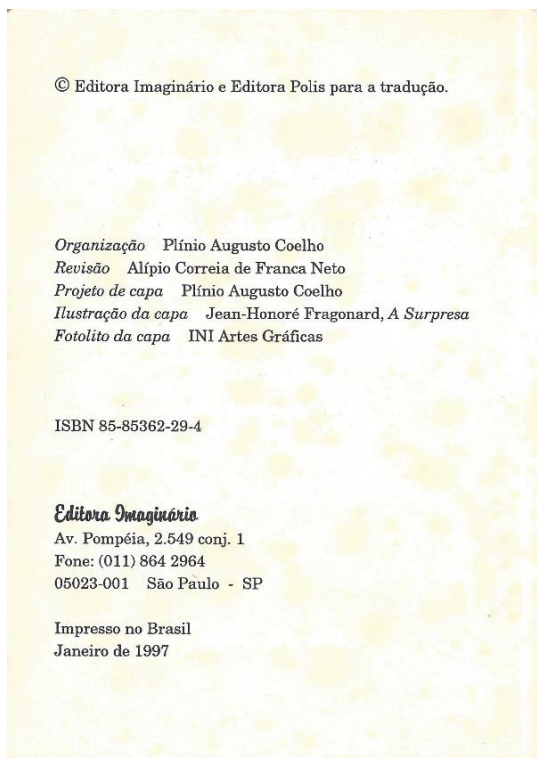
Na parte superior central da folha de rosto, encontra-se a reprodução do título e do nome do autor tal como na capa. No centro da página consta os nomes dos tradutores: Plínio Augusto Coêlho e Alípio Correia de Franca Neto. Na parte inferior central da página, o nome da editora em negrito, **Editora Imaginário**.

Quadro 20 - Análise da folha de rosto de *Contos Libertinos*, Imaginário, 1997

	Título	Autor	Menção ao Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editora	Coleção	Data de publicação
1997	<i>Contos Libertinos</i>	Marquês de Sade	Plínio Augusto Coêlho & Alípio Correia de Franca Neto	Φ	Imaginário / Polis	Φ	Φ

2.4.2.2.1.4. Ficha catalográfica ou colofão

Figura 91 - Colofão - *Contos libertinos*, Imaginário, 1997



Essa edição apresenta em seu colofão, localizado na parte central da página, informações relativas à organização, à revisão, ao projeto de capa, à ilustração e fotolito da capa e ISBN.

Na parte superior da página tem-se o *copyright* para a tradução: “© Editora Imaginário e Editora Polis para a tradução”. Na parte inferior esquerda da página tem-se o endereço da editora e a data da publicação.

2.4.2.2.1.5. Sumário

Figura 92 - Sumário - *Contos libertinos*, Imaginário, 1997

Sumário	
<p>O marido padre – Conto provençal 7</p> <p>O marido que recebeu uma lição 19</p> <p>A pudica ou o encontro imprevisto 29</p> <p>Há lugar para dois 41</p> <p>Enganai-me sempre assim 45</p> <p>O esposo complacente 49</p> <p>O talião 51</p>	<p>O professor filósofo 57</p> <p>O corno de si próprio ou a reconciliação imprevista 61</p> <p>Augustine de Villeblanche ou o estratagema do amor 77</p>

Essa edição de *Contos libertinos* (1997) possui o mesmo sumário da edição de *Contos libertinos* (1992), porém com a retirada da historieta “A flor do castanheiro”. A ordem dos textos continua a mesma da edição de 1992, estabelecendo, dessa maneira, o formato de quatro contos, duas historietas e, por fim, quatro contos (4C-2H-4C).

2.4.2.2.2. Textos de acompanhamento

Essa edição não apresenta textos de acompanhamento (orelhas, prefácios ou posfácios) para serem analisados.

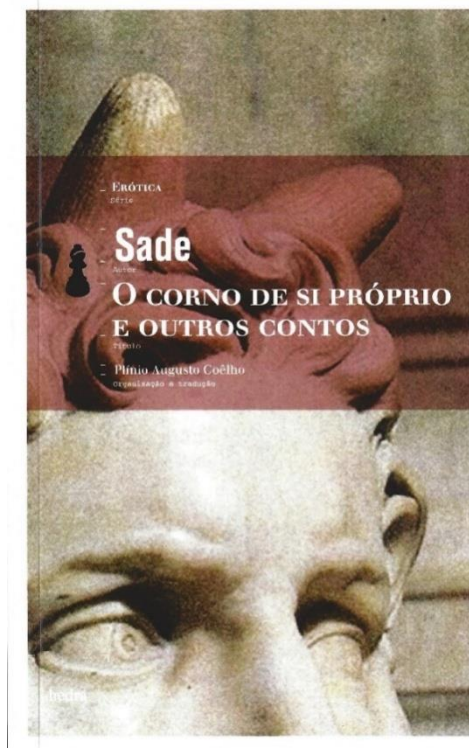
2.4.2.3. O CORNO DE SI PRÓPRIO E OUTROS CONTOS – Edição de 2009

Em 2009, a editora Hedra publica uma reedição com revisão da tradução da edição de 1997 e a mudança do título para *O corno de si próprio e outros contos*, parte da série “Erótica”, mas desta vez a tradução de somente Plínio Augusto Coêlho. Para essa edição, a editora Hedra toma de empréstimo parte do título do conto *O corno de si próprio, ou a Reconciliação Imprevista*.

2.4.2.3.1. Índices morfológicos

2.4.2.3.1.1. CAPA

Figura 93 - Capa - *O Corno de si próprio e outros contos*, Hedra, 2009



A capa apresenta o detalhe da imagem da estátua de *Moisés* (1515), de Michelangelo (1475-1564). Apresenta, ainda, sobreposta a essa imagem, em uma faixa de fundo róseo, informações relativas à série em que obra pertence, o nome do autor, o título da obra e o organizador-tradutor – todas essas informações com fonte em cor branca.

2.4.2.3.1.1.1. Ilustração

É utilizada na capa um detalhe da imagem da estátua de *Moisés* (1515), de Michelangelo, ressaltando seus chifres (do latim, *cornu*), que de certa maneira estabelece uma relação com o título da obra. A interpretação de Michelangelo de que Moisés possuía chifres está diretamente ligada à tradução da Bíblia do hebraico (קרן, *qaran*) para o latim (*cornuta*) realizada por São Jerônimo por volta de 382 d.C. Jerônimo estudara hebraico somente para que pudesse traduzir o Antigo Testamento para o latim.

O termo hebraico QARAN (קרן) aparece no Antigo Testamento quatro vezes, três das quais relacionadas à face de Moisés, e é utilizado como verbo, que significa “brilhar”, “resplandecer”. Porém, por ser o hebraico escrito sem vogais, podem ocorrer confusões quanto ao real sentido, ainda mais quando ao realizar a vocalização de קרן, a pronúncia QARAN é bastante próxima de QEREN, que significa “chifres”, o que pode ter confundido São Jerônimo, e o levado a utilizar em latim *cornuta*, do latim chifres, como pode ser observado no Quadro 21.

Quadro 21 - Êxodo 34:29 em hebraico e em latim.

Hebraico ⁵⁸	Latim ⁵⁹
כַּטְוֵי נֹהֵי, בְּרִדְתּוֹ מִשֵּׁה מֵהַר סִינַי, וְשָׁנֵי לַחַת הָעֵדוּת בְּיָד- מִשָּׁה, בְּרִדְתּוֹ מִן-הַהָר; וּמִשָּׁה לֹא-יָדַע, כִּי קָרָן עוֹר פָּנָיו-- בְּדַבְּרוֹ אֹתוֹ.	²⁹ cumque descenderet Moses de monte Sinai tenebat duas tabulas testimonii et ignorabat quod cornuta esset facies sua ex consortio sermonis Dei (Exodus 34:29).

Assim, ao descrever a descida de Moisés do Monte Sinai, Jerônimo, possivelmente havia entendido que Moisés tinha *keren* e não *karan* sob sua cabeça, e chifres, em vez de brilho ao redor da sua cabeça. Conforme reportagem da revista *Superinteressante*,

ao traduzir uma passagem do Êxodo que descreve o semblante do profeta Moisés, São Jerônimo escreveu em latim: *cornuta esse facies sua*, ou seja, “sua face tinha chifres”. Esse detalhe esquisito foi levado a sério por artistas como Michelangelo – sua famosa escultura representando Moisés, hoje exposta no Vaticano, está ornada com dois belos corninhos. Tudo porque Jerônimo tropeçou na palavra hebraica *karan*, que pode

⁵⁸ Exodus Chapter 34 שמות. Disponível em: <<http://www.mechon-mamre.org/p/pt/pt0234.htm#29>>. Acesso: maio 2016.

⁵⁹ Exodus 34:29-35. BibleGateway. Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=exodus%2034%3A29-34%3A35&version=VULGATE>>. Acesso: maio 2016.

significar tanto “chifre” quanto “raio de luz”. A tradução correta está na *Septuaginta*: o profeta tinha o rosto iluminado, e não chifrudo (VERSIGNASSI, 2013).

Por esse motivo, a capa dessa edição tem uma incoerência de signos ao utilizar um detalhe da estátua de Moisés feita por Michelangelo em 1515.

2.4.2.3.1.1.2. Nome do autor

O nome do autor, apresentado somente como **Sade**, é a segunda informação apresentada na faixa de fundo róseo na parte superior esquerda da capa. Grafado com a fonte de maior tamanho da capa e em negrito, o nome **Sade** é posicionado logo abaixo do título da série a que pertence a obra *O corno de si próprio e outros contos* e acima do termo “AUTOR” em fonte extremamente pequena e em caixa alta.

2.4.2.3.1.1.3. Título da obra

O título da obra, apresentado logo abaixo do nome de Sade, em negrito e versalete, **O CORNO DE SI PRÓPRIO E OUTROS CONTOS**, consta logo abaixo o termo “TÍTULO”, em fonte menor e em caixa alta.

2.4.2.3.1.1.4. Editora/Coleção

A primeira informação contida na capa é o título da série “**ERÓTICA**”, em fonte menor e em negrito, na parte superior esquerda da capa, logo acima do nome do autor.

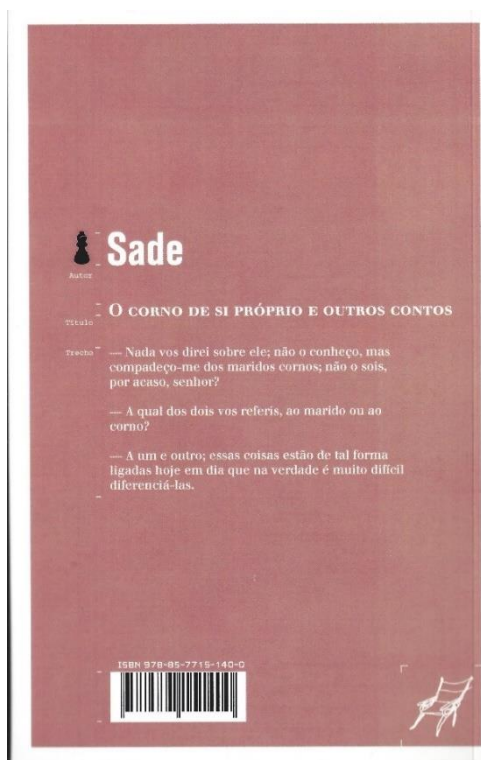
2.4.2.3.1.1.5. Nome do tradutor

De todas as edições das obras traduzidas fundamentadas na obra francesa *Historiettes, Contes et Fabliaux*, a publicação de *O corno de si próprio e outros contos*, de 2009, foi a primeira edição a indicar o nome do tradutor na capa, Plínio de Augusto Coêlho, nesse caso sendo também seu organizador.

Quadro 22 - Análise da capa de *O corno de si próprio e outros contos*, Hedra, 2009.

Data de publicação	Título	Autor	Menção ao Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editora	Coleção
2009	O corno de si próprio e outros contos	Sade	Plínio Augusto Coêlho	Φ	Φ	Série Erótica

2.4.2.3.1.2. CONTRACAPA

Figura 94 - Contracapa - *O corno de si próprio e outros contos*, Hedra, 2009

A contracapa de *O corno de si próprio e outros contos* (2009) é de fundo róseo e apresenta informações em sua parte central. O primeiro dado apresentado é o nome do autor, grafado no mesmo formato da capa, sendo a fonte de maior tamanho da contracapa na parte central a esquerda da contracapa, logo após o selo da coleção (um bispo de jogo de xadrez, presente nas coleções de bolso de livros literários da editora Hedra), que contém abaixo de si o termo “Autor”. Abaixo do nome de Sade encontra-se o título da obra em fonte bem menor do que o nome do autor em negrito e versalete, estando à direita do termo “Título”, **O CORNO DE**

SI PRÓPRIO E OUTROS CONTOS. Por fim, têm-se três trechos da obra, não sendo informado de qual conto foi retirado, abaixo do título da obra. Na parte inferior da contracapa, à direita, encontra-se o código de barras, juntamente com o ISBN da obra e do lado esquerdo um desenho de uma cadeira.

Pode-se perceber a importância dada ao nome de Sade na contracapa, o que foi, possivelmente, utilizado como ferramenta publicitária para chamar a atenção dos leitores.

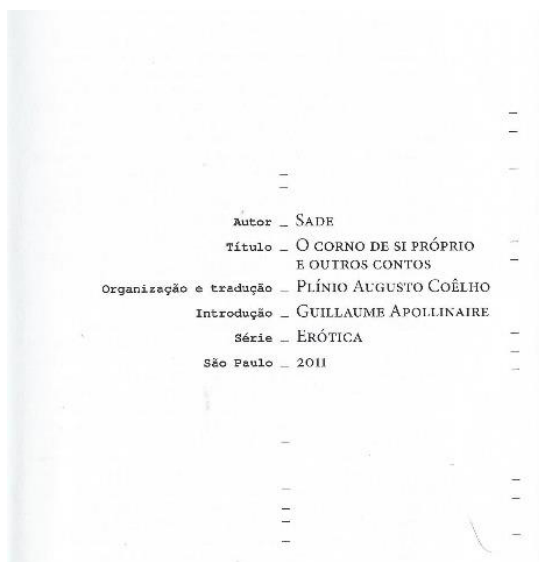
Quadro 23 - Análise da contracapa de *O corno de si próprio e outros contos*, Hedra, 2009

	Título da obra	Nome do autor	Selo editorial	Selo da coleção	Informações centrais
2009	O corno de si próprio e outros contos	Sade	Φ	Sim (figura de um bispo de jogo de xadrez)	Trecho do livro

2.4.2.3.1.3. FOLHA DE ROSTO

A folha de rosto dessa edição (2009) apresenta informações com fonte em versalete e de mesmo tamanho, exceto as categorias, que estão diferentes e em negrito. São apresentadas na folha de rosto as seguintes informações: autor, título, organização e tradução, introdução, série e, por último, a cidade e ano de publicação. Não é citado na folha de rosto o título da obra em francês.

Figura 95 - Folha de rosto - *O corno de si próprio e outros contos*, Hedra, 2009



2.4.2.3.1.4. Ficha catalográfica ou colofão

Figura 96 - Ficha catalográfica - *O corno de si próprio e outros contos*, Hedra, 2009

Copyright	_ Hedra 2009
Tradução ^o	_ Plínio Augusto Coêlho
Corpo editorial	_ Adriano Scatolin, Alexandre B. de Souza, Bruno Costa, Caio Gagliardi, Fábio Mantegari, Iuri Pereira, Jorge Sallum, Oliver Tolle, Ricardo Musse, Ricardo Valle
Dados	_
	Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CI)
	S129 Sade (1740-1814)
	O corno de si próprio e outros contos. / Sade. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. Introdução de Guillaume Apollinaire. — São Paulo: Hedra, 2009. (Série Erótica). 112 p.
	ISBN 978-85-7715-140-0
	1. Literatura Francesca. 2. Contos. 3. França. 4. Relações Sociais. 5. Erotismo. I. Título. II. Série. III. Sade, Donatien Alphonse François de (1740-1814). IV. Marquês de Sade (1740-1814). V. Coêlho, Plínio Augusto, Tradutor. VI. Apollinaire, Guillaume.
	CDU 849 CDD 840
	Elaborado por Wanda Lucia Schmidt CRB-8-1922
	Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil
	EDITORA HEDRA LTDA.
Endereço	_ R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo) 05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax	_ +55 11 3097 8304
E-mail	_ editora@hedra.com.br
site	_ www.hedra.com.br
	Foi feito o depósito legal.

Essa edição apresenta a ficha catalográfica, parte central do verso da folha de guarda, com informações comuns a esse tipo documento: nome do autor, título, nome do tradutor, nome do autor da introdução, local de publicação, nome da editora, ano de publicação, nome da série, número de páginas, ISBN, e informações relativas ao tipo da obra.

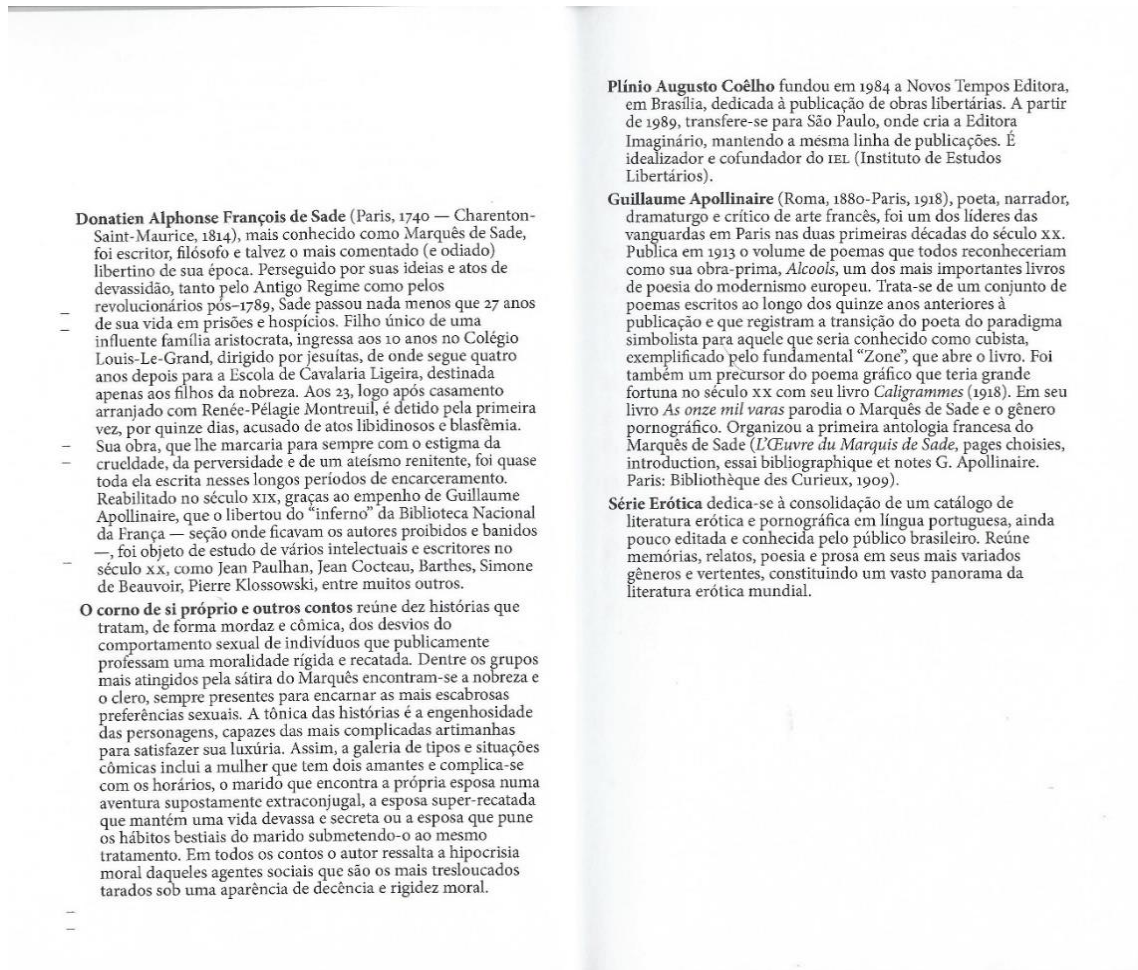
Na parte superior se encontra as seguintes informações: *copyright*, tradução, corpo editorial. Na parte inferior da página, abaixo da ficha catalográfica, é informado: “Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil”. Abaixo dessa informação tem-se o nome da editora, EDITORA HEDRA LTDA., seu endereço, telefone, e-mail e site.

É na ficha catalográfica que confirmamos que a tradução dessa edição é somente de responsabilidade de Plínio Augusto Coêlho, diferentemente das edições de 1992 e 1997.

2.4.2.3.1.4. Página 5 e 6 (verso da folha de rosto e página seguinte)

Após a folha de rosto, essa edição traz pequenas apresentações: de Sade, da obra *O corno de si próprio e outros contos*, do tradutor Plínio Augusto Coêlho, de Apollinaire e da série “Erótica”.

Figura 97 - Página 5 e 6 (Verso da folha de rosto e página seguinte) - *O corno de si próprio e outros contos*, Hedra, 2009



2.4.2.3.1.6. Sumário

Figura 98 - Sumário - *O corno de si próprio e outros contos*, Hedra, 2009

SUMÁRIO	
Introdução, por Guillaume Apollinaire	9
O CORNO DE SI PRÓPRIO E OUTROS CONTOS	31
O marido padre: conto provençal	33
O marido que recebeu uma lição	43
A pudica, ou o encontro imprevisto	51
Há lugar para dois	61
Enganai-me Sempre Assim	65
O Esposo Complacente	67
O Talião	69
O Professor Filósofo	75
O Corno de si próprio, ou a Reconciliação Imprevista	79
Augustine de Villeblanche, ou o estratagema do amor	91

Essa edição de *O corno de si próprio e outros contos* (2009) possui o mesmo sumário da edição de *Contos libertinos* (1997), sendo a ordem dos textos a mesma: quatro contos, duas historietas e, por fim, quatro contos (4C-2H-4C). Tendo, porém, o acréscimo de uma introdução, um texto de autoria de **Guillaume Apollinaire**.

2.4.2.3.2. Textos de acompanhamento

2.4.2.3.2.1. Prefácio

Essa edição apresenta uma introdução de autoria de Guillaume Apollinaire que não consta nem no texto original e também não cita sua origem. Acreditamos, no entanto, que se trata de um trecho do livro *L'Œuvre du Marquis de Sade*, publicado em 1909. Nessa Introdução, Apollinaire apresenta uma breve biografia do Marquês e de suas obras; provavelmente o organizador, e também tradutor, Plínio Augusto Coêlho optou pelo texto de Apollinaire por este ser o primeiro do século XX do processo de reapropriação de Sade na França.

2.4.3. Textos traduzidos publicados individualmente

Apresentaremos no próximo tópico os dois textos traduzidos publicados individualmente em formato de livro (*O presidente ludibriado*) e de audiolivro (*A crueldade fraternal*).

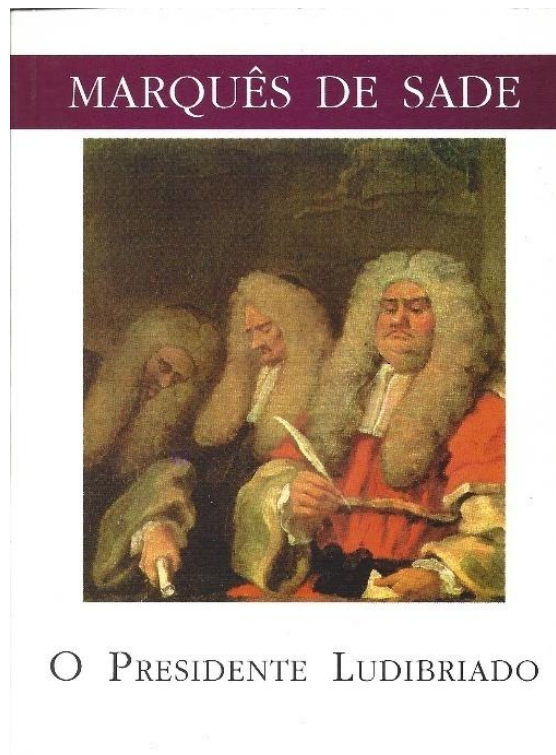
2.4.3.1 O PRESIDENTE LUDIBRIADO (1999)

Publicado em um consórcio editorial (Scrinium, Contracapa e Primeira Linha) em 1999, *O presidente ludibriado* foi traduzido por Sérgio Coelho. Essa edição, diferentemente das edições anteriormente analisadas, apresenta somente um único conto de *Historiettes, Contes et Fabliaux, Le président mystifié*, publicado nas edições de *O marido complacente* da L&PM.

2.4.3.1.1. Índices morfológicos

2.4.3.1.1.1. CAPA

Figura 99 - Capa de *O presidente Ludibriado*, Scrinium, 1999



A capa da obra *O presidente ludibriado* (1999) apresenta, em um fundo branco, além da ilustração em sua parte central, o nome do autor, parte superior, e o título da obra, parte inferior.

2.4.3.1.1.1.1. Ilustração

A ilustração apresentada na capa – *The Bench* (1758) – é de autoria do artista inglês William Hogarth (1697-1764).

2.4.3.1.1.1.2. Nome do autor

O nome do autor é apresentado em uma faixa de fundo roxo na parte superior central da capa, fonte branca de maior tamanho da capa e caixa alta, MARQUÊS DE SADE.

2.4.3.1.1.1.3. Título da obra

O título da obra, O PRESIDENTE LUDIBRIADO, está localizado na parte inferior central da capa em fonte menor que o nome do autor e versalete.

2.4.3.1.1.1.4. Editora/coleção

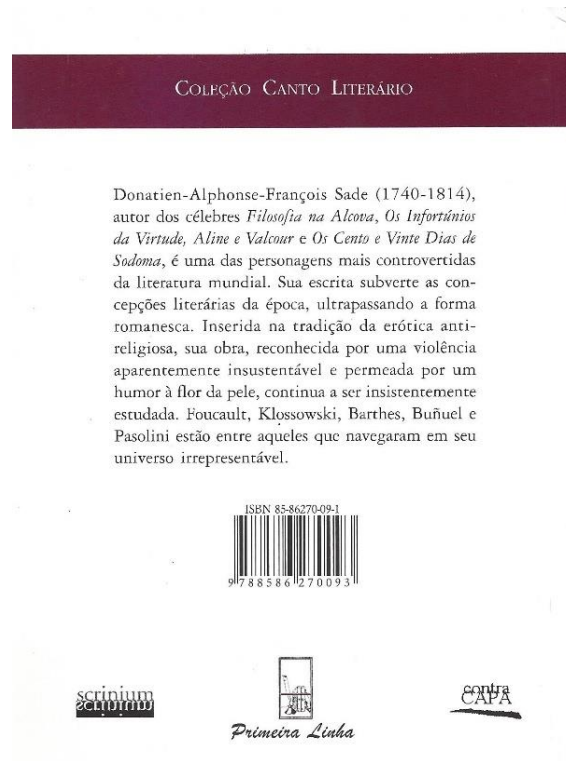
Nessa edição, *O presidente ludibriado* (1999), não é informado, na capa, a editora responsável pela publicação.

Quadro 24 - Análise de *O Presidente Ludibriado*, Scrinium, 1999

Data de publicação	Título	Autor	Menção ao Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editora	Coleção
1999	O presidente ludibriado	Marquês de Sade	Φ	Φ	Φ	Φ

2.4.3.1.1.2. CONTRACAPA

Figura 100 - Contracapa - *O presidente ludibriado*, Scrinium, 1999



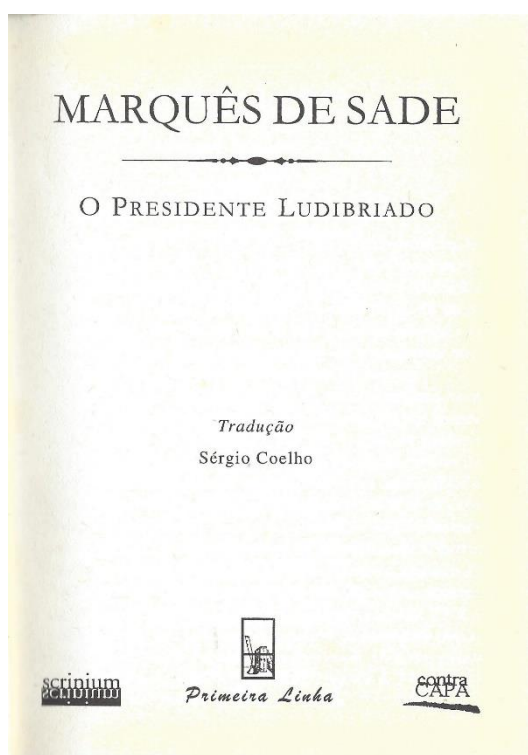
A contracapa da edição de *O presidente ludibriado* (1999), de fundo branco, apresenta, em sua parte superior central, em uma faixa de fundo roxo, o nome da coleção a que pertence a obra, com fonte de maior tamanho da contracapa e versalete, COLEÇÃO CANTO LITERÁRIO.

Na parte central da contracapa tem-se uma curta apresentação, em fonte de tamanho menor, acerca do Marquês de Sade, de suas obras mais famosas, um breve comentário acerca de seu estilo de escrita e a menção de autores contemporâneos conhecidos do grande público, de modo a validar o nome desse autor e a qualidade do livro em questão. Abaixo dessa apresentação, tem-se o código de barras, juntamente com o ISBN da obra. Na parte inferior da contracapa encontram-se os três selos editoriais: à esquerda, a Scrinium, ao centro, a Primeira Linha, e à direita, a Contracapa.

Quadro 25 - Análise de *O Presidente Ludibriado*, Scrinium, 1999

	Título da obra	Nome do autor	Selo editorial	Selo da coleção	Informações centrais
1999	Φ	Donatien-Alphone-François Sade	Scrinium /Primeira Linha /Contracapa	Coleção Canto Literário	Minibiografia do autor

2.4.3.1.1.3. FOLHA DE ROSTO

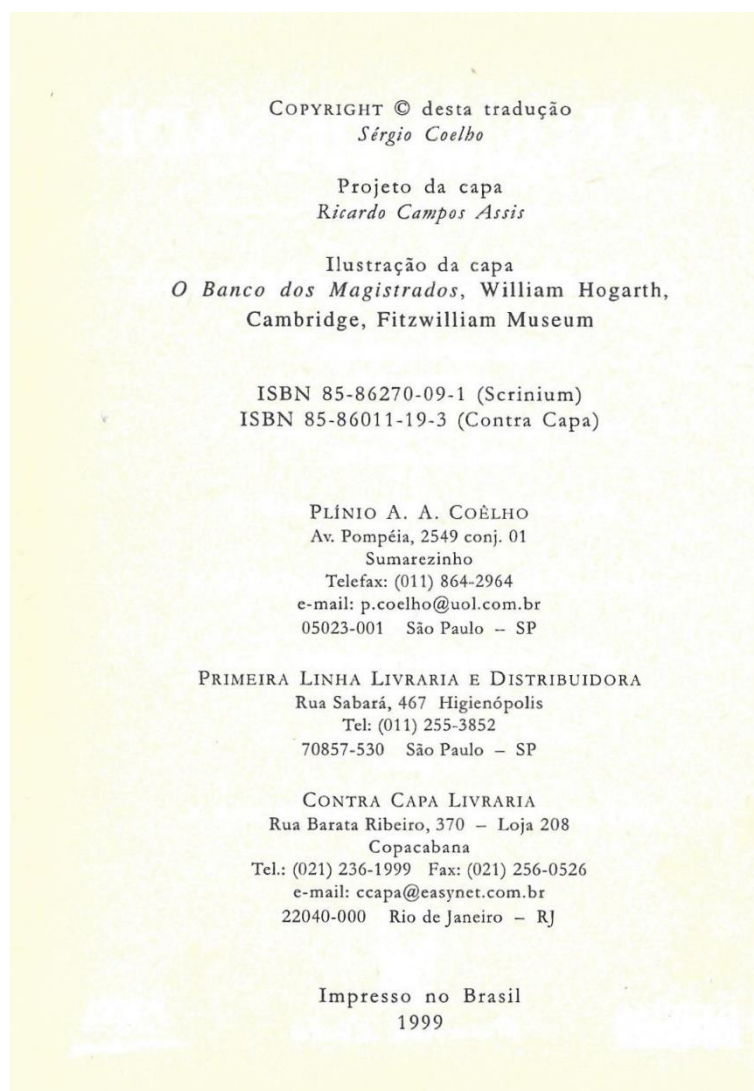
Figura 101 - Folha de rosto - *O presidente ludibriado*, Scrinium, 1999

Essa edição apresenta na parte superior central da folha de rosto o nome do autor em destaque, MARQUÊS DE SADE, na fonte de maior tamanho, em caixa alta, da folha de rosto. Abaixo do nome do autor, encontra-se o título da obra, O PRESIDENTE LUDIBRIADO, em fonte menor e versalete. Um pouco abaixo do centro da página, está disposto o nome do tradutor, Sérgio Coelho, com a menor fonte da página. E na parte inferior da página estão dispostos os selos editoriais participantes da edição, e tem-se, da esquerda para direita, os nomes das editoras: Scrinium, Primeira Linha e Contracapa.

Quadro 26 - Análise da folha de rosto de *O Presidente Ludibriado*, Scrinium, 1999

	Título	Autor	Menção ao Tradutor	Língua / Cultura de origem	Editora	Coleção	Data de publicação
1999	<i>O presidente ludibriado</i>	Marquês de Sade	Sérgio Coelho	Φ	Scrinium, Primeira Linha, Contracapa	Φ	Φ

2.4.3.1.1.4. Ficha catalográfica ou colofão

Figura 102 - Colofão - *O presidente ludibriado*, Scrinium, 1999

No colofão, localizado no verso da folha de rosto dessa edição tem-se as seguintes informações: *copyright* da tradução de Sérgio Coelho, projeto de capa, ilustração da capa, os dois ISBNs (Scrinium e Contracapa) e o contato das três editoras (Scrinium, Primeira Linha e Contracapa), e ao final da página é informado que a obra foi impressa no Brasil em 1999.

2.4.3.1.1.5. Sumário

Essa edição não possui sumário, mesmo contendo um texto de acompanhamento, por ter somente um conto.

2.4.3.1.2. Textos de acompanhamento

2.4.3.1.2.1. APRESENTAÇÃO

Escrita por Gabriel Giannattasio, a apresentação da edição de *O presidente ludibriado* (1999) pode ser caracterizada como uma minibiografia em que são apresentadas datas importantes na vida de Sade e suas obras mais famosas.

A escolha de Gabriel Giannattasio⁶⁰ como autor da apresentação dessa edição não foi ao acaso, uma vez que é um dos principais pesquisadores brasileiros do Marquês. Giannattasio concluiu seu doutoramento em História pela Universidade Federal do Paraná em 1998, com tese intitulada *Sade: um anjo negro da modernidade*, publicada em formato de livro em 2000 pela editora Imaginário. Giannattasio coordenou, de 2011 a 2014, o projeto de pesquisa intitulado “A recepção da obra do Marquês de Sade no Brasil [1961-2010]”.

2.4.3.2. A CRUELDADE FRATERNAL (2008)

Publicado em 2008 pela Universidade Falada, *A crueldade fraternal* apresenta somente um conto que dá nome a esse audiolivro. Conto este publicado e componente da coletânea francesa *Historiettes, Contes et Fabliaux*, com o título original de *Emilie de Tourville ou la cruauté fraternelle*. Dentre as edições brasileiras impressas relacionadas à *Historiettes, Contes*

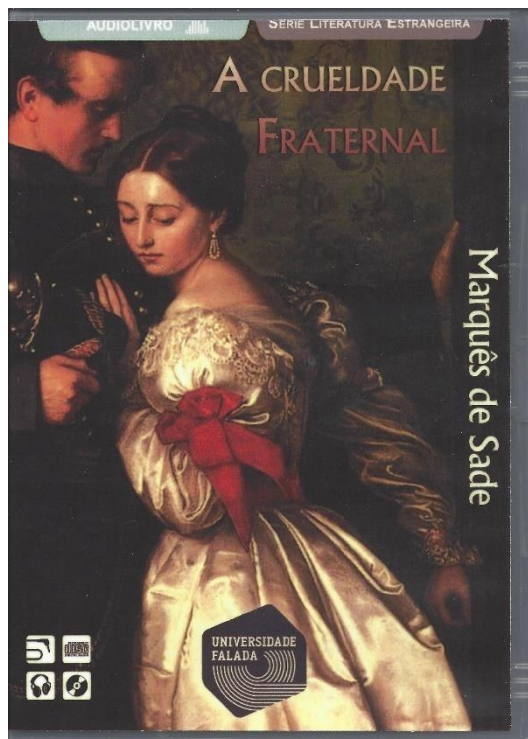
⁶⁰ Lattes Gabriel Giannattasio. (Última atualização do currículo em 14/09/2015). Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9364438762152350>>. Acesso: maio 2016.

et *Fabliaux*, esse conto é publicado somente nas edições da editora L&PM na coletânea *O marido complacente* (1985, 1998, 2002).

2.4.3.2.1. Índices morfológicos

2.4.3.2.1.1. Capa

Figura 103 - Capa - *A crueldade fraternal*, Universidade Falada, 2008



Na capa do audiolivro intitulado *A crueldade fraternal*, publicado em 2008, tem-se as seguintes informações: tipo de mídia, série, título, nome do autor, selo da editora, ícones indicadores de uma mídia de áudio.

2.4.3.2.1.1.1. Ilustração

A ilustração apresentada na capa – *The Black Brunswicker* (1860) – é de autoria do pintor inglês John Everett Millais (1829-1896) e ocupa toda a página, sendo nela sobrepostas as informações relacionadas à obra em áudio contida em seu interior.

2.4.3.2.1.1.2. Nome do autor

Localizado na lateral direita da capa em posição vertical e ao centro da página, o nome do autor, Marquês de Sade, é apresentado em fonte branca, de mesmo tamanho do título do livro.

2.4.3.2.1.1.3. Título da obra

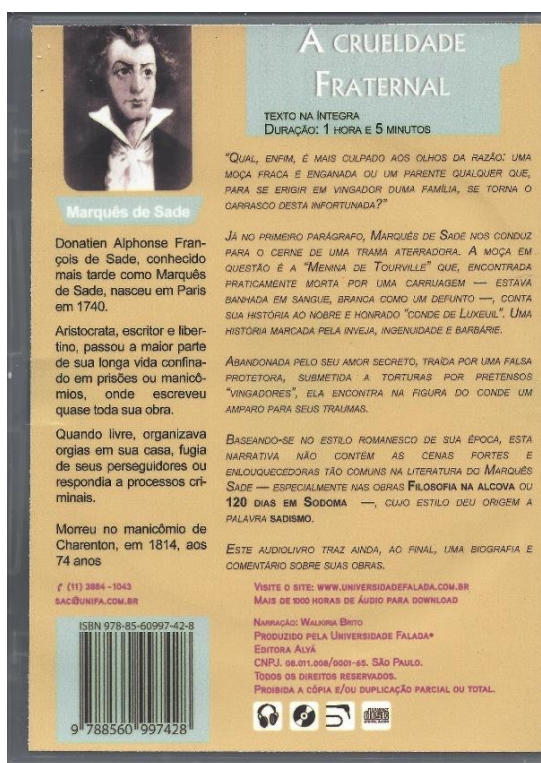
O título da obra, A CRUELDADE FRATERNAL, é disposto na parte superior direita da capa em versalete em dégradé de branco para terracota.

2.4.3.2.1.1.4. Editora/Coleção

O selo editorial encontra-se na parte inferior central da capa e o selo da coleção (Universidade Falada), parte superior direita da capa (série “Literatura Estrangeira”), logo acima do título. Ao lado do selo da coleção, há a indicação do tipo de mídia: audiolivro.

2.4.3.2.1.2. Contracapa

Figura 104 - Contracapa - *A crueldade fraternal*, Universidade Falada, 2008



A contracapa é dividida em duas colunas. Na coluna da esquerda, mais estreita, contém uma gravura de Sade e uma minibiografia, além do telefone, e-mail de contato da editora e o código de barras e ISBN da obra. Na coluna da direita, tem-se o título da obra, a fonte de maior tamanho da contracapa e versalete, a informação de que o texto se encontra na íntegra e a duração total da gravação. Além disso, tem-se um pequeno trecho da obra e um resumo do conto, advertindo de que esse conto foge do estereótipo que o leitor comum espera de um texto de Sade e uma informação de que o audiolivro contém ao final uma biografia e comentários acerca da obra do autor. Na parte inferior, à direita, tem-se as informações técnicas sobre essa edição (*site* da editora, narração, produção e dados jurídicos da editora).

2.5. OS TRADUTORES DOS TEXTOS DE *HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX* NO BRASIL

É inegável a importância de se conhecer um pouco mais a respeito dos tradutores de um escritor francês tão icônico, assim como a necessidade de se dar maior visibilidade a profissionais tão importantes, especialmente para a Literatura. Por essa razão, o objetivo deste tópico é apresentar e recuperar o trabalho dos tradutores dessa obra no Brasil, a saber: Paulo Hecker Filho, Plínio Augusto Coêlho, Alípio Correia de Franca Neto e Sérgio Coelho. Infelizmente, foram encontradas poucas informações a respeito de alguns deles, como o tradutor Sérgio Coelho.

2.5.1. PAULO HECKER FILHO (1926-2005)

Tradutor, editor, poeta, crítico literário, contista, novelista, dramaturgo, advogado e jornalista, Paulo Hecker Filho (1926-2005) nasceu em Porto Alegre/RS. Participou fortemente do movimento literário rio-grandense, fundando diversas revistas literárias, como a revista *Crucial*, publicada em Porto Alegre entre 1952 e 1955 (SILVEIRA, 2012).

Como crítico literário, Hecker Filho tem como principal obra o livro *Diário*, de 1949, vencedor do prêmio Parks. Como escritor, possui mais de 30 obras de sua autoria e dos mais diversos gêneros. Na década de 1970, começou a se dedicar à tradução, trabalhando principalmente para as editoras Nova Fronteira e L&PM. Traduziu principalmente literatura

francesa, entre os principais escritores traduzidos estão Guillaume Apollinaire, Marquês de Sade, Arthur Rimbaud, Maurice Leblanc e Gérard de Nerval.

Algumas obras traduzidas por Paulo Hecker Filho:

APOLLINAIRE, Guillaume. *Escritos de Apollinaire*. Porto Alegre: LP&M, 1984.

LEBLANC, Maurice. *Arsène Lupin contra Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

LEBLANC, Maurice. *As oito pancadas do relógio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

LEBLANC, Maurice. *Ladrão de casaca*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

NERVAL, Gérard de. *Aurélia*. Porto Alegre: LP&M, 1997.

RIMBAUD, Arthur. *Uma temporada no inferno*. Porto Alegre: LP&M, 1997.

ROJAS, Fernando de. *A Celestina*. Sulina, 1990.

SADE, Marquês de. *O marido complacente*. Porto Alegre: LP&M, 1985.

YASUNARI, Kawabata. *Nuvens de pássaros Brancos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1956.

2.5.2. PLÍNIO AUGUSTO COELHO

Em 1984, Plínio Augusto Coelho fundou a Novos Tempos Editora, em Brasília, que se dedicava à publicação de obras libertárias. Em 1989, Coelho muda-se para a cidade de São Paulo, onde funda a editora Imaginário, mantendo a mesma linha editorial de sua editora paulista. Detentor de um portfólio recheado, Coelho atua como tradutor e organizador na editora Hedra, por onde tem 17 traduções publicadas. Traduz principalmente obras de caráter filosófico, traduzindo autores como Errico Malatesta, Mikhail Bakunin, Rudolf Rocker, Piotr Alekseievitch Kropotkin, Jules Michelet, Emma Goldman e Max Nettlau

Coelho é idealizador e cofundador do Instituto de Estudos Libertários (IEL), –criado em 2002 com o intuito de divulgar o patrimônio simbólico, prático e teórico do Anarquismo.

Algumas obras traduzidas por Plínio Augusto Coelho:

BAKUNIN, Mikhail. *Obras escolhidas*. São Paulo: Hedra, 2015.

BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre arte*. São Paulo: Hedra, 2008.

- CRANSTON, Maurice. *Diálogo imaginário entre Marx e Bakunin*. São Paulo: Hedra, 2011.
- GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007.
- KROPOTKIN, Piotr Alekseevitch. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007.
- LENOIR, Hugues. *Educar para emancipar*. Organização e Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- MALATESTA, Errico. *Entre camponeses*. São Paulo: Hedra, 2009.
- MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. São Paulo: Hedra, 2007.
- MAUPASSANT, Guy de. *Bola de sebo e outros contos*. São Paulo: Hedra, 2011.
- MICHELET, Jules. *Joana D'arc*. São Paulo: Hedra, 2007.
- NETTLAU, Max. *História da anarquia – das origens ao anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008.
- RECLUS, Élisée. *Anarquia pela educação*. São Paulo: Hedra, 2011.
- SADE, Marquês de. *Discursos ímpios*. São Paulo: Hedra, 2007.
- SADE, Marquês de. *O corno de si próprio e outros contos*. São Paulo: Hedra, 2009.

2.5.3. ALÍPIO CORREIA DE FRANCA NETO

Alípio Correia de Franca Neto é doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo e pós-doutorando em Teoria da Tradução. Atua como tradutor, ensaísta, poeta e dramaturgo, tendo mais de 100 títulos publicados entre traduções e textos originais. Franca Neto é ganhador de três prêmios Jabuti de tradução, o primeiro em 2002, pelo livro *Pomas, um tostão cada*, de James Joyce, o segundo em 2007, por sua tradução poética e estudo de *A balada do velho marinheiro*, de S. T. Coleridge, e o terceiro em 2014, por sua versão do *Vênus e Adônis*, de Shakespeare.⁶¹

Algumas obras traduzidas por Alípio Correia de Franca Neto:

BROWNING, Robert. *Flautista de manto malhado em Hamelin*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

⁶¹ Informações disponíveis em: <<https://alipiocorreia.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

COLERIDGE, Samuel Taylor. *A balada do velho marinheiro: seguido de Kubla Khan*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

DELAUNAY, Sonia. *Alfabeto*. São Paulo: Gustavo Gill, 2012.

FRAWLEY, David. *Visão ayurvedica da mente, uma - a cura da consciência*. São Paulo: Pensamento, 1999.

HAGEN, Steve. *Budismo claro e simples: como estar sempre atento, neste exato momento, todos os dias*. São Paulo: Pensamento, 2002.

JOYCE, James. *Exilados*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

JOYCE, James. *Pomas, um tostão cada*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

OSHO. *Maturidade: a responsabilidade de ser você mesmo – dicas para uma nova maneira de viver*. São Paulo: Cultrix, 2010.

PLATH, Sylvia. *O livro das camas e outras histórias para crianças*. Rio de Janeiro: Globinho, 2016.

RHYNER, Hans. *Ayurveda: um tratamento de saúde que não agride o seu corpo*. São Paulo: Pensamento, 1992.

SAVAGE, Judith A. *Vidas não vividas: o sentido psicológico da perda simbólica e da perda real na morte de um filho*. São Paulo: Cultrix, 1989.

SHAKESPEARE, William. *Vênus e Adônis*. São Paulo: Leya, 2013.

VAUGHAN, Frances. *Novas dimensões da cura espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 1992.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 2014.

2.5.4. SÉRGIO COELHO

Dentre os quatro tradutores envolvidos no processo de tradução das edições brasileiras relacionadas à *Historiettes, Contes et Fabliaux*, o único tradutor que não teve qualquer informação biográfica encontrada foi Sérgio Coelho. Somente sabemos sobre sua participação em traduções como *História mundial do teatro*, de Margot Berthold, publicado em 2014, e *A análise dos espetáculos*, de autoria de Patrice Pavis de 2008, ambos pela editora Perspectiva; *O indiferente e o fim do ciúme*, de Marcel Proust da editora Scrinium, em 1997, e *O menino do bordel*, de Pigault-Lebrun, publicado pela editora Imaginário em 1999.

Algumas obras traduzidas por Sérgio Coelho:

BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PAVIS, Patrice. *A análise dos espetáculos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PROUST, Marcel. *O indiferente e o fim do ciúme*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1997.

PIGAULT-LEBRUN. *O menino do bordel*. São Paulo: Imaginário, 1999.

SADE, Marquês de. *O presidente ludibriado*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

Nota-se que o perfil dos tradutores dessas edições é de especialistas em Filosofia e Literatura Francesa, em sua maioria são profissionais de renome na área editorial brasileira. Apresentaremos, no próximo capítulo, três contos inéditos de *Historiettes, Contes et Fables* em coletâneas no Brasil (*La Marquise de Têleme ou les effects du libertinage; Dorci; Séide*) e a tradução de *Dorci*.

CAPÍTULO 3

**TRÊS CONTOS PRESENTES EM *HISTORIETTES*,
CONTES ET FABLIAUX NÃO TRADUZIDOS NO
BRASIL**

3.1. QUAIS SÃO OS CONTOS DE *HISTORIETTES, CONTES ET FABLIAUX* NÃO TRADUZIDOS NO BRASIL?

Os três contos aqui apresentados fazem parte da edição de 1971 de *Historiettes, Contes et Fabliaux (HCF)*, editada e publicada por Jean-Jacques Pauvert. De todas as edições encontradas até o momento da coletânea em francês, somente essa possui o conto *Séide*, além de ser a única a ter notas bibliográficas (*notices*) a respeito dos contos *Dorci* e *Séide*. Tais notas descrevem melhor a história desses contos poucos conhecidos por grande parte dos leitores, e que, juntamente com o conto *La marquise de Telême*, são os únicos textos que não tiveram, até o momento, traduções publicadas para o português do Brasil, como se pôde verificar nas traduções brasileiras da coletânea sadiana *Historiettes, Contes et Fabliaux*, descritas no Capítulo 2.

No prefácio da edição de *Historiettes, Contes et Fabliaux* de 1927, Maurice Heine relata a trajetória dos manuscritos relacionados a essa obra. Comenta que durante a redação do *Catalogue raisonné*, em 1788, Sade, até aquele momento, já havia escrito cerca de 50 narrativas curtas, sendo 16 *historiettes*, 30 *contes et fabliaux*, 1 (um) conto “suplementar”, 1 (um) conto que foi transformado em romance, e outros 2 (dois) que foram suprimidos da relação citada no *Catálogo*. Já em 1800, Sade publica 11 desses contos sob o título de *Les crimes de l’amour*, sendo um deles publicado por Anatole France em 1881, em Paris, pela editora *Charavay Frères*, com o título de *Dorci, ou la bizarrerie du sort*. Segundo Heine, esse conto foi “[...] o décimo segundo [conto encontrado], em 1881, aos cuidados, um tanto mal-intencionados, de Anatole France, sob o título *Dorci, ou la bizarrerie du sort* [...]”⁶² (SADE, 1927b, p. ii).

Conforme relato de Heine (SADE, 1927b), só foi possível realizar o processo de pesquisa e recuperação dos textos contidos em *HCF* com o auxílio da *Société du roman philosophique*, fundada com o intuito de estudar e recuperar a obra de Sade (TRAHAN, 2011, p. 63). Esse pesquisador destaca ainda o estado precário de conservação dos manuscritos e a dificuldade de se trabalhar com alguns deles e afirma que, no processo de escrita desses textos, Sade foi extremamente metódico, pois tinha um projeto bem claro para com esses manuscritos:

Durante o triste descanso que ele deixa seu cativo em Vincennes e depois na Bastilha, Sade dá a seus manuscritos um cuidado extremo. Ele escreve com abundância e método [...]”⁶³ (SADE, 1927b, p. III).

⁶² “[...] le douzième, en 1881, par les soins assez malveillants d’Anatole France, sous le titre *Dorci ou la bizarrerie du sort* [...]” (tradução nossa).

⁶³ “Durant les tristes loisirs que lui laisse sa captivité à Vincennes, puis à la Bastille, Sade prend de ses manuscrits un soin extrême. Il écrit avec abondance et méthode [...]” (tradução nossa).

A ordem dos contos é indicada por Sade em seu *Catalogue raisonné*, escrito em 1788. Segundo Heine, na edição de *HCF* de 1971, a ortografia e a pontuação dos textos foram atualizadas para o francês em uso, mas ressalta que os textos não diferem dos manuscritos autorais, a não ser pela restituição de algumas palavras inexistentes ou omitidas no manuscrito original. Além disso, conforme Heine, a primeira compilação de 1927 teria sido constituída por meio do uso dos rascunhos revisados e corrigidos de Sade (SADE, 1927b, p. IV).

A edição de 1971, de Jean-Jacques Pauvert, conta com o prefácio da crítica literária francesa Beatrice Didier,⁶⁴ em que apresenta sua leitura sobre Sade. Didier (C.f. SADE, 1971) afirma que *Historiettes, Contes et Fabliaux* situa-se em um momento decisivo na evolução da escrita e da história sadianas. Ressalta ainda que esses textos foram escritos durante o Antigo Regime, sistema político francês referente ao período anterior à Revolução Francesa (1789-1799). Os manuscritos foram redigidos durante o período em que Sade esteve preso na Bastilha e onde ficaram retidos, motivo pelo qual Sade retornou ao cárcere no intuito de recuperar os manuscritos após a Queda da Bastilha (14 de julho de 1789). Didier (C.f. SADE, 1971, p. xvii) nota também que os textos publicados em vida por Sade sofreram, na França, com a censura e o esquecimento devido às mudanças de regime político, e, posteriormente, também com a hipocrisia vitoriana do século XIX. Esses textos estão fortemente ligados ao Antigo Regime e às suas tradições. Devido à brevidade e à variedade dos temas desses textos, Didier comenta acerca da liberdade de estilos que Sade assume em sua escrita, visto que alguns textos têm inspiração medieval, e outros pertencem ao registro da “libertinagem elegante”, característico do século XVIII:

De muitas maneiras – e, pelo menos, se nos ativermos a uma análise um tanto superficial – estes textos estão fortemente ligados ao Antigo Regime e até mesmo a uma tradição mais antiga, a uma herança medieval e provençal⁶⁵ (SADE, 1971, p. xvii).

3.1.1. SÉIDE – CONTE MORAL ET PHILOSOPHIQUE (PROJET)

Em *Séide*, a nota bibliográfica é de autoria de Gilbert Lely (C.f. SADE, 1971), que mais uma vez comenta o processo de descoberta de *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Lely relata o processo de recuperação e edição realizado por Maurice Heine e discorre, mais especificamente,

⁶⁴ Béatrice DIDIER. Disponível em: <<http://www.beatricedidier.fr/>>. Acesso em: 09 maio 2016.

⁶⁵ “Par bien des aspects – et du moins si l’on s’en tient à une analyse un peu superficielle –, ces textes se rattachent fortement à l’Ancien régime et même à une tradition plus reculée, à tout un héritage médiéval et provençal” (tradução nossa).

a origem do conto *Séide*. Conforme esse pesquisador, o pouco que se sabe sobre esse conto refere-se a uma nota de Sade na capa de seu vigésimo caderno dizendo que o suprimiria até que a redação do texto fosse concluída. O conto em si nunca foi finalizado, por isso foi publicado da forma como havia sido encontrado na *Bibliothèque de l’Arsenal*, em Paris. Para Lely, tal manuscrito deve ter passado despercebido por Maurice Heine, já que *Séide* comporia a coletânea póstuma de *Historiettes, Contes et Fables*.

A história de *Séide* é uma alegoria sobre a lei de causa e efeito. Sade cria um personagem sem nome que assume o papel do “Destino”, ou melhor, de um lixeiro do mundo. Como a própria tradução do título do conto sugere [Fanático – Conto moral e filosófico (Projeto)] ele é um fanático, obstinado com uma única missão, a de evitar tragédias maiores a qualquer custo. Dessa maneira, Sade discute a questão do mal como um caminho para a virtude. O conto adota uma sequência de fatos em que o personagem procura evitar um mal maior causando um mal que ele considera menor, para assim manter a Ordem. Nesse conto, a moral e a filosofia aparecem exatamente no instante em que começamos a contrapor esses atos nas regras do mundo no qual vivemos, e até onde esses atos, que têm o intuito de consertar o mundo, não são o próprio mal.

A grande dificuldade do trabalho com esse texto é o fato de ser um projeto inacabado (LELY, 2004 p.722), conter basicamente só os argumentos do conto e muitos erros de ortografia e rasuras. Além do fato de o manuscrito não ser totalmente legível, a transcrição do texto para a edição de 1971 preserva esses erros e rasuras, como pode ser visto no Anexo 03.⁶⁶

3.1.2. LA MARQUISE DE TELÊME, OU LES EFFETS DU LIBERTINAGE

Diferentemente dos outros dois contos, *La marquise de Telême* não contém qualquer nota bibliográfica ou explicativa. Isso se deve, provavelmente, ao fato de o conto fazer parte da compilação original de *Historiettes, Contes et Fables*, tendo sido completamente finalizado pelo autor justamente com os demais 24 textos da compilação original.

Nesse texto, Sade conta as desventuras da marquesa de Telême, uma jovem recém-casada que, por um infortúnio do destino, perde toda a família. Inesperadamente, após esse triste evento, surge um rapaz que diz seu irmão mais velho e que era considerado morto. A partir desse ponto, começa uma briga de interesses pela herança da família da jovem marquesa.

⁶⁶ O texto de *Séide* está reproduzido na íntegra no Anexo 03 desta dissertação.

Na tentativa de resolver a situação, seu marido a envia a Paris para que ela possa reclamar seu direito à herança legalmente. É a partir dessa mudança de contexto que as desventuras da marquesa se iniciam: ao ser enganada e manipulada por todos os poderosos magistrados de Paris.

Sade expõe aí, novamente, sua visão a respeito da virtude como um chamariz para que coisas ruins aconteçam. Talvez Sade faça, à personagem da marquesa de Telême, uma referência à utopia de François Rabelais (1483-1553) da obra intitulada *Gargantua*, em que ele cria a Abadia de Thélème, local onde todos estão livres de todas as regras, e somente sujeitos à vontade divina, mas gozando todos do mesmo instinto ético. Na utopia de Rabelais, tudo só pode ser alcançado graças à educação constante dos habitantes de Thélème. A marquesa de Telême de Sade acaba por representar a impossibilidade dessa utopia. Ela realmente está à mercê da vontade divina, desprovida de conhecimento e sendo manipulada pelos detentores do poder e do conhecimento.

É difícil assegurar a razão pela qual esses três textos não foram traduzidos para as edições publicadas no Brasil e nem sequer tenham sido nelas citados. *Dorci* e *Séide* não são parte da compilação de *Historiettes, Contes et Fabliaux* de 1927, mas já aparecem a partir da edição de 1957 de HCF; já *La marquise de Telême* aparece em todas as edições francesas encontradas.

Uma das hipóteses, até este momento da pesquisa, para a não tradução no Brasil, e tampouco em Portugal, seria a questão da dificuldade linguística dos três textos, que apesar da atualização ortográfica realizada pelos editores ainda continuam sendo de difícil leitura. A segunda hipótese seria o fato de os três textos possuírem o conteúdo mais denso da coletânea. Essa hipótese fica ainda mais forte quando tratamos de *Séide*. Pelo fato de ser um esboço de um conto, *Séide* contém muitos erros em sua redação, além da duplicidade causada por algumas das anotações e rasuras do manuscrito original.

3.1.3. DORCI, OU LA BIZARRERIE DU SORT

Dorci, ou la Bizarrerie du sort (esse conto também recebe o título de *Les dangers de la bienfaisance*⁶⁷), juntamente com *Séide*, são os únicos contos a terem por introdução uma nota bibliográfica do editor na versão de 1971; em *Dorci*, não existe a identificação do autor da nota,

⁶⁷ Cf. *Les livres qu'il a écrit*. Disponível em: <<http://marquis-de-sade.com/la-bibliotheque/les-livres-quil-a-ecrit/>>. Acesso em: maio de 2016.

e *Séide* fica a cargo de Gilbert Lely. Na nota bibliográfica que precede *Dorci*, o editor informa que se trata de um conto inédito de Sade, que fora publicado pela primeira vez em 1881 pela editora *Charavay Frères*, acompanhado de notas assinadas por Anatole France (1844-1924). Tais notas são consideradas pelo editor como rasas e desprovidas de informações relevantes sobre Sade. Por outro lado, o editor considera que elas contextualizam o ambiente em que *Dorci, ou la Bizarrerie du sort* fora escrito. De fato, na nota bibliográfica, Anatole France (1844-1924) comenta as mudanças que o texto sofreu até a sua publicação, tanto lexicais como atualizações estéticas para que pudesse se ambientar melhor ao atual contexto sociopolítico da época em que foi publicado,⁶⁸ como a retirada dos títulos de nobreza dos personagens e o uso de seus nomes próprios ou qualquer outra característica que recordasse o período aristocrático.

O conto trata da história de Paul e François Dorci, irmãos com forte laço afetivo, e que devido a circunstâncias do destino se separam e seguem caminhos diferentes. Paul é virtuoso e François, mundano. Acreditamos que Paul e François seriam um esboço das famosas personagens de Sade, Justine e Juliette, protagonistas dos romances *Les Infortunes de la vertu* (1787); *Justine, ou les Malheurs de la vertu* (1791); *La Nouvelle Justine, ou les Malheurs de la vertu suivie de l'Histoire de Juliette, sa sœur ou les Prospérités du vice* (1797). Essa hipótese é defendida inclusive por Jean-Jacques Pauvert, em sua obra *Sade vivant*:

Mas se a descoberta da oposição romanesca entre o destino de duas irmãs, uma virtuosa, a outra libertina, para materializar um *sistema de defesa*, provocou em Sade o entusiasmo que pode ser notado nele, o exame de seus outros textos e rascunhos mostram a persistência de suas intenções. Como em *Dorci, ou les Dangers de la bienfaisance*; em *Les Inconvénients de la pitié*; em *Le Bon Procédé* (que é punido); e é finalmente em *Séide*, de que se conhece somente o projeto, eloquente: [...] ⁶⁹ (PAUVERT, 2013, p. 721).

Segundo o enredo desse conto, Paul Dorci seguia sua vida pacata no campo, até que certo dia, ao ficar perdido pouco além de suas terras, toma conhecimento de uma injustiça cometida em suas terras contra um homem virtuoso. Um assassinato ocorrera em suas propriedades, e o homem virtuoso, ao ver o indivíduo jogado à beira da estrada, tenta socorrê-lo mas acaba sendo preso por engano pela guarda real. Paul toma conhecimento da história ao encontrar, em meio ao bosque, o casebre onde vivia a família do homem, a esposa, o filho e

⁶⁸ O *fac-símile* da edição de 1971 com a nota bibliográfica e o texto encontram-se no Anexo 02.

⁶⁹ “Mais si la trouvaille de l’opposition romanesque entre la destinée de deux sœurs, l’une vertueuse, l’autre libertine pour matérialiser un *système de défense*, a provoqué chez Sade l’enthousiasme que l’on devine en lui, l’examen de ses autres textes et brouillons démontre la persistance de ses intentions. C’est *Dorci, ou les Dangers de la bienfaisance*; c’est *Les Inconvénients de la pitié*; c’est *Le Bon Procédé* (qui est puni); c’est enfin *Séide*, dont nous ne connaissons que le projet, éloquent: [...]” (tradução nossa)

Anette, sua filha. Esta relata a desgraça que acontecera com o pai, e Paul, comovido com a história, toma partido do problema e busca defender a pobre família de Annette. Paul usa de todos os recursos a seu alcance para provar a inocência do pai de Annette e encontrar o verdadeiro culpado. A todo instante, Paul é aconselhado a deixar esse caso de lado, porém nunca desiste. O grande desfecho da obra acontece quando Sade, mais uma vez levando seu incômodo natural com a *virtude*, lembrando ao leitor que esta pode custar caro, no instante em que Paul descobre que tal assassino era, na verdade, seu irmão François. Sade usa do recurso da gradação nesse conto como forma de criar expectativa no leitor e também de fazê-lo se afeiçoar aos personagens.

Apresentaremos no próximo tópico breves comentários acerca de nossa tradução do conto *Dorci, ou la Bizarrierie du sort*, apresentada no item 3.3.

3.2. COMENTÁRIOS ACERCA DA TRADUÇÃO DE *DORCI, OU LA BIZARRERIE DU SORT*

A tradução de um texto como *Dorci* requer extrema atenção do tradutor, não somente ao seu projeto de tradução, mas principalmente ao texto em si no tocante ao léxico diacrônico e à estrutura narrativa bem diferente até mesmo em comparação aos outros textos da coletânea de *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Conforme assegura Cazenove (C.f. BOULANGER, 2013, p. 197-237), o processo de traduzir Sade é o de cometer novamente os crimes sadianos, vai além de justapor palavras, recriando sensações:

[...] não se trata de o tradutor transcrever os ultrajes já cometidos por Sade/sobre o significante, trata-se de reproduzi-los, quer dizer, com isso de produzi-los novamente sobre o corpo de sua língua. Traduzir Sade é propriamente falar de “cometer” de novo esse crime sadiano. É reproduzir esse ultraje no corpo da língua-alvo que ele supõe?⁷⁰ (CAZENOVE, C.f. BOULANGER 2013, p. 237).

No caso de *Dorci* temos, então, que recriar o encadeamento narrativo longo e, por vezes, de difícil compreensão. Esse encadeamento cria uma gradação na história em que o marquês

⁷⁰ “[...] il ne s’agit pas pour le traducteur de transcrire les outrages déjà commis pas Sade par/sur le signifiant, il s’agit de les reproduire, entendons par-là de les produire à nouveau sur le corps de sa langue. Traduire Sade, c’est à proprement parler ‘commettre’ à nouveau ce crime sadien. Reproduire cet outrage sur le corps de la langue cible, que cela suppose-t-il?” (tradução nossa).

apresenta seus personagens e toda a ambientação passo a passo, de forma a envolver o leitor por completo, tornando-o um coadjuvante da história.

Como ressaltado por Heine (1927b) e Lely (C.f. SADE, 1971), nos prefácios de *Historiettes, Contes et Fabliaux*, os textos passaram somente por uma atualização ortográfica para torná-los mais acessíveis ao leitor. Por isso, a pesquisa lexical para a compreensão e inteira tradução do texto requereu um extenso trabalho de pesquisa em dicionários, como o *Dictionnaire Littré* e o *Le Grand Robert*, e dicionários bilíngues, como o da Porto Editora, além das bases on-line de pesquisa lexical, como a do *Centre national de ressources textuelles et lexicales*⁷¹ e o *Le Dictionnaire vivant de la langue française*.⁷²

Um outro desafio na tradução de *Dorci* é a questão da pontuação do texto. Sade faz o uso constante do recurso do ponto e vírgula e de reticências, uma maneira de demonstrar, principalmente, a hesitação dos personagens em seus diálogos.

As características narrativas e de estilo do conto *Dorci, ou la Bizarrierie du sort* são as seguintes:

- a) Narrativa em epílogo dramático e encadeamento de ações que levam ao desfecho surpreendente;
- b) Léxico diacrônico e, portanto, de difícil compreensão;
- c) Pontuação e marcação de pausas com reticências e ponto e vírgula.

Além dessas características, ainda podemos ressaltar, quanto ao léxico, a ocorrência de:

- a) Nomes próprios:
 - a. Antropônimos;
 - b. Topônimos;
 - c. Aspectos/Características da administração geopolítica da França do século XVIII.

Sendo assim, as estratégias de tradução de que lançamos mão foram:

- a) Não tradução dos topônimos e antropônimos;
- b) Substituição do padrão de pontuação da língua francesa pelo da língua portuguesa;
- c) Atualização do léxico (francês antigo > francês moderno > português moderno).

⁷¹ Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2016

⁷² Disponível em: <<http://dvlf.uchicago.edu/>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2016

Apresentaremos e comentaremos a seguir alguns trechos de nossa tradução para melhor exemplificar essas características presentes no texto em questão.

3.2.1. EXEMPLOS

3.2.1.1. TRADUÇÃO DO LÉXICO DE *DORCI, OU LA BIZARRERIE DU SORT*

A língua francesa do século XVIII é muito diferente da falada atualmente. É, portanto, duplamente estrangeira para o não nativo.

Nos excertos a seguir, temos alguns exemplos dessas diferenças entre o francês do século XVIII e o francês moderno. Se fôssemos traduzir diretamente sem nos atentarmos ao período em que o conto foi escrito, bem como ao estilo do autor, incorreríamos em erro, pois a tradução literal nesse caso não funcionaria, já que o sentido não é o mais aparente. Tivemos então de pesquisar termo a termo nos dicionários *Littre*, *Tresor de la langue française* e o *Le Dictionnaire vivant de la langue française*, para encontrarmos o sentido mais apropriado dos termos.

3.2.1.1.1. Léxico

Quadro 27 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrerie du sort*

66	<p>Paul qui vit, <u>au désordre</u> de cette fille, à ses propos sans suite, à l'état déchirant de la mère, qu'il était vraisemblablement arrivé dans cette maison quelque catastrophe épouvantable, et, trouvant là pour son âme tendre une occasion si belle d'exercer la vertu qui lui était familière, commença par supplier ces deux femmes de se calmer, leur renouvela plusieurs fois, pour <u>les y engager</u>, l'assurance positive de les protéger, et exigea d'elles de lui raconter le sujet de leurs peines.</p>	<p>Paul que percebeu, <u>pela perturbação</u> dessa moça, em suas palavras desconexas, pelo estado dilacerante da mãe, que provavelmente acontecera, nesta casa, alguma terrível catástrofe, e, encontrando ali, para sua alma terna, uma tão bela oportunidade para exercer a virtude que lhe era familiar, começou por suplicar a essas duas mulheres para se acalmarem, repetiu, inúmeras vezes, para <u>encorajá-las</u>, a garantia positiva de protegê-las, e exigiu que lhe contassem o motivo de suas aflições.</p>
----	--	---

Por exemplo, no quadro acima (Quadro 27), a tradução direta do substantivo *désordre*⁷³ por *desordem*, nesse caso, não traduziria o contexto de conceito apresentado no texto como um todo, visto que no contexto *désordre* indica um estado de perturbação, o que implica uma confusão mental e física.

O mesmo acontece com o verbo *engager* (Quadro 27), que possui acepções que vão desde *contratar, prometer ou alistar*; sentidos os quais não condizem, num primeiro momento, à situação das personagens; dessa forma, a acepção mais adequada para o contexto seria o de *encorajar ou incitar*.⁷⁴

Quadro 28 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrerie du sort*

72	<p>Quand mon frère revint, il était assez fort pour travailler avec lui; j'aidais ma mère, et notre pauvre maison en allait bien mieux; enfin, monsieur, tout nous favorisait, et il semblait que notre <u>exactitude</u> à remplir nos devoirs attirât sur nous la bénédiction du Ciel, lorsqu'il nous est arrivé, il y a aujourd'hui huit jours, le plus grand des malheurs qui puisse survenir à de pauvres gens sans <u>crédit</u>, sans argent et sans protection, comme nous.</p>	<p>Quando meu irmão regressou, já era forte o suficiente para trabalhar com ele; eu ajudava minha mãe, e nossa pobre casa ficou muito melhor; em resumo, senhor, tudo nos favorecia, e parecia que a nossa <u>retidão</u> para cumprir nossos deveres atraiu sobre nós as bênçãos do Céu, assim ocorreu, há oito dias, a maior das desgraças que pode acontecer às pobres pessoas sem <u>prestígio</u>, sem dinheiro e sem proteção, como nós.</p>
----	---	--

Um outro exemplo dessa diferença de três séculos, entre a língua francesa atual e a do século XVIII, pode ser observado no quadro acima (Quadro 28), no uso dos substantivos *exactitude* e *crédit*, em que uma tradução direta por *exatidão* e *crédito* não descreveria o real sentido delas dentro do texto. A palavra *exactitude* abarca não somente *exatidão*, mas também

⁷³ DÉSORDRE, subst. masc.:

d) Domaine de *l'activité de l'esprit*. Manque de cohérence et de logique. *Désordre et confusion. Détails incohérents qui semblaient surgir au hasard dans une mémoire en désordre*. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/desordre>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

⁷⁴ ENGAGER, verbe trans:

b) [Le suj. désigne une pers. ou, *p. ext.*, un inanimé généralement abstr.] Inviter quelqu'un (souvent de façon pressante, insistante) à (entreprendre) quelque chose. *Engager fortement, vivement*. Synon. *inciter*. – **Engager qqn** à + verbe à l'inf. *Engager à continuer, à lire, à partir*. *Ma bonne sœur Fanny m'engage à partir pour les montagnes* (Amiel, *Journal*, p. 331, 1866). *J'ai pris chambre au meilleur hôtel; les prix de pension m'engagent à y rester au moins sept jours* (Gide, 1930, p. 1009). Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/engager>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

retidão moral dos indivíduos,⁷⁵ e a palavra *crédit*⁷⁶ está ligada à *consideração*, à *influência* e ao *prestígio* que um indivíduo goza em seu meio social, e não ao sentido mais comum dos dias de hoje, de disponibilidade financeira.

Quadro 29 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrerie du sort*

74	Ne voyant point mon père revenir comme de coutume, vous vous <u>représentez</u> aisément notre inquiétude, monsieur.	Não vendo de modo algum meu pai retornar, como de costume, o senhor pode <u>imaginar</u> facilmente a nossa inquietude.
----	--	---

No excerto 74 (Quadro 29), a tradução literal do verbo *représentez* causaria uma compreensão equivocada do texto, pois o verbo *représenter* não está relacionado a *representar*, mas, sim, ao sentido de *imaginar*⁷⁷ algo ou criar um cenário.

Em relação ao excerto 73, Quadro 34 (p. 198), também temos o caso do termo *maréchaussée*,⁷⁸ que se refere à antiga formação da polícia montada francesa, responsável pela segurança pública durante o Antigo Regime, que foi substituída após o início da Revolução Francesa pela *Gendarmerie nationale*, um conhecimento histórico francês bem marcado e muito específico. Por esse motivo, para melhor compreensão por parte dos nossos leitores, optamos por usar a expressão *cavaleiros da guarda real*, não perdendo, dessa forma, a relação entre a guarda montada e o rei, e também localizando temporalmente o conto.

⁷⁵ EXACTITUDE, subst. fém.:

A.– [Correspond à *exact* A] Conformité à des règles prescrites, à des usages. (Quasi-) synon. *punctualité, régularité, scrupule*. - 1. Régularité, soin minutieux apporté à l'accomplissement d'une tâche. *Il remplit les fonctions de grand prêtre avec exactitude et décence* (Balzac, *A. Savarus*, 1842, p. 11). Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/exactitude>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

⁷⁶ CRÉDIT, subst. masc.:

A.– *Domaine personnel ou subjectif*. Confiance qu'inspire quelqu'un. *Individu disposant d'un large crédit, crédit d'argent ou crédit moral. Sa valeur dépend de la valeur du crédit* (Mounier, *Traité caract.*, 1946, p. 556). **1.** Confiance qu'inspire une personne jugée digne de foi et d'estime

2. *P. ext. a)* Influence, ascendant qu'exerce une personne et qui est dû à sa faveur auprès de quelqu'un ou à la confiance qu'elle inspire. *Avoir du crédit, user (de) son crédit. Je me flatte d'avoir quelque crédit à la cour* (Montherl., *Maître Sant.*, 1947, p. 650). Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/credit>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

⁷⁷ REPRÉSENTER², verbe:

II. – Se représenter + compl. D'obj. dir. Se rendre présent à l'esprit quelque chose ou quelqu'un. Synon. *se figurer, s'imaginer*. **A.** – [Le compl. D'obj. est un subst.] **1.** [Le suj. désigne une pers.] **a)** [Le compl. d'obj. désigne une réalité connue] *Celui qui se représente un arbre est forcé de se représenter un ciel ou un fond pour l'y voir s'y tenir* (Valéry, *Variété [I]*, p. 226, 1924). *V. imaginer*. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/representer>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

⁷⁸ **2.** Corps de cavaliers chargé de maintenir l'ordre et la sécurité publique sous l'Ancien Régime, remplacé depuis par la gendarmerie. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/mar%C3%A9chauss%C3%A9e>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

Nos excertos 79, 106 e 185 (respectivamente, Quadros 30, 31, 32), temos três casos de moedas utilizadas durante o Antigo Regime, a saber: o *sol* (também podendo ser grafado como *sou*), o *louis* e o *ecus*. No caso de *sol*⁷⁹ optamos por manter o termo na sua grafia original, pois a mesma é utilizada em português, como descrito no *Diccionario universal das moedas*.⁸⁰ No Quadro 7, traduzimos *louis*⁸¹ por “luíses”, visto que a referência a essa moeda era definida pelo fato de ela conter a efígie dos reis da França, no caso de Luís XVIII, que foi o primeiro a cunhá-la, até Luís XVI. O uso do termo *ecus*⁸² para a descrição de moedas da época era corrente em vários países, pelo fato da ambientação e alguns elementos históricos/culturais referidos no texto ambientarem bem o leitor quanto ao local onde a história se passa, não vimos a necessidade de especificar de qual *escudo* os personagens estariam usando, uma vez que todos estes elementos já denunciavam que se trata de moedas francesas.

Quadro 30 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrerie du sort*

79	Ce qui confirme cette opinion, c'est qu'on n'a pas trouvé un <u>sol</u> dans la poche du mort ; mais, monsieur, cet homme tué de la veille ne peut-il pas avoir été volé par ceux qui l'ont assassiné ou par ceux qui depuis son accident peuvent l'avoir rencontré ? ...	O que confirma esta opinião é que não encontraram um <u>sol</u> sequer no bolso do morto; mas, senhor, este homem, morto no dia anterior, não poderia ter sido roubado por aqueles que o assassinaram ou por aqueles que
----	---	--

⁷⁹ **b)** *P. méton.* Pièce de monnaie correspondant à cette unité monétaire, à l'origine d'or puis d'argent, enfin de métal, et valant en France un vingtième de l'ancienne livre, soit douze deniers. Synon. Vx *sol* (*infra* rem. 2). *La valeur âprement apprise de chaque pièce, le liard, le sou, l'écu, et le beau double-louis d'or lourd à la fin* (Claudel, *Otage*, 1911, I, 1, p. 228). *Les enfants des écoles ont donné tous les sous de leur tirelire pour la couronne* (Anouilh, *Antigone*, 1946, p. 188). *P. métaph.* *Le premier sourire de ma chambre d'enfant m'inonde de larmes. Larmes claires comme ce rayon qui danse en sous d'or aux vitres* (Colette, *Cl. ménage*, 1902, p. 259). Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/lexicographie/sous>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

⁸⁰ (p. 262-267) disponível em : <<https://archive.org/details/diccionariounive00natu>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

⁸¹ *Pièce d'or ou d'argent à l'effigie des rois de France (de Louis XIII à Louis XVI). Quand vinrent les assignats (...) pour un louis d'or on avait cent francs* (Stendhal, H. Brulard, t. 1, 1836, p. 461). *En 1689, l'argent et l'or furent de nouveau élevés: le louis d'or à 11 livres 12 sols, et le louis d'argent à 3 livres 2 sols* (Shaw, *Hist. monnaie*, 1896, p. 131).

⁸² *1. [P. méton. de écu] Monnaie d'or créée sous le règne de Saint Louis et portant sur sa face l'écu (1*) de France. Écu sol ou écu soleil* (cf. Cladel, *Ompdrailles*, 1879, p. 261):

1. Raymond d'Agout, ayant reçu ce jour-là cent mille écus d'or de son suzerain, les distribua sur-le-champ entre cent chevaliers; Bertrand Rambaut fit labourer un champ par douze paires de bœufs et y fit semer trente mille écus, pour que les paysans les déterrassent; ... (Faral, *La Vie quotidienne au temps de St Louis*, 1942, p. 180).

2. P. ext. Monnaie d'or ou d'argent en France et en différents pays. Le duc de Gueldre s'engageait à fournir, (...) huit cents lances à la solde de deux écus d'or pour chaque chevalier, et un écu pour chaque écuyer (Barante, *Hist. ducs Bourg.*, t. 2, 1824, p. 267). *Écu de six livres* (Villiers de L'I.-A., *Contes cruels*, 1883, p. 86).

– *Spéc. Écu blanc ou écu d'argent ou petit écu. Pièce de monnaie d'argent d'une valeur de trois livres frappée sous Louis XIII. Écu de trois livres ou petit écu* (Ac.1798-1932). Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/ecus>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

		depois do acontecido possam tê-lo encontrado?
--	--	---

Quadro 31 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrerie du sort*

106	Voilà <u>quinze louis</u> ; gardez-les pour votre ménage, je me charge de pourvoir aux dépenses que votre <u>affaire</u> exigera.	Aqui, <u>quinze luíses</u> ; guarde-os para sua família, me comprometo a dispor de todas as despesas que o seu <u>caso</u> exigirá.
-----	---	---

Quadro 32 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrerie du sort*

185	Paul laissa de son vivant ses biens à ses plus proches héritiers, sous la seule charge d'une pension de <u>mille écus</u> qu'il fut manger dans une retraite impénétrable aux yeux des hommes, où il mourut au bout de quinze ans d'une vie sombre et triste, dont tous les instants furent marqués par des actes de désespoir et de misanthropie.	Paul deixou em vida seus bens aos seus herdeiros mais próximos, com a exceção de uma simples pensão de <u>mil escudos</u> que ele desfrutaria em um retiro impenetrável aos olhos dos homens, onde morrerá após quinze anos de uma vida sombria e triste, em que todos os momentos foram marcados por atos de desespero e misantropia.
-----	--	--

3.2.1.1.2. Topônimos

Os topônimos presentes em *Dorci* não geraram qualquer problema para a tradução, já que mantivemos todos em sua grafia original francesa. Optamos por não traduzir pelos equivalentes em português, pois as traduções desses topônimos não são de uso comum no Brasil, como o é em Portugal. Como podemos ver no excerto 73 (Quadro 34), o caso de *Rouen*, que em português poderia também ser grafado como *Ruão*, escolha tradutória que está enraizada em português continental, bem como estava em traduções brasileiras antigas. Segundo Javier Franco Aixelá (2013), os topônimos podem ser considerados como item cultural-específico (IEC), e como tal, ao optarmos pela grafia francesa optamos também pelo caráter exótico que pode gerar estranheza no leitor, além de apresentarmos uma tradução estrangeirizante. Assim, os topônimos também foram mantidos em sua forma original pelo fato de que seu uso em português não é enraizado no Brasil e também por alguns deles não terem um correspondente direto em português, como *L'Aigle*, *Perche* (excerto 36, Quadro 33) e *Alençon* (excerto 73, Quadro 34).

Quadro 33 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrie du sort*

36	Recherchant peu la société, il ne se trouvait jamais plus heureux que quand ses devoirs lui permettaient d'aller passer quelques mois à un assez joli bien que les deux frères possédaient <u>du côté de l'Aigle</u> {§3}, aux environs de la <u>forêt du Perche</u> .	Pouco buscando o convívio social, nunca ficava mais feliz do que quando seus deveres lhe permitiam passar alguns meses em uma bela propriedade que os dois irmãos possuíam na <u>região de L'Aigle</u> {§3}, perto da <u>floresta do Perche</u> .
----	--	---

Quadro 34 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrie du sort*

73	Mon frère n'y était pas; il travaillait à plus de deux lieues de là; mon père était tout seul à près de trois lieues d'ici, du côté de la forêt qui remonte vers <u>Alençon</u> , lorsqu'il aperçoit le cadavre d'un homme couché au pied d'un arbre... il s'en approche avec l'intention de secourir ce malheureux, s'il en est encore temps ; il retournait ce corps, il lui frottait les tempes avec un peu de vin qu'il avait dans sa gourde, quand tout à coup quatre <u>cavaliers de la maréchaussée</u> , accourant au galop, tombent sur lui, l'enchaînent et le conduisent dans les prisons de <u>Rouen</u> , où ils le déposent comme coupable d'avoir assassiné l'homme qu'il cherchait, au contraire, à rappeler à la vie.	Meu irmão não estava lá; ele trabalhava a mais de duas léguas dali; meu pai estava sozinho cerca de três léguas daqui, do lado da floresta que leva a <u>Alençon</u> ; ele viu o cadáver de um homem deitado ao pé de uma árvore... aproximou-se com a intenção de socorrer o infeliz, se ainda houvesse tempo. Virou o corpo e estava esfregando as têmporas com um pouco de vinho, que tinha em seu cantil, quando, de repente, quatro <u>cavaleiros da guarda real</u> , a galope, caíram sobre ele, o prenderam e o conduziram às prisões <u>Rouen</u> , onde o denunciaram como o culpado de ter assassinado o homem que ele, ao contrário, tentava trazer à vida.
----	--	---

3.2.1.1.3. Expressões idiomáticas e interjeições

No excerto 109 (Quadro 35), a interjeição *Juste Ciel!*⁸³ foi traduzida para um contexto mais usual na língua portuguesa, tentando, dessa maneira, causar o mesmo efeito da expressão em francês e também não perder a referência religiosa da expressão.

Quadro 35 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrie du sort*

109	<u>Juste Ciel !</u>	<u>Deus todo-poderoso!</u>
-----	---------------------	----------------------------

⁸³ *Ciel, juste ciel* ou *justes cieux*. Exclamations marquant la stupéfaction, la crainte, la joie, etc. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/ciel>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

Também no excerto 124 (Quadro 36) traduzimos a expressão *embrasser ses genoux*⁸⁴ diretamente para o português por *abraços seus joelhos*, expressão que faz referência à submissão extrema de uma pessoa em relação a outra, fato claro na relação entre Annette e Paul, e que podemos localizar em vários exemplos na literatura clássica, como no Canto XVI da *Odisseia* de Homero, e em Racine.⁸⁵ Essa expressão também contempla um momento de constrangimento sexual em relação a Paul, devido a posição em que ela se encontraria ao abraçar seus joelhos.

Quadro 36 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrerie du sort*

124	Elle lui demanda la permission d’embrasser ses genoux...	Ela pediu sua permissão para abraçar seus joelhos...
-----	--	--

3.2.1.1.4. Pontuação

Nos excertos 123, 124, 125 e 126 (Quadro 37), temos exemplos claros de um dos maiores problemas que tivemos ao traduzir esse texto: o uso constante que Sade faz das reticências, tanto para indicar a continuidade de uma ação ou fato quanto para representar, em sua escrita, a hesitação presente no discurso oral. No trecho 126, temos um exemplo das escolhas tradutórias que tivemos de que fazer acerca da pontuação característica de alguns escritores do século XVIII e XIX. Substituímos o ponto e vírgula por ponto, estratégia tradutória utilizada várias vezes no decorrer da narrativa, já que o ponto e vírgula, nesse texto, é usado, na maior parte dos casos, para separar um sucedâneo de ações. Em português, recolocar simplesmente a mesma pontuação deixaria o texto totalmente fragmentado. Por essa razão, para promover um encadeamento narrativo das ações substituímos ponto e vírgula por ponto final, ou simplesmente por vírgula, como nos trechos citados no Quadro 37.

⁸⁴ – *Loc. Embrasser les pieds, les genoux de qqn.* Se prosterner à ses pieds, serrer ses genoux en l’implorant, (formule de supplication). *Ma part dans ta vengeance! Oh! Fais-moi cette grâce! Et s’il faut embrasser tes pieds, je les embrasse!* (Hugo, *Hernani*, III, 8, p. 91, 1830). *Les habitants embrassèrent les genoux du Vercingétorix, et le supplièrent de ne pas ruiner la plus belle ville des Gaules* (Michelet, *Hist. romaine*, t. 2, 1831, p. 248). Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/embrasser>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

⁸⁵ Embrasser les genoux, se mettre aux pieds de quelqu’un et lui serrer les genoux pour l’implorer. *Seigneur, c’est donc à moi d’embrasser vos genoux*, [Racine, *Iphig.*, III, 5] *Par le salut des Juifs, par ces pieds que j’embrasse*, [Racine, *Esth.*, III, 5]. Disponível em: <<http://www.littre.org/definition/embrasser>>. Acesso: maio 2016.

Quadro 37 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrie du sort*

123	Annette pleura quand il fallut se déparer de Paul ; elle aurait été au bout de la terre <u>avec lui...</u>	Annette chorou quando teve que se despedir de Paul. Ela teria ido ao fim da Terra <u>com ele...</u>
124	Elle lui demanda la permission d’embrasser ses <u>genoux...</u>	Ela pediu sua permissão para abraçar seus <u>joelhos...</u>
125	“Non, Annette, c’est moi qui vous embrasserai, dit Paul, en la pressant chastement dans ses bras.	“Não, Annette, eu é que deveria lhe abraçar, diz Paul, pressionando-a castamente em seus braços.
126	Allez, mon enfant, continuez de servir vos parents et votre <u>prochain</u> ; <u>soyez</u> toujours honnête, et la bénédiction du Ciel ne vous abandonnera jamais...”	Vá, minha jovem, continue a servir a seus pais e ao <u>próximo</u> . <u>Seja</u> sempre honesta, e as bênçãos do Céu nunca lhe abandonarão...”

Os trechos apresentados nos Quadros 37 e 38 mostram o caráter de Paul Dorci, que, tendo a jovem entregue a seus pés, não se aproveita dessa submissão, e simplesmente cumpre o seu papel de benfeitor, prometendo trazer-lhe o pai de volta. Essa hesitação acaba por frustrar o horizonte de expectativa do leitor, que talvez espere uma cena de submissão sexual, que não ocorre. As reticências servem então de sugestão e ilustram o caráter de Paul, além de marcarem seu momento de hesitação. Em vez de uma sequência de frases justapostas entre verbos, a estratégia foi dar um tom mais narrativo e explicativo de forma que o leitor entendesse os sentimentos e as hesitações de Dorci. Dessa forma, acreditamos ter criado a ambientação necessária ao desfecho negativo da história.

Quadro 38 - Excerto da tradução de *Dorci, ou la Bizarrie du sort*

130	A peine Paul avait-il trente-deux ans... il était chez lui... il était au milieu d’une forêt ; il avait dans ses bras une jeune fille charmante, que la reconnaissance <u>lui livrait...</u>	Paul mal acabara de fazer 32 anos... estava em suas terras... estava no meio de uma floresta, tinha em seus braços uma jovem encantadora, cujo consideração <u>o impedia...</u>
131	Il versa des larmes sur les malheurs de cette créature infortunée et ne s’occupe que de la secourir {§10}.	Ele verteu lágrimas sobre as desgraças dessa desafortunada criatura e cuidou apenas de socorrê-la {§10}.

Apresentaremos no próximo tópico a tradução do texto *Dorci, ou la Bizarrerie du sort*, também conhecido por *Les dangers de la bienfaisance* e apresentado na coletânea editada por Jean-Jacques Pauvert (C.f. SADE, 1971) somente pelo título de *Dorci*.

3.3. DORCI, OU LA BIZARRERIE DU SORT – TRADUÇÃO ALINHADA

Nº	NOTICE	NOTAS BIBLIOGRÁFICAS
1.	“conte inédit par le Marquis de Sade”, fut publié pour la première fois en 1881, chez Charavay Frères, accompagné de quelques notes et d’une notice signée A. F., cet A. F. n’étant autre qu’Anatole France.	<i>Dorci, ou a Excentricidade do destino</i> , “conto inédito pelo Marquês de Sade”, foi publicado pela primeira vez em 1881, pela editora <i>Charavay Frères</i> , acompanhado de algumas observações e de uma nota bibliográfica assinada por A.F., esse A.F. não sendo outro que Anatole France.
2.	Ni les notes, ni la notice n’apprennent grand-chose sur Sade.	Nem as observações, nem as notas bibliográficas informam grande coisa sobre Sade.
3.	On peut simplement y relever chez Anatole France une modération de ton assez rare à l’époque.	Podemos simplesmente constatar em Anatole France uma moderação de tom bastante rara à época.
4.	“Il était intelligent”; dit-il par exemple “il y a dans son <i>Idée sur les Romans</i> des observations judicieuses et un sens littéraire assez droit”.	“Ele era inteligente”; diz, por exemplo, “há em seu <i>Idée sur les Romans</i> observações judiciosas e senso literário bastante correto”.
5.	L’auteur de <i>L’Ile des Pingouins</i> souligne par ailleurs que Sade “se montra inoffensif, et parfois même... humain et généreux”, et se moque des “contes à dormir debout” de Jules Janin.	O autor de <i>L’Ile des Pingouins</i> salienta ainda que Sade “se mostrou inofensivo, e por vezes até mesmo... humano e generoso” e zomba das “histórias da carochinha” de Jules Janin.
6.	Voici le passage de la notice où Anatole France examine le manuscrit de <i>Dorci</i> :	Segue a passagem da nota bibliográfica em que Anatole France examina o manuscrito de <i>Dorci</i> :
7.	« La nouvelle que nous publions ici pour la première fois, d’après le manuscrit autographe signé, devait entrer dans le recueil intitulé <i>Les Crimes de l’Amour</i>	“O conto que publicamos aqui, pela primeira vez, de acordo com o manuscrito original assinado, devia entrar na coletânea intitulada <i>Les Crimes de</i>

	[Paris, Massé, anVII I, (1800), 4 vol. in-12], comme l'indique une note mise au crayon par l'auteur en marge du premier feuillet: " <i>Le crime de l'amour</i> , dans ce conte, n'est que l'épisode, car le sujet principal est bien réellement l'action de l'être vertueux qui veut sauver une victime des lois."	<i>l'Amour</i> [Paris, Massé, anVII I, (1800), 4 vols. In-12], como indica uma nota escrita a lápis pelo autor na margem da primeira página: " <i>Le crime de l'amour</i> , neste conto, é apenas a anedota, pois o mote principal é realmente a ação do ser virtuoso que quer salvar uma vítima das leis."
8.	Le Marquis de Sade a raison, et son récit rentre dans ce genre vertueux, fort goûté aux approches de la Révolution.	O Marquês de Sade tem razão, e sua história se encaixa nesse gênero virtuoso, forte e apreciado às vésperas da Revolução.
9.	L'histoire de Dorci fut certainement écrite sous l'ancien régime, pendant la détention du marquis.	A história da <i>Dorci</i> certamente foi escrita sob o Antigo Regime, durante a detenção do Marquês.
10.	L'auteur, renonçant à la faire entrer dans <i>Les Crimes de l'Amour</i> , où elle s'adaptait assez mal, comme il le reconnut judicieusement, songea à l'insérer dans un autre recueil.	O autor, renunciando inseri-la em <i>Les Crimes de l'Amour</i> , onde ela se adaptara mal, como ele reconheceu judiciosamente, considerou introduzi-la em outra coletânea.
11.	C'est ce qui ressort de l'avis qu'on lit en marge de la dernière page et que voici:	Isso é o que emerge do aviso que lemos na margem da última página. Ei-lo:
12.	"A l'éditeur.	"Ao editor.
13.	"Ce conte est bon.	"Este conto é bom.
14.	Il doit produire de l'effet.	Ele deve ter repercussão.
15.	Il faut le mettre avec un bien long."	Deve-se deixá-lo com um bem longo."
16.	"Mais on était alors en pleine révolution, et la rédaction primitive, qui datait de l'ancien régime, fut soumise à un système curieux de corrections: " <i>Le comte et le marquis de Dorci</i> " devinrent " <i>Paul et François Dorci</i> ".	"Mas se estava então em plena Revolução, e a redação original, que datava do Antigo Regime, foi submetida a um curioso sistema de correções: " <i>O conde e o marquês de Dorci</i> " tornaram-se " <i>Paul e François Dorci</i> ".
17.	Cela était nécessaire.	Isso era necessário.

18.	Paul Dorci “a de la sensibilité et des vertus”; il ne peut donc pas être un aristocrate.	Paul Dorci “tem sensibilidade e virtudes”; por isso, ele não pode ser um aristocrata.
19.	Le “château” qui éveillait dans les âmes des patriotes des idées odieuses, devint la “maison”; la “terre” devint la “possession”.	O “castelo” que despertara ideias odiosas nas almas dos patriotas tornou-se a “casa”; a “terra” tornou-se a “propriedade”.
20.	Un homme libre ne peut labourer la terre du seigneur, mais il peut travailler sur la possession d’un citoyen, ce qui est bien différent, n’est-il pas vrai ?	Um homem livre não pode lavrar a terra do senhor, mas pode trabalhar na propriedade de um cidadão, o que é bastante diferente, não é verdade?
21.	Dans la rédaction primitive se trouvait une jeune paysanne du nom d’Annette qui faisait “sa première communion”.	Na redação original havia uma jovem camponesa de nome Annette que fazia “sua primeira comunhão”.
22.	On ne pouvait laisser plus longtemps cette innocente enfant victime du fanatisme et de l’imposture.	Já não se podia deixar por mais tempo essa moça inocente ser vítima do fanatismo e da impostura.
23.	On remplaça sa première communion par un peu d’instruction laïque, ce qui explique immédiatement “la sensibilité” d’Annette et toutes ses vertus.	Substituiu-se sua primeira comunhão por um pouco de educação laica, o que explica imediatamente “a sensibilidade” de Annette e todas suas virtudes.
24.	“Ces corrections sont dans l’esprit de l’époque.	“Estas correções correspondem ao espírito da época.
25.	La censure en exigeait de semblables des auteurs dont elle examinait les comédies et les mélodrames.”	A censura exigia algo semelhante dos autores, cujas comédias e melodramas eram por ela examinadas.”
26.	Les notes que nous reproduisons sont d’Anatole France.	As notas, apresentadas nesta nota bibliográfica por nós reproduzidas, são de Anatole France.

27.	DORCI	DORCI
28.	De toutes les vertus que la nature nous a permis d'exercer sur la terre, la bienfaisance est incontestablement la plus douce.	De todas as virtudes que a natureza nos permitiu praticar sobre a Terra, a benevolência é incontestavelmente a mais doce.
29.	Est-il un plaisir plus touchant, en effet, que celui de soulager ses semblables?	Existe um prazer mais tocante a ele, de fato, que o de aliviar seus semelhantes?
30.	Et n'est-ce pas à l'instant où notre âme s'y livre, qu'elle approche le plus des qualités suprêmes de l'être qui nous a créés?	E não é no instante em que nossa alma se entrega a ele que ela mais se aproxima das qualidades supremas do ser que nos criou?
31.	Des malheurs, nous assure-t-on, y sont quelquefois attachés; qu'importe? on a joui, on a fait jouir les autres; n'en est-ce pas assez pour le bonheur {§1}?	Desgraças, asseguram-nos, são por vezes ligados a isso; que importa? Desfrutamos, fizemos desfrutar os outros; isso não é o suficiente para a felicidade {§1}?
32.	Il ne s'était point vu depuis longtemps une intimité plus parfaite que celle qui régnait entre Paul et François Dorci {§2}.	Há muito tempo não se via uma intimidade mais perfeita do que a que reinava entre Paul e François Dorci {§2}.
33.	Tous deux frères, tous deux à peu près du même âge, c'est-à-dire environ de trente à trente-deux ans, tous deux officiers dans le même corps, et tous deux garçons; aucun événement ne les avait jamais désunis, et, pour serrer les France d'une liaison qui leur était si précieuse depuis que, par la mort de leur père, ils se trouvaient l'un et l'autre maîtres de leur bien, ils habitaient la même maison, se servaient des mêmes gens et étaient résolus à ne se marier jamais qu'à deux femmes dont les qualités répondissent aux leurs et qui consentissent de même à cette	Eram dois irmãos, ambos mais ou menos com a mesma idade, quer dizer, cerca de 30 a 32 anos, ambos oficiais do mesmo Corpo, e ambos homens; acontecimento algum jamais os desunira, e, para cerrar os nós de uma conexão que lhes era tão preciosa desde que, após a morte de seu pai, tornaram-se um e outro mestres de sua propriedade, viviam na mesma casa, eram servidos pelos mesmos empregados e estavam determinados a somente se casar com duas mulheres cujas qualidades correspondessem às deles e que consentissem a essa perpétua união em

	perpétuelle union dans laquelle ils trouvaient le bonheur de leurs jours.	que encontravam a felicidade de seus dias.
34.	Les goûts de ces deux frères n'étaient pourtant pas absolument les mêmes.	Os gostos desses dois irmãos não eram, contudo, de modo algum os mesmos.
35.	Paul, l'aîné de la maison, aimait le repos, la solitude, la promenade et les livres; son caractère un peu sombre était néanmoins doux, sensible, honnête, et le plaisir d'obliger les autres, l'un des plus délicieux de son âme.	Paul, o mais velho da casa, amava repousar, a solidão, os passeios e os livros; seu temperamento um pouco sombrio era, porém, suave, sensível, honesto, e o prazer de agradar aos outros era um dos mais deliciosos de sua alma.
36.	Recherchant peu la société, il ne se trouvait jamais plus heureux que quand ses devoirs lui permettaient d'aller passer quelques mois à un assez joli bien que les deux frères possédaient du côté de l'Aigle {§3}, aux environs de la forêt du Perche.	Pouco buscando o convívio social, nunca ficava mais feliz do que quando seus deveres lhe permitiam passar alguns meses em uma bela propriedade que os dois irmãos possuíam na região de L'Aigle {§3}, perto da floresta do Perche.
37.	François, infiniment plus vif que son frère, infiniment plus livré au monde, n'avait pas un aussi grand amour pour la campagne.	François, infinitamente mais vivaz que seu irmão, infinitamente mais entregue ao mundo, não nutria um amor tão grande assim pelo campo.
38.	Doué d'une figure charmante et de la sorte d'esprit qui plaît aux femmes, il en était un peu trop l'esclave, et ce penchant qu'il ne put jamais régler, étayé d'une âme fougueuse et d'un esprit ardent, devint la source cruelle de ses malheurs.	Dotado de uma fisionomia encantadora e do tipo de humor que agrada às mulheres, ele era um pouco escravo, e essa fraqueza que ele jamais pode sanar, apoiada por uma alma ferosa e um espírito ardente, tornou-se a fonte cruel de suas desgraças.
39.	Une très jolie personne des environs de la terre dont on vient de parler occupait tellement François depuis un an qu'il n'était pour ainsi dire plus à lui.	Uma pessoa muito bonita, dos arredores da propriedade de que falamos, ocupava tanto François há um ano que ele, por assim dizer, não se pertencia mais.
40.	Il n'avait pas joint son corps cette année, il s'était séparé de Paul pour aller s'établir dans la petite ville où demeurait l'objet de	Ele não tinha se unido a seu Corpo este ano, ele tinha se separado de Paul para se instalar na pequena vila onde residia o

	son culte, et là, uniquement occupé de cet objet chéri, il oubliait à ses pieds toute la terre, il y sacrifiait et son devoir et les sentiments qui l'enchaînaient autrefois dans la maison de son aimable frère.	objeto de seu culto, e lá, exclusivamente ocupado por esse objeto amado, ele esquecia a seus pés toda a terra, ele sacrificava a ela, e seu dever e os sentimentos que anteriormente o acorrentavam à casa de seu amável irmão.
41.	On dit que l'amour augmente quand la jalousie l'aiguillonne.	Diz-se que o amor aumenta quando o ciúme o ferroa.
42.	C'était l'histoire de François, mais le rival que le sort lui donnait était, disait-on, un homme aussi lâche que dangereux.	Essa era a história de François, mas o rival que o destino lhe dera, diziam ser um homem tão covarde quanto perigoso.
43.	Plaire à sa maîtresse, prévenir les trames de ce rival perfide, se livrer aveuglément à son amour, tels étaient les liens de ce jeune homme, telles étaient les raisons qui l'éloignaient entièrement cet été des bras d'un frère qui l'idolâtrait et qui pleurait avec amertume et son absence et son refroidissement.	Agradar à sua amante, prevenir as tramas deste rival pérfido, entregar-se cegamente ao seu amor, tais eram as ligações desse jovem rapaz, tais eram as razões que o afastavam inteiramente dos braços de um irmão que o idolatrava e que chorava amargamente a sua ausência e sua frieza.
44.	A peine Paul recevait-il des nouvelles de François Dorci.	Paul mal recebia notícias de François Dorci.
45.	Écrivait-il ?	E quando escrevia?
46.	Point de réponse, ou un simple mot qui n'achevait que de convaincre encore mieux Paul et que son frère avait la tête tournée et qu'il s'éloignait insensiblement de lui.	Nenhuma resposta ou uma simples palavra, que só convencia ainda mais Paul de que seu irmão tinha a cabeça virada e que se afastara insensivelmente dele.
47.	Tranquillement à sa terre, il y menait pourtant toujours la même vie.	Tranquilamente em sua propriedade, levava, contudo, sempre a mesma vida.
48.	Des livres, de longues promenades, de fréquents actes de bienfaisance, telles étaient ses uniques occupations, et il était en cela bien plus heureux que son frère,	Os livros, os longos passeios, os frequentes atos de caridade, tais eram suas únicas ocupações, e sentia-se bem mais feliz do que seu irmão, já que gozava ao

	<p>puisque'il jouissait au moins de lui-même, et que l'agitation perpétuelle dans laquelle vivait François lui laissait à peine le temps de se connaître.</p>	<p>menos dele mesmo, a agitação perpétua em que vivia François mal o permitia se conhecer.</p>
49.	<p>Les choses étaient en cet état, lorsque Paul, occupé d'une lecture intéressante, séduit par un temps délicieux, s'écarta tellement un jour de chez lui que, à l'heure où il projetait de revenir sur ses pas, il se trouva à plus de trois lieues au-delà des bornes de sa possession, et à plus de cinq de sa maison {§4}, dans un coin de bois éloigné, et presque hors d'état de retrouver sans secours le vrai chemin qui devait le ramener.</p>	<p>As coisas estavam nesse estado, quando Paul, ocupado com uma leitura interessante, seduzido por um tempo delicioso, afastou-se um dia tanto de sua casa que, no momento em que planejava voltar pelo mesmo caminho, encontrou-se a mais de três léguas para além dos limites de sua propriedade, e a mais de cinco de sua casa {§4}, em um canto afastado do bosque, e quase sem condições de encontrar sem ajuda o verdadeiro caminho que o levaria de volta à sua casa.</p>
50.	<p>Dans cette perplexité, jetant les yeux de toutes parts, il aperçoit heureusement à cent pas une cabane vers laquelle il se dirige pour prendre conseil et se reposer une minute...</p>	<p>Perplexo, olhando para todas as direções, vê, alegremente, a cem passos, um casebre para o qual se dirige para se aconselhar e descansar um minuto...</p>
51.	<p>Il arrive... il ouvre... il pénètre dans une mauvaise cuisine composant la plus belle pièce du logis, et là, quel intéressant tableau s'offre à son âme sensible et de quels traits il la pénètre !</p>	<p>Ele chega... abre... entra em uma cozinha desagradável, que compõe a parte mais bonita do casebre, e lá, que quadro interessante se oferece à sua alma sensível e a qual percorre rapidamente!</p>
52.	<p>Une fille de seize ans, belle comme le jour, tenait dans ses bras une femme évanouie, d'environ quarante ans, qui paraissait sa mère et qu'elle arrosait des larmes de la plus profonde douleur.</p>	<p>Uma moça de 16 anos, bela como o dia, tinha em seus braços uma mulher desmaiada de aproximadamente 40 anos, que parecia sua mãe, e que derramava lágrimas da mais profunda dor.</p>

53.	Elle jette un cri à la vue de Paul: “Qui que vous soyez, dit-elle, venez-vous aussi pour m’arracher ma mère? ...	Ela solta um grito ao ver Paul: “Quem é o senhor, disse ela, veio para tirar também minha mãe?...
54.	Ah! prenez plutôt ma vie, si cela est, mais laissez respirer cette malheureuse.”	Ah! Tire minha vida, se necessário, mas deixe respirar esta infeliz.”
55.	Et, en disant cela, Annette, se jetant aux pieds de Paul, l’implore en formant de ses bras élevés vers le ciel un rempart entre sa mère et lui.	E, ao dizer isso, Annette, atirando-se aos pés de Paul, implora, formando, com seus braços erguidos para o céu, uma muralha entre sua mãe e ele.
56.	“En vérité, mon enfant, dit Paul, aussi ému que surpris, voilà des marques de crainte bien déplacées ; j’ignore ce qui vous alarme, mes bonnes amies, mais ce qu’il y a de sûr, c’est que le Ciel vous offre en moi, quelles que puissent être vos peines, bien plutôt un protecteur qu’un ennemi.	“A bem da verdade, minha jovem’, disse Paul, tão emocionado quanto surpreso, com medo desnecessário; ignoro o que lhes assustam, minhas boas amigas, mas o que há de certo é que o Céu me oferece a vocês, quaisquer que sejam suas aflições, bem mais um protetor do que um inimigo.
57.	– Un protecteur, dit Annette en se relevant et volant à sa mère qui, revenue de son anéantissement, s’était réfugiée dans un coin, pleine d’effroi; ...un protecteur! ma mère, entendez-vous? ce monsieur dit qu’il nous protégera; il dit que c’est le Ciel que nous avons tant prié, ma mère... il dit que c’est le Ciel qui l’envoie près de nous pour nous protéger...”	– Um protetor, disse Annette levantando-se e lançando-se sobre sua mãe, que, recuperando-se de seu desmaio, refugiou-se em um canto, cheia de pavor;... um protetor! Minha mãe, você ouviu? Este senhor diz que nos protegerá; diz que é o Céu que tanto temos rogado, minha mãe... ele diz que é o Céu que o enviou para perto de nós para nos proteger...”
58.	Et, revenant à Paul: “Ah! monsieur, quelle belle action, si vous nous secourez.	E, voltando a Paul: “Ah! Senhor, que bela ação, se o senhor nos socorrer.
59.	Il n’exista jamais sur la terre deux créatures plus à plaindre.	Nunca existiu sobre a terra duas criaturas mais dignas de pena.
60.	Secourez-nous, monsieur!... secourez-nous!... cette pauvre et digne femme! ...elle n’a pas mangé depuis trois jours...	Socorra-nos, senhor... Socorra-nos!... esta pobre e digna mulher!... ela não come há três dias... e o que ela comeria? De que

	et que mangerait-elle?... de quoi la soulagerais-je, quand son état lui permettrait-il de l'être? ...	eu a aliviaria, mesmo se seu estado o permitisse?...
61.	Il n'y a pas un morceau de pain dans la maison ...	Não há um pedaço de pão na casa...
62.	Tout le monde nous abandonne ...	Todos nos abandonaram...
63.	On va sans doute nous faire mourir nous-mêmes, et cependant Dieu sait si nous sommes coupables ...	Vamos certamente nos matar, no entanto, Deus sabe que não somos culpadas...
64.	Hélas! mon pauvre père... le plus honnête et le plus malheureux des hommes!... il n'est pas plus coupable que nous, et, demain, peut-être...	Ai de mim! Meu pobre pai... o mais honesto e o mais infeliz dos homens!... ele não é mais culpado do que nós, e, amanhã, talvez...
65.	O, monsieur! monsieur! vous n'êtes jamais entré dans une maison plus misérable que la nôtre... on dit que Dieu n'abandonne jamais l'infortune, et nous voilà pourtant bien délaissées!..."	Oh, senhor! Senhor! Você jamais entrou em uma casa mais miserável que a nossa... dizemos que Deus nunca abandona a adversidade, e, apesar disso, nós aqui bastante desamparados!..."
66.	Paul qui vit, au désordre de cette fille, à ses propos sans suite, à l'état déchirant de la mère, qu'il était vraisemblablement arrivé dans cette maison quelque catastrophe épouvantable, et, trouvant là pour son âme tendre une occasion si belle d'exercer la vertu qui lui était familière, commença par supplier ces deux femmes de se calmer, leur renouvela plusieurs fois, pour les y engager, l'assurance positive de les protéger, et exigea d'elles de lui raconter le sujet de leurs peines.	Paul, que percebeu, pela perturbação dessa moça, em suas palavras desconexas, pelo estado dilacerante da mãe, que provavelmente acontecera, nesta casa, alguma terrível catástrofe, e, encontrando ali, para sua alma terna, uma tão bela oportunidade para exercer a virtude que lhe era familiar, começou por suplicar a essas duas mulheres para se acalmarem, repetiu, inúmeras vezes, para encorajá-las, a garantia positiva de protegê-las, e exigiu que lhe contassem o motivo de suas aflições.
67.	Après de nouveaux torrents de larmes, suite de l'émotion d'un bonheur aussi peu	Após novas torrentes de lágrimas, seguidas da emoção de uma felicidade

	<p>attendu, la jeune Annette, ayant supplié Paul de s’asseoir, lui fit ainsi l’histoire des malheurs affreux de sa famille... récit funeste qu’il lui fut impossible de ne pas souvent interrompre par ses sanglots et par ses pleurs (§5).</p>	<p>repentina, a jovem Annette, tendo suplicado a Paul para sentar-se, contou-lhe, então, a história das terríveis desgraças de sua família... relato funesto que foi, para ela, impossível não interromper muitas vezes por soluços e lágrimas (§5).</p>
68.	<p>“Mon père est un des plus pauvres et des plus honnêtes hommes de la contrée, monsieur; il est bûcheron de son métier, il s’appelle Christophe Alain; il n’a eu que deux enfants de cette pauvre femme que vous voyez: un garçon qui a dix-huit ans et moi qui viens d’en prendre seize.</p>	<p>“Meu pai é um dos homens mais pobres e honestos da região, senhor; é lenhador de profissão, seu nome é Christophe Alain; teve dois filhos desta pobre mulher que o senhor está vendo, um rapaz de 18 anos e eu que acabei de fazer 16.</p>
69.	<p>Malgré sa pauvreté, il a fait tout ce qu’il a pu pour nous bien faire élever.</p>	<p>Apesar da sua pobreza, fez tudo que pôde para nos educar.</p>
70.	<p>Mon frère et moi nous avons été pendant plus de trois ans en pension à l’Aigle, et nous savons tous les deux bien lire et bien écrire.</p>	<p>Meu irmão e eu moramos por mais de três anos em um internato em Aigle, e ambos sabemos ler e escrever bem.</p>
71.	<p>Quand nous fûmes un peu instruits (§6), mon père nous retira; il ne lui était plus possible de faire tant de dépenses pour nous, et le pauvre cher homme, ainsi que sa femme, n’ont mangé pendant tout ce temps-là que du pain, afin de pouvoir nous donner un peu d’éducation.</p>	<p>Quando fomos um pouco instruídos (§6), meu pai nos tirou; ele não podia mais fazer tantas despesas por nossa causa, e o pobre amado homem e sua esposa comeram, por todo aquele tempo, somente pão, a fim de nos dar um pouco de educação.</p>
72.	<p>Quand mon frère revint, il était assez fort pour travailler avec lui; j’aidais ma mère, et notre pauvre maison en allait bien mieux; enfin, monsieur, tout nous favorisait, et il semblait que notre exactitude à remplir nos devoirs attirât sur</p>	<p>Quando meu irmão regressou, já era forte o suficiente para trabalhar com ele; eu ajudava minha mãe, e nossa pobre casa ficou muito melhor; em resumo, senhor, tudo nos favorecia, e parecia que a nossa retidão para cumprir nossos deveres atraíu</p>

	nous la bénédiction du Ciel, lorsqu'il nous est arrivé, il y a aujourd'hui huit jours, le plus grand des malheurs qui puisse survenir à de pauvres gens sans crédit, sans argent et sans protection, comme nous.	sobre nós as bênçãos do Céu, assim ocorreu, há oito dias, a maior das desgraças que pode acontecer às pobres pessoas sem prestígio, sem dinheiro e sem proteção, como nós.
73.	Mon frère n'y était pas; il travaillait à plus de deux lieues de là; mon père était tout seul à près de trois lieues d'ici, du côté de la forêt qui remonte vers Alençon, lorsqu'il aperçoit le cadavre d'un homme couché au pied d'un arbre... il s'en approche avec l'intention de secourir ce malheureux, s'il en est encore temps; il retournait ce corps, il lui frottait les tempes avec un peu de vin qu'il avait dans sa gourde, quand tout à coup quatre cavaliers de la maréchaussée, accourant au galop, tombent sur lui, l'enchaînent et le conduisent dans les prisons de Rouen, où ils le déposent comme coupable d'avoir assassiné l'homme qu'il cherchait, au contraire, à rappeler à la vie.	Meu irmão não estava lá; ele trabalhava a mais de duas léguas dali; meu pai estava sozinho cerca de três léguas daqui, do lado da floresta que leva a Alençon, ele viu o cadáver de um homem deitado ao pé de uma árvore... aproximou-se com a intenção de socorrer o infeliz, se ainda houvesse tempo. Virou o corpo e estava esfregando as têmporas com um pouco de vinho, que tinha em seu cantil, quando, de repente, quatro cavaleiros da guarda real, a galope, caíram sobre ele, o prenderam e o conduziram às prisões de Rouen, onde o denunciaram como o culpado de ter assassinado o homem que ele, ao contrário, tentava trazer à vida.
74.	Ne voyant point mon père revenir comme de coutume, vous vous représentez aisément notre inquiétude, monsieur.	Não vendo de modo algum meu pai retornar, como de costume, o senhor pode imaginar facilmente a nossa inquietude.
75.	Mon frère, qui venait de rentrer, a couru bien vite dans tous les environs, et il est revenu le lendemain nous apprendre cette triste nouvelle.	Meu irmão, que acabara de chegar em casa, correu rapidamente por todos os arredores e regressou no dia seguinte para nos comunicar esta triste notícia.
76.	Nous lui avons aussitôt remis le peu d'argent qu'il y avait dans la maison, et il	Nós imediatamente lhe entregamos o pouco dinheiro que tínhamos em casa, e

	a volé à Rouen porter du secours à notre pauvre père.	ele partiu para Rouen para socorrer nosso pobre pai.
77.	Trois jours après, mon frère nous a écrit; nous avons reçu la lettre hier... la voilà, dit Annette en s'interrompant par ses sanglots... la voilà, cette fatale lettre!	Três dias depois, meu irmão nos escreveu; recebemos a carta ontem... aqui está, disse Annette – engasgada pelos soluços – aqui está, a carta fatal!
78.	Il nous dit de nous tenir sur nos gardes, qu'au premier moment on viendra peut-être nous enlever nous-mêmes pour nous conduire aussi en prison afin d'être confrontés à notre père, que rien, dit-il, quoique innocent, ne pourra jamais sauver; on ignore encore quel est ce cadavre; on fait des perquisitions et l'on assure, en attendant, que c'est un habitant tué et volé par mon père qui, voyant venir à lui, a jeté l'argent dans le bois.	Disse-nos para ficarmos em alerta, que no primeiro momento eles virão nos levar para também nos conduzir à prisão, a fim de confrontar o nosso pai, que nada disse ele, apesar de inocente, jamais poderá se salvar; ainda não se sabe de quem é esse cadáver; estão fazendo investigações, porém tenha a certeza de que se trata de um morador assassinado e roubado por meu pai, que, vendo-os se aproximarem, jogou o dinheiro no bosque.
79.	Ce qui confirme cette opinion, c'est qu'on n'a pas trouvé un sol dans la poche du mort; mais, monsieur, cet homme tué de la veille ne peut-il pas avoir été volé par ceux qui l'ont assassiné ou par ceux qui depuis son accident peuvent l'avoir rencontré ? ...	O que confirma esta opinião é que não encontraram um sol sequer no bolso do morto; mas, senhor, este homem, morto no dia anterior, não poderia ter sido roubado por aqueles que o assassinaram ou por aqueles que depois do acontecido possam tê-lo encontrado?
80.	Oh! croyez-moi, monsieur, mon père est incapable d'une telle action; il aimerait mieux mourir lui-même que de l'avoir fait...	Oh! Acredite em mim, senhor, meu pai é incapaz de tal ação; preferiria morrer ele mesmo a matar...
81.	Et voilà pourtant que nous allons avoir le malheur de le perdre.	E eis que ainda iremos sofrer a desgraça de deixá-lo.
82.	Et de quelle façon, grand Dieu! ...	E de que maneira, Deus!...
83.	Vous savez tout, monsieur, vous savez tout...	O senhor sabe tudo, tudo...

84.	Excusez ma douleur et secourez-nous, si vous le pouvez.	Desculpe meu sofrimento e socorra-nos, se puder.
85.	Nous passerons le reste de nos jours à invoquer le Ciel pour la conservation des vôtres... vous ne l'ignorez pas, monsieur: les larmes de l'infortune attendrissent l'Éternel; il daigne quelquefois exaucer les vœux du faible, eh bien, monsieur, tous ces vœux seront pour vous; nous ne l'implorerons qu'en votre faveur, nous ne l'invoquerons que pour votre prospérité.”	Passaremos o resto de nossos dias a invocar os Céus para a conservação dos seus... não os ignore, senhor: as lágrimas da desgraça enternecem o Eterno; ele se digna, por vezes, a atender às súplicas dos fracos, pois então, senhor, todas essas súplicas serão em seu favor; nós somente imploraremos ao Eterno em seu favor, somente invocaremos para a sua prosperidade.”
86.	Paul n'avait pas entendu sans émotion le récit d'une aventure aussi funeste.	Paul não ouviu sem emoção a história de tão funesta aventura.
87.	Plein du désir d'être utile à ces braves gens, il leur demanda d'abord de quel propriétaire dépendait leur local {§7}, en leur faisant entendre qu'il était prudent de se munir avant tout de cette protection.	Cheio da vontade de ser útil a essas destemidas pessoas, perguntou-lhes antes de qual proprietário dependia sua casa {§7}, fazendo-os entender que seria prudente munir-se sobretudo dessa proteção.
88.	– Hélas! monsieur, répondit Annette, cette maison dépend des moines.	– Ah! Senhor, respondeu Annette, esta casa depende dos monges.
89.	Nous leur avons déjà parlé, mais ils nous ont répondu qu'ils ne pouvaient nous être d'aucune utilité; ah! si nous étions seulement à deux lieues d'un autre côté, sur les terres de M. Paul Dorci, nous serions bien sûrs d'être secourus... c'est le plus aimable homme de la province {§8}, le plus compatissant... le plus charitable.	Nós já falamos com eles, mas nos disseram que não poderiam nos ser de qualquer utilidade; ah! Se estivéssemos somente a duas léguas para o outro lado, nas terras do Sr. Paul Dorci, teríamos a certeza de ser socorridos... é o homem mais amável da província {§8}, o mais compassivo... o mais caridoso.
90.	– Et vous ne connaissez personne auprès de lui, Annette?	– E não conhece ninguém próximo a ele, Annette?

91.	– Non vraiment, monsieur.	– Na verdade não, senhor.
92.	– Eh bien, je me charge de vous présenter; je fais plus, je vous promets sa protection...	– Bem, eu comprometo-me a lhes apresentar; e faço mais, prometo-lhes sua proteção...
93.	Je vous engage sa parole qu’il vous servira de tout son pouvoir.	Eu lhes asseguro a sua palavra de que ele lhes servirá com todo o seu poder.
94.	– Oh! monsieur, que vous êtes bon! dirent ces pauvres femmes...	– Oh! Senhor, como o senhor é bom! Dizem estas pobres mulheres...
95.	Comment pourrons-nous {§9} reconnaître ce que vous faites pour nous?	Como podemos {§9} reconhecer o que faz por nós?
96.	– En l’oubliant dès que j’aurai réussi?	– Me esquecendo quando eu tiver conseguido?
97.	– L’oublier, monsieur! ah! jamais, jamais, le souvenir d’un tel acte de bienfaisance ne s’éteindra qu’avec notre vie.	– Esquecê-lo, senhor! Ah! Nunca, jamais, a lembrança de tal ato de caridade só se apagará juntamente com nossas vidas.
98.	– Eh bien, mes enfants, voyez donc dans vos bras celui même dont vous désirez l’appui.	– Pois bem, minhas senhoras, eis aqui, em seus braços, aquele de quem desejam apoio.
99.	– Vous, monsieur ?	– O senhor?
100	Paul Dorci?	Paul Dorci?
101	– Moi-même, votre ami, votre soutien et votre protecteur.	– Eu mesmo, seu amigo, seu auxílio e seu protetor.
102	– O ma mère... ma mère, nous sommes sauvées, s’écria la jeune Annette; nous sommes sauvées, ma mère, puisqu’un aussi honnête homme veut bien nous promettre son appui.	– Oh! minha mãe... minha mãe, estamos salvas, exclamou a jovem Annette; estamos salvas, minha mãe, visto que tão honesto homem quer nos prometer seu apoio.
103	– Mes enfants, dit Paul, il est tard; j’ai du chemin à faire pour me retirer chez moi.	– Minhas senhoras, diz Paul, já é tarde; tenho um longo caminho a percorrer até chegar em casa.
104	Je vous quitte et ne me sépare de vous qu’en vous donnant ma parole d’être demain au soir à Rouen et de vous	Eu as deixo e despeço-me dando-lhes a minha palavra de estar amanhã à noite em Rouen e de lhes enviar em poucos dias

	envoyer sous peu de jours des nouvelles sûres de mes démarches... Je ne vous en dis pas davantage, mais attendez tout de mes soins.	notícias concretas de minhas ações... Não digo mais nada, mas esperem toda a minha dedicação.
105	Tenez, Annette, vous devez avoir besoin de quelques fonds dans ce moment-ci.	Tome, Annette, a senhorita deve precisar de alguns fundos neste momento.
106	Voilà quinze louis; gardez-les pour votre ménage, je me charge de pourvoir aux dépenses que votre affaire exigera.	Aqui, quinze luíses; guarde-os para sua família, comprometo-me a dispor de todas as despesas que o seu caso exigirá.
107	– Eh! monsieur, que de bontés! ...	– Eh! Senhor, que bondade!...
108	Ma mère, aurions-nous dû nous attendre?...	Minha mãe, como poderíamos ter esperado por isso?
109	Juste Ciel!	Deus todo-poderoso!
110	Jamais autant de bienfaisance n'éclata dans l'âme d'un mortel!	Nunca tanta caridade manifestou-se na alma de um mortal!
111	Monsieur, monsieur, continuait Annette, en se jetant aux genoux de Paul, non! vous n'êtes point un homme, vous êtes la Divinité même descendue sur la terre pour secourir l'infortune.	Senhor, senhor, continuava Annette, jogando-se aos pés de Paul, não! O senhor não é um homem, é a própria Divindade vinda à Terra para socorrer o infortúnio.
112	Ah! que pouvons-nous faire pour vous?	Ah! O que podemos fazer pelo senhor?
113	Ordonnez, monsieur, ordonnez et permettez-nous de nous consacrer éternellement à votre service.	Ordene, senhor, ordene e permita-nos nos consagrar eternamente a seu serviço.
114	– Je vais en exiger un à l'instant, ma chère Annette, dit Paul...	– Vou precisar de um favor agora mesmo, minha cara Annette, diz Paul...
115	Je me suis perdu; j'ignore la route qu'il faut tenir pour me rendre chez moi; daignez me servir de guide une ou deux lieues, et vous vous serez acquittée de ce bienfait, auquel votre âme douce et sensible met plus de prix qu'il n'en mérite."	Eu me perdi; ignoro o caminho que devo tomar para retornar à minha casa; gostaria que me servisse de guia por uma ou duas léguas, e terá saldado este benfeitor, que sua alma gentil e sensível dá mais valor do que possa merecer."

116	On imagine aisément comme Annette vole à l’instant au désir de son bienfaiteur.	Podemos imaginar facilmente como Annette correu para cumprir o desejo de seu benfeitor.
117	Elle le devance, elle le met dans la route, elle chante ses louanges pendant le chemin.	Ela segue na frente, mostrando-lhe o trajeto e louvando-o durante o caminho.
118	Si elle s’arrête un instant, c’est pour arroser de larmes les mains de celui qui la protège, et Paul, dans cette douce émotion que nous donne le charme d’être aimé, goûte un échantillon du bonheur céleste, et se trouve un Dieu sur la terre.	Se ela para por um instante, é para banhar de lágrimas as mãos daquele que a protege, e Paul, nesta doce emoção que nos dá o encanto de ser amado, degusta uma amostra de felicidade celestial, e se acha um Deus sobre a Terra.
119	O sainte Humanité, fille du Ciel et reine des hommes, dois-tu donc permettre qu’une source de remords et de chagrins soit la récompense de tes sectateurs, pendant que ceux qui t’outragent sans cesse triomphent, en t’insultant, sur les débris de tes autels?	Oh! santa Humanidade, filha do Céu e rainha dos homens, deves tu permitir que uma fonte de remorsos e de mágoas seja a recompensa de teus adoradores, enquanto aqueles que te ultrajam, sem cessar, triunfam, insultando-te sobre os escombros de teus altares?
120	A environ deux lieues de la maison de Christophe, Paul se reconnut.	A cerca de duas léguas da casa de Christophe, Paul reconheceu o caminho.
121	“Il est tard, ma petite, dit-il à Annette; me voici en pays de connaissance.	“É tarde, minha pequena, diz à Annette, aqui já estou em terras conhecidas.
122	Retournez chez vous, mon enfant; votre mère serait inquiète, continuez de l’assurer de mes services et dites-lui que je m’engage à ne revenir de Rouen qu’en lui ramenant son mari.”	Volte para casa, minha jovem, para não inquietar sua mãe. Continue a assegurá-la dos meus serviços e diga-lhe que me comprometo a somente retornar de Rouen com seu marido.”
123	Annette pleura quand il fallut se déparer de Paul; elle aurait été au bout de la terre avec lui...	Annette chorou quando teve que se despedir de Paul. Ela teria ido ao fim da Terra com ele...
124	Elle lui demanda la permission d’embrasser ses genoux...	Ela pediu sua permissão para abraçar seus joelhos...

125	“Non, Annette, c’est moi qui vous embrasserai, dit Paul, en la pressant chastement dans ses bras.	“Não, Annette, eu é que deveria lhe abraçar, diz Paul, pressionando-a castamente em seus braços.
126	Allez, mon enfant, continuez de servir vos parents et votre prochain; soyez toujours honnête, et la bénédiction du Ciel ne vous abandonnera jamais...”	Vá, minha jovem, continue a servir a seus pais e ao próximo. Seja sempre honesta, e as bênçãos do Céu nunca lhe abandonarão...”
127	Annette serrait les mains de Paul; elle fondait en larmes; ses sanglots l’empêchaient d’exprimer ce que son âme sensible éprouvait.	Annette segurou as mãos de Paul; caiu em prantos. Seus soluços impediam-na de expressar aquilo que sua alma sensível enfrentava.
128	Dorci lui-même, trop ému, l’embrasse une dernière fois, la repousse doucement et s’éloigne.	O próprio Dorci, deveras emocionado, abraça uma última vez a moça, afasta-a delicadamente e vai embora.
129	O gens du siècle, qui lirez ceci, voyez l’empire de la vertu sur une belle âme, et que cet exemple vous touche au moins, si vous vous sentez incapable de l’imiter!	Oh! testemunhas do século que lerão estas páginas, vejam o império da virtude numa bela alma. Que este exemplo, se forem incapazes de imitá-lo, pelo menos toque o coração de vocês!
130	A peine Paul avait-il trente-deux ans... il était chez lui... il était au milieu d’une forêt; il avait dans ses bras une jeune fille charmante, que la reconnaissance lui livrait...	Paul mal acabara de fazer 32 anos... estava em suas terras... estava no meio de uma floresta, tinha em seus braços uma jovem encantadora, cuja consideração o impedia...
131	Il versa des larmes sur les malheurs de cette créature infortunée et ne s’occupe que de la secourir {§10}.	Ele verteu lágrimas sobre as desgraças dessa desafortunada criatura e cuidou apenas de socorrê-la {§10}.
132	Paul arrive {§11} et dispose tout pour son départ...	Paul chega em casa {§11} e organiza sua partida...
133	Funeste effet du pressentiment! voix intérieure de la nature, à laquelle l’homme ne devrait jamais résister! ...	Que efeito funesto do pressentimento é essa voz interior da natureza à qual o homem nunca deveria resistir!...

134	Paul avoua à un de ses amis qui l'attendait et qu'il instruisit de son aventure, il avoua qu'il lui était impossible de se dissimuler à lui-même un mouvement impénétrable qui semblait lui conseiller de ne se point mêler de cette affaire...	Paul confessou a um de seus amigos que o esperava e a quem informou sua aventura, que fora impossível se omitir, um movimento inexplicável que parecia lhe desaconselhar a se intrometer nesse assunto...
135	Mais la bienfaisance l'emporta; rien ne tint aux charmes qu'éprouvait Dorci à faire le bien, et il partit.	Mas a caridade prevaleceu; nada sofreaka os encantos que sentia Dorci em fazer o bem, e por isso partiu.
136	Arrivé à Rouen, Paul fut voir tous les juges; il leur dit à tous qu'il s'offrait pour caution du malheureux Christophe, si cela était nécessaire; qu'il était sûr de son innocence, et si constamment sûr qu'il offrait sa vie si l'on voulait pour sauver celle du prévenu {§12}.	Chegando em Rouen, Paul foi se encontrar com todos os juizes. Disse a todos que se oferecia como garantia para o desgraçado Christophe, se necessário, e que tinha certeza de sua inocência, e tão certo estava que ofereceria sua vida se quisessem, para salvar a do acusado {§12}.
137	Il demanda à le voir; on le lui permit, il l'interrogea et fut si content de ses réponses, si persuadé qu'il était incapable du crime dont on l'accusait, qu'il déclara aux juges qu'il prenait ouvertement la défense de ce brave homme, que si malheureusement on venait à le condamner, il en appellerait au conseil, il ferait faire des mémoires qui se répandraient dans toute la France et qui couvriraient de honte les magistrats assez injustes pour condamner un malheureux aussi certainement innocent.	Pedi para vê-lo e obtive a permissão. Dorci interrogou o preso e ficou tão satisfeito com suas respostas, tão convencido de que o homem era incapaz do crime que fora acusado, que declarou aos juizes que ele tomava abertamente a defesa desse bom homem. Declarou ainda que se, infelizmente, viessem a condená-lo, apelaria ao conselho, faria relatos que se espalhariam por toda a França, que cobririam de vergonha magistrados tão injustos a ponto de condenarem um infeliz certamente inocente.
138	Paul Dorci était connu dans Rouen; il y était aimé.	Paul Dorci era conhecido em Rouen; e era adorado.

139	Sa probité, ses vertus (§13), tout fit ouvrir les yeux; on s'apercevait qu'on avait été un peu vite dans la procédure de ce Christophe.	Sua probidade, suas virtudes (§13), fez abrir os olhos de todos. Viu-se que haviam sido um tanto rápidos no processo desse Christophe.
140	Les informations recommencèrent; Paul paya tous les nouveaux frais d'informations et de recherches; insensiblement il ne se trouva plus une seule preuve à la charge de l'accusé.	Retomaram as instruções do processo. Paul pagara todas as novas taxas de informação e investigação; aos poucos uma única prova sequer condenando o acusado foi encontrada.
141	Ce fut alors que Paul envoya le frère d'Annette à sa mère et à sa sœur en leur recommandant de la tranquilliser, et les assurant que sous peu elles reverraient en pleine liberté celui dont les malheurs les intéressaient.	Foi então que Paul mandou o irmão de Annette até sua mãe e sua irmã, com a recomendação de tranquilizá-la, e para assegurar-lhes que em breve veriam em total liberdade aquele cuja desgraça lhes preocupava.
142	Tout allait donc le mieux du monde.	Tudo transcorria então da melhor maneira.
143	Paul reçut un billet anonyme contenant le peu de mots qu'on va lire:	Paul recebeu um bilhete anônimo contendo as poucas palavras em que lemos:
144	“Abandonnés sur le champs l'affaire que vous” suivés; renoncés à toutes perquisitions du meurtrier de l'homme de la forêt.	“Abandone imediatamente o caso que o senhor acompanha; renuncie a todas as perquisições sobre o assassino do homem da floresta.
145	Vous creusés vous-même l'abîme où vous allés vous engloutir...”	O senhor está cavando seu próprio abismo, em que será engolido...
146	Combien vos vertus vont vous coûter cher!”	Como suas virtudes lhe custarão caro!
147	Cruel homme, je vous plains..., mais il n'est peut-être plus temps. Adieu.”	Homem cruel, compadeço-me do senhor..., mas talvez não haja mais tempo. Adeus.”

148	Paul éprouva un frémissement si terrible à la lecture de ce billet, qu’il pensa s’en évanouir.	Paul sentiu um sobressalto tão terrível à leitura desse bilhete que se sentiu desfalecer.
149	En réunissant ce que contenait ce fatal écrit au pressentiment qu’il avait éprouvé, il vit bien que quelque chose de sinistre le menaçait infailliblement.	Ao reunir o conteúdo deste bilhete fatal ao pressentimento que experimentara, percebeu que algo sinistro inevitavelmente o ameaçava.
150	Il resta dans la ville, mais ne se mêla plus de rien.	Permaneceu na cidade, e de mais nada se inteirou.
151	– Juste ciel, on avait eu raison de le lui dire...	– Oh céus, tiveram razão em lhe avisar...
152	Il n’était plus temps, il en avait trop fait; ses cruelles démarches n’avaient que trop réussi!	Já não havia mais tempo, ele tinha feito muito; suas ações cruéis haviam sido bem-sucedidas por demais!
153	A huit heures du matin, le quinzième jour de son arrivée à Rouen, un des juges de sa connaissance demanda à lui parler, et, l’abordant avec précipitation: – “Partés, mon cher, partés à la minute même, lui dit ce magistrat, tout ému.	Às oito horas da manhã, o décimo quinto dia de sua chegada em Rouen, um dos juízes de sua convivência pediu para falar com ele e o abordou precipitadamente: – “Parta, meu caro, parta agora mesmo, disse-lhe o magistrado, profundamente comovido.
154	Vous êtes le plus infortuné des êtres.	Você é o mais infeliz dos seres.
155	Puisse votre malheureuse aventure s’anéantir de la mémoire des hommes.	Que sua infeliz aventura possa desaparecer da memória dos homens.
156	Ah! s’il était possible de croire la Providence injuste, ce serait bien sûrement aujourd’hui.	Ah! Se fosse possível achar injusta a Providência, certamente seria hoje esse dia.
157	– Vous m’effrayés, monsieur, expliquez-vous, de grâce!	– Você me assusta, senhor, explique-se, por piedade!
158	Que m’arrive-t-il donc?	O que está acontecendo comigo?
159	– Votre protégé est innocent, les portes vont lui être ouvertes, vos recherches ont fait trouver le coupable...	– Seu protegido é inocente, as portas serão abertas para ele, suas buscas permitiram encontrar o culpado...

160	Au moment où je vous parle, il est déjà dans nos prisons.	Neste momento mesmo, ele já está em nossas prisões.
161	Ne m'en demandé pas davantage.	Não me pergunte mais nada.
162	– Parlés, monsieur, parlés, enfoncés le poignard dans mon cœur, eh bien! le coupable? ...	– Fale, senhor, fale, pois enfie o punhal no meu coração! O culpado? ...
163	– C'est votre frère!	– É o seu irmão!
164	– Lui, grand Dieu!...” et Dorci tomba sans mouvement.	– Ele? Oh meu Deus!...” E Dorci caiu petrificado.
165	On fut plus de deux heures sans pouvoir le rappeler au jour; il reprit ensuite connaissance dans les bras de cet ami, qui, par des motifs d'alliance, ne se trouvait point au nombre des juges, et put, quand Paul eut rouvert les yeux, lui apprendre au moins ce qui suit:	Passaram-se mais de duas horas sem ninguém conseguir fazê-lo voltar a si. Em seguida, ele recuperou a consciência nos braços desse amigo que, por razões de aliança, não fazia parte do grupo de juízes, e pôde, quando Paul reabriu os olhos, dizer-lhe, pelo menos, o seguinte:
166	L'homme tué était le rival de François.	O homem morto era o rival de François.
167	Tous deux revenaient ensemble de l'Aigle.	Ambos retornavam juntos de Aigle.
168	Chemin faisant, quelques propos avaient amené la dispute; François, furieux de ne pouvoir engager son ennemi à se battre, reconnaissant qu'il était aussi lâche que fourbe, l'avait culbuté de son cheval dans un mouvement de colère, et avec le sien lui avait passé sur le ventre.	Ao longo do caminho, algumas questões os levaram à discussão. François, furioso por não conseguir envolver seu inimigo em uma briga, vendo que ele era tão covarde quanto dissimulado, derrubou-o do cavalo em um acesso de raiva, e com o seu passou por cima da barriga dele.
169	Le coup fait, François, voyant son adversaire sans vie, avait perdu totalement la tête et, au lieu de se sauver, il s'était contenté de tuer le cheval du défunt, d'en jeter le corps dans un étang, et de là il était effrontément revenu dans la petite ville où demeurait sa maîtresse,	Desferido o golpe dado, François, vendo o seu adversário sem vida, perdera completamente a cabeça, e em vez de fugir, contentou-se em matar o cavalo do defunto, e de jogar o corpo em um charco, e de lá voltou audaciosamente para a pequena cidade onde vivia sua amante, e,

	quoiqu'en partant il eût répandu qu'il s'en absentait pour un mois.	ao partir, espalhou que se ausentaria por um mês.
170	En le revoyant, on lui avait demandé des nouvelles de son rival; il n'avait, disait-il, voyagé qu'une heure avec lui, ensuite chacun avait pris une route différente.	Ao revê-lo, perguntaram por notícias de seu rival. Segundo ele, somente viajaram juntos por não mais que uma hora, em seguida, cada um tomou um rumo diferente.
171	Quand on apprit dans cette ville la mort de ce rival et l'histoire du bûcheron accusé de l'avoir tué, François écouta tout sans se troubler et raconta lui-même l'aventure comme tout le public, mais les démarches secrètes de Paul produisant des recherches plus exactes, tous les soupçons tombèrent alors sur François; il ne lui fut plus possible de se défendre; il ne l'essaya pas; capable d'une vivacité, mais nullement fait pour le crime, il avoua tout à l'exempt du prévôt qui vint lui faire quelques questions; il se laissa arrêter et dit qu'on pouvait faire de lui tout ce qu'on voudrait.	Quando na cidade descobriram a morte de seu rival e a história do lenhador acusado de tê-lo assassinado, François escutara tudo sem se perturbar e espalhou o acontecido, como todos os demais. Os esforços secretos de Paul, todavia, tendo iniciado buscas mais precisas, todas as suspeitas recaíram sobre François. Fora impossível para ele se defender. Ele sequer tentou. Sendo capaz de certa vivacidade, mas não sendo feito para o crime, confessou tudo ao suboficial do preposto que viera lhe fazer algumas perguntas. Ele entregara e dissera que poderiam fazer dele tudo o que quisessem.
172	Ignorant la part que son frère avait à tout ceci, le croyant bien tranquille dans sa maison (§14) où il pensait même à le rejoindre incessamment, il demandait pour toute grâce, si cela était possible, que ses malheurs fussent cachés à ce frère qu'il adorait et que cette cruelle aventure précipiterait au tombeau.	Ignorando a parte que seu irmão tinha com tudo isso, e achando que ele estava bem tranquilo em sua casa (§14), onde pensava em se juntar a ele em breve, pediu por toda a graça, se fosse possível, que suas desgraças fossem escondidas de seu irmão, que ele adorava, e que este cruel acontecimento o empurraria ao túmulo.

173	A l'égard de l'argent pris sur le cadavre, il avait été dérobé sans doute par quelques braconniers qui s'étaient bien gardés de ne rien dire.	Com relação ao dinheiro subtraído do cadáver, fora roubado sem dúvida por alguns caçadores que cuidaram em não dizer nada.
174	On avait enfin amené François à Rouen; il y était quand on vint tout apprendre à Paul.	Estavam finalmente levando François para Rouen. Ele estava lá quando vieram tudo informar a Paul.
175	Celui-ci, un peu revenu du premier choc de son abattement, fit tout au monde et par lui-même et par ses amis pour sauver son misérable frère.	Este, um pouco recuperado do primeiro choque de seu desfalecimento, de tudo fizera, por si mesmo, e por meio de seus amigos, para salvar seu miserável irmão.
176	On le plaignit, mais on ne l'écoula point.	Apiedaram-se dele, mas de nada adiantou.
177	On lui refusa même la satisfaction d'embrasser ce malheureux ami et, dans un état difficile à peindre, il quitta Rouen le propre jour de l'exécution du mortel de l'univers qui lui fût le plus précieux et le plus sacré, et que lui-même traînait à l'échafaud.	Fora-lhe recusada até a satisfação de abraçar esse infeliz amigo e, em um estado difícil de descrever, deixou Rouen no mesmo dia da execução do mortal, do universo que lhe fora o mais precioso e o mais sagrado, e que ele mesmo arrastara para o cadafalso.
178	Il revint un instant dans sa terre, mais avec le projet de la quitter bientôt pour toujours.	Retornou brevemente às suas terras, mas com o projeto de logo deixá-las para sempre.
179	Annette n'avait que trop appris quelle victime s'immolait à la place de celle qui possédait ses vœux; elle osa paraître chez Dorci (§15), elle y vint avec son père.	Annette tomou conhecimento de qual vítima seria sacrificada no lugar da que fora objeto de seus apelos. Ela ousou, então, ir até à casa de Dorci (§15) com seu pai.
180	Tous deux se précipitent aux pieds de leur bienfaiteur et frappent la terre de leur front.	Ambos se atiram aos pés de seu benfeitor e batem com a testa no chão.
181	Ils le supplient de faire aussitôt couler leur sang en dédommagement de celui qu'il a répandu pour eux.	Suplicam-no de fazer correr o seu próprio sangue em compensação daquele que Dorci verteu em nome deles.

182	S'il ne veut pas se faire cette justice, ils le conjurent de leur permettre d'user au moins leurs jours à le servir sans gages (§16).	Se ele não quisesse fazer essa justiça, então imploravam-no que lhes permitisse usar o resto de seus dias para, ao menos, servi-lo gratuitamente (§16).
183	Paul, aussi prudent au sein de l'infortune que bienfaisant dans la prospérité, mais dont le cœur endurci par l'excès de ses maux ne peut plus comme autrefois s'ouvrir au sentiment qui lui coûte aussi cher, ordonne au bûcheron et à sa fille de se retirer, et leur souhaite de jouir tous deux aussi longtemps qu'il leur sera possible d'un bienfait qui lui enlève pour toujours l'honneur et le repos.	Paul, tão cauteloso no infortúnio como benevolente na prosperidade, mas cujo coração, endurecido pelo excesso de seus males, não pode mais como outrora abrir-se ao sentimento que lhe custou tão caro, ordenou ao lenhador e a sua filha que se retirassem. Desejou a ambos que desfrutassem tanto quanto possível de um benefício que dele arrancou para sempre a honra e o sossego.
184	Les malheureux n'osèrent répliquer; ils disparurent.	Os desgraçados não se atreveram a replicar; e foram embora.
185	Paul laissa de son vivant ses biens à ses plus proches héritiers, sous la seule charge d'une pension de mille écus qu'il fut manger dans une retraite impénétrable aux yeux des hommes, où il mourut au bout de quinze ans d'une vie sombre et triste, dont tous les instants furent marqués par des actes de désespoir et de misanthropie.	Paul deixou em vida seus bens aos seus herdeiros mais próximos, com a exceção de uma simples pensão de mil escudos que ele desfrutaria em um retiro impenetrável aos olhos dos homens, onde morrerá após quinze anos de uma vida sombria e triste, em que todos os momentos foram marcados por atos de desespero e misantropia.
186	1. Ce préambule était primitivement beaucoup plus étendu. On lit en regard de l'alinéa suivant cette note qui a été biffée: "Décidément il ne faut commencer que la."	1. Este preâmbulo era originalmente muito mais extenso. Lemos no parágrafo seguinte esta observação que foi rasurada: "Decididamente, só temos que começar daqui."

187	2. Il y avait d'abord: "Le comte et le marquis de Dorci." Disons une fois pour toutes que les deux prénoms de Paul et de François ont remplacé partout les titres de comte et de marquis.	2. Tinha no início: "O Conde e o Marquês de Dorci." Daqui por diante ambos os nomes de Paul e François substituirão em todo o conto os títulos de conde e marquês.
188	3. La forêt de l'Aigle ou de Laigle, près du village de ce nom, situé à 30 km N.-E. de Mortagne, sur la Rille. Charles Nodier a rendu cette forêt célèbre par l'histoire du chien Brisquet.	3. A floresta de l'Aigle ou Laigle, perto do vilarejo de mesmo nome, localizada a 30 km a nordeste da cidade de Mortagne sur la Rille. Charles Nodier, tornou esta floresta famosa pela história do cão Brisquet.
189	4. Il y avait "terre" au lieu de "possession" et "château" au lieu de "maison".	4. Estava escrito "terra" no lugar de "propriedade" e "castelo" em vez de "casa".
190	5. Le récit d'Annette était précédé de cette note que l'auteur a biffée: "Il faut que le lecteur veuille bien se prêter à la simplicité de ce récit; il est dans la bouche d'une jeune paisane naïve et sans art; pouvait-on la faire parler autrement?"	5. O relato de Annette era precedido pela observação que o autor rasurou: "É necessário que o leitor queira se prestar à simplicidade dessa história; contada por uma jovem camponesa ingênua e sem arte; poderíamos fazê-la falar de outra forma?"
191	6. "Quand nous fûmes un peu instruits". Le texte primitif était: "Quand nous eûmes fait notre première communion."	6. Em lugar de "Quando fomos um pouco instruídos", o texto original continha: "Quando havíamos feito a nossa primeira comunhão."
192	7. Il y avait d'abord: "De quel seigneur ils dépendaient."	7. Tinha-se antes: "De qual senhor eles dependiam."
193	8. On lisait: "Sur les terres de M. le comte Dorci... c'est le plus aimable seigneur de la province."	8. Lia-se: "Sobre as terras do senhor Conde Dorci... é o mais amável senhor dessa província."
194	9. Il y a "pourrés-vous" sur le manuscrit; c'est une erreur évidente.	9. Antes se lia no manuscrito " <i>pourrés-vous</i> ", o que é um erro óbvio.

195	<p>10. Cette pudeur du ci-devant comte de Dorci me rappelle celle de Jérôme Pétion. Ce girondin se cacha, étant proscrit, chez deux lingères “d’une physionomie intéressante”. Il s’habillait devant elles; elles s’habillaient devant lui. “J’éprouvai, je l’avoue, dit-il dans ses Mémoires, ces embarras de décence, que sans doute elles éprouvèrent encore plus que moi.</p>	<p>10. Este pudor do dito Conde de Dorci me faz lembrar de Jérôme Pétion. Este girondino se escondeu, estando proscrito, em casa de duas lavadeiras “de fisionomia interessante”. Vestia-se diante delas; elas se vestiam diante dele. “Eu experimentei, confesso, diz ele em suas Memórias, estes constrangimentos da decência, que, sem dúvida, elas sentiam ainda mais do que eu.</p>
196	<p>Mais il était facile de voir combien l’action généreuse qu’elles faisaient éloignait de leurs âmes ces idées qui auraient pu les troubler. Elles ne firent même aucune de ces réflexions qui font remarquer la délicatesse de la circonstance. Je n’ai pas besoin de dire que je ne me permis aucun de ces propos, aucune de ces plaisanteries qui pussent effaroucher la pudeur la plus sévère. J’avoue même que je n’éprouvai aucune de ces sensations, aucun de ces désirs si naturels qu’ils sont involontaires dans l’homme que la nature a fait véritablement homme. Je me fusse fait honte à moi-même si j’eusse été tenté d’abuser de cette touchante hospitalité. J’étais un frère avec des sœurs.” – (Mémoires publ. par Dauban ; Plon, 1866, p. 132.)</p>	<p>Mas era fácil ver quanto a ação generosa, que elas faziam, afastava de suas almas aquelas ideias que poderiam perturbá-las. Elas não fizeram quaisquer dessas reflexões que apontam a delicadeza da circunstância. Eu não preciso dizer que eu não me permiti nenhum desses propósitos, nenhuma dessas brincadeiras que podem assustar o pudor mais severo. Admito até que eu ainda não experimentara nenhuma dessas sensações, nenhum desses desejos tão naturais que são involuntários no homem cuja natureza fez verdadeiramente um homem. Envergonharia a mim mesmo se eu tivesse sido tentado a abusar desta tocante hospitalidade. Eu era apenas um irmão entre irmãs.” – (Memórias publicadas por Dauban; Plon, 1866, p. 132.)</p>
197	<p>11. L’ancien texte porte “chez lui” et, en surcharge, “au château”, qui fut effacé, puis remis et définitivement ôté.</p>	<p>11. O antigo texto traz “em casa dele” e, exageradamente, “no castelo”, que foi</p>

		apagado e depois reinserido e mais uma vez removido permanentemente.
198	12. On lit sous la rature “du prétendu coupable”.	12. Lê-se por baixo da rasura “do suposto culpado.”
199	13. “Sa probité, ses vertus” remplace “sa naissance, son grade”, qui était dans la première rédaction.	13. “Sua proibidade, suas virtudes”, substitui “seu nascimento, sua posição”, que estava na primeira redação.
200	14. “Dans sa maison”. Il y avait “dans son château”.	14. Onde se lê “Em sua casa”, lia-se antes “em seu castelo”.
201	15. “Chés Dorci” – “au château de Dorci.”	15. Onde se lê “na casa de Dorci”, lia-se “no castelo de Dorci.”

3.3.1. DORCI, OU LA BIZARRERIE DU SORT – TRADUÇÃO SEM ALINHAMENTO

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Dorci, ou a Excentricidade do destino, conto inédito pelo Marquês de Sade, foi publicado pela primeira vez em 1881 pela editora *Charavay Frères*, acompanhado de algumas observações e de uma nota bibliográfica assinada por A.F., esse A.F. não sendo outro que Anatole France. Nem as observações, nem as notas bibliográficas informam grande coisa sobre Sade. Podemos simplesmente constatar em Anatole France uma moderação de tom bastante rara à época. “Ele era inteligente”; diz, por exemplo, “há em seu *Idée sur les Romans* observações judiciosas e senso literário bastante correto”. “O autor de *L’Ile des Pingouins* salienta ainda que Sade “se mostrou inofensivo, e por vezes até mesmo... humano e generoso”, e zomba das “histórias da carochinha”, de Jules Janin. Segue a passagem da nota bibliográfica em que Anatole France examina o manuscrito de *Dorci*:

“O conto que publicamos aqui, pela primeira vez, de acordo com o manuscrito original assinado, devia entrar na coletânea intitulada *Les Crimes de l’amour* [Paris, Massé, anVII I, (1800), 4 vols. in-12], como indica uma nota escrita a lápis pelo autor na margem da primeira página: “*Le crime de l’amour*, neste conto, é apenas a anedota, pois o mote principal é realmente a ação do ser virtuoso que quer salvar uma vítima das leis.” O Marquês de Sade tem razão, e sua história se encaixa nesse gênero virtuoso, forte apreciado às vésperas da Revolução. A história de *Dorci* certamente foi escrita sob o Antigo Regime, durante a detenção do Marquês. O autor, renunciando a inseri-la em *Les crimes de l’amour*, onde ela se adaptara mal, como ele reconheceu judiciosamente, considerou introduzi-la em outra coletânea. Isso é o que emerge do aviso que lemos na margem da última página. Ei-lo:

“Ao editor.

“Este conto é bom. Ele deve ter repercussão. Deve-se colocá-lo com um bem longo.”

“Mas se estava então em plena Revolução e a redação original, que datava do Antigo Regime, foi submetida a um curioso sistema de correções: ‘O conde e o marquês de Dorci’ tornaram-se ‘Paul e François Dorci’. Isso era necessário. Paul Dorci ‘tem sensibilidade e virtudes’; por isso, ele não pode ser um aristocrata. O “castelo”, que despertara nas almas dos patriotas ideias odiosas, tornou-se a “casa”; a “terra” tornou-se a “propriedade”. Um homem livre não pode lavrar a terra do senhor, mas pode trabalhar na propriedade de um cidadão, o que

é bastante diferente, não é verdade? Na redação original havia uma jovem camponesa de nome Annette que fazia “sua primeira comunhão”. Já não se podia deixar por mais tempo essa moça inocente ser vítima do fanatismo e da impostura. Substituiu-se sua primeira comunhão por um pouco de educação laica, o que explica imediatamente “a sensibilidade” de Annette e todas suas virtudes.

“Estas correções correspondem ao espírito da época. A censura exigia algo semelhante dos autores cujas comédias e melodramas eram por ela examinadas.”

As notas apresentadas nesta nota bibliográfica e por nós reproduzidas são de Anatole France.

DORCI

De todas as virtudes que a natureza nos permitiu praticar sobre a Terra, a benevolência é, incontestavelmente, a mais doce. Existe um prazer mais tocante a ela, de fato, que o de aliviar seus semelhantes? E não é no instante em que nossa alma se entrega a ele que ela mais se aproxima das qualidades supremas do ser que nos criou? Desgraças, asseguram-nos, são por vezes ligadas a isso; que importa? Desfrutamos, fizemos desfrutar os outros; isso não é o suficiente para a felicidade?⁸⁶

Há muito tempo não se via uma intimidade mais perfeita do que a que reinava entre Paul e François Dorci.⁸⁷ Eram dois irmãos, ambos mais ou menos com a mesma idade, quer dizer, cerca de 30 a 32 anos, ambos oficiais do mesmo Corpo e homens; acontecimento algum jamais os desunira, e para cerrar os nós de uma conexão que lhes era tão preciosa desde que, após a morte de seu pai, tornaram-se um e outro mestres de sua propriedade, viviam na mesma casa, eram servidos pelos mesmos empregados e estavam determinados a somente se casar com duas mulheres cujas qualidades correspondessem às deles e que consentissem a essa perpétua união em que encontravam a felicidade de seus dias.

Os gostos desses dois irmãos não eram, contudo, de modo algum, os mesmos. Paul, o mais velho da casa, amava repousar, a solidão, os passeios e os livros; seu temperamento um pouco sombrio era, porém, suave, sensível, honesto, e o prazer de agradar aos outros era um dos mais deliciosos de sua alma. Pouco buscando o convívio social, nunca ficava mais feliz do

⁸⁶ Este preâmbulo era originalmente muito mais extenso. Lemos no parágrafo seguinte que esta observação foi rasurada: “Decididamente, só temos que começar daqui.”

⁸⁷ Tinha no início: “O Conde e o Marquês de Dorci”. Daqui por diante ambos os nomes de Paul e François substituirão em todo o conto os títulos de conde e marquês.

que quando seus deveres lhe permitiam passar alguns meses em uma bela propriedade que os dois irmãos possuíam na região de L'Aigle,⁸⁸ perto da floresta do Perche.

François, infinitamente mais vivaz que seu irmão, infinitamente mais entregue ao mundo, não nutria um amor tão grande assim pelo campo. Dotado de uma fisionomia encantadora e do tipo de humor que agrada às mulheres, ele era um pouco escravo; e essa fraqueza que ele jamais pode sanar, apoiada por uma alma ferosa e um espírito ardente, tornou-se a fonte cruel de suas desgraças. Uma pessoa muito bonita, dos arredores da propriedade de que falamos, ocupava tanto François há um ano que ele, por assim dizer, não se pertencia mais. Ele não tinha seu Corpo este ano, ele tinha se separado de Paul para se instalar na pequena vila onde residia o objeto de seu culto, e lá, exclusivamente ocupado por esse objeto amado, esquecia a seus pés toda a terra, ele sacrificava a ela, e seu dever e os sentimentos que anteriormente o acorrentavam à casa de seu amável irmão.

Diz-se que o amor aumenta quando o ciúme o ferrea. Essa era a história de François, mas o rival que o destino lhe dera, diziam ser um homem tão covarde quanto perigoso. Agradar à sua amante, prevenir as tramas desse rival pérfido, entregar-se cegamente ao seu amor, tais eram as ligações desse jovem rapaz, tais eram as razões que o afastava inteiramente dos braços de um irmão que o idolatrava e que chorava amargamente a sua ausência e sua frieza. Paul mal recebia notícias de François Dorci. E quando escrevia? Nenhuma resposta ou uma simples palavra, o que só convenciam ainda mais Paul de que seu irmão tinha a cabeça virada e que se afastara insensivelmente dele. Tranquilamente em sua propriedade, levava, contudo, sempre a mesma vida. Os livros, os longos passeios, os frequentes atos de caridade, tais eram suas únicas ocupações, e sentia-se bem mais feliz do que seu irmão, já que gozava ao menos dele mesmo; a agitação perpétua em que vivia François mal o permitia se conhecer.

As coisas estavam nesse estado, quando Paul, ocupado com uma leitura interessante, seduzido por um tempo delicioso, afastou-se um dia tanto de sua casa que, no momento em que planejava voltar pelo mesmo caminho, encontrou-se a mais de três léguas para além dos limites de sua propriedade, e a mais de cinco de sua casa,⁸⁹ em um canto afastado do bosque e quase sem condições de encontrar sem ajuda o verdadeiro caminho que o levaria de volta à sua casa. Perplexo, olhando para todas as direções, vê, alegremente, a cem passos, um casebre para o qual se dirige para se aconselhar e descansar um minuto... Ele chega... abre... entra em uma

⁸⁸ A floresta de Aigle ou Laigle, perto do vilarejo de mesmo nome, localizada a 30 km a nordeste da cidade de Mortagne sur la Rille. Charles Nodier tornou esta floresta famosa pela história do cão Brisquet.

⁸⁹ Estava escrito "terra" no lugar de "propriedade", e "castelo" em vez de "casa".

cozinha desagradável, que compõe a parte mais bonita do casebre, e lá, que quadro interessante se oferece à sua alma sensível e a qual percorre rapidamente!

Uma moça de 16 anos, bela como o dia, tinha em seus braços uma mulher desmaiada de aproximadamente 40 anos que parecia sua mãe, e que derramava lágrimas da mais profunda dor. Ela solta um grito ao ver Paul:

– “Quem é o senhor, disse ela, veio para me tirar também a minha mãe?... Ah! Tire minha vida, se necessário, mas deixe-me respirar esta infeliz.”

E ao dizer isso, Annette, atirando-se aos pés de Paul, implora, formando, com seus braços erguidos para o céu, uma muralha entre sua mãe e ele.

– “A bem da verdade, ‘minha jovem’, disse Paul, tão emocionado quanto surpreso, com medo desnecessário; ignoro o que lhes assustam, minhas boas amigas, mas o que há de certo é que o Céu me oferece a vocês, quaisquer que sejam suas aflições, bem mais um protetor do que um inimigo.

– Um protetor, disse Annette levantando-se e lançando-se sobre sua mãe que, recuperando-se de seu desmaio, refugiou-se em um canto, cheia de pavor;... um protetor! Minha mãe, você ouviu? Este senhor diz que nos protegerá; diz que é o Céu que tanto temos rogado, minha mãe... ele diz que é o Céu que o enviou para perto de nós para nos proteger...”

E, voltando a Paul:

– “Ah! Senhor, que bela ação, se o senhor nos socorrer. Nunca existiu sobre a Terra duas criaturas mais dignas de pena. Socorra-nos, senhor.... socorra-nos!... esta pobre e digna mulher!... ela não come há três dias... e o que ela comeria? De que eu a aliviaria, mesmo se seu estado o permitisse?... Não há um pedaço de pão na casa... Todos nos abandonaram... Vamos certamente nos matar; no entanto, Deus sabe que não somos culpadas... Ai de mim! meu pobre pai... o mais honesto e o mais infeliz dos homens!... ele não é mais culpado do que nós, e, amanhã, talvez... O, senhor! senhor! Você jamais entrou em uma casa mais miserável que a nossa... dizemos que Deus nunca abandona a adversidade, e, apesar disso, nós aqui bastante desamparados!...”

Paul que percebeu, pela perturbação dessa moça, em suas palavras desconexas, pelo estado dilacerante da mãe, que provavelmente acontecera, nesta casa, alguma terrível catástrofe, e, encontrando ali, para sua alma terna, uma tão bela oportunidade para exercer a virtude que lhe era familiar, começou por suplicar a essas duas mulheres para se acalmarem, e repetiu, inúmeras vezes, para encorajá-las, a garantia positiva de protegê-las, e exigiu que lhe contassem o motivo de suas aflições. Após novas torrentes de lágrimas, seguidas da emoção de uma felicidade repentina, a jovem Annette, tendo suplicado a Paul para sentar-se, contou-lhe, então,

a história das terríveis desgraças de sua família... relato funesto que foi, para ela, impossível não interromper muitas vezes por soluços e lágrimas.⁹⁰

– “Meu pai é um dos homens mais pobres e honestos da região, senhor; é lenhador de profissão, seu nome é Christophe Alain; teve dois filhos desta pobre mulher que o senhor está vendo, um rapaz de 18 anos e eu que acabei de fazer 16. Apesar da sua pobreza, fez tudo que pôde para nos educar. Meu irmão e eu moramos por mais de três anos em um internato em Aigle, e ambos sabemos ler e escrever bem. Quando fomos um pouco instruídos,⁹¹ meu pai nos tirou; ele não podia mais fazer tantas despesas por nossa causa, e o pobre amado homem e sua esposa comeram, por todo aquele tempo, somente pão, a fim de nos dar um pouco de educação. Quando meu irmão regressou, já era forte o suficiente para trabalhar com ele; eu ajudava minha mãe, e nossa pobre casa ficou muito melhor; em resumo, senhor, tudo nos favorecia, e parecia que a nossa retidão para cumprir nossos deveres atraiu sobre nós as bênçãos do Céu, assim ocorreu, há oito dias, a maior das desgraças que pode acontecer às pobres pessoas sem prestígio, sem dinheiro e sem proteção, como nós. Meu irmão não estava lá; ele trabalhava a mais de duas léguas dali; meu pai estava sozinho cerca de três léguas daqui, do lado da floresta que leva a Alençon, ele viu o cadáver de um homem deitado ao pé de uma árvore... aproximou-se com a intenção de socorrer o infeliz, se ainda houvesse tempo. Virou o corpo e estava esfregando as têmporas com um pouco de vinho que tinha em seu cantil, quando, de repente, quatro cavaleiros da guarda real, a galope, caíram sobre ele, o prenderam e o conduziram às prisões Rouen, onde o denunciaram como o culpado de ter assassinado o homem que ele, ao contrário, tentava trazer à vida. Não vendo de modo algum meu pai retornar, como de costume, o senhor pode imaginar facilmente a nossa inquietude. Meu irmão acabara de chegar em casa, correu rapidamente por todos os arredores, e regressou no dia seguinte para nos comunicar esta triste notícia. Nós imediatamente lhe entregamos o pouco dinheiro que tínhamos em casa, e ele partiu para Rouen a fim de socorrer nosso pobre pai. Três dias depois, meu irmão nos escreveu; recebemos a carta ontem... aqui está, disse Annette – engasgada pelos soluços – aqui está, a carta fatal! Disse-nos para ficarmos em alerta, que no primeiro momento eles virão nos levar para também nos conduzir à prisão, a fim de confrontar o nosso pai, que nada, disse ele, apesar de inocente, jamais poderá se salvar; ainda não se sabe de quem é esse cadáver; estão fazendo investigações, porém tenha a certeza de que se trata de um habitante assassinado e roubado por meu pai, que,

⁹⁰ O relato de Annette era precedido pela observação que o autor rasurou: “É necessário que o leitor queira se prestar à simplicidade dessa história, contada por uma jovem camponesa ingênua e sem arte; poderíamos fazê-la falar de outra forma?”

⁹¹ Em lugar de “Quando fomos um pouco instruídos”, o texto original continha: “Quando havíamos feito a nossa primeira comunhão.”

vendo-os se aproximarem, jogou o dinheiro no bosque. O que confirma esta opinião, é que não encontraram um sol sequer no bolso do morto; mas, senhor, este homem, morto no dia anterior, não poderia ter sido roubado por aqueles que o assassinaram ou por aqueles que depois do acontecido possam tê-lo encontrado? Ó! Acredite em mim, senhor, meu pai é incapaz de tal ação; preferiria morrer ele mesmo a matar... E ei que ainda iremos sofrer a desgraça de perdê-lo. E de que maneira, Deus!... O senhor sabe tudo, tudo... Desculpe meu sofrimento e socorra-nos, se puder. Passaremos o resto de nossos dias a invocar os Céus para a conservação dos seus... não os ignore, senhor: as lágrimas da desgraça enternecem o Eterno; ele se digna, por vezes, a atender às súplicas dos fracos, pois então, senhor, todas essas súplicas serão em seu favor; nós somente imploraremos ao Eterno em seu favor, somente invocaremos para a sua prosperidade.”

Paul não ouviu sem emoção a história de tão funesta aventura. Cheio da vontade de ser útil a essas destemidas pessoas, perguntou-lhes antes de qual proprietário dependia sua casa,⁹² fazendo-os entender que seria prudente munir-se sobretudo dessa proteção.

– Ah! senhor, respondeu Annette, esta casa depende dos monges. Nós já falamos com eles, mas nos disseram que não poderiam nos ser de qualquer utilidade; ah! se estivéssemos somente a duas léguas para o outro lado, nas terras do Sr. Paul Dorci, teríamos a certeza de ser socorridos... é o homem mais amável da província,⁹³ o mais compassivo... o mais caridoso.

– E não conhece ninguém próximo a ele, Annette?

– Na verdade não, senhor.

– Bem, eu me comprometo a lhes apresentar; e faço mais, prometo-lhes sua proteção... Eu lhes asseguro a sua palavra de que ele lhes servirá com todo o seu poder.

– Oh! senhor, como o senhor é bom! dizem estas pobres mulheres... Como podemos⁹⁴ reconhecer o que faz por nós?

– Me esquecendo quando eu tiver conseguido?

– Esquecê-lo, senhor! ah! nunca, jamais, a lembrança de tal ato de caridade só se apagará juntamente com nossas vidas.

– Pois bem, minhas senhoras, eis aqui, em seus braços, aquele de quem desejam apoio.

– O senhor? Paul Dorci?

– Eu mesmo, seu amigo, seu auxílio e seu protetor.

⁹² Tinha-se antes: “De qual senhor eles dependiam.”

⁹³ Lia-se: “Sobre as terras do senhor Conde Dorci... é o mais amável senhor dessa província.”

⁹⁴ Antes lia-se no manuscrito “*pourrés-vous*”, o que é um erro óbvio.

– Oh! minha mãe... minha mãe, estamos salvas, exclamou a jovem Annette; estamos salvas, minha mãe, visto que tão honesto homem quer nos prometer seu apoio.

– Minhas senhoras, diz Paul, já é tarde; tenho um longo caminho a percorrer até chegar em casa. Eu as deixo e despeço-me dando-lhes a minha palavra de estar amanhã à noite em Rouen e de lhes enviar em poucos dias notícias concretas de minhas ações... Não digo mais nada, mas esperem toda a minha dedicação. Tome, Annette, a senhorita deve precisar de alguns fundos neste momento. Aqui, quinze luíses; guarde-os para sua família, comprometo-me a dispor de todas as despesas que o seu caso exigirá.

– Eh! Senhor, que bondade!... Minha mãe, como poderíamos ter esperado por isso? Deus todo-poderoso! Nunca tanta caridade manifestou-se na alma de um mortal! Senhor, senhor, continuava Annette, jogando-se aos pés de Paul, não! O senhor não é um homem, é a própria Divindade vinda à Terra para socorrer o infortúnio. Ah! o que podemos fazer pelo senhor? Ordene, senhor, ordene e permita-nos nos consagrar eternamente a seu serviço.

– Vou precisar de um favor agora mesmo, minha cara Annette, diz Paul... Eu me perdi; ignoro o caminho que devo tomar para retornar à minha casa; gostaria que me servisse de guia por uma ou duas léguas e terá saldado este benfeitor, que sua alma gentil e sensível dá mais valor do que possa merecer.”

Podemos imaginar facilmente como Annette correu para cumprir o desejo de seu benfeitor. Ela segue na frente, mostrando-lhe o trajeto, e louvando-o durante o caminho. Se ela para por um instante, é para banhar de lágrimas as mãos daquele que a protege, e Paul, nesta doce emoção que nos dá o encanto de ser amado, degusta uma amostra de felicidade celestial, e se acha um Deus sobre a Terra.

Oh! santa Humanidade, filha do Céu e rainha dos homens, deves tu permitir que uma fonte de remorsos e de mágoas seja a recompensa de teus adoradores, enquanto aqueles que te ultrajam, sem cessar, triunfam, insultando-te, sobre os escombros de teus altares?

A cerca de duas léguas da casa de Christophe, Paul reconheceu o caminho.

– “É tarde, minha pequena, diz à Annette, aqui já estou em terras conhecidas. Volte para casa, minha jovem, para não inquietar sua mãe. Continue a assegurá-la dos meus serviços e diga-lhe que me comprometo a somente retornar de Rouen com seu marido.”

Annette chorou quando teve que se despedir de Paul. Ela teria ido ao fim da Terra com ele... Ela pediu sua permissão para abraçar seus joelhos...

– “Não, Annette, eu é que deveria lhe abraçar, diz Paul, pressionando-a castamente em seus braços. Vá, minha jovem, continue a servir a seus pais e ao próximo. Seja sempre honesta, e as bênçãos do Céu nunca lhe abandonarão...”

Annette segurou as mãos de Paul; caiu em prantos. Seus soluços impediam-na de expressar aquilo que sua alma sensível enfrentava. O próprio Dorci, deveras emocionado, abraça uma última vez a moça, afasta-a delicadamente e vai embora.

Oh! testemunhas, do século que lerão estas páginas, vejam o império da virtude numa bela alma. Que este exemplo, se forem incapazes de imitá-lo, pelo menos toque o coração de vocês! Paul mal acabara de fazer 32 anos... estava em suas terras... estava no meio de uma floresta, tinha em seus braços uma jovem encantadora, cuja consideração o impedia... Ele verteu lágrimas sobre as desgraças dessa desafortunada criatura e cuidou apenas de socorrê-la.⁹⁵

Paul chega em casa⁹⁶ e organiza sua partida... Que efeito funesto do pressentimento é essa voz interior da natureza à qual o homem nunca deveria resistir!... Paul confessou a um de seus amigos que o esperava e a quem informou sua aventura que fora impossível se omitir, um movimento inexplicável que parecia lhe desaconselhar a se intrometer nesse assunto... Mas a caridade prevaleceu; nada sofreaka os encantos que sentia Dorci em fazer o bem, e por isso partiu.

Chegando em Rouen, Paul foi se encontrar com todos os juízes. Disse a todos que se oferecia como garantia para o desgraçado Christophe, se necessário, e que tinha certeza de sua inocência, e tão certo estava que ofereceria sua vida se quisessem, para salvar a do acusado.⁹⁷ Pediu para vê-lo e obteve a permissão. Dorci interrogou o preso e ficou tão satisfeito com suas respostas, tão convencido de que o homem era incapaz do crime que fora acusado, que declarou aos juízes que ele tomava abertamente a defesa desse bom homem. Declarou ainda que se, infelizmente, viessem a condená-lo, apelaria ao Conselho, faria relatos, que se espalhariam por toda a França, que cobririam de vergonha magistrados tão injustos a ponto de condenarem um infeliz certamente inocente.

Paul Dorci era conhecido em Rouen; e era adorado. Sua probidade, suas virtudes,⁹⁸ fez abrir os olhos de todos. Viu-se que haviam sido um tanto rápidos no processo desse Christophe.

⁹⁵ Este pudor do dito Conde de Dorci me faz lembrar de Jérôme Pétion. Este girondino se escondeu, estando proscrito em casa de duas lavadeiras “de fisionomia interessante”. Vestia-se diante delas; elas se vestiam diante dele. Eu experimentei, confesso, diz ele em suas Memórias, estes constrangimentos da decência, que, sem dúvida, elas sentiam ainda mais do que eu. Mas era fácil ver quanto a ação generosa, que elas faziam, afastava de suas almas aquelas ideias que poderiam perturbá-las. Elas não fizeram quaisquer dessas reflexões que apontam a delicadeza da circunstância. Eu não preciso dizer que eu não me permiti nenhum desses propósitos, nenhuma dessas brincadeiras que podem assustar o pudor mais severo. Admito até que eu ainda não experimentara nenhuma dessas sensações, nenhum desses desejos tão naturais que são involuntários no homem cuja natureza fez verdadeiramente um homem. Envergonharia a mim mesmo se eu tivesse sido tentado a abusar desta tocante hospitalidade. Eu era apenas um irmão entre irmãs” – (Memórias publicadas por Dauban; Plon, 1866, p. 132).

⁹⁶ O antigo texto traz “em casa dele” e, exageradamente, “no castelo”, que foi apagado e depois reinserido e mais uma vez removido permanentemente.

⁹⁷ Lê-se por baixo da rasura “do suposto culpado.”

⁹⁸ “Sua probidade, suas virtudes” substituí “seu nascimento, sua posição”, que estava na primeira redação.

Retomaram as instruções do processo. Paul pagara todas as novas taxas de informação e investigação; aos poucos uma única prova sequer condenando o acusado foi encontrada. Foi então que Paul mandou o irmão de Annette até sua mãe e sua irmã, com a recomendação de tranquilizá-la e para assegurar-lhes que em breve veriam em total liberdade aquele cuja desgraça lhes preocupava.

Tudo transcorria então da melhor maneira. Paul recebeu um bilhete anônimo contendo as poucas palavras em que lemos:

“Abandone imediatamente o caso que o senhor acompanha; renuncie a todas as perquisições sobre o assassino do homem da floresta. O senhor está cavando seu próprio abismo, em que será engolido... Como suas virtudes lhe custarão caro! Homem cruel, compadeço-me do senhor..., mas talvez não haja mais tempo. Adeus.”

Paul sentiu um sobressalto tão terrível à leitura desse bilhete que se sentiu desfalecer. Ao reunir o conteúdo deste bilhete fatal ao pressentimento que experimentara, percebeu que algo sinistro inevitavelmente o ameaçava. Permaneceu na cidade, e de mais nada se inteirou. – Oh! céus, tiveram razão em lhe avisar... Já não havia mais tempo, ele tinha feito muito; suas ações cruéis haviam sido bem-sucedidas por demais!

Às oito horas da manhã, o décimo quinto dia de sua chegada em Rouen, um dos juizes, de sua convivência, pediu para falar com ele e o abordou precipitadamente:

– “Parta, meu caro, parta agora mesmo, disse-lhe o magistrado, profundamente comovido. Você é o mais infeliz dos seres. Que sua infeliz aventura possa desaparecer da memória dos homens. Ah! se fosse possível achar injusta a Providência, certamente seria hoje esse dia.

– Você me assusta, senhor, explique-se, por piedade! O que está acontecendo comigo?

– Seu protegido é inocente, as portas serão abertas para ele, suas buscas permitiram encontrar o culpado... Neste momento mesmo, ele já está em nossas prisões. Não me pergunte mais nada.

– Fale senhor, fale, pois enfie o punhal no meu coração! O culpado?...

– É o seu irmão!

– Ele? Oh meu Deus!...”

E Dorci caiu petrificado. Passaram-se mais de duas horas sem ninguém conseguir fazê-lo voltar a si. Em seguida, ele recuperou a consciência nos braços desse amigo que, por razões de aliança, não fazia parte do grupo de juizes, e pôde, quando Paul reabriu os olhos, dizer-lhe, pelo menos, o seguinte:

“O homem morto era o rival de François. Ambos retornavam juntos de Aigle. Ao longo do caminho, algumas questões os levaram à discussão. François, furioso por não conseguir envolver seu inimigo em uma briga, vendo que ele era tão covarde quanto dissimulado, derrubou-o do cavalo em um acesso de raiva, e com o seu passou por cima da barriga dele. Desferido o golpe dado, François, vendo o seu adversário sem vida, perdera completamente a cabeça, e em vez de fugir, contentou-se em matar o cavalo do defunto, e de jogar o corpo em um charco, e de lá voltou audaciosamente para a pequena cidade onde vivia sua amante, e, ao partir, espalhou que se ausentaria por um mês. Ao revê-lo, perguntaram por notícias de seu rival. Segundo ele, somente viajaram juntos por não mais que uma hora; em seguida, cada um tomou um rumo diferente. Quando na cidade descobriram a morte de seu rival e a história do lenhador acusado de tê-lo assassinado, François escutara tudo sem se perturbar e espalhara o acontecido, como todos os demais. Os esforços secretos de Paul, todavia, tendo iniciado buscas mais precisas, todas as suspeitas recaíram sobre François. Fora impossível para ele se defender. Ele sequer tentou. Sendo capaz de certa vivacidade, mas não sendo feito para o crime, confessou tudo ao suboficial do preposto que viera lhe fazer algumas perguntas. Ele entregara e dissera que poderiam fazer dele tudo o que quisessem. Ignorando a parte que seu irmão tinha com tudo isso, e achando que ele estava bem tranquilo em sua casa,⁹⁹ onde pensava em se juntar a ele em breve, pediu por toda a graça, se fosse possível, que suas desgraças fossem escondidas de seu irmão, que ele adorava, e que este cruel acontecimento o empurraria ao túmulo. Com relação ao dinheiro subtraído do cadáver, fora roubado sem dúvida por alguns caçadores que cuidaram em não dizer nada. Estavam finalmente levando François para Rouen. Ele estava lá quando vieram tudo informar a Paul.

Este, um pouco recuperado do primeiro choque de seu desfalecimento, de tudo fizera, por si mesmo, e por meio de seus amigos, para salvar seu miserável irmão. Apiedaram-se dele, mas de nada adiantou. Fora-lhe recusada até a satisfação de abraçar esse infeliz amigo e, em um estado difícil de descrever, deixou Rouen no mesmo dia da execução do mortal, do universo que lhe fora o mais precioso e o mais sagrado, e que ele mesmo arrastara para o cadafalso. Retornou brevemente às suas terras, mas com o projeto de logo deixá-las para sempre.

Annette tomou conhecimento de qual vítima seria sacrificada no lugar da que fora objeto de seus apelos. Ela ousou, então, ir até à casa de Dorci¹⁰⁰ com seu pai. Ambos se atiram aos pés de seu benfeitor e batem com a testa no chão. Suplicam-no de fazer correr o seu próprio sangue em compensação daquele que Dorci verteu em nome deles. Se ele não quisesse fazer essa

⁹⁹ Onde se lê “Em sua casa”, lia-se antes “em seu castelo”.

¹⁰⁰ Onde se lê “na casa de Dorci”, lia-se “no castelo de Dorci.”

justiça, então imploravam-no que lhes permitisse usar o resto de seus dias para, ao menos, servi-lo gratuitamente¹⁰¹.

Paul, tão cauteloso no infortúnio como benevolente na prosperidade, mas cujo coração, endurecido pelo excesso de seus males, não pode mais como outrora abrir-se ao sentimento que lhe custou tão caro, ordenou ao lenhador e à sua filha que se retirassem. Desejou a ambos que desfrutassem tanto quanto possível de um benefício que dele arrancou para sempre a honra e o sossego. Os desgraçados não se atreveram a replicar; e foram embora.

Paul deixou em vida seus bens aos seus herdeiros mais próximos, com a exceção de uma simples pensão de mil escudos que ele desfrutaria em um retiro impenetrável aos olhos dos homens, onde morreria após quinze anos de uma vida sombria e triste, em que todos os momentos foram marcados por atos de desespero e misantropia.

¹⁰¹ Onde se lê “Para lhe servir gratuitamente.”, lia-se “a seu serviço”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguém certamente perguntará: Como seria o Marquês de Sade se vivesse nos nossos dias? Eu respondo que o Marquês de Sade está vivo, e a cada instante vomita fogo sobre nós. Está vivo à nossa espera ali na esquina. Quando não, na livraria mais próxima.

(Segunda orelha da edição de *A filosofia da alcova*, de 1969, da Coordenada Editora de Brasília)

Por meio do estudo da obra de Sade, tanto na França quanto no Brasil, é possível perceber o fascínio causado pelo Marquês em seus estudiosos e leitores. Sade sempre conseguiu causar o efeito que esperava por meio de sua obra, o efeito de estimular os sentidos mais insólitos da existência humana e nos fazer refletir a respeito deles. Sade nada mais é que o resultado de seu meio, uma sociedade galgada em hipocrisia e em falsos valores, os quais fez questão de evidenciar em sua escrita.

A obra sadiana, por natureza múltipla, apresenta argumentos, posições filosóficas e pontos de vista sobre o mundo dos mais diversos. A pluralidade torna o texto sadiano de difícil estudo, mas, ao mesmo tempo, muito prazeroso e esclarecedor (CASTO, 2015). O pensamento sadiano não é nem preciso, nem coerente, sendo, por isso, um fato bastante difundido entre seus estudiosos a impossibilidade de se estabelecer um “sistema filosófico” acerca de seu pensamento. É na diversidade e na não homogeneidade que Sade encontra uma forma de causar desconforto e conflito em seus leitores, uma forma de incitá-los a pensar criticamente a respeito do que se lê.

A obra sadiana é, portanto, a fusão entre filosofia e literatura, visto que expressa seu pensamento filosófico por meio de sua escrita literária e não por tratados formais de filosofia. Além disso, a obra sadiana não pode ser considerada uma obra filosófica por não existir nela um sistema filosófico explícito, mas múltiplos sistemas que se contradizem ou se complementam.

A escrita sadiana evidencia a interpretação de Sade sobre o momento vivido por ele, mas é como se seus personagens tivessem vida e opinião próprias. Os personagens sadianos, apresentados detalhadamente, e, em geral um sendo a antítese do outro – por exemplo, Justine e Juliette e os irmãos Dorci –, têm sempre suas paixões, seus preconceitos e seus argumentos revelados em tom de confissão ao leitor.

Sade apresenta o lado obscuro da sociedade e aceita a natureza humana da forma como ela é. Acredita, por exemplo, que a Igreja e o Estado são a pura representação da hipocrisia e que a virtude não passa de um chamariz de coisas ruins. Ao mesmo tempo, ao não acreditar na estrutura social do Estado, característica do pensamento anarquista, pode-se observar que Sade apresenta-se como um totalitário na construção de seus personagens, defendendo a lei do mais forte, característica do pensamento maquiavélico. Busca testar os limites da racionalidade humana e incitar sentimentos primitivos no leitor, tendo por objetivo a reflexão, por parte do leitor, dos limites da condição humana.

Sade foi e ainda é um escritor e pensador à frente do seu tempo. Conforme relatado no processo sofrido por Jean-Jacques Pauvert, em 1956, devido à publicação das obras de Sade na

França, o Marquês é um escritor feito para um “público restrito de espíritos prevenidos” (MORAES, 2011, p. 149), fato que poderia justificar o quase “desaparecimento” das obras de Sade até o início do século XX, quando foi “redescoberto” por Guillaume Apollinaire. Contudo, é com os estudos de Gilbert Lely, Jean-Jacques Pauvert e Maurice Heine que a obra sadiana passa por um processo de reapropriação em sua terra natal. A visibilidade da literatura sadiana só foi possível graças ao trabalho desses pesquisadores, que não pouparam esforços e dedicaram suas vidas à obra do Marquês.

Por entendermos a importância da obra sadiana frente à literatura francesa do século XVIII, seu reaflorescimento no início do século XX na França e pela curiosidade em identificar o processo de apropriação e reconhecimento por vias da tradução no Brasil, buscamos, nesta pesquisa, realizar o levantamento acerca das obras traduzidas de Sade, para o português do Brasil (Capítulo 1), além de identificar e analisar os paratextos das traduções brasileiras fundamentadas em uma obra específica, *Historiettes, Contes et Fabliaux* (Capítulo 2), e, por fim, apresentar os três contos ainda não traduzidos no Brasil presentes em *Historiettes, Contes et Fabliaux*, com a proposta de nossa tradução para um desses textos, a saber, *Dorci* (Capítulo 3).

Durante o processo de levantamento de dados para esta pesquisa, pudemos detectar diversas peculiaridades do Marquês de Sade, talvez influenciadas pela visão transgressora dos surrealistas franceses do início do século XX. Podemos perceber as várias faces de Sade também por meio das diversas traduções presentes no mercado editorial brasileiro. Ficou claro também, durante o processo de coleta de dados, a importância da retradução, não só como meio de canonizar um texto, mas também como uma maneira possível de se recuperar e trazer à baila escritores como Sade em sua total pungência.

Como foi possível constatar, os tradutores de Sade no Brasil, em sua grande maioria, são tradutores extremamente especializados, não só no tocante ao nível linguístico, mas também em questões históricas e literárias. Fica claro que boa parte da má interpretação ou interpretação rasa sofrida por Sade e por sua obra, desde suas primeiras traduções no Brasil, se deve à manipulação do mercado editorial brasileiro às obras do Marquês. Característica essa diferente nos dias de hoje, graças às edições extremamente bem trabalhadas e bem pesquisadas, como as edições produzidas pela editora Iluminuras, a responsável pelas traduções mais recentes de Sade.

Sade continua a nos surpreender sempre, seu pensamento e sua obra são atemporais, continuando a nos chocar constantemente. O processo de estudá-lo e traduzi-lo também é um processo de autoconhecimento por parte do tradutor-pesquisador, pois este estará sempre diante

de seus próprios limites éticos e morais. E talvez daí venha o fascínio que não somente a obra, mas também a figura de Sade, nos causa ainda atualmente por ser um dos poucos autores a desvelar a natureza humana de modo a causar inquietações.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA TEÓRICA

AIXELÁ, Javier Franco. Itens culturais-específicos em tradução. *In-Traduções*, Florianópolis, v. 5, n. 8, p. 185-218, 2013. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/viewFile/2119/299>>.

Acesso em: 25 maio 2016. Traduzido por: Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2003.

APOLLINAIRE, Guillaume ; SADE, Donatien Alphonse François de. *L'oeuvre du Marquis de Sade : Zoloé, Justine, Juliette, la Philosophie dans le boudoir, Oxtiern ou Les malheurs du libertinage : pages choisies, comprenant des morceaux inédits... / introd., essai bibliographique et notes par Guillaume Apollinaire*. Paris : Bibliothèque des curieux, 1909. <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049472x>> Acesso em : 20 de setembro de 2014.

AUBRON, Hervé. *Sade: le dossier*. França. *Le Magazine Littéraire*, p. 64-98, 2014.

BEUCHOT, Pierre. & PAUVERT, Jean-Jacques. *Sade en procès*. Turin: Éditions Mille et une nuits, 1999.

CAMPA, Laurence. *Apollinaire et Sade. Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises*. PERSEE, 1995. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief_0571-5865_1995_num_47_1_1884>. Acesso em: 15 jan. 2016.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASTRO, Carla Carnicero. *Os libertinos de Juliette e a libertina de Sade*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

_____. *Os libertinos de Sade*. São Paulo: Iluminuras, 2015.

CREPAX, Guido. *A história de "O"*. Porto Alegre: L&PM, 2013. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=.%2Flivros%2Flayout_produto.asp&CategoriaID=645528&ID=606080>. Acesso: 20 de maio 2016.

CAZENOVE, Pavel. *Sade, pornographe*. In: BOULANGER, P.-P. et al. *Traduire le texte érotique*. Montréal: Université du Québec à Montreal, 2013. P. 197-237.

DIDIER, Beatrice. Sade et le dialogue philosophique. *Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises*. PERSEE, 1972. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief_0571-5865_1972_num_24_1_1000>. Acesso em: 12 jan. 2016.

EICHEL-LOJKINE, Patricia. Lire le récit bref. In: EICHEL-LOJKINE, Patricia (Dir.). Lire le récit bref. *Publize, Revue de Critique Littéraire*, Le Mans, França, v. 2, 2012. Disponível em: <<http://publize.univ-lemans.fr/publijetest/index.php?id=326>>. Acesso: maio 2016.

ESCARPIT, Robert. *Historia de la literatura francesa*. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

EVEN-ZOHAR, I. Teoria dos polissistemas. *Revista Translatio*, Porto Alegre, n. 5, p. 1-21, 2013. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/42899>>. Acesso em: fev. 2016.

GARÇON, Maurice. *L’Affaire Sade*. Paris, Jean-Jacques Pauvert Editeur, 1963.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editorais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

HARRISON, Nicholas, In: JONES, Derek. *Censorship: A World Encyclopedia*. New York, NY, 2015. v.1-4. p. 2124-2125.

HÉNAFF, Marcel. *Les âges de la lecture sadienne*. RIDS (København). København: Romansk institut Købehavnsuniversitet, 1979.

LELY, Gilbert. *Vie du marquis de Sade*. Paris: Mercure de France, 2004.

LE MONDE HORS-SÉRIE: *Le Monde*, n. 24, nov. 2014/jan. 2015. 122p.

LE POINT HORS-SÉRIE - LE MAÎTRE-PENSEURS: *Le Point*, n. 17, out.-nov. 2014. 106p.

LIVRARIA DA FOLHA. Editora reedita ‘O Marido Complacente’, do marquês de Sade. São Paulo: *Folha de S.Paulo*, 12 jan. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/01/1573942-editora-reedita-o-marido-complacente-do-marques-de-sade.shtml>>. Acesso: maio 2016.

MACHADO, Ivan Pinheiro. 50. Quando a L&PM foi parar no “Olho da Rua”. 18 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.lpm-blog.com.br/?tag=rebeldes-e-malditos>>. Acesso: maio 2016.

MATOS, Franklin de. *O filósofo e o comediante: ensaios sobre literatura e filosofia na Ilustração*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 267p. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=GhSTCQcyAacC&lpg=PA97&dq=a%20inexistencia%20de%20fronteiras%20precisas%20entre%20filosofia%20e%20a%20literatura%20um%20dos%20tra%C3%A7os%20mais%20fascina%20do%20pensamento%20do%20s%C3%A9culo%20xviii&hl=pt-BR&pg=PP1#](https://books.google.com.br/books?id=GhSTCQcyAacC&lpg=PA97&dq=a%20inexistencia%20de%20fronteiras%20precisas%20entre%20filosofia%20e%20a%20literatura%20um%20dos%20tra%C3%A7os%20mais%20fascina%20do%20pensamento%20do%20s%C3%A9culo%20xviii&hl=pt-BR&pg=PP1#>)>. Acesso em: fev. 2016.

MORAES, Eliane Robert. *Marquês de Sade: um libertino no salão dos filósofos*. São Paulo: EDUC, 1992.

_____. *Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2011

NATURAL DE LISBOA. *Diccionario universal das moedas assim metallicas como ficticias, imaginarias, ou de conta, e das de fructos, conchas, &c. que se conhecem na Europa, Asia, Africa e America a que se ajunta huma noticia das moedas dos judeos, gregos e romanos, e dois mappas dos pèzos das principaes cidades de commercio, das medidas d'extensão reduzidas*

a palmas, covados, e varas, e das de capacidade, assim para secos como para molhados. Lisboa: Na Off. De Simão Thaddeo Ferreira, 1793.

OLIVEIRA, Hilton T. *O Marquês de Sade no Brasil nos anos 1960: o mercado editorial.* Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária – aspectos e problemas da arte de traduzir.* São Paulo: Ática, 1990.

PAUVERT, Jean-Jacques. *Sade vivant.* Paris: Le Tripode, 2013.

PEIXOTO, F. *Sade, vida e obra.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

REIMÃO, Sandra. Proíbo a publicação e circulação – censura a livros na ditadura militar. *Estudos avançados*, v. 28, n. 80, p. 75-90, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100008>. Acesso em: fev. 2016.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários.* 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. 447p.

RISTERUCCI-ROUDNICKY, Danielle. *Introduction à l'analyse des œuvres traduites.* Paris: Armand Colin, 2008. 229p.

SÁ, Daniel Serravalle de. *O Marquês de Sade e o romance filosófico do século XVIII.* Eutomia (Recife), v. 1, p. 362-377, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/1948>> Acesso em: 20 de janeiro de 2016

SADE; SEAVER, Richard; PAULHAN, Jean; BLANCHOT, Maurice; WAINHOUSE, Austryn. *The Marquis De Sade: The Complete Justine, Philosophy in the Bedroom, and Other Writings.* Traduzido por Richard Seaver e Austryn Waynhouse. Nova Iorque: Grove Press, 1965.

SILVEIRA, Éder. *Oswald de Andrade e Paulo Hecker Filho: Correspondência.* Tabuleiro de Letras. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Nº 5, dezembro de 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/viewFile/184/160>> Acesso em: 23 de maio de 2016

TRAHAN, Michaël. *La postérité du scandale petite histoire de la réception critique de Sade dans la première moitié du XXe siècle français.* Montréal: Université du Québec à Montréal, 2011. Disponível em: <http://www.archipel.uqam.ca/4316/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário.* Paratextos e discurso de acompanhamento. Tradução do francês de Marlova Aseff e Eleonora Castelli. Tubarão, SC: Copiart, 2011. v 1.

VERSIGNASSI, Alexandre. *O melhor da Super (1987-2012).* São Paulo: Abril, 2013, 320p. Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=ZaJcBAAAQBAJ&lpg=PT225&ots=E7cyOVojnO&dq=erro%20de%20tradu%C3%A7%C3%A3o%20s%C3%A3o%20jer%C3%B4nimo%20moises&hl=pt-BR&pg=PT225#v=onepage&q=chifre&f=false>>. Acesso: maio 2016.

CORPUS LITERÁRIO DAS OBRAS DE SADE NO BRASIL

BEAUVOIR, Simone de; SADE, Marquês de. *Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

MORAES, Eliane Robert; SADE, Donatien Alphonse François de. *Marquês de Sade: um libertino no salão dos filósofos*. São Paulo: EDUC, 1992.

SADE marquis de. *Historiettes, contes et fabliaux*: publiés sur le texte authentique de la Société du roman philosophique. Paris: Simon Kra, 1927a.

_____. *Historiettes, Contes et Fabliaux*. Organizado por Maurice Heine. Paris: S. Kra, 1927b. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6539038g/f1.item>>. Acesso: maio 2016.

_____. *Zoloé e suas duas amantes*. Tradução de Maria José Fialho Londres. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editôra, 1968a.

_____. *Justine ou os infortúnios da virtude*. Tradução de D. Accioly. Rio de Janeiro: Saga, 1968b.

_____. *A filosofia na alcova ou escola de libertinagem*. 3. ed. Tradução de Aloísio Costa. Brasília: Coordenada Editora de Brasília, 1969a.

_____. *Aline e Valcour*. Tradução de Rubem Rocha Filho. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1969b.

_____. *O livro negro do amor ou a sensualidade ao alcance de todos*. São Paulo: HEMUS, 1969c.

_____. *Os 120 dias de Sodoma*. Tradução de João M. P. de Albuquerque. São Paulo: HEMUS, 1969d.

_____. *Os crimes do amor*. Traduzido por: Regina Richards e Lino Tavares. Brasília, DF: Coordenada, 1970.

_____. *Historiettes, contes et fabliaux, Dorci, Séide*. Paris: Jean-Jacques, 1971.

_____. *A divina marquesa*. Traduzido por: Aluísio F. Ciano. São Paulo: Golfinho, 1975.

_____. *A filosofia na alcova, ou os preceptores imorais*. Traduzido por R.G. São Paulo: Gama, 1980a.

_____. *Escola de libertinagem*. Traduzido por Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro: Esquina, 1980b.

_____. *O marido complacente: historietas, contos e exemplos*. Traduzido por Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. *A filosofia na alcova*. Traduzido por Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Círculo do Livro, 1988a.

_____. *Cirando dos libertinos*. Traduzido por Luiz Augusto Contador Borges. São Paulo: Max Limonad, 1988b.

_____. *Justine: os sofrimentos da virtude*. Traduzido por Gilda Stuart. São Paulo: Círculo do Livro, 1989c.

_____. *Os crimes do amor e a arte de escrever ao gosto do público*. Traduzido por Magnólia Costa Santos. Porto Alegre: L&PM, 1991.

_____. *Contos libertinos*. Traduzido por Plínio Augusto Coêlho e Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Imaginário, 1992.

_____. *A filosofia na alcova*. Traduzido por Aloísio Costa. Brasília: Thesaurus, 1995a.

_____. *A filosofia na alcova*. Salvador: Ágalma, 1995b.

_____. *A filosofia na alcova*. Traduzido por Luiz Augusto Contador Borges São Paulo: Iluminuras, 1995c.

_____. *Discursos ímpios*. Traduzido por Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 1998a.

_____. *O marido complacente: historietas, contos e exemplos*. Traduzido por Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 1998b.

_____. *O presidente ludibriado*. Traduzido por Sérgio Coelho. Rio de Janeiro: Scrinium, 1999.

_____. *Os crimes do amor*. Traduzido por Magnólia Costa Santos. Porto Alegre: L&PM, 2000.

_____. *Diálogo entre um padre e um moribundo*. Traduzido por Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2001a.

_____. *Os crimes do amor e a arte de escrever ao gosto do público*. Traduzido por Magnólia Costa Santos. Porto Alegre: L&PM, 2001b.

_____. *O marido complacente: historietas, contos e exemplos*. Traduzido por Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. *A filosofia na alcova*. Traduzido por Luiz Augusto Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2003a.

_____. *Historiettes, contes et fabliaux*. [online]. França: Édition du groupe Ebooks libres et gratuits, 24 de agosto de 2003b. Disponível em: <URL: <http://www.ebooksgratuits.com/>>. Acesso em: set. 2013.

_____. *Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem*. Tradução de Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *Cartas de Vincennes: um libertino na prisão*. Traduzido por Gabriel Giannattasio. Londrina, PR: Eduel, 2009a.

_____. *O corno de si próprio e outros contos*. Traduzido por Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2009b.

_____. *Os infortúnios da virtude*. Traduzido por Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2009c.

_____. *Franceses, mais um esforço se quiserdes ser republicados*. Traduzido por Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

_____. *O corno de si mesmo & outras historietas*. Traduzido por Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 2012a.

_____. *Os crimes do amor*. Traduzido por Magnólia Costa Santos. Porto Alegre: L&PM, 2012b.

_____. *A filosofia na alcova*. Traduzido por Luiz Augusto Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2013a.

_____. *Diálogo entre um padre e um moribundo*. Traduzido por Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2013b.

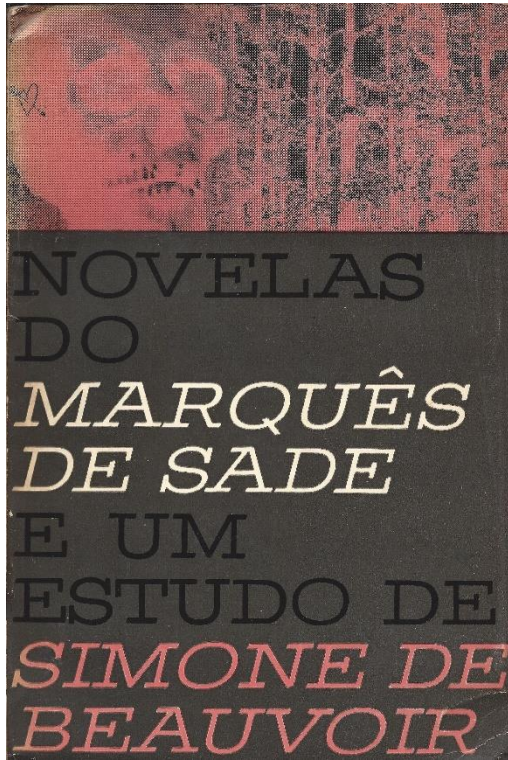
_____. *120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem*. Traduzido por Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2014.

_____. *A filosofia na alcova*. Edição privada e fora do comércio, [S.l.: s.n.]

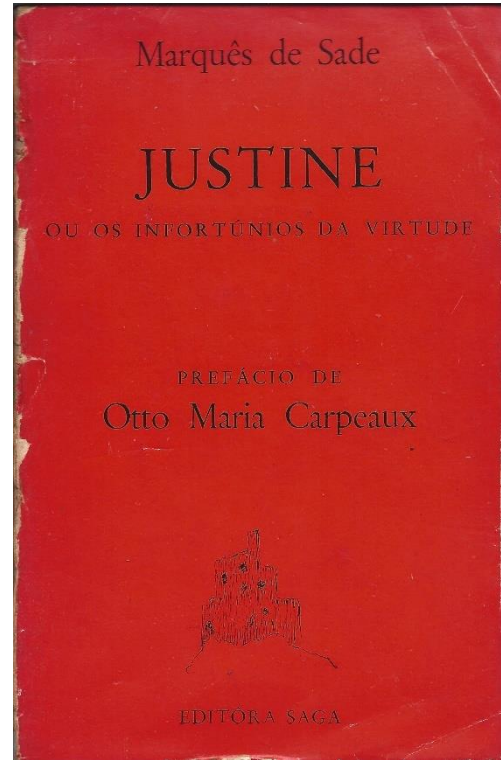
APÊNDICE 01

**CATÁLOGO SINTÉTICO DAS OBRAS DE SADE
PUBLICADAS NO BRASIL ENTRE 1900 E 2016**

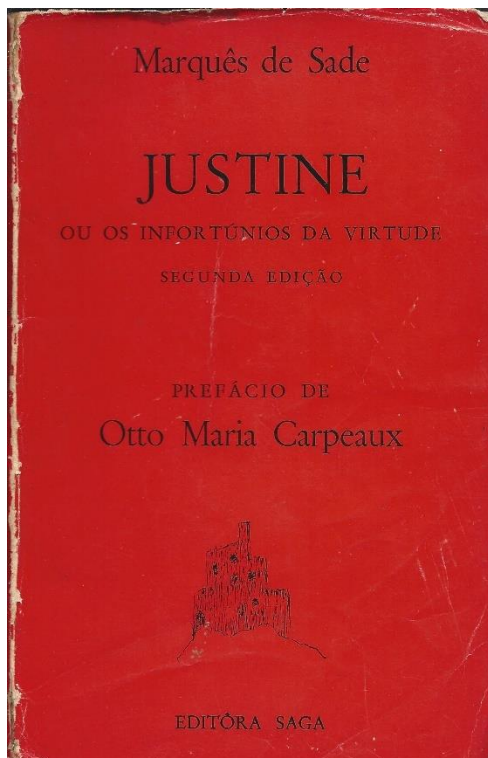
BEAUVOIR, Simone; SADE, Marques de. *Novelas do Marquês de Sade e um estudo de Simone de Beauvoir*. Tradução de Augusto de Sousa. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.



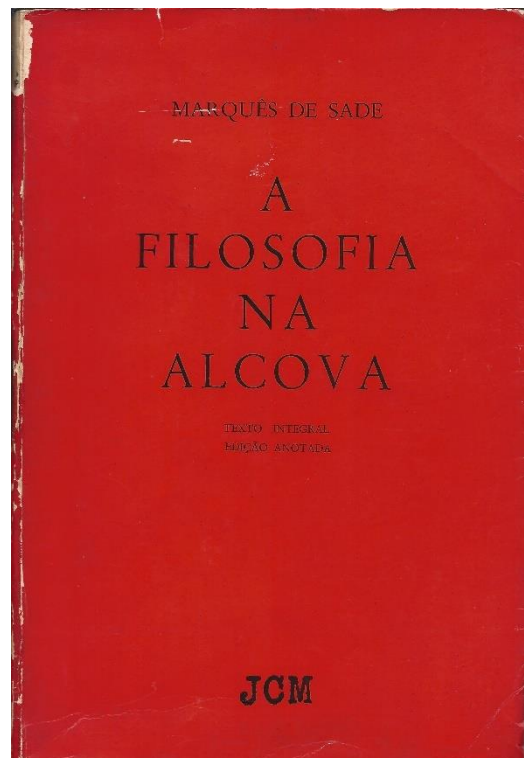
SADE, Marques de. *Justine ou os infortúnios da virtude*. 1ªed. Tradução de D. Accioly. Rio de Janeiro: Saga, 1967.



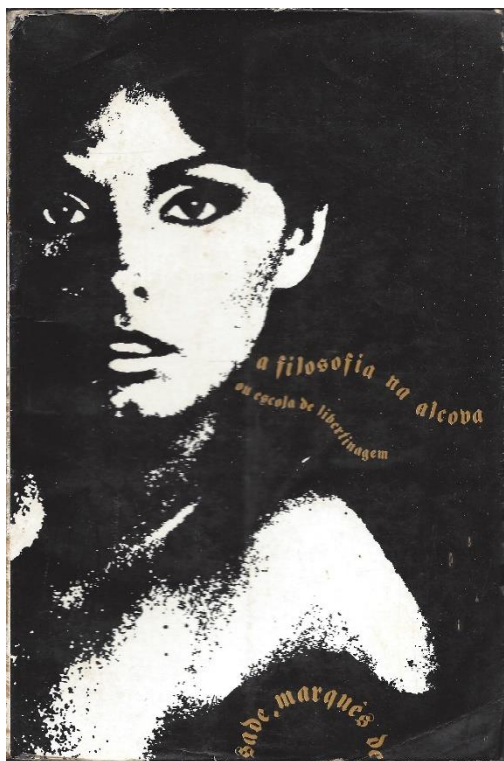
SADE, Marques de. *Justine ou os infortúnios da virtude*. 2ªed. Tradução de D. Accioly. Rio de Janeiro: Saga, 1968.



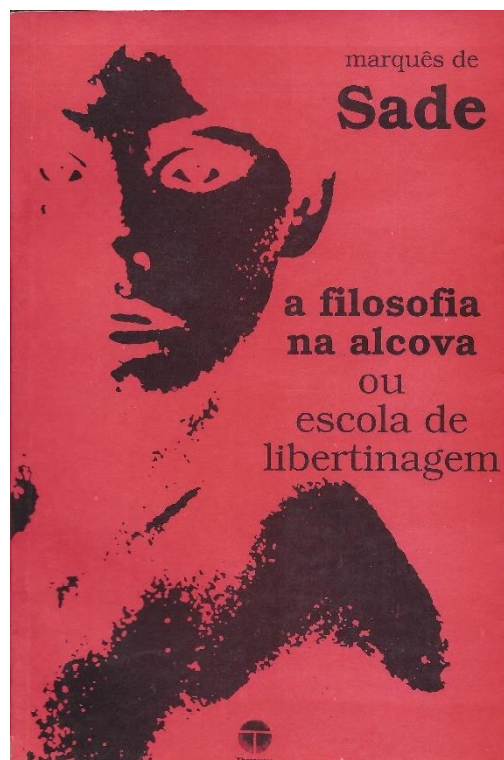
SADE, Marques de. *A filosofia na alcova*. Tradução de Martha A. Haecker. Rio de Janeiro: JCM Editôres, 1968.



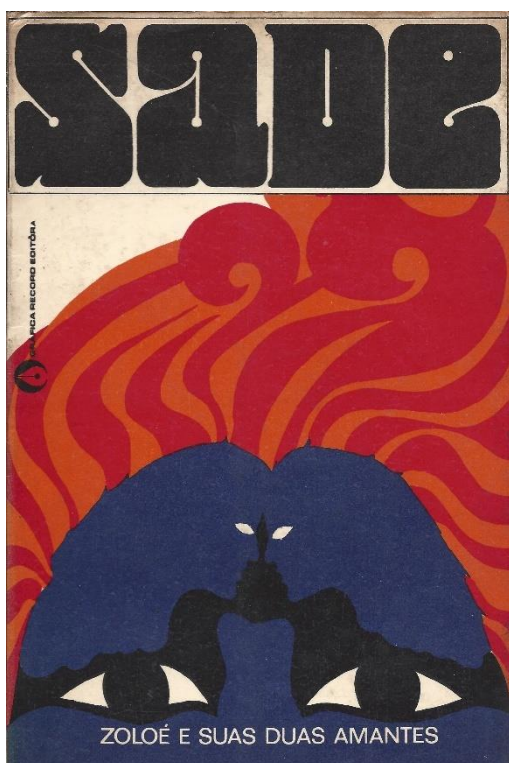
SADE, Marques de. *A filosofia na alcova ou Escola de Libertinagem*. Tradução de Aloísio Costa. Brasília: Coordenada editora de Brasília, 1968.



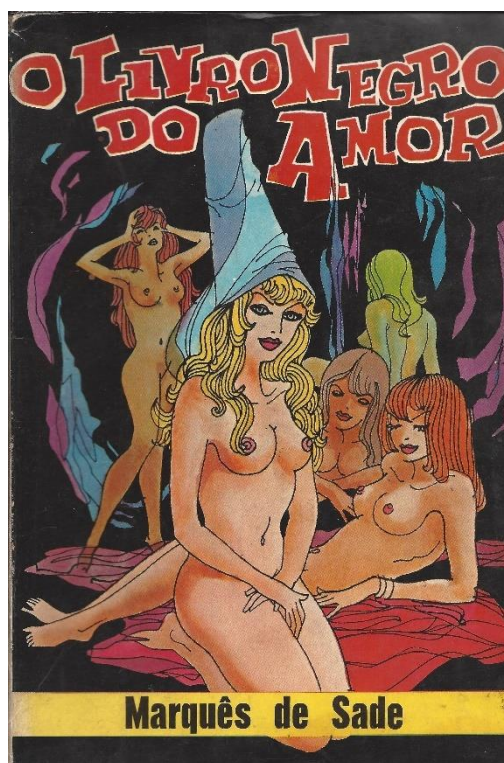
SADE, Marques de. *A filosofia na alcova ou Escola de Libertinagem*. Tradução de Aloísio Costa. Brasília: Thesaurus, 1990~1995.



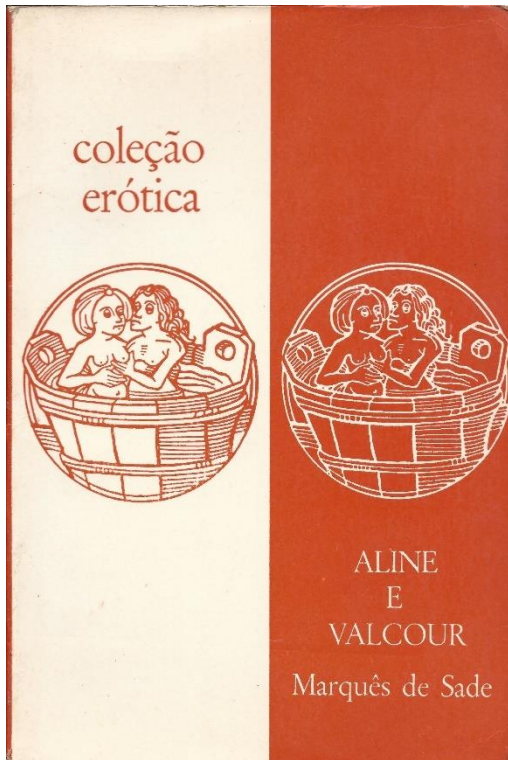
SADE, Marques de. *Zoloé e suas duas amantes*. Tradução de Maria José Fialho Londres. Rio de Janeiro: Gráfica Record editôra, 1968.



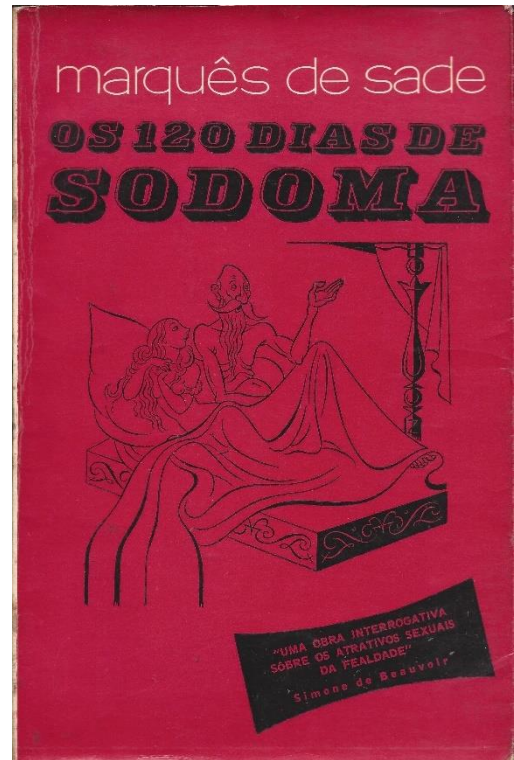
SADE, Marques de. *O livro negro do amor*. Tradutor não informado. São Paulo: Hemus, 1969.



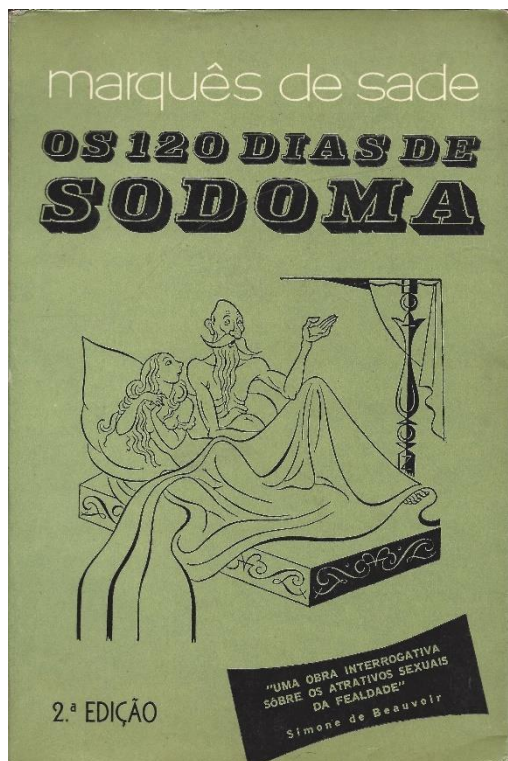
SADE, Marques de. *Aline e Valcour*. Tradução de Rubem Rocha Filho. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1969.



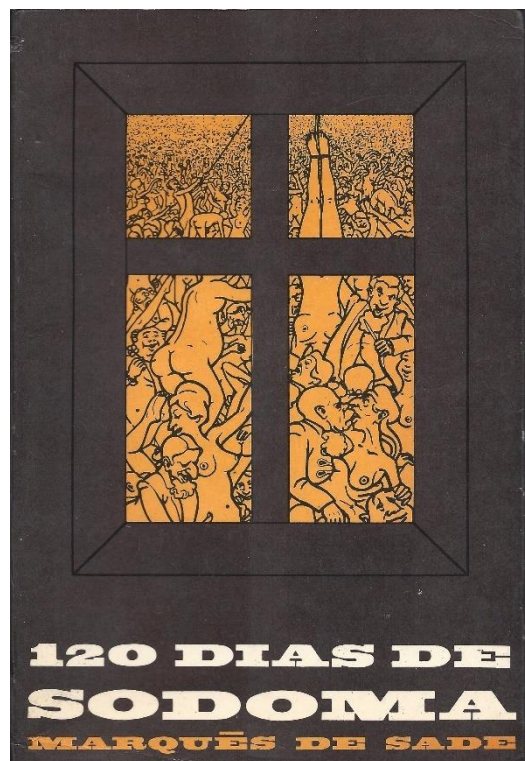
SADE, Marques de. *Os 120 dias de Sodoma*. 1ªed. Tradução de João M. P. de Albuquerque. São Paulo: Hemus, 1969.



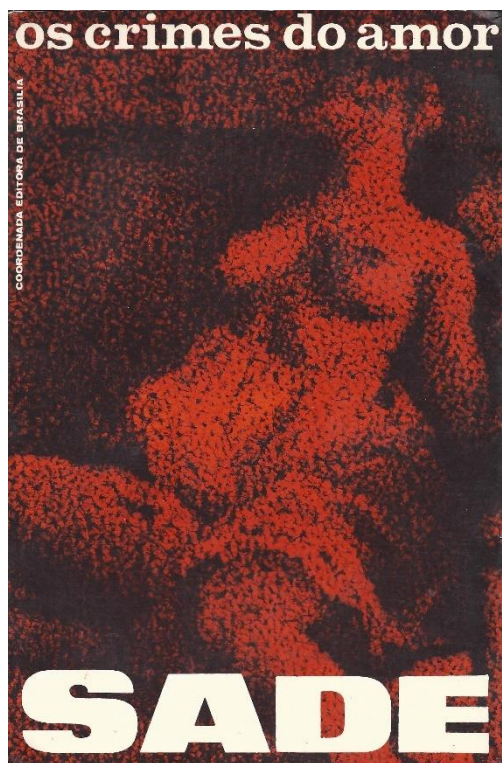
SADE, Marques de. *Os 120 dias de Sodoma*. 2ªed. Tradução de João M. P. de Albuquerque. São Paulo: Hemus, 1969.



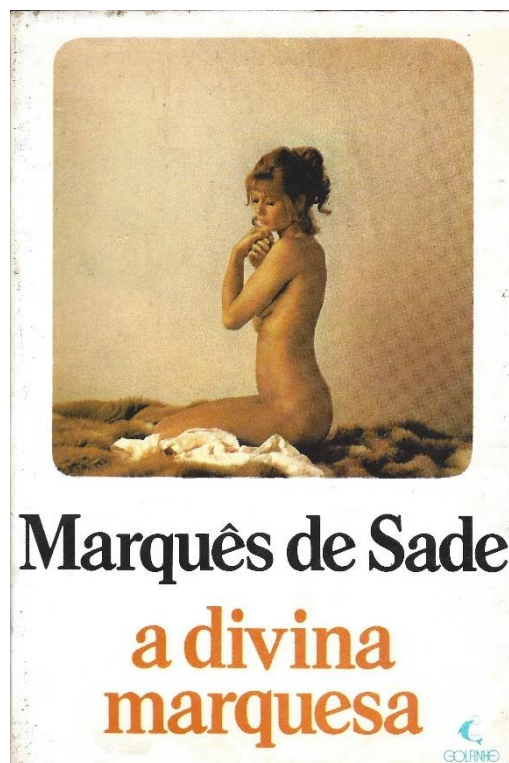
SADE, Marques de. *120 dias de Sodoma*. Tradução de Regis Ricardo. Brasília: Coordenada editôra de Brasília, 1969.



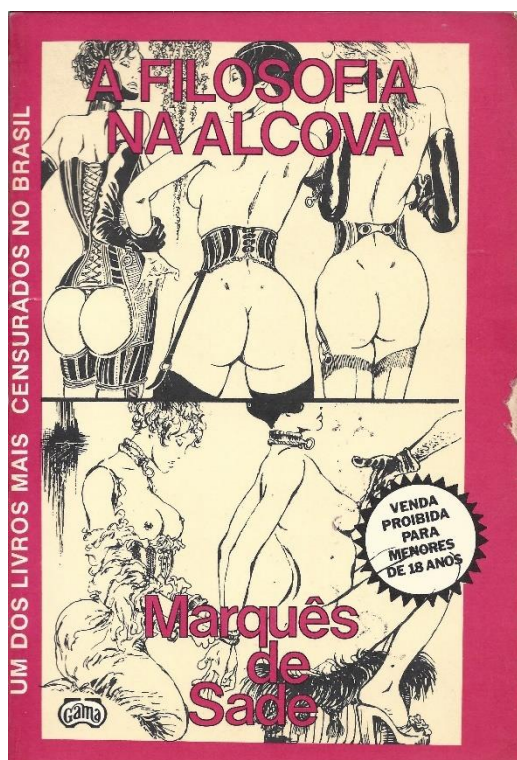
SADE, Marques de. *Os crimes do amor*. Tradução de Regina Richard e Lino Tavares. Brasília: Coordenada editôra de Brasília, 1970.



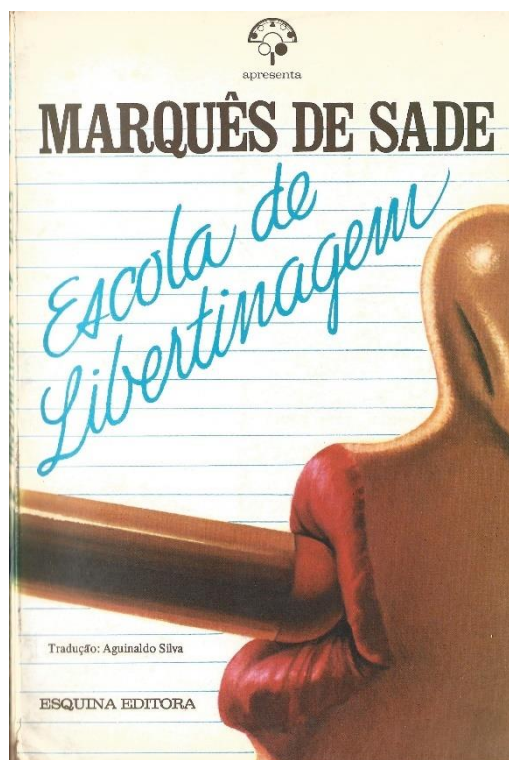
SADE, Marques de. *A divina marquesa*. Tradução de Aluísio F. Ciano. São Paulo: Golfinho, 1975.



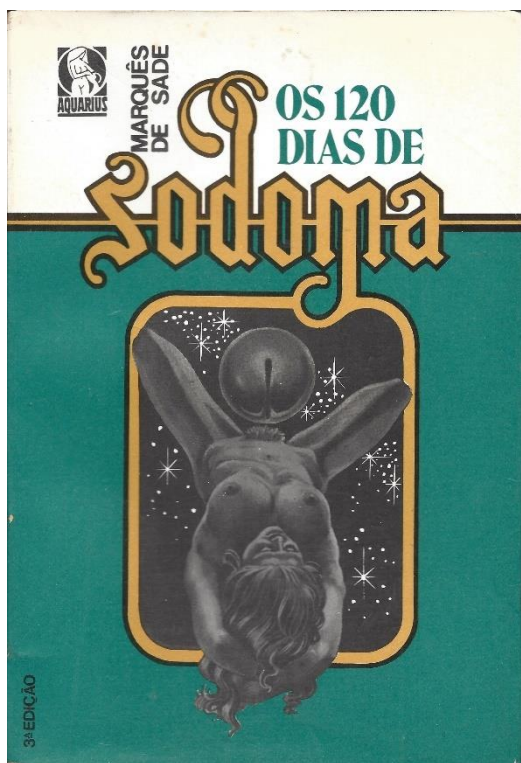
SADE, Marques de. *A filosofia na alcova ou Os preceptores imorais*. Tradução de R.G. São Paulo: Gama, 1980.



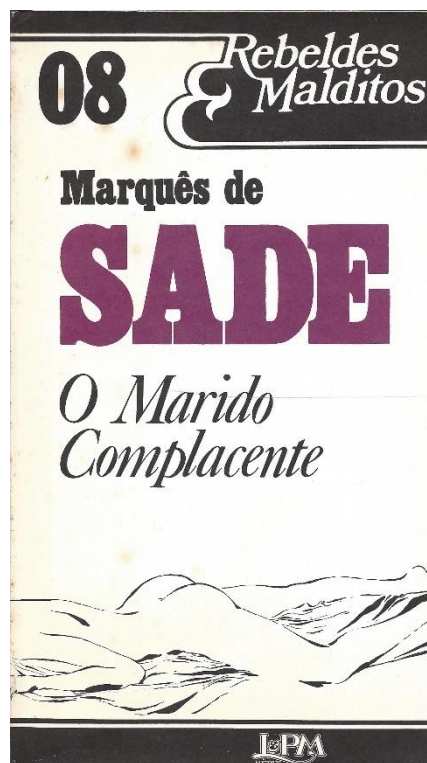
SADE, Marques de. *Escola de libertinagem*. Tradução de Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro: Esquina editora, 1980.



SADE, Marques de. *Os 120 dias de Sodoma*. 3ªed. Tradução de João M. P. de Albuquerque. São Paulo: Aquarius, 1980.



SADE, Marques de. *O marido complacente – historietas, contos e exemplos*. Tradução de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.



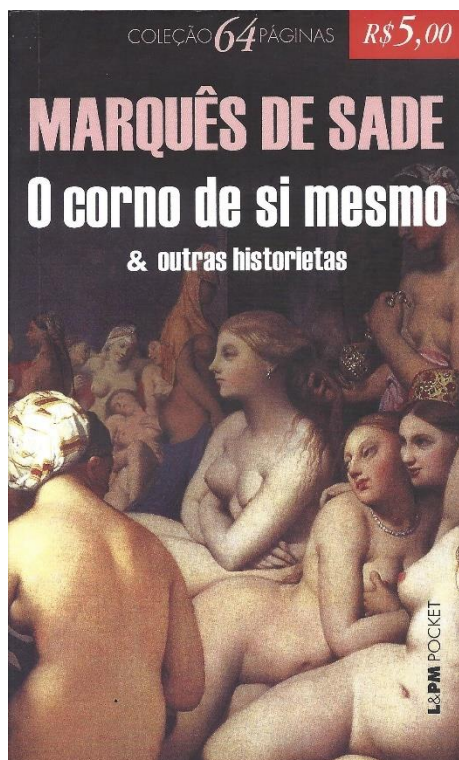
SADE, Marques de. *O marido complacente – historietas, contos e exemplos*. Tradução de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.



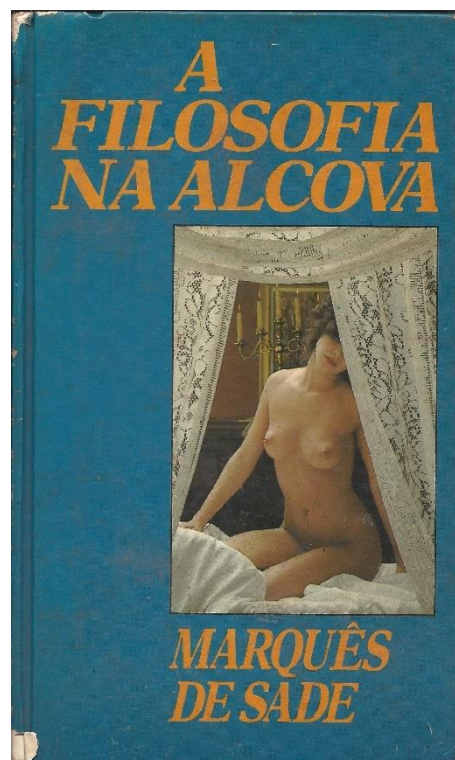
SADE, Marques de. *O marido complacente – historietas, contos e exemplos*. Tradução de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.



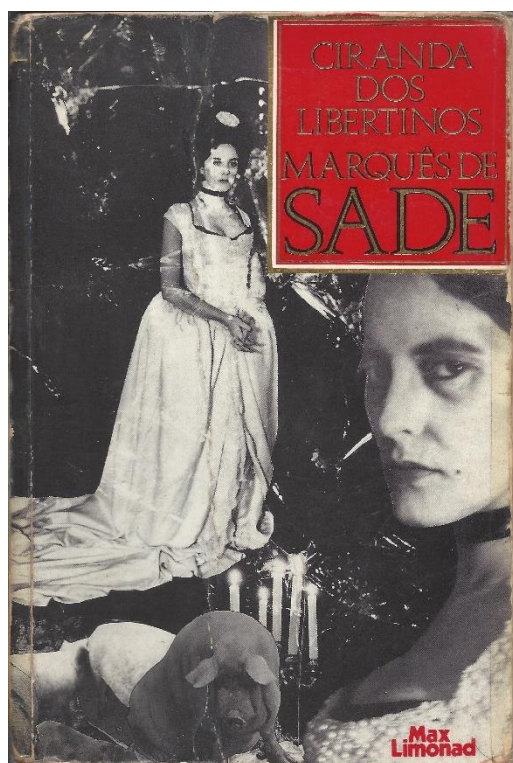
SADE, Marques de. *O corno de si mesmo & outras historietas*. Tradução de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.



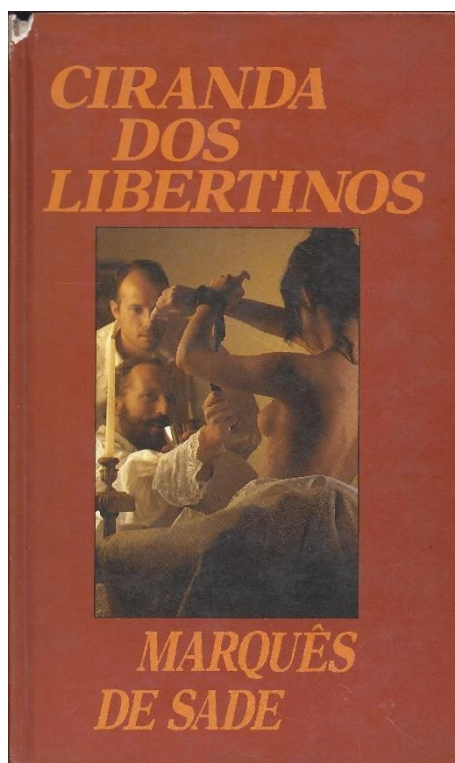
SADE, Marques de. *A filosofia na alcova (Os preceptores imorais)*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Círculo do livro, 1988.



SADE, Marques de. *Ciranda dos libertinos*. Tradução de Luiz Augusto Contador Borges. São Paulo: Max Limonad, 1988.



SADE, Marques de. *Ciranda dos libertinos*. Tradução de Luiz Augusto Contador Borges. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.



ANEXO 01

**REPERTÓRIO DE EDIÇÕES ORIGINAIS DE SADE –
(LELY, 2004, p.672-681)**

*Répertoire
des éditions originales
du marquis de Sade.*

SECTION I.

ORIGINALES DU VIVANT DE L'AUTEUR.

A. — Ouvrages littéraires.

1. *Justine, ou les Malheurs de la vertu. En Hollande. Chez les Libraires associés [Paris, Girouard], 1791. 2 vol. in-8° de 283 et 191 pp. Frontispice de Chéry, gravé par Carrée¹.*
2. *Aline et Valcour, ou le Roman philosophique. Ecrit à la Bastille un an avant la Révolution de France. Orné de quatorze gravures. Par le citoyen S***. A Paris, chez Girouard, libraire, rue du Bout-du-Monde, n° 47, 1793 [1795]. 8 vol., in-18 ; pagination ininterrompue de deux en deux vol. formant par couples 4 tomes de XIV-315, 503, 575 et 374 pp.².*
3. *La Philosophie dans le boudoir. Ouvrage posthume de l'Auteur de Justine. A Londres, aux dépens de la Compagnie, M.DCC.XCV. 2 vol. in-18 de 180 et 214 pp. Frontispice allégorique et quatre gravures érotiques.*
4. *La Nouvelle Justine, ou les Malheurs de la vertu. Ouvrage orné d'un frontispice et de quarante sujets gravés avec soin. En Hollande, 1797. 4 vol. in-18 de viij-347, 351, 356 et 366 pp. — Suivent 6 vol. dont le titre devient :*
5. *La Nouvelle Justine, ou les Malheurs de la vertu. Suivie de l'Histoire de Juliette, sa sœur [ou les Prospérités du vice]. Ouvrage orné d'un*

1. Il existe également, sous le millésime de 1791, une édition de *Justine* en 2 vol. in-12 de 337 et 228 pp. Le frontispice de Chéry, gravé par Texter, est réduit, et le jeune homme représentant la Luxure est à droite de la Vertu, alors qu'il y figure à gauche dans l'édition in-8°.

2. Au sujet des trois éditions apparentes d'*Aline et Valcour* provenant d'un seul tirage et qui ne diffèrent entre elles que par le contenu des pages de titre et le nombre des gravures, voir plus haut, chap. XVI, § 3.

Répertoire des éditions originales.

673

- frontispice et de cent sujets gravés avec soin. En Hollande, 1797. 6 vol. in-18 de 371, 360, 357, 371, 370 et 352 pp.¹.*
6. *Oxtiern, ou les Malheurs du libertinage, drame en trois actes et en prose par D.-A.-F. S. Représenté au Théâtre Molière, à Paris, en 1791 ; et à Versailles, sur celui de la Société Dramatique, le 22 frimaire, l'an 8 de la République. A Versailles, chez Blaziot, Libraire, rue Satory. An huitième. In-8° de 48 pp.*
 7. *Les Crimes de l'amour, Nouvelles héroïques et tragiques² ; précédées d'une Idée sur les romans et ornées de gravures, par D.-A.-F. Sade, auteur d'Aline et Valcour. A Paris, chez Massé, éditeur-proprétaire, rue Helvétius, n° 580. An VIII. 4 vol. in-12 de XLIII-228, 274, 256 et 246 pp. Quatre frontispices. — Cet ouvrage comporte onze nouvelles : Tome I. Juliette et Raunai, ou la Conspiration d'Amboise, nouvelle historique ; la Double Épreuve. — Tome II. Miss Henriette Stralson, ou les Effets du désespoir, nouvelle anglaise ; Faxelange, ou les Torts de l'ambition ; Florville et Courval, ou le Fatalisme. — Tome III. Rodrigue, ou la Tour enchantée, conte allégorique ; Laurence et Antonio, nouvelle italienne ; Ernestine, nouvelle suédoise. — Tome IV. Dorgeville, ou le Criminel par vertu ; la Comtesse de Sancerre, ou la Rivale de sa fille, anecdote de la Cour de Bourgogne ; Eugénie de Franval.*
 8. *L'Auteur des « Crimes de l'amour » à Villetterque, folliculaire. Paris, Massé, an IX. In-12 de 20 pp.*
 9. *La Marquise de Gange. Paris, Béchot, libraire, quai des Augustins, n° 63. 1813. 2 vol. in-12 de XII-258 et 298 pp.³.*

1. En l'an VI, entre la *Nouvelle Justine* et *Oxtiern*, paraissait un roman d'auteur inconnu, corrigé par Sade, et dont il semble que la préface soit tout entière de sa main : 1^{re} éd. (signalée par les bibliographes et que nous n'avons pas eue entre les mains, de même que la suivante) : *Pauline et Belval, ou les Victimes d'un amour criminel ; Anecdote parisienne du XVIII^e siècle, d'après les corrections de l'auteur d'Aline et Valcour. Paris, an VI. 3 vol. in-12. — 2^e éd. : Pauline et Belval, ou Suites funestes d'un amour criminel ; Anecdote récente avec romances et figures, par M. R***. A Paris, chez Chambon et Lenormand, 1812. 2 vol. in-12. Deux frontispices gravés par Giraud. — 3^e éd. (la seule que nous ayons examinée) : *Pauline et Belval, ou les Victimes d'un amour criminel ; Anecdote parisienne du XIX^e siècle, avec romances et figures. Par M. R***, d'après les corrections faites par l'auteur d'Aline et Valcour. A Paris, chez Chambon, libraire, rue de Seine Saint-Germain, n° 26. 1817. 2 vol. in-12 de XII-268 et 270 pp. Deux frontispices gravés par Giraud.**

2. *Les Crimes de l'amour, ou le Dêtre des passions* : tel est le titre primitif que Sade avait envisagé pour son recueil, lequel devait contenir douze nouvelles, c'est-à-dire une de plus que celle qu'on y trouve.

3. Il faut signaler, en appendice de cette section, un pamphlet plusieurs fois réimprimé sous le nom de Sade depuis 1867 et dont il n'est pas l'auteur : *Zoloté et ses deux acolythes ou Quelques Décades de la vie de trois jolies femmes, Histoire véritable du*

B. — Opuscules politiques.

10. Adresse d'un citoyen de Paris, au roi des Français. Girouard, imprimeur, rue du Bout-du-Monde. S. d. [1791]. In-8° de 8 pp.
11. Section des Piques. Observations présentées à l'Assemblée administrative des hôpitaux. 28 octobre 1792. [Signé :] Sade, rédacteur ; Guzman, président ; Ternois, secrétaire. De l'Imprimerie de la Section des Piques, rue Saint-Fiacre, n° 2. In-8° de 4 pp.¹.
12. Section des Piques. Idée sur le mode de la sanction des Loix ; par un citoyen de cette Section. De l'imprimerie de la rue Saint-Fiacre, n° 2, 2 novembre 1792. In-8° de 16 pp.
13. Pétition des Sections de Paris à la Convention nationale. [Signé :] Pyron, président de la Commission. Sade, secrétaire. De l'Imprimerie de la Section des Piques, rue Saint-Fiacre n° 2. S. d. [juin 1793]. In-8° de 44 pp.².
14. Section des Piques. Extrait des Registres des délibérations de l'Assemblée générale et permanente de la Section des Piques. Du 12 juillet 1793, l'an II de la République française, une et indivisible. [Signé :] Pyron, président ; Girard, vice-président ; Artaud, Sade, Clavier, secrétaires. De l'Imprimerie de la Section des Piques [etc.]. In-8° de 8 pp.
15. La Section des Piques à ses Frères et Amis de la Société de la Liberté et de l'Égalité, à Saintes, département de la Charente-Inférieure. Paris, le 19 juillet 1793, l'an II de la République française, une et indivisible. [Signé :] Pyron, président ; Girard, vice-président ; Artaud, Sade, Clavier, secrétaires. De l'Imprimerie de la Section des Piques [etc.]. In-8° de 4 pp.

siècle dernier, par un contemporain. A Turin. Se trouve à Paris chez tous les marchands de nouveautés. De l'imprimerie de l'auteur. Messidor an VIII. In-12 de xii-142 pp. Frontispice gravé par Lepagelet.

1. De ces Observations, tirées à très petit nombre, il n'existe à notre connaissance que deux épreuves mises en pages, avec des corrections autographes de Sade (Arch. nat., F³ 4954⁷, pièces 119 et 120). Nous en avons reproduit dans nos éditions précédentes (voir celle de 1962, t. II, p. 353-355, en note) le texte jamais encore signalé.

2. Il existe également un *Projet de pétition des sections de Paris à la Convention nationale* (même imprimerie, in-8° de 4 pp.). Les deux éditions offrent des différences importantes : le *Projet* contient des membres de phrases et même des phrases entières qui ne figurent pas dans ce que l'on peut considérer comme le texte définitif. Dans cette affaire du décret relatif à l'armée parisienne, Sade est peut-être le rédacteur de l'opuscule suivant : *Section des Piques. Extrait du procès-verbal de l'Assemblée générale et permanente de la Section des Piques. Séance du 17 juin 1793, l'an II de la République française.* [Signé :] Pyron, président ; Girard, vice-président ; Langlois, secrétaire. De l'imprimerie de la section des Piques [etc.].

16. Section des Piques. Discours prononcé à la Fête décernée par la Section des Piques, aux mânes de Marat et de Le Pelletier, par Sade, citoyen de cette Section, et membre de la Société populaire. 29 septembre 1793. De l'Imprimerie de la Section des Piques [etc.]. In-8° de 8 pp.
17. Pétition de la Section des Piques, aux représentants du peuple français. [Signé :] Sade, rédacteur. Ce 5^e jour de la III^e décade du 2^e mois de la 2^e année de la République française, une et indivisible [15 novembre 1793]. De l'Imprimerie de la Section des Piques [etc.]. In-8° de 8 pp.

SECTION II.

ÉDITIONS ORIGINALES POSTHUMES.

A. — Publiées par différents éditeurs.

18. Dorci ou la Bizarrerie du sort, conte inédit par le marquis de Sade, publié sur le manuscrit avec une notice sur l'auteur [signée A.F. (Anatole France)]. Paris, Charavay frères, éditeurs. 1881. In-16 de 64 pp. Frontispice de G. Charpentier.
19. Les 120 Journées de Sodome ou l'École du libertinage, par le marquis de Sade. Publié pour la première fois d'après le manuscrit original, avec des annotations scientifiques par le D^r Eugen Dühren. Paris, Club des Bibliophiles, 1904. Pet. in-4° de VIII-543 pp.¹.
20. Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers, publiée avec une introduction, des annales et des notes par Paul Bourdon. Paris, Librairie de France, 110, boulevard Saint-Germain, 1929. Pet. in-4° de XLIX-452 pp.
21. Marquis de Sade. Cent onze Notes pour la Nouvelle Justine. [Publiées par Henri Pastoureau d'après une transcription de Maurice Heine.] Collection « Le Terrain vague », n° IV. [Paris, 1956.] Pet. in-4° de 158 pp. non numérotées. Eau-forte de Bona dans les exemplaires sur Montgolfier.
22. D.A.F. de Sade. œuvres complètes. XXXII, XXXIII, XXXIV, XXXV. Le Théâtre de Sade [Avertissement], Préface [et Notices] de Jean-Jacques Brochier. Paris, Jean-Jacques Pauvert, [1970]. 4 vol. pet. in-16 de 428, 428, 464 et 464 pp. — Cet ouvrage contient : T. XXXII. *Le Philosophe soi-disant*

1. Transcription extrêmement fautive du manuscrit : on y relève des erreurs au nombre de plusieurs milliers. Aussi l'édition impeccable de M. Heine (n° 27) doit-elle être considérée comme la véritable originale.

- [publié en 1967 par G. Lely ; voy. le n° 39] ; *Le Mariage du siècle* (à l'état de plan) ; *Jeanne Lainé* ; *Les Jumelles* ; *Franchise et trahison*. — T. XXXIII. *Oxtiern* [publié en l'an VIII, voy. le n° 6] ; *Le Boudoir* ; *Tancredi* ; *Fanni* ; *l'Égarement de l'infortune* ; *Les Antiquaires*. — T. XXXIV. *La Tour enchantée* ; *L'Union des arts* ; *le Capricieux*. — T. XXXV. *Le Misanthrope par amour* ; *Henriette et Saint-Clair* ; *Le Prévaricateur* ; *La Fête de l'Amitié*.
23. D.A.F. de Sade. *Lettre au citoyen Gaufridy*. Frontispice de Jacques Hérold. A St. Pierre Kapelle, aux Éditions Lettera amorosa. M.C.M. LXXII. In-32 de 20 pp.

B. — Publiées par Maurice Heine.

24. *Historiettes, Contes et Fabliaux de Donatien-Alphonse-François, marquis de Sade, publiés pour la première fois sur les manuscrits autographes inédits par Maurice Heine*. A Paris, pour les membres de la Société du Roman philosophique, 1926. In-4° de 340 pp. Frontispice de Henry Chapront. Cet ouvrage contient vingt-six morceaux : HISTORIETTES : *Le Serpent* ; *La Saillie gasconne* ; *L'Heureuse Feinte* ; *Le M... puni* ; *L'Évêque embourbé* ; *Le Revenant* ; *Les Harangueurs provençaux* ; *Attrape-moi toujours de même* ; *L'Époux complaisant* ; *Aventure incompréhensible* ; *La Fleur de châtaignier*. CONTES et FABLIAUX : *L'Instituteur philosophe* ; *La Prude, ou la Rencontre imprévue* ; *Emilie de Tourville, ou la Cruauté fraternelle* ; *Augustine de Villeblanche, ou le Stratagème de l'amour* ; *Soit fait ainsi qu'il est requis* ; *Le Président mystifié* ; *La Marquise de Thélème, ou les Effets du libertinage* ; *Le Talion* ; *Le Cocu de lui-même, ou le Racommodement imprévu* ; *Il y a place pour deux* ; *L'Époux corrigé* ; *Le Mari prêtre, conte provençal* ; *La Châtelaine de Longeville, ou la Femme vengée* ; *Les Filous*. APPENDICE : *Les Dangers de la bienfaisance [Dorci]*.
25. *Dialogue entre un prêtre et un moribond, par Donatien-Alphonse-François, marquis de Sade, publié pour la première fois sur le manuscrit autographe inédit, avec un avant-propos et des notes par Maurice Heine*. [Paris], Stendhal et Compagnie, 1926. Pet. in-4° de 62 pp.
26. *Marquis de Sade. Les Infortunes de la vertu. Texte établi sur le manuscrit original autographe et publié pour la première fois avec une introduction par Maurice Heine*. Paris, Éditions Fourcade, 22, rue de Condé, 1930. (Première version de Justine.) In-8° de LIV-206 pp.

27. *Les 120 Journées de Sodome, ou l'École du libertinage, par le marquis de Sade*. Édition critique établie sur le manuscrit original autographe par Maurice Heine. A Paris, par S. et C., aux dépens des Bibliophiles souscripteurs, 1931-1935. 3 vol. in-4° de XVI-500 pp. (pagination ininterrompue).

C. — Publiées par Gilbert Lely.

28. *Marquis de Sade. L'Aigle, Mademoiselle...*, *Lettres publiées pour la première fois sur les manuscrits autographes inédits avec une Préface et un Commentaire par Gilbert Lely*. Paris, Les Éditions Georges Artigues, 1949. In-16 de XLVIII-222 pp. Eau-forte de Jacques Hérold dans les exemplaires sur papier de luxe.
29. *Marquis de Sade. La Vanille et la Manille, lettre inédite à Madame de Sade écrite au donjon de Vincennes en 1783* (en réalité, fin 1784). [Publiée par Gilbert Lely.] *Cinq eaux-fortes originales de Jacques Hérold*. [Paris], Collection Drosera, 1950. Pet. in-4° de [2]-28 pp.
30. *Marquis de Sade. Histoire secrète d'Isabelle de Bavière, reine de France, dans laquelle se trouvent des faits rares et inconnus, ou restés dans l'oubli jusqu'à ce jour, et soigneusement étayés de manuscrits authentiques, allemands, anglais et latins. Publiée pour la première fois sur le manuscrit autographe inédit avec un avant-propos par Gilbert Lely*. Paris, Gallimard, 1953. In-16 de 336 pp. (Avant-propos refait dans le second tirage.)
31. *Marquis de Sade. Le Carillon de Vincennes. Lettres inédites publiées avec des notes par Gilbert Lely*. Paris, « Arcanes », 1953. In-16 de 106 pp.
32. *Marquis de Sade. Cahiers personnels (1803-1804)*. Publiés pour la première fois sur les manuscrits autographes inédits avec une préface et des notes par Gilbert Lely¹. [En appendice : I. *Projet de Séide*. — II. *Notes sur M. de Sade, par le docteur L.-J. Ramon*.] Paris, Corrèa, 1953. In-12 de 130 pp.
33. *Marquis de Sade. Mon arrestation du 26 août. Lettre inédite, suivie des Etrennes philosophiques*. [Publiées par Gilbert Lely.] Avec un double frontispice gravé à l'eau-forte par Hans Bellmer. Paris, Jean Hugues, libraire, 1, rue de Furstenberg, 1959. In-32 de 48 pp.

1. Voir plus bas, n° 70.

34. Marquis de Sade. *La Vérité*. Poème inédit publié sur le manuscrit autographe par G. Lely. Paris, Jean-Jacques Pauvert, 1961. In-8° de 32 pp. Eau-forte de Jacques Hérold dans les exemplaires sur japon.
- 34^{bis} Projet tendant à changer le nom des rues de l'arrondissement de la Section des Piques. 7 novembre 1793. In *Œuvres complètes du marquis de Sade*. Paris, Le Cercle du Livre précieux, t. XI, 1964. In-8°, p. 133-142.
35. [Notes pour les Journées de Florbelle ou la Nature dévoilée.] Dernières analyses et dernières observations sur ce grand ouvrage. In *Œuvres complètes du marquis de Sade*. Paris, Le Cercle du Livre précieux, t. XV, 1964. In-8°, p. 49-76¹.
36. Adélaïde de Brunswick, princesse de Saxe. Événement du XI^e siècle. In *Œuvres complètes du marquis de Sade*. Paris, Le Cercle du Livre précieux, t. XV, 1964. In-8°, p. 77-246.

D. — Publiée par Georges Daumas.

37. Marquis de Sade. *Journal inédit*. Deux cahiers retrouvés du Journal inédit du marquis de Sade (1807, 1808, 1814), suivis en appendice d'une Notice sur l'hospice de Charenton, par Hippolyte de Colins (1812). Publiés pour la première fois sur les manuscrits autographes inédits avec une préface [par] Georges Daumas. Gallimard. Idées [1970]. Petit in-16 de 192 pp.

E. — Publiées par Georges Daumas et Gilbert Lely.

38. Marquis de Sade. *Monsieur le 6*. Lettres inédites (1778-1784) publiées et annotées par Georges Daumas. Préface de Gilbert Lely. Paris, Julliard, 1954. In-16 de 288 pp.
39. Marquis de Sade. *Voyage d'Italie, précédé des Premières œuvres, suivi de : Opuscules sur le théâtre*. Publiés pour la première fois sur les manuscrits autographes inédits [avec des Avant-propos] par Gilbert Lely et Georges Daumas. [Paris], Tchou, éditeur, [1967]. In-8° de XXII-666 pp. — Les Premières œuvres comportent : *Mélanges de prose et de vers* ; le *Philosophe soi-disant* ; *Voyage de Hollande en forme de Lettres*.
40. Trois vol. in-8° de 520, 416 et 340 pp. sur papier bible reliés en un seul. Éditions Borderie, 1980.

1. Voir plus bas, n° 73.

- a) Marquis de Sade. *Lettres et Mélanges littéraires écrits à Vincennes et à la Bastille*. Recueil inédit publié sur les manuscrits autographes de l'Arsenal par Georges Daumas et Gilbert Lely. Six introductions de Gilbert Lely. — Le tome I, outre les *Lettres et Mélanges littéraires*, contient : l'*Almanach illusoire de M. de Sade*. *Lettres de Marie-Dorothée de Rousset*. *Lettres de divers correspondants*. *Correspondance administrative*. *Dossier médical*. *Mémoires d'objets fournis*. — Le tome II contient : *Lettres de M^{me} de Sade à son mari captif*, suivies de ses *Observations sur Aline et Valcour*.
- b) Marquis de Sade. *CXLVIII Lettres inédites à M^{me} de Sade (1779-1785)*. Publiées sur les manuscrits autographes par Georges Daumas et Gilbert Lely¹.

SECTION III

MANUSCRITS INÉDITS NON RETROUVÉS OU DÉTRUITS.

A. — Manuscrits mentionnés dans le *Catalogue raisonné* de 1788.

41. *La Fille malheureuse*, comédie en un acte et en prose².
42. *La Fine Mouche*, conte.
43. *L'Heureux Échange*, conte.
44. *La Force du Sang*, conte.
45. *Les Inconvénients de la pitié*, conte (première version).
46. *Les Reliques*, conte.
47. *Le Curé de Prato*, conte.

1. A la nomenclature des ouvrages posthumes, il convient de rattacher deux publications qui comprennent de nombreux inédits de Sade :

a) Maurice Heine. *Le Marquis de Sade, texte établi et préfacé par Gilbert Lely*. Paris, Gallimard, 1950. In-8°. — Lettre du 4 octobre 1779 à Martin Quiros, p. 76-78 ; Pensée inédite [sur Dieu], p. 81-84 ; [Seize notes pour la composition de *la Nouvelle Justine*], p. 89-102 ; Sujet de *Zélonide*, p. 114-119 ; Avertissement [première version de *l'Idée sur les romans*], p. 263-268. Ces textes avaient paru : pré-originellement, les trois premiers dans la revue *le Surréalisme au service de la Révolution*, n° 2 et 3 (octobre 1930 et décembre 1931) et le quatrième dans la revue *Minotaure*, n° 1 (15 février 1933) ; le cinquième dans les *Œuvres choisies et Pages magistrales du marquis de Sade, publiées par M. Heine*. Paris, Éd. du Trianon, t. I^{er} [seul paru], 1933. In-12, p. lv-lxiiij.

b) Gilbert Lely. *Vie du marquis de Sade, avec un examen de ses ouvrages*. Paris, Gallimard, 1952-1957. 2 vol. in-8°, *passim* (table des inédits à la fin de chaque vol.).

2. Refaite en trois actes (voir le n° 72).

48. *La Marquise de Thélème*, conte¹ (première version).
49. *Le Portefeuille d'un homme de lettres*, formant la matière de quatre volumes².
50. *La Liste du Suisse*, historiette.
51. *La Messe trop chère*, historiette.
52. *L'Honnête Ivrogne*, historiette.
53. *N'y allez jamais sans lumière*, historiette.
54. *La Justice vénitienne*, historiette.
55. *Adélaïde de Miramas ou le Fanatisme protestant*, historiette.

B. — Manuscrits mentionnés dans les *Cahiers personnels* (n° 29).

56. *Conrad ou le Jaloux en délire*, roman.
57. *Marcel ou le Cordelier*, roman.
58. *Mes Confessions*.
59. *Réfutation de Fénelon*.

Nouvelles dont Sade n'a donné que les arguments et dont on ignore s'il les a jamais rédigées :

60. *Madame de Thélème*³ (seconde version).
61. *La Cruauté fraternelle* (id.).
62. *Les Inconvénients de la pitié* (id.).
63. *Aveuglement vaut mieux que lumière*.
64. *L'Ane sacristain ou le nouveau Salomon*.

C. — Manuscrits saisis chez l'éditeur Massé, le 15 ventôse an IX.

65. *Les Délassements du libertin ou la Neuvaine de Cythère* (détruit en juin 1832).
66. *Les Caprices ou un peu de tout*, ouvrage politique.
67. *Les Conversations du château de Charmelle*⁴.

1. Il en subsiste le début et deux fragments, publiés par M. Heine (n° 24).
 2. Voir plus haut, chap. XIII, § 3.
 3. Titre primitif : *La Marquise de Thélème*.
 4. Première version des *Journées de Florbelle* (n° 73).

D. — Manuscrits mentionnés dans la *Biographie universelle* de Michaud.

68. *Devis raisonné sur le projet d'un spectacle de gladiateurs*.
69. *Projet de création de lieux de prostitution, organisés, entretenus et dirigés par l'Etat*.
70. *Cahiers de notes, pensées extraites, chansons et mélanges de vers et de prose*, autrement dits : *Notes littéraires*, au nombre de cinq¹.
71. *Journal* (détention de l'auteur à Vincennes, à la Bastille et à Charenton, 1777-1790). Treize cahiers (l'Inventaire après décès en mentionne vingt-quatre).
72. *Cléontine ou la Fille malheureuse*, drame en trois actes².

E. — Manuscrit brûlé à la Préfecture de Police.

73. *Les Journées de Florbelle, ou la Nature dévoilée, suivies des Mémoires de l'abbé de Modose et des Aventures d'Émilie de Volnange servant de preuves aux assertions, ouvrage orné de deux cents gravures*. Cent huit cahiers environ.

1. Les *Cahiers personnels* (n° 32) sont extraits des deux cahiers qui subsistent encore de cet ensemble.
 2. Voir le n° 41.

ANEXO 02

**TEXTO ORIGINAL DE *DORCI, OU LA BIZARRERIE*
DU SORT – (SADE, 1971, p. 316-340)**

DORCI

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

NOTICE

Dorci, ou la Bizarrerie du sort, « conte inédit par le Marquis de Sade », fut publié pour la première fois en 1881, chez Charavay Frères, accompagné de quelques notes et d'une notice signée A. F., cet A. F. n'étant autre qu'Anatole France. Ni les notes, ni la notice n'apprennent grand-chose sur Sade. On peut simplement y relever chez Anatole France une modération de ton assez rare à l'époque. « Il était intelligent » ; dit-il par exemple « il y a dans son Idée sur les Romans des observations judicieuses et un sens littéraire assez droit ». L'auteur de L'Île des Pingouins souligne par ailleurs que Sade « se montra inoffensif, et parfois même... humain et généreux », et se moque des « contes à dormir debout » de Jules Janin. Voici le passage de la notice où Anatole France examine le manuscrit de Dorci :

« La nouvelle que nous publions ici pour la première fois, d'après le manuscrit autographe signé, devait entrer

dans le recueil intitulé *Les Crimes de l'Amour* [Paris, Massé, anVII I, (1800), 4 vol. in-12], comme l'indique une note mise au crayon par l'auteur en marge du premier feuillet : « Le crime de l'amour, dans ce conte, n'est que l'épisode, car le sujet principal est bien réellement l'action de l'être vertueux qui veut sauver une victime des lois. » Le Marquis de Sade a raison, et son récit rentre dans ce genre vertueux, fort goûté aux approches de la Révolution. L'histoire de Dorci fut certainement écrite sous l'ancien régime, pendant la détention du marquis. L'auteur, renonçant à la faire entrer dans *Les Crimes de l'Amour*, où elle s'adaptait assez mal, comme il le reconnut judicieusement, songea à l'insérer dans un autre recueil. C'est ce qui ressort de l'avis qu'on lit en marge de la dernière page et que voici :

« A l'éditeur.

« Ce conte est bon. Il doit produire de l'effet. Il faut le mettre avec un bien long. »

« Mais on était alors en pleine révolution, et la rédaction primitive, qui datait de l'ancien régime, fut soumise à un système curieux de corrections : « Le comte et le marquis de Dorci » devinrent « Paul et François Dorci ». Cela était nécessaire. Paul Dorci « a de la sensibilité et des vertus » ; il ne peut donc pas être un aristocrate. Le « château » qui éveillait dans les âmes des patriotes des

idées odieuses, devint la « maison » ; la « terre » devint la « possession ». Un homme libre ne peut labourer la terre du seigneur, mais il peut travailler sur la possession d'un citoyen, ce qui est bien différent, n'est-il pas vrai ? Dans la rédaction primitive se trouvait une jeune paysanne du nom d'Annette qui faisait « sa première communion ». On ne pouvait laisser plus longtemps cette innocente enfant victime du fanatisme et de l'imposture. On remplaça sa première communion par un peu d'instruction laïque, ce qui explique immédiatement « la sensibilité » d'Annette et toutes ses vertus.

« Ces corrections sont dans l'esprit de l'époque. La censure en exigeait de semblables des auteurs dont elle examinait les comédies et les mélodrames. »

Les notes que nous reproduisons sont d'Anatole France.

DORCI

De toutes les vertus que la nature nous a permis d'exercer sur la terre, la bienfaisance est incontestablement la plus douce. Est-il un plaisir plus touchant, en effet, que celui de soulager ses semblables? Et n'est-ce pas à l'instant où notre âme s'y livre, qu'elle approche le plus des qualités suprêmes de l'être qui nous a créés? Des malheurs, nous assure-t-on, y sont quelquefois attachés; qu'importe? on a joui, on a fait jouir les autres; n'en est-ce pas assez pour le bonheur (1)?

Il ne s'était point vu depuis longtemps une intimité plus parfaite que celle qui régnait entre

(1) Ce préambule était primitivement beaucoup plus étendu. On lit en regard de l'alinéa suivant cette note qui a été biffée : « Décidément il ne faut commencer que là. »

Paul et François Dorci (1). Tous deux frères, tous deux à peu près du même âge, c'est-à-dire environ de trente à trente-deux ans, tous deux officiers dans le même corps, et tous deux garçons ; aucun événement ne les avait jamais désunis, et, pour serrer les nœuds d'une liaison qui leur était si précieuse depuis que, par la mort de leur père, ils se trouvaient l'un et l'autre maîtres de leur bien, ils habitaient la même maison, se servaient des mêmes gens et étaient résolus à ne se marier jamais qu'à deux femmes dont les qualités répondissent aux leurs et qui consentissent de même à cette perpétuelle union dans laquelle ils trouvaient le bonheur de leurs jours.

Les goûts de ces deux frères n'étaient pourtant pas absolument les mêmes. Paul, l'aîné de la maison, aimait le repos, la solitude, la promenade et les livres ; son caractère un peu sombre était néanmoins doux, sensible, honnête, et le plaisir d'obliger les autres, l'un des plus délicieux de son âme. Recherchant peu la société, il ne se trouvait jamais plus heureux que quand ses devoirs lui permettaient d'aller passer quelques mois

(1) Il y avait d'abord : « Le comte et le marquis de Dorci. » Disons une fois pour toutes que les deux prénoms de Paul et de François ont remplacé partout les titres de comte et de marquis.

à un assez joli bien que les deux frères possédaient du côté de l'Aigle (1), aux environs de la forêt du Perche.

François, infiniment plus vif que son frère, infiniment plus livré au monde, n'avait pas un aussi grand amour pour la campagne. Doué d'une figure charmante et de la sorte d'esprit qui plaît aux femmes, il en était un peu trop l'esclave, et ce penchant qu'il ne put jamais régler, étayé d'une âme fougueuse et d'un esprit ardent, devint la source cruelle de ses malheurs. Une très jolie personne des environs de la terre dont on vient de parler occupait tellement François depuis un an qu'il n'était pour ainsi dire plus à lui. Il n'avait pas joint son corps cette année, il s'était séparé de Paul pour aller s'établir dans la petite ville où demeurait l'objet de son culte, et là, uniquement occupé de cet objet chéri, il oubliait à ses pieds toute la terre, il y sacrifiait et son devoir et les sentiments qui l'enchaînaient autrefois dans la maison de son aimable frère.

On dit que l'amour augmente quand la jalousie l'aiguillonne. C'était l'histoire de François, mais

(1) La forêt de l'Aigle ou de Laigle, près du village de ce nom, situé à 30 km N.-E. de Mortagne, sur la Rille. Charles Nodier a rendu cette forêt célèbre par l'histoire du chien Brisquet.

le rival que le sort lui donnait était, disait-on, un homme aussi lâche que dangereux.

Plaire à sa maîtresse, prévenir les trames de ce rival perfide, se livrer aveuglément à son amour, tels étaient les liens de ce jeune homme, telles étaient les raisons qui l'éloignaient entièrement cet été des bras d'un frère qui l'idolâtrait et qui pleurait avec amertume et son absence et son refroidissement. A peine Paul recevait-il des nouvelles de François Dorci. Écrivait-il? Point de réponse, ou un simple mot qui n'achevait que de convaincre encore mieux Paul et que son frère avait la tête tournée et qu'il s'éloignait insensiblement de lui. Tranquillement à sa terre, il y menait pourtant toujours la même vie. Des livres, de longues promenades, de fréquents actes de bienfaisance, telles étaient ses uniques occupations, et il était en cela bien plus heureux que son frère, puisqu'il jouissait au moins de lui-même, et que l'agitation perpétuelle dans laquelle vivait François lui laissait à peine le temps de se connaître.

Les choses étaient en cet état, lorsque Paul, occupé d'une lecture intéressante, séduit par un temps délicieux, s'écarta tellement un jour de chez lui que, à l'heure où il projetait de revenir sur ses pas, il se trouva à plus de trois lieues au-delà des bornes de sa possession, et à plus de cinq

de sa maison (1), dans un coin de bois éloigné, et presque hors d'état de retrouver sans secours le vrai chemin qui devait le ramener. Dans cette perplexité, jetant les yeux de toutes parts, il aperçoit heureusement à cent pas une cabane vers laquelle il se dirige pour prendre conseil et se reposer une minute... Il arrive... il ouvre... il pénètre dans une mauvaise cuisine composant la plus belle pièce du logis, et là, quel intéressant tableau s'offre à son âme sensible et de quels traits il la pénètre !

Une fille de seize ans, belle comme le jour, tenait dans ses bras une femme évanouie, d'environ quarante ans, qui paraissait sa mère et qu'elle arrosait des larmes de la plus profonde douleur. Elle jette un cri à la vue de Paul : « Qui que vous soyez, dit-elle, venez-vous aussi pour m'arracher ma mère?... Ah ! prenez plutôt ma vie, si cela est, mais laissez respirer cette malheureuse. » Et, en disant cela, Annette, se jetant aux pieds de Paul, l'implore en formant de ses bras élevés vers le ciel un rempart entre sa mère et lui.

« En vérité, mon enfant, dit Paul, aussi ému que surpris, voilà des marques de crainte bien

(1) Il y avait « terre » au lieu de « possession » et « château » au lieu de « maison ».

déplacées ; j'ignore ce qui vous alarme, mes bonnes amies, mais ce qu'il y a de sûr, c'est que le Ciel vous offre en moi, quelles que puissent être vos peines, bien plutôt un protecteur qu'un ennemi. — Un protecteur, dit Annette en se relevant et volant à sa mère qui, revenue de son anéantissement, s'était réfugiée dans un coin, pleine d'effroi ; ... un protecteur ! ma mère, entendez-vous ? ce monsieur dit qu'il nous protégera ; il dit que c'est le Ciel que nous avons tant prié, ma mère... il dit que c'est le Ciel qui l'envoie près de nous pour nous protéger... » Et, revenant à Paul : « Ah ! monsieur, quelle belle action, si vous nous secourez. Il n'exista jamais sur la terre deux créatures plus à plaindre. Secourez-nous, monsieur !... secourez-nous !... cette pauvre et digne femme !... elle n'a pas mangé depuis trois jours... et que mangerait-elle ?... de quoi la soulagerais-je, quand son état lui permettrait-il de l'être ?... Il n'y a pas un morceau de pain dans la maison... Tout le monde nous abandonne... On va sans doute nous faire mourir nous-mêmes, et cependant Dieu sait si nous sommes coupables... Hélas ! mon pauvre père... le plus honnête et le plus malheureux des hommes !... il n'est pas plus coupable que nous, et, demain, peut-être... O, monsieur ! monsieur ! vous n'êtes jamais entré

dans une maison plus misérable que la nôtre... on dit que Dieu n'abandonne jamais l'infortune, et nous voilà pourtant bien délaissées !... »

Paul qui vit, au désordre de cette fille, à ses propos sans suite, à l'état déchirant de la mère, qu'il était vraisemblablement arrivé dans cette maison quelque catastrophe épouvantable, et, trouvant là pour son âme tendre une occasion si belle d'exercer la vertu qui lui était familière, commença par supplier ces deux femmes de se calmer, leur renouvela plusieurs fois, pour les y engager, l'assurance positive de les protéger, et exigea d'elles de lui raconter le sujet de leurs peines. Après de nouveaux torrents de larmes, suite de l'émotion d'un bonheur aussi peu attendu, la jeune Annette, ayant supplié Paul de s'asseoir, lui fit ainsi l'histoire des malheurs affreux de sa famille... récit funeste qu'il lui fut impossible de ne pas souvent interrompre par ses sanglots et par ses pleurs (1).

« Mon père est un des plus pauvres et des plus honnêtes hommes de la contrée, monsieur ;

(1) Le récit d'Annette était précédé de cette note que l'auteur a biffée : « Il faut que le lecteur veuille bien se prêter à la simplicité de ce récit ; il est dans la bouche d'une jeune paisane naïve et sans art ; pouvait-on la faire parler autrement ? »

il est bûcheron de son métier, il s'appelle Christophe Alain ; il n'a eu que deux enfants de cette pauvre femme que vous voyez : un garçon qui a dix-huit ans et moi qui viens d'en prendre seize. Malgré sa pauvreté, il a fait tout ce qu'il a pu pour nous bien faire élever. Mon frère et moi nous avons été pendant plus de trois ans en pension à l'Aigle, et nous savons tous les deux bien lire et bien écrire. Quand nous fûmes un peu instruits (1), mon père nous retira ; il ne lui était plus possible de faire tant de dépenses pour nous, et le pauvre cher homme, ainsi que sa femme, n'ont mangé pendant tout ce temps-là que du pain, afin de pouvoir nous donner un peu d'éducation. Quand mon frère revint, il était assez fort pour travailler avec lui ; j'aidais ma mère, et notre pauvre maison en allait bien mieux ; enfin, monsieur, tout nous favorisait, et il semblait que notre exactitude à remplir nos devoirs attirât sur nous la bénédiction du Ciel, lorsqu'il nous est arrivé, il y a aujourd'hui huit jours, le plus grand des malheurs qui puisse survenir à de pauvres gens sans crédit, sans argent et sans protection, comme nous. Mon frère n'y était pas ; il tra-

(1) « Quand nous fûmes un peu instruits. » Le texte primitif était : « Quand nous eûmes fait notre première communion. »

vallait à plus de deux lieues de là ; mon père était tout seul à près de trois lieues d'ici, du côté de la forêt qui remonte vers Alençon, lorsqu'il aperçoit le cadavre d'un homme couché au pied d'un arbre... il s'en approche avec l'intention de secourir ce malheureux, s'il en est encore temps ; il retournait ce corps, il lui frottait les tempes avec un peu de vin qu'il avait dans sa gourde, quand tout à coup quatre cavaliers de la maréchaussée, accourant au galop, tombent sur lui, l'enchaînent et le conduisent dans les prisons de Rouen, où ils le déposent comme coupable d'avoir assassiné l'homme qu'il cherchait, au contraire, à rappeler à la vie. Ne voyant point mon père revenir comme de coutume, vous vous représentez aisément notre inquiétude, monsieur. Mon frère, qui venait de rentrer, a couru bien vite dans tous les environs, et il est revenu le lendemain nous apprendre cette triste nouvelle. Nous lui avons aussitôt remis le peu d'argent qu'il y avait dans la maison, et il a volé à Rouen porter du secours à notre pauvre père. Trois jours après, mon frère nous a écrit ; nous avons reçu la lettre hier... la voilà, dit Annette en s'interrompant par ses sanglots... la voilà, cette fatale lettre ! Il nous dit de nous tenir sur nos gardes, qu'au premier moment on viendra peut-être nous enlever

nous-mêmes pour nous conduire aussi en prison afin d'être confrontés à notre père, que rien, dit-il, quoique innocent, ne pourra jamais sauver ; on ignore encore quel est ce cadavre ; on fait des perquisitions et l'on assure, en attendant, que c'est un habitant tué et volé par mon père qui, voyant venir à lui, a jeté l'argent dans le bois. Ce qui confirme cette opinion, c'est qu'on n'a pas trouvé un sol dans la poche du mort ; mais, monsieur, cet homme tué de la veille ne peut-il pas avoir été volé par ceux qui l'ont assassiné ou par ceux qui depuis son accident peuvent l'avoir rencontré?... Oh ! croyez-moi, monsieur, mon père est incapable d'une telle action ; il aimerait mieux mourir lui-même que de l'avoir fait... Et voilà pourtant que nous allons avoir le malheur de le perdre. Et de quelle façon, grand Dieu !... Vous savez tout, monsieur, vous savez tout... Excusez ma douleur et secourez-nous, si vous le pouvez. Nous passerons le reste de nos jours à invoquer le Ciel pour la conservation des vôtres... vous ne l'ignorez pas, monsieur : les larmes de l'infortune attendrissent l'Éternel ; il daigne quelquefois exaucer les vœux du faible, eh bien, monsieur, tous ces vœux seront pour vous ; nous ne l'implorerons qu'en votre faveur, nous ne l'invoquerons que pour votre prospérité. »

Paul n'avait pas entendu sans émotion le récit d'une aventure aussi funeste. Plein du désir d'être utile à ces braves gens, il leur demanda d'abord de quel propriétaire dépendait leur local (1), en leur faisant entendre qu'il était prudent de se munir avant tout de cette protection. — Hélas ! monsieur, répondit Annette, cette maison dépend des moines. Nous leur avons déjà parlé, mais ils nous ont répondu qu'ils ne pouvaient nous être d'aucune utilité ; ah ! si nous étions seulement à deux lieues d'un autre côté, sur les terres de M. Paul Dorci, nous serions bien sûrs d'être secourus... c'est le plus aimable homme de la province (2), le plus compatissant... le plus charitable. — Et vous ne connaissez personne auprès de lui, Annette ? — Non vraiment, monsieur. — Eh bien, je me charge de vous présenter ; je fais plus, je vous promets sa protection... Je vous engage sa parole qu'il vous servira de tout son pouvoir. — Oh ! monsieur, que vous êtes bon ! dirent ces pauvres femmes... Comment pourrons-

(1) Il y avait d'abord : « De quel seigneur ils dépendaient. »

(2) On lisait : « Sur les terres de M. le comte Dorci... c'est le plus aimable seigneur de la province. »

nous (1) reconnaître ce que vous faites pour nous ? — En l'oubliant dès que j'aurai réussi ? — L'oublier, monsieur ! ah ! jamais, jamais, le souvenir d'un tel acte de bienfaisance ne s'éteindra qu'avec notre vie. — Eh bien, mes enfants, voyez donc dans vos bras celui même dont vous désirez l'appui. — Vous, monsieur ? Paul Dorci ? — Moi-même, votre ami, votre soutien et votre protecteur. — O ma mère... ma mère, nous sommes sauvées, s'écria la jeune Annette ; nous sommes sauvées, ma mère, puisqu'un aussi honnête homme veut bien nous promettre son appui. — Mes enfants, dit Paul, il est tard ; j'ai du chemin à faire pour me retirer chez moi. Je vous quitte et ne me sépare de vous qu'en vous donnant ma parole d'être demain au soir à Rouen et de vous envoyer sous peu de jours des nouvelles sûres de mes démarches... Je ne vous en dis pas davantage, mais attendez tout de mes soins. Tenez, Annette, vous devez avoir besoin de quelques fonds dans ce moment-ci. Voilà quinze louis ; gardez-les pour votre ménage, je me charge de pourvoir aux dépenses que votre affaire exigera. — Eh ! monsieur, que de bontés !... Ma mère, aurions-nous dû nous attendre ?... Juste Ciel ! jamais

(1) Il y a « pourrés-vous » sur le manuscrit ; c'est une erreur évidente.

autant de bienfaisance n'éclata dans l'âme d'un mortel ! Monsieur, monsieur, continuait Annette, en se jetant aux genoux de Paul, non ! vous n'êtes point un homme, vous êtes la Divinité même descendue sur la terre pour secourir l'infortune. Ah ! que pouvons-nous faire pour vous ? Ordonnez, monsieur, ordonnez et permettez-nous de nous consacrer éternellement à votre service. — Je vais en exiger un à l'instant, ma chère Annette, dit Paul... Je me suis perdu ; j'ignore la route qu'il faut tenir pour me rendre chez moi ; daignez me servir de guide une ou deux lieues, et vous vous serez acquittée de ce bienfait, auquel votre âme douce et sensible met plus de prix qu'il n'en mérite. »

On imagine aisément comme Annette vole à l'instant au désir de son bienfaiteur. Elle le devance, elle le met dans la route, elle chante ses louanges pendant le chemin. Si elle s'arrête un instant, c'est pour arroser de larmes les mains de celui qui la protège, et Paul, dans cette douce émotion que nous donne le charme d'être aimé, goûte un échantillon du bonheur céleste, et se trouve un Dieu sur la terre.

O sainte Humanité, fille du Ciel et reine des hommes, dois-tu donc permettre qu'une source de remords et de chagrins soit la récompense de

tes sectateurs, pendant que ceux qui t'outragent sans cesse triomphent, en t'insultant, sur les débris de tes autels ?

A environ deux lieues de la maison de Christophe, Paul se reconnut. « Il est tard, ma petite, dit-il à Annette ; me voici en pays de connaissance. Retournez chez vous, mon enfant ; votre mère serait inquiète, continuez de l'assurer de mes services et dites-lui que je m'engage à ne revenir de Rouen qu'en lui ramenant son mari. » Annette pleura quand il fallut se séparer de Paul ; elle aurait été au bout de la terre avec lui... Elle lui demanda la permission d'embrasser ses genoux... « Non, Annette, c'est moi qui vous embrasserai, dit Paul, en la pressant chastement dans ses bras. Allez, mon enfant, continuez de servir vos parents et votre prochain ; soyez toujours honnête, et la bénédiction du Ciel ne vous abandonnera jamais... » Annette serrait les mains de Paul ; elle fondait en larmes ; ses sanglots l'empêchaient d'exprimer ce que son âme sensible éprouvait. Dorci lui-même, trop ému, l'embrasse une dernière fois, la repousse doucement et s'éloigne.

O gens du siècle, qui lirez ceci, voyez l'empire de la vertu sur une belle âme, et que cet exemple vous touche au moins, si vous vous sentez inca-

pable de l'imiter ! A peine Paul avait-il trente-deux ans... il était chez lui... il était au milieu d'une forêt ; il avait dans ses bras une jeune fille charmante, que la reconnaissance lui livrait... Il versa des larmes sur les malheurs de cette créature infortunée et ne s'occupa que de la secourir (1).

Paul arrive (2) et dispose tout pour son départ... Funeste effet du pressentiment ! voix intérieure de la nature, à laquelle l'homme ne devrait jamais résister !... Paul avoua à un de ses amis qui l'attendait et qu'il instruisit de son aventure, il avoua qu'il lui était impossible de se dissimuler à lui-même un mouvement impénétrable qui semblait lui conseiller de ne se point mêler de cette affaire... Mais la bienfaisance l'emporta ; rien ne tint aux charmes qu'éprouvait Dorci à faire le bien, et il partit.

Arrivé à Rouen, Paul fut voir tous les juges ; il

(1) Cette pudeur du ci-devant comte de Dorci me rappelle celle de Jérôme Pétion. Ce girondin se cacha, étant proscrit, chez deux lingères « d'une physionomie intéressante ». Il s'habillait devant elles ; elles s'habillaient devant lui. « J'éprouvai, je l'avoue, dit-il dans ses *Mémoires*, ces embarras de décence, que sans doute elles éprouvèrent encore plus que moi. Mais il était facile de voir combien l'action généreuse qu'elles faisaient éloignait de leurs âmes ces idées qui auraient pu les troubler. Elles ne firent même aucune de ces réflexions qui font remarquer la délicatesse

leur dit à tous qu'il s'offrait pour caution du malheureux Christophe, si cela était nécessaire; qu'il était sûr de son innocence, et si constamment sûr qu'il offrait sa vie si l'on voulait pour sauver celle du prévenu (1). Il demanda à le voir; on le lui permit, il l'interrogea et fut si content de ses réponses, si persuadé qu'il était incapable du crime dont on l'accusait, qu'il déclara aux juges qu'il prenait ouvertement la défense de ce brave homme, que si malheureusement on venait à le condamner, il en appellerait au conseil, il ferait faire des mémoires qui se répandraient dans toute la France et qui couvriraient de honte les magistrats assez injustes pour condamner un malheureux aussi certainement innocent.

de la circonstance. Je n'ai pas besoin de dire que je ne me permis aucun de ces propos, aucune de ces plaisanteries qui pussent effaroucher la pudeur la plus sévère. J'avoue même que je n'éprouvai aucune de ces sensations, aucun de ces désirs si naturels qu'ils sont involontaires dans l'homme que la nature a fait véritablement homme. Je me fusse fait honte à moi-même si j'eusse été tenté d'abuser de cette touchante hospitalité. J'étais un frère avec des sœurs.» — (*Mémoires* publ. par Dauban; Plon, 1866, p. 132.)

(2) L'ancien texte porte « chez lui » et, en surcharge, « au château », qui fut effacé, puis remis et définitivement ôté.

(1) On lit sous la rature « du prétendu coupable ».

Paul Dorci était connu dans Rouen; il y était aimé. Sa probité, ses vertus (1), tout fit ouvrir les yeux; on s'apercevait qu'on avait été un peu vite dans la procédure de ce Christophe. Les informations recommencèrent; Paul paya tous les nouveaux frais d'informations et de recherches; insensiblement il ne se trouva plus une seule preuve à la charge de l'accusé. Ce fut alors que Paul envoya le frère d'Annette à sa mère et à sa sœur en leur recommandant de sa tranquilliser, et les assurant que sous peu elles reverraient en pleine liberté celui dont les malheurs les intéressaient.

Tout allait donc le mieux du monde. Paul reçut un billet anonyme contenant le peu de mots qu'on va lire :

« Abandonnés sur les champs l'affaire que vous » suivés; renoncés à toutes perquisitions du meur- » trier de l'homme de la forêt. Vous creusés vous- » même l'abîme où vous allés vous engloutir... » Combien vos vertus vont vous coûter cher ! » Cruel homme, je vous plains..., mais il n'est » peut-être plus temps. Adieu. »

Paul éprouva un frémissement si terrible à la

(1) « Sa probité, ses vertus » remplace « sa naissance, son grade », qui était dans la première rédaction.

lecture de ce billet, qu'il pensa s'en évanouir. En réunissant ce que contenait ce fatal écrit au presentiment qu'il avait éprouvé, il vit bien que quelque chose de sinistre le menaçait infailliblement. Il resta dans la ville, mais ne se mêla plus de rien. — Juste ciel, on avait eu raison de le lui dire... Il n'était plus temps, il en avait trop fait ; ses cruelles démarches n'avaient que trop réussi !

A huit heures du matin, le quinzième jour de son arrivée à Rouen, un des juges de sa connaissance demanda à lui parler, et, l'abordant avec précipitation : — « Partés, mon cher, partés à la minute même, lui dit ce magistrat, tout ému. Vous êtes le plus infortuné des êtres. Puisse votre malheureuse aventure s'anéantir de la mémoire des hommes. Ah ! s'il était possible de croire la Providence injuste, ce serait bien sûrement aujourd'hui. — Vous m'effrayés, monsieur, expliquez-vous, de grâce ! Que m'arrive-t-il donc ? — Votre protégé est innocent, les portes vont lui être ouvertes, vos recherches ont fait trouver le coupable... Au moment où je vous parle, il est déjà dans nos prisons. Ne m'en demandé pas davantage. — Parlés, monsieur, parlés, enfoncez le poignard dans mon cœur, eh bien ! le coupable?... — C'est votre frère ! — Lui, grand Dieu !... » et Dorci tomba sans mouvement. On

fut plus de deux heures sans pouvoir le rappeler au jour ; il reprit ensuite connaissance dans les bras de cet ami, qui, par des motifs d'alliance, ne se trouvait point au nombre des juges, et put, quand Paul eut rouvert les yeux, lui apprendre au moins ce qui suit :

L'homme tué était le rival de François. Tous deux revenaient ensemble de l'Aigle. Chemin faisant, quelques propos avaient amené la dispute ; François, furieux de ne pouvoir engager son ennemi à se battre, reconnaissant qu'il était aussi lâche que fourbe, l'avait culbuté de son cheval dans un mouvement de colère, et avec le sien lui avait passé sur le ventre. Le coup fait, François, voyant son adversaire sans vie, avait perdu totalement la tête et, au lieu de se sauver, il s'était contenté de tuer le cheval du défunt, d'en jeter le corps dans un étang, et de là il était effrontément revenu dans la petite ville où demeurait sa maîtresse, quoiqu'en partant il eût répandu qu'il s'en absentait pour un mois. En le revoyant, on lui avait demandé des nouvelles de son rival ; il n'avait, disait-il, voyagé qu'une heure avec lui, ensuite chacun avait pris une route différente. Quand on apprit dans cette ville la mort de ce rival et l'histoire du bûcheron accusé de l'avoir tué, François écouta tout sans se troubler et

raconta lui-même l'aventure comme tout le public, mais les démarches secrètes de Paul produisant des recherches plus exactes, tous les soupçons tombèrent alors sur François ; il ne lui fut plus possible de se défendre ; il ne l'essaya pas ; capable d'une vivacité, mais nullement fait pour le crime, il avoua tout à l'exempt du prévôt qui vint lui faire quelques questions ; il se laissa arrêter et dit qu'on pouvait faire de lui tout ce qu'on voudrait. Ignorant la part que son frère avait à tout ceci, le croyant bien tranquille dans sa maison (1) où il pensait même à le rejoindre incessamment, il demandait pour toute grâce, si cela était possible, que ses malheurs fussent cachés à ce frère qu'il adorait et que cette cruelle aventure précipiterait au tombeau. A l'égard de l'argent pris sur le cadavre, il avait été dérobé sans doute par quelques braconniers qui s'étaient bien gardés de ne rien dire. On avait enfin amené François à Rouen ; il y était quand on vint tout apprendre à Paul. Celui-ci, un peu revenu du premier choc de son abattement, fit tout au monde et par lui-même et par ses amis pour sauver son misérable frère. On le plaignit, mais on ne l'écouta point. On lui refusa même la satisfaction d'em-

(1) « Dans sa maison. » Il y avait « dans son château ».

brasser ce malheureux ami et, dans un état difficile à peindre, il quitta Rouen le propre jour de l'exécution du mortel de l'univers qui lui fût le plus précieux et le plus sacré, et que lui-même traînait à l'échafaud. Il revint un instant dans sa terre, mais avec le projet de la quitter bientôt pour toujours.

Annette n'avait que trop appris quelle victime s'immolait à la place de celle qui possédait ses vœux ; elle osa paraître chez Dorci (1), elle y vint avec son père. Tous deux se précipitent aux pieds de leur bienfaiteur et frappent la terre de leur front. Ils le supplient de faire aussitôt couler leur sang en dédommagement de celui qu'il a répandu pour eux. S'il ne veut pas se faire cette justice, ils le conjurent de leur permettre d'user au moins leurs jours à le servir sans gages (1). Paul, aussi prudent au sein de l'infortune que bienfaisant dans la prospérité, mais dont le cœur endurci par l'excès de ses maux ne peut plus comme autrefois s'ouvrir au sentiment qui lui coûte aussi cher, ordonne au bûcheron et à sa fille de se retirer, et leur souhaite de jouir tous deux aussi longtemps qu'il leur sera possible d'un

(1) « Chés Dorci » — « au château de Dorci. »

(1) « A le servir sans gages. » Il y avait « à son service ».

340

DORCI

bienfait qui lui enlève pour toujours l'honneur et le repos. Les malheureux n'osèrent répliquer ; ils disparurent. Paul laissa de son vivant ses biens à ses plus proches héritiers, sous la seule charge d'une pension de mille écus qu'il fut manger dans une retraite impénétrable aux yeux des hommes, où il mourut au bout de quinze ans d'une vie sombre et triste, dont tous les instants furent marqués par des actes de désespoir et de misanthropie.

SÉIDE

Conte moral et philosophique
(PROJET)

ANEXO 03

TEXTO ORIGINAL DE *SÉIDE* – (SADE, 1971, p. 341-352)

340

DORCI

bienfait qui lui enlève pour toujours l'honneur et le repos. Les malheureux n'osèrent répliquer ; ils disparurent. Paul laissa de son vivant ses biens à ses plus proches héritiers, sous la seule charge d'une pension de mille écus qu'il fut manger dans une retraite impénétrable aux yeux des hommes, où il mourut au bout de quinze ans d'une vie sombre et triste, dont tous les instants furent marqués par des actes de désespoir et de misanthropie.

SÉIDE

Conte moral et philosophique
(PROJET)

NOTICE

Le 1^{er} octobre 1788, en son cachot de la Bastille, au début du cent-quarantième mois de sa captivité dans les prisons royales, le marquis de Sade établissait le Catalogue raisonné d'une œuvre déjà considérable et qui, dans les conditions atroces où il l'avait élaborée, témoignait chez son auteur d'une fermeté d'âme peu commune. Dans ce Catalogue, qui n'énumère que ses ouvrages avoués, Sade a recensé la matière de « quinze volumes in-8^o », dont quatre devaient contenir des « nouvelles sérieuses et des contes gais » au nombre de trente, auxquels il faut ajouter les seize historiettes du Portefeuille d'un homme de lettres. Ces contes, nouvelles et historiettes, rédigés par lui en 1787 et 1788, remplissaient vingt cahiers de 48 pages chacun. Dix-huit d'entre eux constituent le volumineux manuscrit 4010 de la Bibl. Nat. (nouv. acq. fr.). C'est d'après ce manuscrit que Maurice

Heine a publié pour la première fois, sous le titre de *Historiettes, Contes et Fabliaux* (Paris, 1926, in-4°) les vingt-cinq récits qui ne figurent pas dans le recueil des *Crimes de l'Amour* publié du vivant de l'auteur [1]. Le conte de Séide existait-il au nombre des récits composant les deux cahiers manquants (le 2^e et le 17^e) du manuscrit de Sade? Tout ce que nous savons, grâce à une note de l'auteur sur la couverture de son vingtième cahier, c'est qu'il avait décidé de supprimer ce conte moral et philosophique, soit qu'il l'eût entièrement rédigé, soit qu'il ne fût encore qu'en l'état où nous le publions aujourd'hui. C'est à la Bibliothèque de l' Arsenal, dans le fonds de la Bastille (ms. 1256, f^o 818 v^o, 819, 820 et 821 r^o) que nous avons découvert le projet de Séide qui paraît avoir échappé à l'attention de Maurice Heine, car il l'eût certainement intégré au recueil posthume des *Historiettes, Contes et Fabliaux*.

G. L.

1. *Les Historiettes, Contes et Fabliaux* contiennent également, en appendice, d'après le manuscrit autographe d'une collection privée, les *Dangers de la bienfaisance*, autrement dit *Dorci* ou la *Bizarrie du sort*, publié pour la première fois par A. France en 1881.

SEIDE (1)

La philosophie du conte projeté seroit que l'avenir étant inconnu à l'homme, ses loix ses crimes ses vertus, tout ce qu'il fait en un mot ne peut jamais être qu'incertain. Il peut très bien d'après cela en se livrant aux vertus ne commettre que des crimes et en se livrant aux vices réussir à pratiquer des vertus. Un être qui leroit dans l'avenir, prévoyant mieux que l'homme, n'ayant pas comme [e] lui un bandeau toujours [s] sur les yeux, n'agirait jamais que juste. Car il est certain qu'en prenant je supp[ose] cent louis à un homme qui va en faire un usage qui peut lui coûter la vie celui qui est sur que cela va être, fait bien d'enlever les cent louis à cet homme puisque pour un petit mal il en sauve un fort grand. A le bien prendre dira notre philosophe n'est ce pas la l'esprit

1. S'agissant d'une esquisse, nous avons cru devoir, à titre exemplaire, reproduire exactement la graphie originale du Marquis de Sade.

de vos loix et quand vous punissés le malfaiteur, ce qui est un crime puisque vous prenés la vie de votre semblable, ne vous permettés vous pas ce petit crime pour en empêcher une plus grande quantité. Mais vos loix ont tort parce quelles [s] ne voyent pas dans l'avenir, elles n'opèrent que sur les apparences et toujours par incertitude, moi au contraire dira-t-il j'agis sûrement puisque l'avenir m'est connu. Le but moral sera d'apprendre a ce prince qui doit regner un jour d'être très tolérant, de pardonner beaucoup de crimes parcequ'il y en a très peu qui ne doivent sûrement produire de bon[s] effet[s] et qui bien sûrement [ne] le doivent servir. Les loix de la nature lui apprennent aussi a n'avoir point de remord, ce qui est la chose du monde la plus inutile, car le remord n'ôte rien au mal qu'on a fait aux autres et nou[s] en fait beaucoup a nous memes. En consequence voici les crimes qu'il fera dans son voyage et dont il rendra raison a son élève. Cela aura également pour but de moderer dans ce prince l'excès de sa sensibilité, vertu qui est toujours[s] plus utile aux autres qu'à nous, puisque seuls les autres recueille[nt] ce que nous semons.

1. Il rencontrera des malheureux qu'il ne soulagera point, il lui expliquera pourquoi (dissertation sur l'aumone et la pitié) et lui ajoutera que ce[s] gens la travailleroient si on ne leur faisoit pas l'aumone et qu'il n'attendaient d'ailleu[rs] que cette somme pour aller se joindre a une troupe de voleurs, ils n'avoient pas asse[z] de fond[s]

pour s'y rendre, ils y alloient dès qu'il[s] auroient reçu ce qu'alloit leur donner le prince.

2. Il met le feu a une grange dans laquelle perissen[t] plusieurs personnes — oui — mais il étoit écrit dans les destinees que s'élevait dans cette grange un jeune homme qui a l'exemple de tamerlan devoit détruire un jour l'univers, il a donc bien fait.

3. Ils s'égarent et rencontrent dans leur chemin un jeune homme a qui ils demandent le chemin, qui se détourne du sien pour leur montrer le leur, pour récompense il le tue — quelle horreur — oui mais ce jeune homme alloit assassiner son pere, sa mere et deux de ses tantes, pour abriter des biens de la famille, il a donc bien fait (1).

4. Il rencontre une femme superbe menée dans un palanquin a l'empereur de perse, il arrete le palanquin, en fait sortir la femme et la pend a un arbre. Cetoit une ambitieuse, elle alloit tourner l'esprit de l'empereur et il alloit bouleverser l'univers.

5. Il rencontre une femme grosse, il l'éventre arrache le fruit et l'écrase contre une pierre. Ce malheureux devoit

1. Dans la marge : trop semblable à *Zadig*. Et en retrait, à droite (suivi de la mention : après) : C'est alors que le prince dira a son guide, mais les loix ont donc raison et que l'autre dira ce qui est marqué.

en naissant donner la mort a sa mere et devenir lui meme un scelerat affreux.

6. *On mene des gens au suplice il les degage, les malheureux etoient a la verité coupables d'un crime leger mais ils devoient le reparer par mille vertus perdues pour la société si l'on les eut immolés.*

J'imite la main de la providence dira t il, ne voyons nous pas chaque jour que tantot elle protege la vertu et que tantot elle favorise le crime elle n'agit ainsi que parce qu'elle voit dans l'avenir, que parce quelle ne fait rien sans connaissance de cause, se moquant de nos préjugés et de nos arrangements elle favorise le mal quand il doit en epargner un plus grans et le bien quand reellement il doit en produire un plus considerable encor. Ainsi ce nest ni le vice ni la vertu qu'il faut particulièrement favoriser c'est ce qui doit produire une plus grande somme de biens et eviter une plus [grande] dose de maux, et comme il vous est impossible de lire comme moi dans l'avenir, que cela vous serve de leçon seulement pour vous apprendre qu'il faut très peu punir de crime[s] parcequ'en les punissant vous ne savés si vous avés bien ou mal fait, vous avés coupé une branche de l'arbre simplement parce qu'elle avoit une petite tache mais sans savoir ce quelle auroit rapporté par la suite, et reversiblement fort peu recompenser de vertu parceque de cette vertu que vous récompensés il alloit peut etre sortir une foule de crime[s].

7. *Il rencontre un homme qui sauve la vie a une femme qui se noyait, il l'empêche, il replonge la femme dans l'eau et y jette l'homme après — quelle infamie — oui — mais cette femme qu'on alloit sauver alloit [mot indéchiffirable] et alloit empoisonner son mari et ses deux beau[x] fils, la femme ne meritoit donc pas d'etre sauvé[e], et l'homme qui sous l'apparence d'une vertu alloit favoriser trois crimes meritoit donc la mort lui meme (1).*

8. *Il rencontre un saint derviche priant dieu tout le long du chemin s'arrettant a chaque pagode, il le tue c'étoit un novateur, dit il, un faiseur de secte[s] et de miracles, la moitié de l'asie alloit etre seduit[e] par ses doctrines et s'egorger ensuite pour les différentes opinions qui seroient née[s] de sa secte. Plut au ciel que tous les imposteurs qui ont empoisonné la terre de leur[s] epouvantable[s] dogme[s] eussent avant que de precher trouvé un homme aussi juste que moi (2).*

9. *Il met le feu la nuit a une galliotte chargée d'artifice et la fait sauter, elle et tout son équipage (3). Ne vaut-il pas mieux ce petit mal que celui qu'alloit faire cette galliotte, elle devoit ecraser une ville et faire perir dix*

1. Rajouté sur la même ligne : *non c'est faux, rien a l'homme.*
2. Dans la marge : *on l'adorait déjà comme un dieu.*
3. Dans la marge : *point de poudre alors.*

mille habitans, il ny avoit pas d'autre moyen d'empêcher ce malheur.

Vous m'objecterés dit il a cela que cest l'esprit de vos loix que je traite de cruel et quelle[s] sacrifie[nt] dans ce mem[e] gout un homme coupable dun petit mal par ce quelles craignent que cet homme n'en commette un plus grand, cette comparaison est fauss[e], vos loix sont injustes elles agissent sans voir l'avenir elles condamnent cet homme sur ce qu'il a fait sans savoir ce quil fera, de quelle façon il auroit réparé le mal quil a fait et elles se permettent des injustices sans connoissance de cause, il n'en est pas de meme de celles que je fais, je ne sacrifie un que pour sauver 30 et en cela j'imite la main de la providence et j'agis justement, vos loix en condamnant ne savent ce qu'elles font, la plus legere apparance leur suffit, et tantot elles font perir l'innocent qu'elles ont cru coupable tantot le coupable qui seroit devenu vertueux, ce que je fais est pour vous apprendre — au contraire — a laisser agir surtout la main de la providence sans vous meler de punir ou de recompenser les hommes parce que n'ayant pas le don de l'avenir vous n'agiriés jamais qu'à contre-sens, prevenés les crimes et ne les punissés pas, faite[s] naître des vertus et ne les recompensés pas, celui qui s'y livre y trouve naturellement sa recompense, mettés les hommes dans le cas de faire le moins de mal possible et le plus de bien que faire se pourra, élagués vos loix, brisés vos echafauts et rapportés vous en a la providenc

seule du soin de les gouverner, ne connaissant pas l'avenir comme elle vous ne fairés jamais que des sottises. Si d'une autre part vos passions vous entraînent malgré vous a quelque chose que vous supposiés un crime, que le remord ne trouble point votre conscience après l'avoir commis car peut etre ce pretendu mal est il la cause d'un grand bien, il doit l'etre, la providence ne nous laisse que des facultés de cette espece, nous derangeons par nos actions les loix sociales mais jamais les siennes[s] et ce qu'elle laisse a nos mains nest jamais que celle qui doit servir ses vues. Le seul crim[e] reel [de] l'homme seroit de troubler l'ordre de la nature, essayés le, vous verrés que cela vous sera impossible(1), mais en revanche vous pourrés detruire une province parce que ce crime selon vous, dès quelle vous le permet, ne concourt jamais qu'à l'accomplissement de quelqu'une de ses intentions, d'ailleurs le remord en vous déchirant ne raccomoderoit point le mal que vous avés fait aux autres et vous en fairoit beaucoup a vous meme.

Vous voiyés prince dirat il que j'ai commis beaucoup de crimes sans etre veritablement coupable aux yeux de la providence, que cela vous rende moins leger a punir ceux qui vous paraîtront criminels. Tant que vous en condamnerés a mort un seul, ignorant les decrets de la providence et ne pouvant par consequent juger si ce qu'il a fait est bien ou mal relativement a ce qui auroit resulté de son action, vous aurés fait une cruauté gratuite, vous aurés commis un crime reel et vous vous serés peut etre

rendu coupable envers la providence (1) puisqu'il sera possible que vous ayez dérangé ses intentions (2)...

1. Remplace divinité, raturé.

2. Au recto : *Zadig* page 63. *L'hermite dit à Zadig qu'on ne connoissoit pas les voies de la providence et que les hommes avoient tort de juger d'un tout dont ils n'apercevoient que les plus petites parties. Tout est dangereux (ajoute-t-il) et tout est nécessaire, il n'y a point de hasard, tout est épreuve ou punition ou récompense ou prévoyance (trois mots indéchiffrables) le dieu des perses.*

Préface 7

HISTORIETTES

Le Serpent	11
La Saillie gasconne	15
L'Heureuse feinte	17
Le M... puni	21
L'Évêque embourbé.....	27
Le Revenant	29
Les Harangueurs provençaux.....	33
Attrapez-moi toujours de même	39
L'Époux complaisant	43
Aventure incompréhensible	45
La Fleur de Chataignier	53

CONTES ET FABLIAUX

L'Instituteur philosophe	57
La Prude ou la rencontre imprévue	61

ANEXO 04

**TEXTO ORIGINAL DE *LA MARQUISE DE TELÈME,*
OU LES EFFETS DU LIBERTINAGE – (SADE, 1971, p.
233-246)**

LA MARQUISE DE TELÈME
OU
LES EFFETS DU LIBERTINAGE

Depuis environ dix-huit mois le marquis de Telème, homme d'une très bonne maison, mais peu opulent, venait d'épouser à Poitiers, sa patrie, l'une des plus belles et des plus riches héritières de la province; nul ménage n'était plus uni; l'aisance, la concorde, l'urbanité, la confiance réciproque, l'estime et l'amour le plus tendre resserraient chaque jour les nœuds touchants de ces deux époux: on ne les voyait point sans admiration, on ne les fréquentait point sans respect. Mais ce n'est pas sans raison qu'on a peint le maître des dieux entre deux vases énormes dont l'un est rempli de maux, l'autre de prospérités: sa main, dit-on, verse toujours pur ce qu'elle prend dans le premier vase; répand-elle un peu

du second, ce n'est jamais sans le mélanger. En six semaines, une maladie épidémique fait perdre à la jeune marquise tous ses parents : un inconnu survient, il se déclare frère aîné de Mme de Téléme, il est protégé, il a des amis, et la fortune de M. de Téléme, presque entièrement fondée sur la dot de sa femme, disparaissant en une minute, réduit à l'adversité la plus affreuse l'une des plus brillantes maisons de la province. Rien de plus aisé pourtant que de revenir contre un arrêt aussi injuste, il ne s'agissait que de paraître et de solliciter; Mme de Téléme avait eu effectivement un frère autrefois, mais ce frère, très certainement tué dans un duel, ne pouvait assurément reparaître. L'imposteur soutenait bien l'histoire du duel, mais il assurait n'avoir été que blessé, il prouvait que pour se mettre à l'abri de la rigueur des lois il s'était absenté quelques années et qu'apprenant enfin la mort de son père il avait reparu pour en recueillir la succession; cette fable était absurde, elle n'avait eu pour s'accréditer un instant que quelques sommes et beaucoup d'effronterie. Que faire pourtant dans une si cruelle circonstance? M. de Téléme ne balança pas, il réunit tout ce qu'il put trouver d'argent, et décida sa femme à aller elle-même à Paris plaider cette importante affaire en l'assurant que rien ne déterminait des

juges dans ce pays-là comme les sollicitations d'une jolie femme. Cette jeune personne timide et novice n'ose d'abord se charger d'une entreprise aussi importante, elle craint d'échouer: que deviendra-t-elle si après avoir dépensé à Paris le peu qui reste aux deux époux, elle est obligée de revenir sans gain de cause? Osera-t-elle se remontrer aux yeux d'un mari qu'elle adore, qu'elle se trouve avoir trompé sans qu'il y ait de sa faute et qu'elle verra mourir de chagrin d'avoir pu songer à la prendre pour femme? Sa délicatesse lui suggère vingt moyens différents de celui qu'on lui propose: elle va vendre le peu qui lui reste, elle l'offre à son mari en faible dédommagement, et elle viendra s'enfermer dans un cloître pour y finir le reste de ses jours. Elle disparaîtra, on ne la reverra plus; ou si l'on veut, elle travaillera, elle gagnera sa vie et fera passer à son mari tout ce que ses talents pourront lui rapporter... Aucun de ces partis dictés bien moins par la sagesse que par le désespoir, ne plaît à M. de Téléme: il déclare à sa femme qu'il faut partir, qu'il faut aller solliciter elle-même son procès, et ajoute d'un ton ferme qu'il faut bien plus, qu'il faut le gagner. Vaincue par des instances si vives, par des prières enfin qui ressemblent trop à des ordres pour que la jeune marquise puisse s'y tromper, elle part avec une

femme de chambre nommée Flavie, d'environ vingt ans, d'une figure charmante et reconnue pour une fille d'esprit.

Il arrive souvent qu'un gentilhomme de province, n'ayant jamais servi, assuré d'une existence agréable, ne tenant qu'à son nom et à ses biens, soit à Paris sans protection comme sans connaissances, et cela sans que sa considération en souffre parmi les compatriotes au milieu desquels il se trouve et qui sont accoutumés à le chérir et à le respecter. On pourrait la regarder comme chimérique, cette considération qui ne s'acquiert que dans l'antichambre des ministres; elle n'est pas, dans les mœurs de la nation, l'histoire d'un siècle ou deux tout au plus; on peut encore la traiter d'affaire de mode, et la voir absolument du même œil que les grands bonnets et les grands chapeaux: le cercle étroit des choses de luxe varie d'une saison à l'autre, les situations, les manières de vivre, les grandes coutumes en un mot sont un peu plus longtemps à parcourir tous les points de la circonférence, mais elles finissent pourtant par changer aussi, et cette révolution qu'annonce déjà l'agromanie, n'est peut-être pas si éloignée que l'on croit en France. Le possesseur de grands fiefs finira par voir que ce n'est pas à Versailles qu'il est réellement puissant, que confondu là, ou avec

des inférieurs qui souvent l'écrasent de leur luxe, ou avec des supérieurs qui le ravalent autant qu'ils le peuvent, il n'y joue que le rôle d'un esclave pendant qu'il peut être souverain chez lui.

Quoi qu'il en soit, le marquis de Téléme nullement connu dans la capitale, et ne voulant pas s'abaisser à demander des lettres de recommandation à l'intendant de sa province, imagina que sa femme avec une jolie figure, un beau nom et de l'argent, avait tout ce qu'il fallait pour réussir, et c'est en cet état de choses que la jeune marquise était arrivée où nous l'avons dit. Dès le lendemain elle envoie chercher un procureur, elle lui raconte son affaire, elle lui avoue le peu de ressource qu'elle a du côté des protections; mais elle promet de bien payer si on lui fait gagner un procès aussi juste et aussi important pour elle. L'adversaire de Mme de Téléme n'était plus à Paris: content d'avoir réussi par ses fraudes, il était reparti pour le Poitou et s'occupait déjà à rentrer dans les biens qu'il prétendait lui appartenir.

La classe opulente des libertins de Paris n'est jamais sans avoir des agents dans tous les états; l'ordre des procureurs est pour elle bien moins à négliger qu'on ne pense: une foule de veuves et d'orphelins tombant journellement dans leurs

filets, quel parti il n'y a-t-il pas à tirer pour un riche débauché, d'un mercure adroit dans cette confrérie. Par une fatalité bien singulière, Saint-Verac, procureur de Mme de Téléme, était en même temps le conseiller bonneau de M. de Fondor, l'un des plus riches traitants de la capitale; il n'eut pas plus tôt vu une jeune femme de dix-sept ans, de la taille la plus leste et la plus agréable, possédant la bouche la plus fraîche, les deux yeux noirs les plus animés, les cheveux du monde les plus superbes, la plus belle gorge, la peau la plus douce et la plus blanche, les traits les plus délicats et l'ensemble en un mot le plus touchant et le plus flatteur, qu'il courut prévenir son patron que Vénus même arrivait de Cythère pour visiter sans doute les états de son fils; ou pour quitter la métaphore, il lui confia naturellement que cette provinciale était un morceau délicieux que le sort n'amenait à Paris que pour lui, qu'à l'égard de son affaire, elle était sûre et qu'après avoir visité avec elle tous les papiers, il était clair que le réclamateur des biens n'étant qu'un imposteur, il ne s'agissait que d'éclairer le parlement pour qu'en un mois Mme de Téléme se retrouvât maîtresse de ce qu'on lui ravissait. — Voilà qui va le mieux du monde, dit Fondor, mais il faut se bien conduire ici, et ce qu'il y a de

mieux à faire est, ce me semble, de commencer par soutirer de la jeune personne tout ce qui peut lui rester d'écus; se rendre pendant ce temps sourdement maître de la réussite du procès; la lui faire voir comme impossible, la mettre au point d'être obligée de repartir le poignard dans le cœur et quand nous en serons là, vous me présenterez, vous m'annoncerez comme un homme en crédit, je ferai mes offres. Si la belle est sévère, autant de gagné, nous redéferons bientôt ce que nous aurons fait et nous la renverrons par le coche à son mari; si au contraire elle se rend, nous ferons nos dernières démarches, on lui fera gagner sa cause, et les dépens que nous obtiendrons s'il y a lieu et que j'avancerai si la partie est insolvable, la dédommageront de ce dont il faut, mon cher Saint-Verac, que vous commenciez par vous emparer tout de suite afin de préparer les voies, car on ne fait rien d'une femme qui a de l'argent: la vertu de ces dames se règle assez communément sur l'état de la bourse; elle n'est pas plus tôt dégarnie qu'on les trouve plus douces que des agneaux. Tels étaient les principes de ce maltôtier, fait sans doute à de pareils traits; accoutumé à ne devoir qu'à son vilain or, ce qu'un homme sensible ne veut tenir que de l'amour, il avait jugé les femmes d'après la position cruelle

où il les avait apparemment réduites; et n'ayant jamais été à portée de connaître leur cœur parce qu'il n'a jamais été assez délicat ou assez aimable pour en enflammer aucun, il se vengeait en déprisant ce sexe adorable, de n'avoir jamais su paraître à ses yeux qu'un objet de haine et de mépris. Fondor était déjà vieux, une figure ignoble, une tournure courte et carrée qui sentait le caissier d'une lieue loin, mais des désirs encore très vifs et ne négligeant rien pour les assouvir sur-le-champ.

Tout s'arrangea sur le plan que venait de tracer le traitant et dès le lendemain Saint-Verac commença à agir, il fit sentir à Mme de Telême les difficultés d'un pareil procès... De quelle protection pouvait-elle balancer celles de son adversaire? il en avait beaucoup, c'était un cavalier charmant; il l'avait connu pendant le séjour qu'il avait fait à Paris, quoiqu'il ne se fût point mêlé de ses affaires; ce jeune homme avait intéressé toute la cour et toute la ville, ses prétentions paraissaient inattaquables, comment prétendre à le débouter? Ce procès-là serait ruineux, d'ailleurs Mme de Telême y mangerait tout ce qui lui restait, et finirait peut-être par être obligée de s'en retourner à pied dans sa province près d'un mari qui sûrement la traiterait fort mal, ne voyant plus en

elle qu'une femme qui l'avait ruiné; peut-être vaudrait-il mieux que Mme de Telême épargnât le peu d'argent qui lui restait et s'en retournât à Poitiers, sans seulement entamer une maudite affaire qui demandait des sommes immenses et des protections infinies... Notre intéressante héroïne versa des larmes pour toute réponse... mais un homme qui a le malheur de porter une robe noire et de vivre des dissensions publiques s'attendrit-il jamais à des larmes? les plus belles femmes de France en inonderaient ses pieds qu'il ne s'en occuperait pas moins de ses coquinerie, de son avarice ou de sa lubricité... C'est une cuirasse que cette comique jaquette; on ferait plutôt repleuvir la manne du ciel qu'on ne trouverait une âme honnête dans aucun des malheureux individus qui ont le malheur de la porter, quel que soit le titre qui les décore. — Cependant, madame, continua Saint-Verac, si vous vous y obstinez, nous plaiderons, mais je ne vous réponds de rien... confiez-moi d'abord l'état de vos fonds. — Hélas, monsieur, répondit la marquise, tout ce que nous avons pu faire est cinq cents louis; mon mari qui n'a de fortune que la mienne, se trouve ruiné si je le suis, et cette somme heureusement formée de nos épargnes s'est trouvée tout ce que nous avions dans l'instant où nos revenus ont été saisis. —

Cinq cents louis, dit Saint-Verac en se levant et gagnant la porte, cherchez parmi nos clercs, madame, quelqu'un qui veuille entreprendre une telle affaire pour cinq cents louis; pour moi qui ne vois pas même de quoi faire les premières avances, vous trouverez bon que je ne m'en mêle pas. — Mais monsieur, j'ai quelques bijoux. — A combien vont-ils? — Peut-être à une somme égale. — Oui, en les achetant, mais à la moitié tout au plus si vous vendez ici; eh bien, comme il est certain que tout y passera, défaites-vous sur-le-champ de ces babioles, afin que nous voyions ce que le tout ensemble peut nous donner. Après quelques difficultés la marquise consentit, et l'on convint que dès le lendemain un joaillier viendrait s'arranger de ses bijoux. Ceci convenu, dit le procureur, il faut maintenant puisque vous vous en rapportez entièrement à mes conseils, que vous commenciez à quitter ce logement-ci beaucoup trop magnifique pour votre situation, et lui indiquant en même temps un petit hôtel obscur positivement en face de la maison de Fondor: voilà, lui dit-il, où il faut vous aller loger, je serai plus à portée de vous, vous serez moins chèrement, et plus isolée, toutes ces choses sont nécessaires dans votre position, il est on ne saurait plus essentiel que dans les premiers temps vous ne voyiez absolument

personne ou tout au plus que les gens nécessaires à notre entreprise, que je me chargerai de vous présenter moi-même; et ces recommandations faites, Saint-Verac se retire emportant avec lui le léger acompte de deux cents louis, pour, disait-il, mettre ce qu'on appelle les fers au feu.

Mme de Telème convenue de rendre à son mari jour par jour le compte le plus exact de sa conduite, ne manqua pas de lui écrire dès le même soir tout ce qui venait de se passer, mais comme elle avait carte blanche sur tout, elle continua d'agir à sa guise et pour se conformer aux intentions de celui qui la dirigeait, elle quitta l'hôtel brillant dans lequel elle était descendue et vint s'arranger le lendemain dans celui voisin de Fondor, où tout était déjà préparé pour la recevoir comme on avait dessein qu'elle le fût. L'appartement très mesquin qu'on lui donnait avait ses fenêtres positivement en face de celles du cabinet de Fondor, mais de manière à ce que plongeant dans cet appartement, à moins qu'on n'en fermât les rideaux, il devenait impossible à Mme de Telème de cacher ses actions à celui qui l'examinerait des croisées du cabinet de notre financier. Ce fut de là, où le libertin la lorgna dès le premier jour tout à son aise et de là, où son cœur obscène s'enflamma de la passion la plus illicite qu'il eût

encore éprouvée de sa vie, mais comme ces effervescences de débauche méconnaissent la délicatesse du sentiment qui n'encensant que l'objet qu'il adore, sacrifie tout à cette seule divinité, et croirait l'inconstance un crime, Flavie seul et unique recours de la malheureuse marquise, Flavie presque aussi bien que sa maîtresse, échauffa de même l'intempérance de ce vilain faune, et il crut non seulement pouvoir se satisfaire sans aucun danger, mais même que cette créature séduite par lui, ne servirait qu'à hâter la défaite de l'autre. Dès le lendemain il se confia à Saint-Verac, et comme celui-ci ne trouva nul inconvénient à l'entreprise, on lança la maîtresse de l'hôtel garni sur la malheureuse Flavie qui ne tenant point à une centaine d'écus satisfit amplement le financier sitôt qu'il le voulut, et devint de ce moment-là l'un des plus fidèles esclaves de ses désirs. Dès qu'on la vit si bien gagnée, on crut pouvoir lui confier le projet, elle approuva, elle promit de le servir, et la malheureuse fut au point de jurer à Fondor que si le procureur ne parvenait pas promptement à réduire sa maîtresse à l'état de misère où on la désirait, elle la volerait plutôt, afin d'avoir le plaisir de voir.....

 furent dehors, ne vous imaginez pas que

je fasse davantage. — Eh quoi, monsieur, ne m'avez-vous pas dit que vous feriez rentrer mes fonds, et que vous soutiendriez mon procès? — J'ai pu dire beaucoup de choses sans avoir, et je dois me dédire de beaucoup après avoir vu, est-il juste que je vous paye plus que vous ne valez... et un mouvement de désespoir affreux saisissant ici Mme de Téléme : Madame, il y a tout plein de choses qui se disent avant que de jouir, et qu'on est bien loin de penser après, cette main traîtresse de la jouissance arrache le voile du prestige et laisse l'objet dans une vérité qui lui est communément bien fatale, cet... mon ange, je sais bien qu'il ne reste encore quelque... réussissent mieux

 tout aussi peu ménagée, et détrompée enfin sur le service qu'elle avait cru que Fondor rendrait à sa maîtresse, passait aux pieds de sa maîtresse le peu d'instant où on les laissait seules et arrosait de ses larmes les genoux de cette femme qu'elle avait si horriblement trahie : elle avoua qu'elle avait été séduite et l'avoua en versant des larmes bien amères : ses soins

 Ce qui vient de vous arriver, madame, dit-il en s'adressant à la marquise, a dû vous paraître fort extraordinaire, et n'est pourtant que

246 *CONTES ET FABLIAUX*

la chose du monde la plus simple; venue à Paris sans crédit, sans ressources, sans protection, à peine âgée de dix-sept ans et une trop jolie figure, vous deviez nécessairement être dupée, ce n'est pas votre faute

LE TALION

Un bon bourgeois de Picardie, le descendant peut-être d'un de ces illustres troubadours des bords de l'Oise ou de la Somme, et dont l'existence engourdie vient d'être retirée des ténèbres depuis dix ou douze ans par un grand écrivain du siècle; un brave et honnête bourgeois, dis-je, habitait la ville de Saint-Quentin, si célèbre par les grands hommes qu'elle a donnés à la littérature, et l'habitait avec honneur, lui, sa femme et une cousine au troisième degré, religieuse dans un couvent de cette ville. La cousine au troisième degré était une petite brunette à yeux vifs, à minois fripon, à nez retroussé et à taille svelte; elle était affligée de vingt-deux ans et religieuse depuis quatre: sœur Pétronille, c'était son nom, avait de plus une